

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**  
**SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

**LERIANY BARBOSA TIZON**

**JORNALISMO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA): ANÁLISE DAS  
INDICAÇÕES DE USO PRESENTES NAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE VEÍCULOS  
BRASILEIROS**

**PONTA GROSSA**

**2026**

**LERIANY BARBOSA TIZON**

**JORNALISMO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA): ANÁLISE DAS  
INDICAÇÕES DE USO PRESENTES NAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE VEÍCULOS  
BRASILEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de  
Ponta Grossa como parte dos requisitos exigidos para a  
obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Graziela Soares Bianchi

**PONTA GROSSA**

**2026**

T625 Tizon, Leriany Barbosa  
Jornalismo na era da Inteligência Artificial (IA): análise das indicações de uso presentes nas Políticas Editoriais de veículos brasileiros. / Leriany Barbosa Tizon. Ponta Grossa, 2026.  
182 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Soares Bianchi.

1. Jornalismo. 2. Inteligência artificial (IA). 3. Políticas editoriais. 4. Adaptações jornalísticas. I. Bianchi, Graziela Soares. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 070.4

LERIANY BARBOSA TIZON

**JORNALISMO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA): ANÁLISE DAS  
INDICAÇÕES DE USO PRESENTES NAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE VEÍCULOS  
BRASILEIROS**

Dissertação entregue como requisito final para obtenção do grau de Mestre no Curso de  
Pós- Graduação em Jornalismo de Ponta Grossa, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da  
Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 09 de abril de 2026.

Documento assinado digitalmente  
**GRAZIELA SOARES BIANCHI**  
Data: 09/06/2026 08:35:31-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Orientadora: Profª Dra. Graziela Soares Bianchi  
Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos)  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)



---

Profº. Dr. Ivan Elizeu Bomfim Pereira  
Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS)  
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente  
**SUZANA OLIVEIRA BARBOSA**  
Data: 08/06/2026 21:13:24-0300  
verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

Profª. Dra. Suzana Oliveira Barbosa  
Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

**Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual**

Eu, LERIANY BARBOSA TIZON, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado **“JORNALISMO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA): ANÁLISE DAS INDICAÇÕES DE USO PRESENTES NAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE VEÍCULOS BRASILEIROS”**, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas, com a devida indicação da fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 09 de abril de 2026.

---

**LERIANY BARBOSA TIZON**

**240400100000**

Dedico àquela que não desistiu desse processo,  
mesmo quando surgiram diversos empecilhos.  
Dedico à jornalista e pesquisadora que habita em  
mim.

## AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer sempre foi muito significativo para mim, afinal, é por meio deste gesto que conseguimos expressar o quão importante foi a ajuda, suporte ou conselho que recebemos no decorrer de algum processo. E para esta dissertação não poderia ser diferente. Ser pesquisadora não foi a minha primeira opção, eu queria mesmo era ser jornalista de redação, me imaginava sendo a futura Glória Maria, que viajava pelo mundo e contava histórias impressionantes. De certa forma, posso me ver assim, mas ao invés de viajar pelo mundo para contar histórias de outras pessoas, agora eu quero usufruir de todo o conhecimento e destinos que a academia pode me proporcionar para avançar na pesquisa brasileira.

Com isso, o meu primeiro agradecimento vai para o campo científico e o todo o investimento financeiro, tecnológico e educacional que os órgãos do governo proporcionam para que outros pesquisadores e pesquisadoras surjam neste país. Meus mais sinceros agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem a bolsa eu jamais teria conseguido me manter financeiramente neste processo. Agradeço a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) por me acolher desde a graduação em Jornalismo e, principalmente, ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) que, ao longo desses dois anos, se tornou a minha segunda - algumas vezes até a primeira - casa.

Logo, não posso deixar de agradecer uma das mulheres mais incríveis que dá a vida para que este programa siga firme e forte, Joseli Teresinha Manoel Pinto. Para alguns Jô, para outros Dona Jô e, para os mais chegados, Lili. Jô, ter você como conselheira, amiga e companheira foi fundamental para que eu ‘estufasse o peitinho’ e seguisse em frente, mesmo quando a vida não estava muito amistosa comigo. Vou ser sempre grata por ser uma das suas crianças. E, nunca se esqueça, estamos sempre no primeiro grupo: o de companheiro.

Por falar em amizade, não posso deixar de agradecer as pessoas que fizeram este processo ser muito divertido, como todos os meus colegas de turma, de grupo de estudos, de café da tarde e, por último, mas não menos importante, de bar - até porque os melhores *insights* de pesquisas surgem através de uma boa conversa de boteco. Com isso, agradeço os meus parceiros do Grupo de Pesquisas e Estudos de Mídias Digitais (GEMIDI), como Paulo Pessôa, David Candido dos Santos, Gabriella Vasco, Sofia Villagra, Maria Helena Denck, Vitor Almeida, Gabriel Gustavo Ipólito, a minha parceira de vinho e fofocas, Elaine Barcellos, e, a minha pessoa, Débora Chacarski de Mello que, graças ao Mestrado, pude fazer uma amizade sólida e potente.

Débora, ou Debs, sem dúvidas, você foi uma das pessoas mais importantes para mim durante essa jornada de conhecimento. Não estou falando apenas do conhecimento acadêmico que, lógico, você contribuiu muito, mas o da vivência. Eu jamais vou esquecer aquela sexta à noite chuvosa, que você saiu do conforto do seu lar, com o seu ‘digníssimo’ Kassiano, para me resgatar daquela vida que, há muito tempo, já não era mais minha. Debs, você é uma força, nunca se esqueça disso. E, sim, te agradeço também Kassiano Midras, por ser um companheiro incrível para a minha melhor amiga.

É interessante a forma como a vida acadêmica funciona apenas quando temos pessoas para nos apoiar e nos encorajar. Então, é óbvio que sem as três mulheres da minha vida, eu jamais seria a pessoa que sou agora. Estes agradecimentos vão também para a minha mãe, Leana Rebonatto Barbosa, por acreditar na minha motivação, para a minha tia/madrinha, Adriana Cristina Rebonatto Barbosa, por sempre me aconselhar e, em especial, para a minha avó, dona Elza Rebonatto Barbosa. Vó, sem a senhora eu não teria ido tão longe e esse é apenas o começo. A minha carreira, o meu diploma e a minha independência são por vocês que não conseguiram ter acesso a essas coisas de forma fácil. Espero continuar dando muito orgulho para vocês e, principalmente, para o meu irmão mais novo, Luccas Rebonatto Muniz, meu eterno Nandy que, neste último ano, tem sido uma das melhores companhias para mim. Nandy, saiba que eu acredito no seu potencial, assim como pessoas incríveis acreditaram e acreditam em mim.

A trajetória acadêmica se torna melhor quando temos pessoas tão inspiradoras que acreditam na gente. Os meus agradecimentos não estariam completos se não agradecesse os professores que não duvidaram da minha capacidade, muito pelo contrário, me motivaram e, motivam, a ir além. Em especial, quero começar agradecendo meu professor, Ivan Bomfim. Ivan, tenho certeza que já te disse isso, mas vou repetir, maldito seja o dia que você plantou uma sementinha na minha cabeça, me motivando a fazer mestrado. E cá estou, conquistando mais esse título que, eu tenho certeza, vai abrir muitas portas para mim. Obrigada também por ter feito uma ótima propaganda sobre mim para a Grazi, pois eu não sei o que seria da minha vida sem essa mulher.

Graziela Soares Bianchi, como você se sente sendo a melhor professora/orientadora/coordenadora de projeto/amiga? Eu espero um dia ser metade do que você é. E não digo isso apenas como aluna/orientanda, mas, principalmente, como mulher e amiga. Obrigada por me acolher quando mais precisei, por me apoiar, escutar minhas peripécias e por me incentivar todo o dia a ser uma pesquisadora e, futuramente, professora universitária. Sinto que, o que escrevo agora é pouco comparado a tudo que você vem fazendo

por mim e pela minha pesquisa. Grazi, é uma honra ser a sua orientanda, é uma honra ser a sua aluna e é um baita privilégio ser a sua amiga, pois em você eu encontrei uma amizade que me fortalece e me motiva a ser livre.

Sinto que devo agradecer aos professores e professoras do PPGJor-UEPG, principalmente, Felipe Simão Pontes, por ter assumido a bronca de coordenar este programa nos últimos dois anos. Agradeço, especialmente, as trocas que tive com as professoras Cíntia Xavier e Karina Janz Woitowicz, não apenas sobre pesquisa, mas também sobre a vida. Não posso deixar de agradecer e elogiar a professora Fernanda Cavassana que, durante o período de pós-doutorado, me co-orientou e me incentivou a pesquisar esta temática. Agradeço aos professores da Rede de Pesquisa Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec), que faz parte da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em que tive o privilégio de acompanhar as aulas como aluna externa.

Agradeço aos meus familiares e amigos que estão sempre perguntando o que eu ainda estou fazendo na UEPG, sendo que já terminei a minha graduação. Gente, eu estou me tornando mestre. Deixando a brincadeira de lado, quero agradecer, principalmente, tio Buce, tia Nilve, tia Nilza, tio Dile e dona Arilene, que fazem parte da minha família e, de algum modo, me ajudaram nesta etapa. Obrigada as minhas amigas Janaina Cassol, Valéria Laroca, Ana Luiza Bertelli Dimbarre, Melissa Eichelbaun, Bruno Ribeiro, Victor Almeida e Catharina Iavorski - esta última que também me incentivou a fazer parte deste programa.

Não posso esquecer da psicóloga mais incrível deste mundo, Julia Cassis, que virou uma chave na minha cabeça, quando me fez entender que eu me sinto viva fazendo o que eu faço, pesquisando o que pesquiso e aprendendo. Julia, obrigada por ser uma das poucas pessoas desse mundo que conhecem a verdadeira Leriany. Óbvio que também agradeço ao *studio* de *Pole Dance* mais charmoso do Sul do mundo, *Split*, por me proporcionar um espaço no qual posso respirar, movimentar meu corpo e rir. Gratidão Flávia, Rafaela e Larissa por serem as melhores professoras e parceiras e, claro, gratidão pelas *poleamigas* que fiz neste lugar. Com isso, agradeço a Lady Gaga - sim, a cantora, compositora e atriz norte-americana - por ter feito um dos melhores álbuns *Pop* deste século, o *Art Pop*, o qual embalou a escrita de, praticamente, todo capítulo desta dissertação.

Por fim, obrigada Antonio Pereira Barbosa, que alguns conheceram como seu Toninho ou como seu Índio, mas eu conheci como avô. O senhor não imaginava que, além de 'jornalista séria', eu poderia me tornar uma pesquisadora e, futuramente, professora. Eu tenho certeza que o senhor está cuidando de mim do céu e eu espero estar te dando muito orgulho, vizinho. Assim como eu estou dando orgulho para mim mesma, justamente, por não ter

duvidado do meu potencial, mesmo quando tentaram me encaixar em espaços que não favoreciam a minha capacidade de ir além.

Se a ambição à qual alguém se entrega tem a tendência de enfraquecer suas afeições e destruir seu gosto por aqueles simples prazeres que nada deve prejudicar, então esse estudo é prejudicial e não serve à mente humana.

(Shelley, 1818)

## RESUMO

BARBOSA, Leriany. **Jornalismo na era da Inteligência Artificial (IA):** análise das indicações de uso presentes nas políticas editoriais de veículos brasileiros. Orientadora: Graziela Soares Bianchi. Ponta Grossa, 2026. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2026.

A dissertação investiga as adaptações do jornalismo diante do uso de Inteligência Artificial (IA). O objeto investigado são as Políticas Editoriais (P.E.) de Uso de IA de veículos brasileiros, sendo o *Estadão*, *O Globo*, *AzMin*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*. A motivação para o estudo se dá pelo crescente uso de ferramentas desenvolvidas com a tecnologia de IA por meio de *chatbots* generativos, devido ao fato de que profissões, como o jornalismo, afirmam utilizar programas de IA. Procura-se debater sobre os possíveis riscos causados pela utilização de tal tecnologia, por conta da ausência de transparência (Díaz-Noci *et al.*, 2024; Canavilhas; Biolchi, 2024) por parte dos veículos. A perspectiva teórica adotada pelo estudo tem como base a discussão histórica referente ao uso da técnica e tecnologia pelo jornalismo, até chegar no tópico sobre IA na profissão tecnologia pelo jornalismo, que vem desde a prensa de Gutenberg (Briggs; Burke, 2006), até chegar no tópico sobre IA na profissão, seja ao pensar em uma equipe de jornalistas multidisciplinares (Furtado, 2022) ou como uma ferramenta auxiliadora (Obercom, 2021), sem esquecer que trata-se de uma tecnologia (Kaufmann, 2021; Harari, 2024). O problema que norteia a pesquisa está centrado em como os veículos jornalísticos estão se adaptando ao uso de IA em seus processos produtivos e explicitando-os em suas P.Es. Neste sentido, a pesquisa tem como objetivo geral analisar tais documentos de veículos jornalísticos brasileiros referente ao uso de IA. Os procedimentos metodológicos adotados pela dissertação são o método documental Moreira (2011) para coletar as P.Es., a análise comparativa (Sardá *et al.*, 2022; Gonzalez, 2008) desses materiais, a fim de compreender os principais aspectos listados pelos veículos brasileiros e a análise exploratória Bonin (2006) de conteúdos jornalísticos dos veículos listados, com o objetivo de verificar de que formas as Políticas Editoriais de Uso de IA são seguidas ou não. Por fim, a pesquisa considera que a aplicação dessa tecnologia não se apresenta adequadamente explicitada nos conteúdos jornalísticos dos veículos analisados. Além disso, a maioria dos documentos analisados são frágeis e não são periodicamente revisados, desde que foram divulgados.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Inteligência Artificial (IA); Políticas Editoriais; Adaptações jornalísticas.

## ABSTRACT

BARBOSA, Leriany. **Journalism in the age of Artificial Intelligence (AI):** analysis of usage guidelines in the editorial policies of Brazilian media outlets. Advisor: Graziela Soares Bianchi. Ponta Grossa, 2026. Dissertation (Master's Degree in Journalism) - Graduate Program in Journalism, State University of Ponta Grossa, 2026.

The dissertation investigates the adaptations of journalism in the face of the use of Artificial Intelligence (AI). The object of investigation is the Editorial Policies (EP) for the Use of AI by Brazilian media outlets, namely *Estadão*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo*, and *Núcleo Jornalismo*. The motivation for the study stems from the growing use of tools developed with AI technology through generative chatbots, due to the fact that professions such as journalism claim to use AI programs. The aim is to discuss the potential risks posed by the use of such technology, given the lack of transparency (Díaz-Noci *et al.*, 2024; Canavilhas; Biolchi, 2024) on the part of these media outlets. The theoretical perspective adopted by the study is based on the historical discussion regarding the use of techniques and technology in journalism, leading up to the topic of AI in the profession, a history that dates back to Gutenberg's printing press (Briggs; Burke, 2006), up to the topic of AI in the profession, whether in the context of a multidisciplinary team of journalists (Furtado, 2022) or as an auxiliary tool (Obercom, 2021), without forgetting that it is a technology (Kaufmann, 2021; Harari, 2024). The central research question focuses on how news organizations are adapting to the use of AI in their production processes and how they describe these processes in their editorial policies. In this regard, the overall objective of this study is to analyze such documents from Brazilian news organizations regarding the use of AI. The methodological procedures adopted by the dissertation include the documentary method (Moreira, 2011) for collecting editorial policies, comparative analysis (Sardá *et al.*, 2022; Gonzalez, 2008) of these materials, in order to understand the main aspects listed by Brazilian media outlets, and Bonin's (2006) exploratory analysis of journalistic content from the listed outlets, with the aim of verifying how AI Editorial Policies are followed or not. Finally, the study finds that the application of this technology is not adequately explained in the journalistic content of the media outlets analyzed. Furthermore, most of the documents analyzed are incomplete and have not been periodically revised since their publication.

**Keywords:** Journalism; Artificial Intelligence (AI); Editorial Policies; Journalistic Adaptations.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                                                                                                                                  |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - <i>Print</i> matéria sobre Papa Leão XIV nomear bispo pró-imigrantes para comandar arquidiocese de Nova York.....                                                                                     | 107 |
| Figura 2 - <i>Print</i> matéria <i>Estadão</i> sobre imagem de Silvio Santos feita por IA.....                                                                                                                   | 108 |
| Figura 3 - Explicação d’ <i>AzMin</i> a sobre como funciona o <i>QuiterIA</i> .....                                                                                                                              | 110 |
| Figura 4 - Infográfico de Lays Cantanhêde que contém ilustrações características da revista.....                                                                                                                 | 111 |
| Figura 5 - Resumo feito em tópicos da reportagem <i>As vítimas da violência doméstica que não entram nas estatísticas</i> .....                                                                                  | 111 |
| Figura 6 - Ilustração de capa da reportagem sobre criptomoedas.....                                                                                                                                              | 113 |
| Figura 7 - Ilustração de Matheus Pigozzi e José Cícero para a reportagem sobre exploração de lítio.....                                                                                                          | 114 |
| Figura 8 - <i>Print</i> do <i>reel</i> que promove o <i>podcast</i> d’ <i>A Pública</i> .....                                                                                                                    | 115 |
| Figura 9 - Conteúdo de áudio feito por IA para narrar artigo.....                                                                                                                                                | 116 |
| Figura 10 - <i>Print</i> reportagem recente da <i>A Pública</i> que não utiliza mais áudios de IA para narrar conteúdos.....                                                                                     | 116 |
| Figura 11 - Ilustração com os principais rostos de apresentadores do <i>SBT</i> publicado pela <i>Folha</i> .....                                                                                                | 118 |
| Figura 12 - Holograma de Silvio Santos feito com IA e publicado pela <i>Folha</i> .....                                                                                                                          | 118 |
| Figura 13 - Imagem de <i>Marisa Maiô</i> , personagem de IA feita por Raony Phillips.....                                                                                                                        | 119 |
| Figura 14 - Função <i>Ouvir texto</i> da <i>Folha</i> .....                                                                                                                                                      | 120 |
| Figura 15 - Resumo feito pelo <i>Irineu</i> , recurso de IA d’ <i>O Globo</i> sobre a matéria <i>Presidente da CCJ do Senado diz que projeto da Dosimetria só avança se ficar restrito ao 8 de Janeiro</i> ..... | 122 |
| Figura 16 - Sumário sem a menção de ter sido elaborado com o uso de IA.....                                                                                                                                      | 124 |
| Figura 17 - <i>Print</i> das matérias que não possuem imagens creditadas.....                                                                                                                                    | 125 |
| Figura 18 - Uso do <i>LegislaTech</i> em matéria do <i>Núcleo</i> .....                                                                                                                                          | 126 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 - Conceitos que explicam o processo da ecologia midiática pós-convergência.....       | 36  |
| Quadro 2 - Riscos da IA, conforme Hacker (2023).....                                           | 53  |
| Quadro 3 - Recomendações éticas para o uso de IA.....                                          | 69  |
| Quadro 4 - Funcionalidades que os veículos permitem e não permitem uso de IA nas redações..... | 94  |
| Quadro 5 - Semelhanças entre os veículos sobre o uso de IA nas redações.....                   | 99  |
| Quadro 6 - Diferenças entre os veículos sobre o uso de IA nas redações.....                    | 102 |
| Quadro 7 - Aplicação de IA em conteúdos jornalísticos identificáveis em cada material.....     | 105 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                    |     |
|------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 - Veículos brasileiros que possuem Políticas Editoriais de Uso de IA..... | 77  |
| Tabela 2 - Artigos de 2024 encontrados na <i>Web Of Science</i> .....              | 150 |
| Tabela 3 - Artigos de 2024 encontrados no <i>Scopus</i> .....                      | 152 |
| Tabela 4 - Artigos de 2024 e 2023 encontrados no <i>Scielo</i> .....               | 153 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|         |                                                  |
|---------|--------------------------------------------------|
| AI Act  | Lei de Inteligência Artificial da União Europeia |
| ANT     | Actor-Network Theory (Teoria Ator-Rede)          |
| BBC     | British Broadcasting Corporation                 |
| Fenaj   | Federação Nacional dos Jornalistas               |
| IA      | Inteligência Artificial                          |
| IAG     | Inteligência Artificial Generativa               |
| LLM     | Large Language Models                            |
| ML      | Machine Learning                                 |
| Obercom | Observatório da Comunicação                      |
| P.E.    | Política Editorial                               |
| PLN     | Processamento de Linguagem Natural               |
| PNG     | Portable Network Graphics                        |
| SEO     | Search Engine Optimization                       |
| STF     | Supremo Tribunal Federal                         |
| UE      | União Europeia                                   |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                             |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                    | <b>18</b> |
| <b>2 INOVAÇÃO TECNOLÓGICA SOCIAL: RESGATE HISTÓRICO-CONCEITUAL SOBRE AS ADAPTAÇÕES DE NOVAS TÉCNICAS AO JORNALISMO.....</b> | <b>26</b> |
| 2.1 PARTINDO DA TEORIA CRÍTICA DA TECNOLOGIA.....                                                                           | 28        |
| 2.2 SÉCULO XX: UM PERÍODO REPLETO DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS.....                                                            | 30        |
| 2.2.1 Relação da tecnologia e dos meios de comunicação em um mundo <i>softwarizado</i> .....                                | 32        |
| 2.3 CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA: UMA RELAÇÃO MUITO MAIS QUE TECNOLÓGICA.....                                                  | 33        |
| 2.4 AS ADAPTAÇÕES DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS NA PÓS-CONVERGÊNCIA.....                                           | 36        |
| 2.4.1 IA dentro do escopo de ferramenta jornalística.....                                                                   | 38        |
| <b>3 JORNALISMO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA).....</b>                                                             | <b>40</b> |
| 3.1 TRILHANDO UMA LINHA DO TEMPO PARA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA).....                                                   | 43        |
| 3.2 O <i>BOOM</i> DO <i>CHATGPT</i> NO CENÁRIO DA IA.....                                                                   | 45        |
| 3.2.1 Estaria McCarthy equivocado?.....                                                                                     | 46        |
| 3.3 NOVAS PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS INCORPORADAS NO AVANÇO CIENTÍFICO DA IA.....                                           | 48        |
| 3.3.1 <i>DeepSeek</i> : a IA chinesa que abalou o mercado financeiro das grandes empresas de tecnologia do mundo.....       | 48        |
| 3.4 O FUTURO DA IA: MAIS PRECISÃO E MENOS ALUCINAÇÃO.....                                                                   | 50        |
| 3.4.1 Diferença entre IA Preditiva e IAG.....                                                                               | 50        |
| 3.5 RISCOS QUE UMA IA PODE APRESENTAR À SOCIEDADE.....                                                                      | 52        |
| 3.6 E O JORNALISMO?: COMO A PROFISSÃO ESTÁ SE ADAPTANDO A ESTA TECNOLOGIA.....                                              | 54        |
| 3.6.1 A inserção de IA nas organizações jornalísticas pelo mundo.....                                                       | 57        |
| 3.6.2 Estudos comparativos entre as mídias brasileiras e o uso de IA.....                                                   | 60        |
| <b>4 RELAÇÃO DAS POLÍTICAS EDITORIAIS COM O JORNALISMO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA).....</b>                              | <b>62</b> |
| 4.1 O PROCESSO DE AUTORREGULAMENTAÇÃO COMO PARTE DO DISCURSO METAJORNALÍSTICO E A RELAÇÃO COM A ÉTICA.....                  | 64        |
| 4.1.1 Alertas para questões éticas sobre o uso de IA na sociedade.....                                                      | 68        |
| 4.1.2 Para se pensar em parâmetros éticos voltados a inserção da IA no jornalismo.....                                      | 70        |
| <b>5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                                   | <b>75</b> |
| 5.1 A IMPORTÂNCIA DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PARA COMPOR OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....                             | 79        |
| 5.2 ANÁLISES DOCUMENTAL E COMPARATIVA COMO MÉTODO E TÉCNICA.....                                                            | 82        |
| 5.3 VERIFICAÇÃO DO COMPROMETIMENTO DE CADA VEÍCULO POR MEIO DA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS.....         | 85        |
| 5.4 HISTÓRICO DE CADA VEÍCULO QUE POSSUI UMA POLÍTICA EDITORIAL DE USO DE IA.....                                           | 87        |

|                                                                                                                       |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 5.5 USO DE IA NA ELABORAÇÃO DA PESQUISA CIENTÍFICA.....                                                               | 89         |
| <b>6 ANÁLISE DAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE USO DE IA NO JORNALISMO BRASILEIRO.....</b>                                  | <b>91</b>  |
| 6.1 USO DE IA PELOS VEÍCULOS BRASILEIROS QUE POSSUEM POLÍTICA EDITORIAL SOBRE A TECNOLOGIA.....                       | 94         |
| 6.2 COMPARANDO AS POLÍTICAS EDITORIAIS: FINALIDADES ADOTADAS PELOS VEÍCULOS SOBRE USO DE IA.....                      | 99         |
| 6.3 VERIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS REFERENTE A APLICAÇÃO DE IA.....                                          | 105        |
| 6.3.1 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos do <i>Estadão</i> .....                                             | 106        |
| 6.3.2 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos d’ <i>AzMina</i> .....                                              | 108        |
| 6.3.3 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos d’ <i>A Pública</i> .....                                           | 112        |
| 6.3.4 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos da <i>Folha de S.Paulo</i> .....                                    | 117        |
| 6.3.5 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos d’ <i>O Globo</i> .....                                             | 120        |
| 6.3.6 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos do <i>Núcleo Jornalismo</i> .....                                   | 123        |
| 6.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O USO DE IA EM CADA VEÍCULO.....                                                       | 126        |
| <b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                    | <b>129</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                               | <b>138</b> |
| <b>GLOSSÁRIO.....</b>                                                                                                 | <b>147</b> |
| <b>APÊNDICE A - TABELA 2 - ARTIGOS DE 2024 ENCONTRADOS NA <i>WEB OF SCIENCE</i>.....</b>                              | <b>150</b> |
| <b>APÊNDICE B - TABELA 3 - ARTIGOS DE 2024 ENCONTRADOS NO <i>SCOPUS</i>.....</b>                                      | <b>152</b> |
| <b>APÊNDICE C - TABELA 4 - ARTIGOS DE 2024 E 2023 ENCONTRADOS NO <i>SCIELO</i>.....</b>                               | <b>153</b> |
| <b>ANEXO A - <i>PRINTS</i> DAS PRIMEIRAS PÁGINAS DOS SITES JORNALÍSTICOS ACESSADOS PARA ANÁLISE EXPLORATÓRIA.....</b> | <b>155</b> |
| <b>ANEXO B - VERSÕES ATUALIZADAS DAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE USO DE IA DOS SEIS VEÍCULOS.....</b>                     | <b>161</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A temática de investigação desta dissertação refere-se às adaptações do jornalismo diante do uso de Inteligência Artificial (IA), tendo como base de observação as Políticas Editoriais de veículos brasileiros. A partir do material bibliográfico já desenvolvido acerca das temáticas envolvidas, considerando um ponto de vista conceitual que relaciona a IA à profissão, percebe-se que existe um crescente uso desta tecnologia para acelerar a produção jornalística. Por exemplo, os autores Beckett e Yaseen (2023) realizaram um levantamento com 105 veículos, de 46 países, no qual constataram que cerca de 75% desses meios de comunicação analisados utilizam a IA para a reprodução, produção e distribuição de conteúdos noticiosos.

Interessa ainda destacar que o estudo de Beckett e Yaseen (2023), intitulado como *Generando el cambio: Un informe global sobre qué están haciendo los medios con IA*, é resultado de uma segunda amostra global, com base em um levantamento realizado em 2019. Segundo eles, entre o período em que ocorreram ambas as análises, houve um aumento de 18 novos veículos que afirmaram usar IA dentro de suas organizações jornalísticas. Logo, pode-se notar a urgência e relevância ao buscar entender como ocorrem as adaptações das redações jornalísticas brasileiras com a inserção de IA à rotina da profissão.

De acordo com Ioscote (2023), a “Inteligência Artificial está se integrando às redações jornalísticas desde os primeiros anos deste milênio” (p. 2), afinal, programas e recursos de IA são modelos de linguagens em grande escalas (*LLM*), configuradas por meio de programação e que representam procedimentos para, muitas vezes, resolver problemas (Santos; Ceron, 2022). Como apontam Canavilhas, Biolchi (2024), Pessoa *et al.* (2023), as discussões iniciais sobre IA começaram na década de 1950, primeiro com o ‘pai da computação’, Alan Turing, mas sendo melhor discutidas por John McCarthy, em 1956, após ele criar o termo *Inteligência Artificial*, ao referir-se a uma máquina que pode pensar cognitivamente como um humano.

Entretanto, o assunto ficou popular após o *boom* do *ChatGPT*<sup>1</sup>, quando a empresa de tecnologia *OpenAI* tornou público o uso dessa Inteligência Artificial Generativa (IAG) no dia 30 de novembro de 2022 (Canavilhas; Biolchi, 2024, p. 44). Para os autores do artigo *Inteligência Artificial e Transparência no Jornalismo*, com o fácil acesso de IAG surgiram grandes avanços tecnológicos e científicos, contudo, gerou-se receio pelo provável fim de

---

<sup>1</sup> Segundo o próprio *ChatGPT*, ele é um modelo avançado de IA, projetado para responder perguntas, fornecer informações, ajudar com tarefas criativas ou práticas e participar de conversas em uma ampla variedade de tópicos descritos, tudo isso por meio de redes neurais que foram integradas na sua base de criação.

algumas profissões - como pode ser o caso do Jornalismo - e “emergiram igualmente preocupações relacionadas com a privacidade, a desinformação e a reprodução de preconceitos” (Canavilhas; Biolchi, 2024, p. 44).

Um ano após o surgimento do *ChatGPT* e de demais *chatbots* - como o *Gemini* do *Google*<sup>2</sup> -, diversas áreas mobilizaram-se para avaliar, compreender e limitar o uso dessas ferramentas. Com o jornalismo não foi diferente, pois, no dia 10 de novembro de 2023, o Repórter Sem Fronteiras e mais 16 organizações do mundo criaram a *Carta de Paris sobre IA e Jornalismo*<sup>3</sup>, após a realização do Fórum de Paz de Paris. Neste documento, que contém 10 tópicos, jornalistas, sociedade civil, especialistas em IA e representantes de meios de compromisso com a informação credível e acessível, mesmo na presente era.

No mesmo período, mais especificamente no dia 22 de novembro de 2023, o veículo jornalístico *Estadão* tornou pública a Política de Uso de IA para estabelecer regras e permissões voltadas à produção de conteúdo, devido ao crescimento de serviços de IA generativa. Além da política, o veículo criou um *Comitê de Inteligência Artificial* próprio, “que analisará os projetos editoriais da área e será composto por representantes dos departamentos de Tecnologia, Redação, Produto, Jurídico e Auditoria” (Estadão, 2023, n. p.).

Dois dias depois, o *O Globo*<sup>4</sup> também manifestou-se sobre o uso de IA nas empresas que integram o grupo, ancorando-se em termos de uso já publicados em 2021<sup>5</sup> e apoiando a decisão de veículos estrangeiros, como o *The New York Times* e o *Washington Post* ao anunciar a restrição de acesso a ferramentas de *chatbots*, como *ChatGPT (OpenAI)* e *Bard (Google)* - atual *Gemini* - voltado aos conteúdos publicados em seus sites<sup>6</sup>. Segundo o editorial, o objetivo da proibição era proteger o jornalismo profissional e não alimentar tais *big techs* com informações produzidas por seus jornalistas, visto que as empresas de tecnologia não tinham permissão para tal uso desses conteúdos.

Desde então, no dia 27 de junho de 2024, o grupo *O Globo* atualizou sua Política de Uso de IA, especificamente na atuação dos jornalistas do grupo, permitindo e afirmando usar ferramentas para auxiliar tarefas de produção de conteúdos jornalísticos. O jornal *Folha de*

<sup>2</sup> O antigo *Bard* é o chatbot foi disponibilizado para uso em fevereiro de 2023. Em dezembro do mesmo ano, a IAG da *Google* passou a ser chamada de *Gemini*, além do aprimoramento dos parâmetros utilizados para que chegasse ao mesmo patamar de eficiência que o concorrente da *OpenAI*.

<sup>3</sup> A Carta de Paris sobre IA e Jornalismo pode ser conferida neste link: <[https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/11/Carte%20de%20Paris%20sobre%20IA%20e%20jornalismo\\_0.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/11/Carte%20de%20Paris%20sobre%20IA%20e%20jornalismo_0.pdf)>.

<sup>4</sup> Editorial do *O Globo*: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/11/24/editora-globo-atualiza-regras-e-impede-acesso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-generativa-a-seus-sites.ghtml>.

<sup>5</sup> Versão completa do Temos de Uso d’*O Globo*: <<https://oglobo.globo.com/termos-de-uso/>>.

<sup>6</sup> Fazem parte do grupo os jornais *O Globo*, *Extra*, *Valor Econômico* e demais revistas.

*S.Paulo* também atualizou seu tradicional *Manual*, introduzindo um tópico somente para o uso de IA, em 26 de março de 2024. A nível mundial, a União Europeia adotou, em maio de 2024, a *Lei da Inteligência Artificial (AI ACT)*<sup>7</sup>, que trata do desenvolvimento e da adoção de sistemas de IA seguros e de confiança em todo o mercado único da UE (públicos como privados). E no Brasil, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aprovou a Resolução n.º 23.732, de fevereiro de 2024<sup>8</sup>, que altera a Resolução n.º 23.610, de 18 de dezembro de 2019, referente aos conteúdos de propaganda eleitoral, relacionados ao uso indevido de IA no decorrer deste processo.

Por isso, ao considerar a relevância da temática, seja pela perspectiva histórica desta tecnologia que está presente na sociedade atual ou devido aos riscos que uma IA pode causar se usada de modo errôneo em uma profissão, vê-se fundamento em pesquisar como o jornalismo está se adequando a esse avanço tecnológico. Outro debate interessante que justifica a pesquisa é refletir sobre a contribuição que essa tecnologia pode oferecer ao trabalho do jornalista, uma vez que ela até pode auxiliar na automatização daquelas tarefas consideradas ‘chatas’ (Pinto, Barbosa, 2024, p. 60), desde que não se descarte a supervisão humana, considerando que, por exemplo, os *chatbots* podem alucinar ao errar, falhar e perturbar o desenvolvimento jornalístico (Lemos, 2024, p. 87).

A perspectiva teórica adotada pela pesquisa traz a discussão histórica referente ao uso da técnica e tecnologia pelo jornalismo, até chegar ao debate sobre IA na profissão. O interesse por este objeto é justamente a relevância em que o debate conceitual busca trazer à dissertação, uma vez que tratar das relações entre sociedade em rede (Castells, 2000) e agentes humanos e não-humanos (Latour, 2012) serão cruciais para compreender como os *softwares* (Manovich, 2012) e a inserção tecnologia ao jornalismo contribuem diretamente para o debate sobre convergência (Salaverria *et al.*, 2010; Briggs; Burke, 2006) e pós-convergência (Ramírez, 2020; Fagerjordam, 2010), até chegar ao debate sobre Inteligência Artificial.

Autores como Santos e Ceron (2022), Canavilhas e Biolchi (2024), Pinto e Barbosa (2024), Lemos (2024) e Ferrari (2024) ajudam a estruturar o debate conceitual sobre a relação entre jornalismo e Inteligência Artificial, considerando questões essenciais tanto do campo jornalístico - como da transparência da profissão para com os consumidores - quanto a

---

<sup>7</sup> Ler detalhes da *AI ACT*:

<[https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2023/6/story/20230601STO93804/20230601STO93804\\_pt.pdf](https://www.europarl.europa.eu/pdfs/news/expert/2023/6/story/20230601STO93804/20230601STO93804_pt.pdf)>.

<sup>8</sup> Conferir Resolução do TSE:

<<https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2024/resolucao-no-23-732-de-27-de-fevereiro-de-2024>>.

questões incorporadas a esta tecnologia. Por isso, acredita-se ser interessante também destacar e evidenciar conceitos sobre os tópicos presentes no debate sobre IA, para compreender como de fato ela atua. Para isso, os estudos de Turing (1950), Russell e Norvig (2010) e Kaufman (2018) são bases para desenvolver a discussão teórica sobre IA.

Referente ao objeto empírico, optou-se por estudar as Políticas Editoriais de Uso sobre IA de redações jornalísticas brasileiras. Após uma série de levantamentos exploratórios, encontraram-se seis veículos nacionais que publicaram Políticas Editoriais de Uso sobre IA, sendo: *Estadão*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*. De acordo com Ioscote (2023), o tema mostra-se relevante, pois a IA faz parte de diferentes rotinas, em diferentes áreas, não somente a jornalística. A questão é que, para algumas tarefas, esta tecnologia busca auxiliar a pessoa que a está utilizando, enquanto em outras ela pode atrapalhar - o que é o caso do uso indevido de Inteligência Artificial Generativa (IAG) ao, por exemplo, criar um texto jornalístico<sup>9</sup> por meio de um *chatbot*, não mencionar que foi usada tal tecnologia, confiar totalmente na resposta do *prompt* e, ainda, dar a entender que foi feito 100% por um jornalista.

Com isso, considera-se que tais objetos de pesquisa sejam pertinentes para o avanço epistemológico da presente dissertação, uma vez que a relação entre conceitos e debates teóricos sobre técnica e tecnologia para o jornalismo pode ser trabalhada de modo prático ao estudar as Políticas Editoriais de Uso de IA das redações brasileiras. Pois, seria ingenuidade acreditar que se possa proibir o uso de IA dentro das redações, visto que “é expectável que a capacidade de processamento de dados da IA aumente, acelerando a transformação do setor dos media” (Obercom, 2021, p. 23).

Portanto, como ignorar esta tecnologia não é uma opção, entendê-la talvez seja o melhor caminho. Mas, além disso, compreender como as redações brasileiras estão publicizando, através de suas políticas, como ela é incorporada no jornalismo. Somente após isso, discussões como regulamentação desta tecnologia na profissão e princípios éticos poderão ser debatidas com mais precisão. Logo, o problema que norteia a pesquisa é: como os veículos jornalísticos estão explicitando as indicações para usos de IA em suas Políticas Editoriais?

---

<sup>9</sup> Menciona-se o caso de um jornal impresso, do interior de São Paulo, *A Cidade*, de Votuporanga, que circulou uma notícia com o *prompt* descrito no primeiro parágrafo do conteúdo. Conferir o caso em questão: <

Para chegar para avançar no desenvolvimento deste problema indicado, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as Políticas Editoriais de veículos jornalísticos brasileiros (*Estadão, AzMina, A Pública, Folha de S.Paulo, O Globo e Núcleo Jornalismo*), referentes ao uso de IA. Os objetivos específicos que irão contribuir no desenvolvimento do geral:

- a) Mapear os veículos que fazem uso de IA durante a rotina jornalística;
- b) Pontuar para quais finalidades essa tecnologia é indicada como utilizada ou não nas redações;
- c) Comparar as Políticas Editoriais entre um veículo e outro, buscando estabelecer semelhanças e distinções a respeito dos usos mencionados sobre IA.

Ao fazer parte do mundo contemporâneo, o jornalismo precisou se adaptar a diversos fatores sociais e tecnológicos. Em cada mudança, o medo pelo fim do jornalismo sempre surge. Ao menos, a dúvida de ‘como vai ficar a situação do jornalista agora?’ permeia a mente dos próprios profissionais, curiosos e pesquisadores. Assim surgiu o interesse por esta temática, uma vez que existe uma curiosidade particular em compreender como o jornalismo está moldando parâmetros burocráticos, éticos e práticos para inserir a IA à profissão. Com isso, nota-se a relevância temporal, na qual a relação entre a profissão e Inteligência Artificial está inserida, uma vez que o *boom* de ferramentas de *chatbots*, a recente discussão sobre *deepfake* e a atualização acelerada da IAG reforçam a urgência em debater sobre como o Jornalismo está se adaptando ao uso de IA.

Considera-se também ser quase impossível, nos dias atuais, não utilizar recursos de IA, uma vez que esta tecnologia está presente, seja no indexador de busca do *Google*, nas redes sociais digitais, ao apresentar levantamentos sobre métricas ou ao recomendar conteúdos com base no que você acessa nestas plataformas<sup>10</sup>. Enfim, de certa forma, a IA sempre esteve presente na internet. Não por acaso, na década de 1950, Turing falou sobre uma máquina que pudesse pensar. Para além do jornalismo, a temática mostra-se relevante ao campo científico, visto que, por ser uma tecnologia, a IA não vai parar de ser atualizada. Sendo assim, sempre terão tópicos para discutir sobre o assunto.

Devido à constante atualização, a importância da discussão do tema para a sociedade também é primordial. Pois, ao relacionar jornalismo à IA, e um provável uso indevido desta tecnologia pela profissão, a sociedade e consumidores de notícias serão os mais afetados,

---

<sup>10</sup> Essas informações foram obtidas a partir da aula ofertada pela professora e pesquisadora Dra. Marlise Brenol, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, da rede JorTec. A aula foi ao ar pelo YouTube, no dia 14 de novembro de 2024. Confira o link da aula: <[https://www.youtube.com/watch?v=XwkCny0\\_R4](https://www.youtube.com/watch?v=XwkCny0_R4)>.

principalmente as pessoas que buscam pela veracidade e informação, mas que, em algumas situações, encontram desinformações. Para além disso, a relação entre jornalismo e IA também serve ao considerar a própria profissão, uma vez que veículos já possuem recursos que utilizam desta tecnologia, como o *Leia*, “ferramenta baseada em IA que tem a função de servir como assistente de leitura e guia de informações” (Canavilhas; Biolchi, 2024, p. 52).

Por fim, obviamente que o interesse pessoal também é uma justificativa para a realização desta investigação, uma vez que a curiosidade é o principal motivador. Por isso, o problema de pesquisa foi pensado, justamente, para tentar compreender como as redações jornalísticas estão se adaptando ao crescente uso de IA com base no que é expresso em suas Políticas Editoriais de Uso. Além disso, o próprio entendimento sobre a Inteligência Artificial mostra-se um fator de curiosidade pessoal, pois acredita-se ser interessante conceituar o que de fato é esta tecnologia e como ela é utilizada pela profissão.

O primeiro passo para avançar com a pesquisa teórica foi realizar um levantamento bibliográfico, o qual ocorreu em diferentes modos, sendo o exploratório, o direcionado - com o uso de palavras-chave - e por indicações a partir das aulas durante o Mestrado em Jornalismo<sup>11</sup>. Em paralelo, foi realizado outro levantamento exploratório (Bonin, 2008) para encontrar as Políticas Editoriais de Uso de IA que compõem este estudo. Assim como o artigo realizado por Canavilhas e Biolchi (2024) sobre a Política Editorial de Uso de IA, a presente pesquisa tem um caráter qualitativo, que começou com um caráter generalista para se chegar a resultados particulares sobre cada veículo, o que se considera um viés dedutivo de estudo analítico. Além disso, a dissertação segue o método documental e a técnica comparativa para analisar as Políticas Editoriais e encontrar pontos semelhantes e divergentes entre tais documentos. Por fim, realiza-se um último levantamento exploratório de conteúdos jornalísticos, com o objetivo de atestar como e se os seis veículos cumprem o que estabelecem em suas respectivas P.Es. sobre a identificação de IA nas produções realizadas dentro de cada redação.

A dissertação está organizada em sete capítulos, contando com Introdução e Considerações Finais. O segundo capítulo tem como base a relação da técnica e tecnologia utilizadas pelo jornalismo. Tem como objetivo contextualizar, historicamente, a inserção tecnológica à prática jornalística. De modo geral, esta parte do material de pesquisa servirá para compreender os instrumentos técnicos e inovações que foram sendo incorporadas pela

---

<sup>11</sup> As aulas foram frequentadas no decorrer de ambos os semestres no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da UEPG e da disciplina da Rede de Pesquisa Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), ofertada em parceria com o PPGJor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e demais instituições do país.

profissão até chegar aos dias atuais, com a discussão sobre o uso de Inteligência Artificial, vendo-a como uma tecnologia que pode ou não contribuir para a rotina de produção do jornalismo contemporâneo.

O terceiro capítulo é o responsável por apresentar o debate sobre IA, considerando discussões teóricas sobre a criação desta tecnologia - com base no Teste de Turing (1950) -, tipos de classificação e modelos que são mais utilizados pelo jornalismo atualmente. Neste sentido, esta parte da dissertação aborda, de modo teórico, questões sobre o *boom* da Inteligência Artificial General, apresenta como essa tecnologia se aperfeiçoa a cada *prompt* solicitado e, também, trata dos desafios que ela apresenta à profissão, por alterar não apenas a dinâmica de um trabalho jornalístico, mas a compreensão da sociedade por dar espaço a conteúdos tendenciosos que promovem a desinformação (De Barros, Bianchi, Barbosa, 2024).

Seguindo, o quarto capítulo apresentará debates conceituais sobre Políticas Editoriais, uma vez que elas constituem os objetos empíricos de análise da presente pesquisa. Portanto, o capítulo apresenta definições da Política Editorial, como um elemento presente do jornalismo (Beltrão, 2006; Bronosky, 2010; Conceição, 2005; Paixão, 2018). O estudo de Carlson (2015) sobre o discurso metajornalístico da profissão contribui para a reflexão conceitual ao relacionar como o jornalismo se vê neste cenário, ao tentar estabelecer limites, por meio de um documento editorial, diante do uso de IA. Por fim, um debate conceitual sobre ética voltada ao uso de IA na profissão (Escobar; Jiménez, 2024; Fernandes, 2025; Esteban; Sanahuja, 2023) tece reflexões diante da temática da dissertação, sem ignorar a importância do jornalista durante a produção jornalística contemporânea.

Após debater a relevância dos objetos teórico e empírico desta pesquisa, o quinto capítulo apresentará a descrição detalhada dos procedimentos metodológicos realizados. Para isso, todo o movimento de mapeamento exploratório para encontrar as Políticas Editoriais de Uso de IA, análise documental para a coleta dos materiais, possíveis atualizações dos documentos e categorização de critérios para realizar a análise comparativa serão apresentados. Definições para a pesquisa exploratória dos conteúdos jornalísticos são apresentadas, uma vez que esta etapa compromete-se a averiguar se as redações seguem os limites definidos em cada P.E. sobre o uso de IA.

Após a descrição de cada movimento de pesquisa, o capítulo seguinte traz a análise das Políticas Editoriais de Uso de IA, com base nos veículos *Estadão*, *AzMin*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Núcleo Jornalismo*. Este capítulo ainda contextualiza em qual momento cada jornal brasileiro divulgou sua P.E. e se houve ou não atualizações desses documentos durante o processo de análise. Na sequência, a comparação entre os documentos

de cada veículo é apresentada para concluir a análise, para que a problematização da pesquisa tenha desfecho. E, por último, destacar como e se os veículos seguem o que estipulam em cada Política Editorial.

Por fim, o capítulo de Considerações encerra a dissertação, refletindo sobre a análise realizada diante da inserção do uso de IA nas redações jornalísticas atuais e sobre a necessidade de continuar estudando tal temática. De modo geral, o trabalho apresenta como considerações que as Políticas Editoriais de Uso de IA, por mais que existam - até mesmo em veículos tradicionais -, atualmente, se apresentam frágeis e incompletas. Outro ponto relaciona-se ao entendimento de que, se há ou não aplicação de IA em determinado conteúdo jornalístico, fica dúvida nos exemplos analisados pela pesquisa, não sendo possível, na maioria dos casos, existir uma fácil conferência para o público que consome os materiais gerados. Logo, a dissertação enfatiza que o jornalismo necessita ser mais transparente e sanar as limitações que atualmente estão presentes em suas P.Es. de modo que não permitam que as incertezas predominem. Tais questões e reflexões estão presentes na elaboração desta pesquisa científica sobre o uso de IA expresso nas Políticas Editoriais de veículos jornalísticos brasileiros - pelo menos, naqueles que divulgaram tal documento.

## **2 INOVAÇÃO TECNOLÓGICA SOCIAL: RESGATE HISTÓRICO-CONCEITUAL SOBRE AS ADAPTAÇÕES DE NOVAS TÉCNICAS AO JORNALISMO**

Este capítulo compromete-se a contextualizar, historicamente, a inserção da tecnologia no jornalismo, buscando distanciar-se do senso comum de que, somente no século XXI, as práticas relacionadas à atuação conheceram o que é o desenvolvimento tecnológico. De modo geral, esta discussão auxilia a compreender os instrumentos técnicos e inovações que foram sendo incorporados pela profissão até chegar à questão da Inteligência Artificial (IA). Entende-se que o debate sobre inserção de tecnologias vai além dos instrumentos de trabalho, uma vez que tal processo interfere no modo como, por exemplo, o jornalismo é criado e circula.

Outro fator é que a tecnologia articula-se, diretamente, com o desenvolvimento social, pois novas formas de interações surgem quando um novo recurso é utilizado em massa, como é o caso dos recursos de Inteligência Artificial Generativa (IAG). Portanto, discutir a inovação tecnológica social, voltada ao jornalismo, ajuda a presente pesquisa a compreender como a profissão se molda a estas adaptações para, por fim, dissertar como a IA provoca novas reflexões ao jornalismo contemporâneo.

Afinal, quando se pensa em tecnologia, a primeira percepção que pode vir à mente de alguém são instrumentos e processos como o computador, a internet, ou possibilidades correlatas, mas a verdade é que o desenvolvimento de diferentes técnicas e tecnologias faz parte da sociedade, desde os primeiros registros de povos primitivos que peregrinavam pela terra. Logo, se a tecnologia faz parte da sociedade, ela também faz parte do jornalismo, visto que a circulação de notícias em grande escala se tornou possível somente por meio da prensa gráfica<sup>12</sup>, que ficou famosa devido à prática realizada por Johann Gutenberg, por volta de 1450. Nota-se que houve um processo de adaptação desta tecnologia, considerada por muitos como a mais influente do segundo milênio e que, conseqüentemente, contribuiu para a criação do jornal impresso tempos depois.

O modelo impresso é apenas um formato, dentre tantos, em que a informação jornalística circula nos dias de hoje. Até o século XX, ele promovia as principais produções da profissão, mas depois começou a ganhar outros espaços e moldes. Dele, tem-se o jornalismo voltado para o rádio, TV, *web* e, por que não, redes sociais digitais? Ou seja, o

---

<sup>12</sup> De acordo com Briggs e Burke (2006), a impressão já era praticada no século VIII em países do Oriente, como China e Japão. O diferencial é que as prensas desses países eram feitas em blocos de madeira, enquanto a prensa de Gutenberg utilizava peças móveis de metal (Briggs; Burke, 2006, p. 24).

jornalismo segue em constante mutação no que se refere também aos meios técnicos utilizados para desenvolver o seu trabalho, principalmente agora, no século XXI, em que a internet faz com que a profissão precise adaptar-se aos novos formatos de interação midiáticas. Mesmo que Briggs e Burke (2006) se restrinjam a uma visão ocidental sobre o mundo moderno e suas invenções, eles conseguem contextualizar e apresentar reflexões pertinentes sobre a história social da mídia. Aliás, eles consideram que “o surgimento de jornais no século XVII aumentou a ansiedade sobre os efeitos da nova tecnologia” (Briggs; Burke, 2006, p. 26), fazendo menção direta à impressão gráfica que, assim como séculos depois, a informação também precisou passar por novos métodos de administração.

Diante disso, nota-se que as tecnologias não seguem uma ordem cronológica exata, e que, para uma tecnologia existir, outra não precisa desaparecer. Afinal, “o velho e o novo - por exemplo, o cinema e a televisão - coexistem e competem entre si até que finalmente se estabeleça alguma divisão” (Briggs; Burke, 2006, p. 51). O mesmo ocorre com a comunicação, seja ela falada, escrita ou visual, pois uma complementa a outra. Com base em uma análise sobre a revolução da impressão gráfica referente à comunicação múltipla, que marcou a Europa entre 1450 e 1789, Briggs e Burke (2006) destacam que:

Parece que as formas de comunicação mais efetivas daquele período - assim como acontece hoje - eram as que apelavam simultaneamente para os olhos e os ouvidos, combinando mensagens verbais com não verbais, musicais e visuais, desde tambores e trombetas de paradas militares até os violinos que acompanhavam performances de salão. [...] Os rituais eram mensagens, mas também um meio mais ou menos eficaz de comunicar informação (Briggs; Burke, 2006, p. 47-48).

Nos séculos seguintes, houve novas culturas e opiniões políticas que tornaram a sociedade mais participativa no quesito comunicacional, como esfera pública no início da Europa moderna, atreladas a demais avanços tecnológicos, como a disseminação da eletricidade no final do século XIX, que, de certa forma, contribuíram para a criação do rádio e televisão. Sendo assim, a comunicação fez-se presente no mundo social, principalmente porque cada vez mais as informações começaram a circular. Os próprios autores afirmam que é difícil pensar em novas tecnologias e processos comunicacionais e ignorar o que eles chamam de ‘labirintos morais’ de antigos e novos dilemas sociais da liberdade e responsabilidade humana.

Portanto, acredita-se ser relevante tecer críticas à tecnologia, principalmente no que tange à relação humana deste uso, para, somente assim, chegar aos aspectos tecnológicos voltados à comunicação e jornalismo. Muito mais que uma inovação social, a tecnologia agrega questões filosóficas que estão presentes nesta relação. Com isso, aprofundar-se

teoricamente na narrativa filosófica sobre o uso da tecnologia no mundo social mostra-se útil para a presente pesquisa, que busca entender como o jornalismo está adaptando-se à IA atualmente.

## 2.1 PARTINDO DA TEORIA CRÍTICA DA TECNOLOGIA

Por muito tempo, no mundo moderno, a tecnologia foi vista como um instrumento para satisfazer necessidades humanas, sendo isenta de valores. Essa percepção, denominada de *instrumentalista*, é discutida por Andrew Feenberg (2015)<sup>13</sup> como a corrente filosófica em que “o controle humano e a neutralidade de valor se sobrepõem. [...] sendo uma característica proeminente da tendência dominante no pensamento ocidental até muito recentemente” (Feenberg, 2015, p. 6).

A filosofia *instrumentalista* é criticada pelo autor, por isso, ele reflete sobre a importância da tecnologia e a influência que ela tem atualmente, considerando estilos de vida, valores sociais e os contextos históricos - como a Grécia Antiga e o Estado Meiji japonês, que contribuíram para a definição de termos e conceitos predominantes na filosofia da tecnologia. De acordo com Feenberg (2015):

Agora nós nos movemos para além da utilidade no sentido estrito da pergunta quanto ao tipo de mundo e ao modo de vida que emerge em uma sociedade moderna. Na medida em que tal sociedade tem base tecnológica, os problemas que surgem nesse questionamento referem-se ao campo da filosofia da tecnologia. Nós precisamos nos entender hoje no meio da tecnologia e o conhecimento propriamente técnico não pode nos ajudar (Feenberg, 2015, p. 1-2).

Para compreender a tecnologia no mundo atual, o autor propõe reflexões que envolvem o conhecimento referente à finalidade, além de criticar a modernidade e o *instrumentalismo*. Logo, fala-se de uma *teoria crítica* da tecnologia. Desta forma, busca-se reconhecer o mal da tecnologia, que muito se discute no *substantivismo*<sup>14</sup>, porém ele “ainda vê uma promessa de maior liberdade” (Feenberg, 2015, p. 9). Ou seja, para Feenberg (2015), a tecnologia não é neutra, ao ser controlada por pessoas que possuem muita influência, seja ela no âmbito econômico ou político - flerte com o *instrumentalismo* -, mas está carregada de

<sup>13</sup> O autor discutiu a importância da filosofia da tecnologia em uma conferência, realizada em 2003 na Universidade de Tóquio. Anos mais tarde, suas falas foram traduzidas para o português com base em um texto publicado, em 2015, em inglês.

<sup>14</sup> De acordo com Feenberg (2015), o *substantivismo* corresponde ao “uso da tecnologia para esse ou aquele propósito, que seria uma escolha de valor específica em si mesma, e não só uma forma mais eficiente de compreender um valor pré-existente de algum tipo” (p. 7), mas que não vê potencial algum no seu uso.

valores, uma vez que a “tecnologia não molda só um modo de vida, mas muitos possíveis estilos diferentes de vida” (Feenberg, 2015, p. 10).

Neste sentido, a *teoria crítica* da tecnologia permite compreender que o ser humano se vê obrigado então a utilizar novas técnicas e ferramentas para agilizar a rotina e tornar-se produtivo, mas que isso ocorre mais devido à sociedade capitalista do que por vontade própria, justamente por atingir diretamente o desenvolvimento social. Desenvolvimento que Josgrilberg (2005) denomina como uma técnica social, responsável por uma dinâmica repleta de paradoxos (Josgrilberg, 2015, p. 2). E o jornalismo, por ser uma ciência social aplicada, faz parte desse sistema repleto de influências humanas e carregado de valores.

Por isso, não se pode excluir as hierarquizações presentes na sociedade, principalmente aquelas presentes em rede (Castells, 2000). Como afirma Josgrilberg (2015), mesmo que a sociedade em rede trate de um mundo mais globalizado, em que não se pode mais separar a *Rede* do *Ser* (Castells, 2000, p. 23), a tecnologia não é neutra, justamente por servir a alguém (Josgrilberg, 2015, p. 281). Josgrilberg explica melhor o desenvolvimento de uma sociedade tecnológica no trecho a seguir:

Toda tecnologia nasce dentro de uma organização social específica [...]. No caso da sociedade atual, os objetivos dos cientistas, as relações capitalistas, os discursos hegemônicos e as diversas estratégias de controle do espaço social orientarão o papel da novidade (Josgrilberg, 2015, p. 282).

De acordo com Castells (2000), o fim do segundo milênio foi marcado por diversas modificações sociais, que vão além das transformações tecnológicas e econômicas. É fato que, especialmente, as sociedades ocidentais são puramente capitalistas, porém elas também são informacionais, o que faz com que as comunicações simbólicas entre seres humanos e a natureza sejam baseadas na produção, experiência e poder, gerando “culturas e identidades coletivas” (Castells, 2000, p. 33). Se antes as relações entre as pessoas e grupos eram mais isoladas, atualmente tem-se a possibilidade de ter contato simultâneo com povos do outro lado do mundo, tudo através da internet, com o intuito de facilitar a comunicação. Entretanto, Castells (2000) afirma que a tecnologia não determina a sociedade, assim como:

Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive a criatividade e a iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo. Na verdade, o dilema do determinismo tecnológico é, provavelmente, um problema infundado, dado que a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas (Castells, 2000, p. 25).

Ao utilizar a *teoria crítica* da tecnologia, Josgrilberg (2015) também reflete sobre as relações que atingem a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), que podem ser vantajosas e desvantajosas ao mesmo tempo - processo que o autor denomina *civilizatório versus descivilizatório* (p. 285). Por isso, vale colocar em xeque ambos os lados das TICs, pois, ao mesmo tempo que a tecnologia reforça o processo de dominação dos grandes monopólios digitais - *big techs* -, ela também possibilita a presença de uma cibercultura (Lévy, 2000) e redes alternativas para movimentos sociais na internet (Castells, 2012).

Todavia, Josgrilberg (Josgrilberg, 2015, 2015) não se mostra tão otimista em relação aos movimentos alternativos que compõem as interações na internet. Para ele, mesmo que existam correntes alternativas na tecnologia da informação e comunicação, o domínio da sociedade capitalista prevalece. Por isso, de acordo com o próprio, “diante do reconhecimento de processos de tradução, mediações culturais ou de novos usos, é preciso pensar propositivamente formas de aumentar essa circulação de sentidos” (Josgrilberg, 2015, p. 286) que contribuam para o desenvolvimento da mídia, mesmo que através de processos tecnológicos.

## 2.2 SÉCULO XX: UM PERÍODO REPLETO DE INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS

O século XX foi marcado por criações tecnológicas que resultaram em uma era de difusão de meios. Afinal, como refletem Briggs e Burke (2006), a radiodifusão, por exemplo, também foi uma arma de guerra, considerando que a Alemanha Nazista, na época da Segunda Grande Guerra (1939-1945), controlava a maioria das estações europeias de transmissão, para promover propagandas que beneficiassem o nazismo e controlar as informações que circulavam sobre a época. Devido a isso, o resto do mundo estava carente de apurações reais, em que entram emissoras como a inglesa BBC, que, com o apoio do Ministério da Informação da Grã-Bretanha, “chegou a fazer transmissões em 45 línguas” (Briggs; Burke, 2006, p. 216) pela rádio para noticiar, de modo ágil, informações sobre a guerra.

No final desse mesmo século, houve o avanço da convergência entre as indústrias de mídias e telecomunicações, mas, principalmente, o avanço da era digital - termo que começou a ser utilizado após os anos de 1990 (Briggs; Burke, 2006, p. 267). Para os autores, “a digitalização [...], logo começou a ficar corriqueira, assim como o conteúdo global com que iria operar” (Briggs; Burke, 2006, p. 267). Da digitalização, surgiram termos como ‘interatividade’ que, a princípio, passou a impressão de que “as tecnologias novas tornaram possível opções individuais mais ricas sobre o que ver e ouvir - e de quando ver e ouvir.

Enquanto isso, as minorias passariam a ganhar influência quando somadas, sem levar em conta suas fronteiras” (Briggs; Burke, 2006, p. 268).

Entretanto, é válido também considerar que os 25 primeiros anos do século XXI não foram somente positivos na expansão dos processos de digitalização, havendo interferência direta, por exemplo, na modificação de funções jornalísticas. Principalmente ao considerar que algumas deixaram de existir ou se mesclaram com outras (Ghedini, 2024), devido aos “cortes nos orçamentos, o enxugamento das equipes dos veículos tradicionais de comunicação e a facilidade que a internet” (Vasconcelos, 2022, p. 66).

Das principais tecnologias que marcaram a segunda metade do século XX, pode-se citar os computadores, que passaram de instrumentos de trabalho para também ferramentas de lazer devido à transmissão de internet via satélite e cabos. Porém, tanto o computador como a internet só começaram a fazer parte da sociedade após ambos se tornarem de uso público. Por exemplo, entre 1993 e 1994, a rede de internet, que já existia desde a década de 1960 - período da Guerra Fria (1947-1991) -, mas que só podia ser utilizada para pesquisas acadêmicas e para atender interesses do governo dos Estados Unidos, passou a ser aberta para todos (Briggs; Burke, 2006). Com isso, novos aparelhos começaram a ser produzidos e consumidos, tornando o mundo mais globalizado e sedento por informações a todo instante.

Da década de 1990 até os dias atuais, diversos processos de produção e compartilhamento de conteúdos, principalmente jornalísticos, foram modificados. Segundo Lev Manovich (2012), este seria um longo processo de *softwareização* que levou a adaptações dos antigos formatos de mídia em novas técnicas para criar tanto conteúdo como novas interfaces para acessá-lo, permitindo uma criação de novos meios, que o autor considera como híbridos (Manovich, 2012, p. 148-149). Esse processo de criação dos novos meios também é denominado pelo autor como *metameio*, que usa meios já existentes, porém adaptados aos *softwares*.

Portanto, Manovich (2012) considera que “os desenvolvimentos da década de 1990 se espalharam por centenas de milhões de pessoas que estão escrevendo *blogs*, enviando fotos e vídeos para *sites* sociais e usando ferramentas de *software* de produção e edição gratuitas (ou quase) que há alguns anos custam dezenas de milhares de dólares” (Manovich, 2012, p. 4, tradução nossa)<sup>15</sup>. Mais uma vez, é possível compreender que o avanço tecnológico só ocorreu na sociedade devido à disponibilização de tais ferramentas às pessoas. Por isso, o autor

---

<sup>15</sup> Texto original: “Los avances de la década de 1990 están respaldados por cientos de miles de personas que crean blogs, suben fotos y vídeos a sitios sociales y utilizan herramientas de *software* de producción y edición gratuitas (o casi) que cuestan decenas de miles de dólares durante algunos años” (p. 4).

considera que o mundo vive uma espécie de *software* cultural, por ser utilizado entre diversas pessoas como forma de interações sociais, seja através da mídia ou pelo compartilhamento de informações (Manovich, 2012, p. 9).

### 2.2.1 Relação da tecnologia e dos meios de comunicação em um mundo *softwarizado*

Referente aos meios de comunicação, Manovich (2012) considera que atualmente os *softwares* fazem parte tanto da criação quanto da publicação de um conteúdo, pois “ferramentas computacionais para criar, compartilhar e interagir com mídia representam um grupo específico de aplicativos de *software* (incluindo aplicativos da *web*) em geral” (Manovich, 2012, p. 5, tradução nossa)<sup>16</sup>. Afinal, essas ferramentas “estão no centro da economia global, da cultura, da vida social e, cada vez mais, da política” (Manovich, 2012, p. 9, tradução nossa)<sup>17</sup>. Como Briggs e Burke (2006) destacam, a internet não é clímax para os meios de comunicação, como o jornalismo, mas sim a multimídia dos meios (Briggs; Burke, 2006, p. 305). Entretanto, de acordo com Manovich (2012), o processo de multimídia deu lugar à remixagem ou hibridação, sendo uma espécie de reconfiguração do universo de meios, porém mais profundo que a multimídia por unir diversas linguagens de meios, criando novas estruturas.

Diante da perspectiva construcionista sobre as inovações tecnológicas que culminam em transformações no jornalismo, devido à inserção das redes digitais, Franciscato (2014) realiza uma reflexão teórica e afirma que a “ciência e tecnologia são culturas socialmente construídas” (Franciscato, 2014, p. 1331). Sendo assim, o autor considera que a tecnologia afeta também a atividade jornalística, como evidencia o trecho a seguir:

A automatização se manifesta, por exemplo, na operação de ‘agentes inteligentes’, responsáveis por parte das operações jornalísticas de seleção, edição, produção e envio de informação, assim como em modos de apuração e processamento de informação online denominados de ‘mineração de dados’. Isto significa que pensar o jornalismo como fenômeno social hoje demanda a aproximação com novas áreas de conhecimento (particularmente das áreas tecnológicas e computacionais) tanto na compreensão dos fenômenos quanto na indicação de novas formas e experiências possíveis (Franciscato, 2014, p. 1332).

Neste sentido, Franciscato (2014) defende a consolidação de novas atividades jornalísticas que sejam implementadas na prática - algo que percebe-se já ter sido feito - e

<sup>16</sup> Texto original: “Herramientas computacionales para crear, compartir e interactuar con medios representan un grupo específico de aplicaciones de software (incluidas las aplicaciones *web*) en general” (p. 5).

<sup>17</sup> Texto original: “Están en el centro de la economía global, la cultura, la vida social y, cada vez más, la política”. (p. 9).

disciplinas que discutam a relação do jornalismo com a tecnologia digital - caso do *Webjornalismo* e Jornalismo Digital. Portanto, o autor enfatiza que as inovações tecnológica, organizacional e social agem de modo diferente, porém com um mesmo objetivo, o de destacar que a profissão e os profissionais, ao utilizarem cada vez mais a tecnologia digital, “alimentam cotidianamente a sociedade com um fluxo noticioso sobre o mundo, constroem, reforçam e modificam processos sociais e culturais” (Franciscato, 2014, p. 1337). Sendo, muitas vezes, diferentes dos processos de comunicação realizados para jornais impressos ou para o rádio, como pontuam Briggs e Burke (2006), por exemplo.

O que se precisa ter em mente é que a tecnologia molda, tanto a sociedade como as rotinas produtivas de profissões semelhantes ao jornalismo. Por isso, Franciscato (2014) considera a inovação social como uma dimensão relevante ao campo jornalístico, considerando que esta inovação “permite identificar de que maneira fatores tecnológicos vêm transformando os modos de fazer jornalismo, como a digitalização dos processos e produtos jornalísticos e a presença e formas de participação das organizações [...], bem como novas formas de interação com a sociedade” (Franciscato, 2014, p. 1135). Neste sentido, a presente pesquisa busca aprofundar-se nesta relação da tecnologia com o jornalismo, considerando aspectos da convergência e pós-convergência, para afirmar que os elementos tecnológicos fazem parte da profissão, uma vez que existe uma necessidade constante de adaptação, como é o caso atual do uso crescente de IA nas redações jornalísticas.

## 2.3 CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA: UMA RELAÇÃO MUITO MAIS QUE TECNOLÓGICA

Compreende-se, com base nos argumentos tensionados até este ponto da pesquisa, que a tecnologia faz parte da sociedade, assim como está totalmente inserida no jornalismo. A interação entre a tecnologia e a profissão tornou-se mais notável com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, por meio de aparelhos tecnológicos - como o rádio e a TV - que marcaram o século XX (França, 2020), mas principalmente, também, pelo processo de convergência tecnológica. Sendo um dos estudos que busca tratar a relação da profissão com a convergência, os autores Salaverría, Avilés e Masip (2010) dão um significado para o processo, visto que a concepção teórica não se resume ao impacto comunicacional da tecnologia digital, por tratar também de ambientes como o industrial, mercadológico, de gênero e de audiências.

Para eles, essa convergência é “mais do que um fenômeno estático ou o destino final de alguma transformação, na realidade faz referência a um processo” (Salaverría; Avilés; Masip, 2010, p. 43, tradução nossa)<sup>18</sup>, seja ele tecnológico, empresarial ou profissional. Os autores ainda destacam que as discussões acadêmicas sobre convergência nos meios de comunicação começaram a ser apresentadas no final da década de 1970, porém só ganharam destaque no final da década de 1990, devido às mudanças enfrentadas pelos veículos jornalísticos por causa da tecnologia digital.

Entretanto, Briggs e Burke (2006) revelam que a aplicação da convergência na comunicação deu seus primeiros passos na década de 1980, por conta do “desenvolvimento tecnológico digital, à integração de texto, números, imagens, sons e diversos elementos na mídia” (Briggs; Burke, 2006, p. 266), que antes eram examinados em separado. De lá para cá, a convergência jornalística passou por diversas evoluções também teóricas, sendo as principais modalidades: 1) como produto; 2) como sistema; 3) como processo (Briggs; Burke, 2006).

De modo geral, Salaverría, Avilés e Masip (2010) explicam que a convergência jornalística enquanto produto é reduzida à tecnologia, tratando da multimidialidade entre meios, além de acreditar no desaparecimento das fronteiras tradicionais de comunicação (p. 45). A segunda modalidade trata de um aspecto instrumental, onde diversas esferas se interconectam e se influenciam, tendo como influência teórica os estudos de Jenkins (2006), em que o autor apresenta cinco ‘áreas’ da convergência, sendo: 1) tecnológica, 2) econômica, 3) social ou orgânica, 4) cultural, 5) global (p. 46). E a última evolução trata da convergência jornalística como um processo que, conforme os autores, tem como meta a interação.

Para Salaverría, Avilés e Masip (2010), o conceito de convergência jornalística deve abarcar as múltiplas esferas da profissão que, antes da inovação tecnológica digital, atuavam de modo separado. Dessa forma, os autores refletem que todo o sistema jornalístico, do empresarial ao produto final, é atingido pela convergência. Portanto, eles definem que:

A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitado pela implementação generalizada de tecnologias digitais de telecomunicações, afeta o campo tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, promovendo uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens previamente desagregadas, para que os jornalistas criem conteúdos que sejam distribuídos em múltiplas plataformas, usando a própria linguagem de cada uma (Salaverría; Avilés; Masip, 2010, p. 59, tradução nossa)<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Texto original: “más que un fenómeno estático o el destino final de alguna transformación, en realidad se refiere a un proceso” (p. 43).

<sup>19</sup> Texto original: La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implementación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicaciones, incide en el ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, promoviendo una integración de

Do conceito de convergência jornalística, destacam-se outros debates que estão presentes na profissão diante do que diz respeito a uma prática voltada mais ativa digitalmente, que inclui mudanças significativas no quesito de distribuição de conteúdo jornalístico, em diversas plataformas e formatos. Afinal, desde o século XX, a convergência trouxe novas possibilidades comunicacionais ao jornalismo, devido aos novos formatos que foram sendo inseridos no meio social.

Ainda de acordo com Salaverría, Avilés e Masip (2010), “a comunicação em torno da convergência dos meios se caracteriza pela imediatez, multimidialidade, interatividade, participação, aprofundamento, estrutura não linear e pela personalização” (Salaverría; Avilés; Masip, 2010, p. 58, tradução nossa)<sup>20</sup>. Dessa forma, um único material jornalístico pode ser disseminado em diversos meios de comunicação, considerando tipificações de linguagens apropriadas e os públicos que estão presentes em cada mídia.

Entretanto, autores como Ramírez (2020) e Fagerjordam (2010) afirmam que o conceito de convergência deixou de ser atual para a mídia e o jornalismo há umas duas décadas, considerando que “a convergência enfatiza a nostalgia pela mídia em vez da elaboração de uma ontologia do digital, pois sua lógica intrínseca é discernir como os objetos e práticas midiáticas adentram o domínio do digital, o lugar da convergência” (Ramírez, 2020, p. 12, tradução nossa)<sup>21</sup>. Assim como Santaella (2007), Fagerjordam (2010) acredita que o processo pós-convergência trata de uma *remixagem*, por contribuir com o processo de comunicação digital que refere-se ao ato de “copiar e criar”.

Afinal, não aborda-se exclusivamente a interferência do meio em um processo comunicacional, mas, também, as mídias que estão, cada vez mais, tomadas por produtores de conteúdos digitais que podem, facilmente, confundir-se com conteúdos de viés jornalístico. Se antes o jornalismo tinha preocupações em diferenciar-se da história (Peucer, 2004), atualmente, ele precisa que os conteúdos noticiosos estejam mais evidentes que uma *trend*,

---

herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes previamente desagregados, para que los periodistas creen contenidos que se distribuyan en múltiples plataformas, utilizando el lenguaje de cada uno (p. 59).

<sup>20</sup> Texto original: “La comunicación en torno a la convergencia de los medios se caracteriza por la inmediatez, la multimedialidad, la interactividad, la participación, la estructura profunda y no lineal y la personalización” (p. 58).

<sup>21</sup> Texto original: “Convergence places its emphasis on nostalgia for media instead of the elaboration of an ontology of the digital, as its inherent logic is to discern how media objects and practices enter the realm of the digital, the place of convergence” (Ramírez, 2020, p. 12).

realizada no *TikTok*<sup>22</sup>, por *influencers* que não se preocupam em informar de modo ético e credível - como deve ser com o jornalismo.

## 2.4 AS ADAPTAÇÕES DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS NA PÓS-CONVERGÊNCIA

Para compreender melhor a inserção da tecnologia no jornalismo, considera-se pertinente tratar da discussão sobre pós-convergência, uma vez que este conceito trata de processos que atingem diretamente a evolução do processo comunicacional nas últimas décadas, como as *webs 1.0*, *2.0*, *3.0*, até chegar à era *4.0*, descrita por Guimarães e Rocha (2021), a *web* pragmática. Para as autoras, “algumas de suas ferramentas paradigmáticas são: implementação da voz como uma maneira de intercomunicação através da compreensão da linguagem natural; interligação de objetos diferentes com acesso às redes (Internet das Coisas - Internet of Things - IoT), com trocas de dados entre eles, visando ações no ambiente” (Guimarães; Rocha, 2021, p. 6). Ramírez (2020) também denomina esta fase como *web OS*, por ser uma *web* com sistema operacional, o que significa que a humanidade é dependente do digital.

Ao considerar a exposição do tópico anterior, pode-se enfatizar que a forma como um conteúdo jornalístico é produzido deve ser pensada, completamente, para o meio digital, fazendo parte de um ecossistema digital (Motta, 2024). Afinal, através da evolução tecnológica, surgiu “um novo paradigma comunicativo que introduziu novas técnicas de comunicação no cenário mercadológico, voltadas à disseminação de conteúdos veiculados por meio de portais de notícias, blogs, vídeos, podcasts e mídias sociais” ((Motta, 2024, p. 31). Dessa forma, conteúdos, vozes, pensamentos e informações são globalizados. Pois, como Ramírez (2020) apresenta, os conceitos de *hipermediação*, *biodigitalidade*, *hiperconectividade* e *hipersimulação* explicam como funciona, de modo geral, o processo de uma ecologia midiática pós-convergência, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1 - Conceitos que explicam o processo da ecologia midiática pós-convergência

(continua)

|                      |                                                  |
|----------------------|--------------------------------------------------|
| <b>HIPERMEDIAÇÃO</b> | “Implica a capacidade de acessar a realidade com |
|----------------------|--------------------------------------------------|

<sup>22</sup> Refere-se aos vídeos curtos que estão em evidência no aplicativo, sendo conhecido como conteúdo ‘viral’, que é ideal para monetizar e que, na maioria das vezes, contém milhares de likes, comentários e compartilhamentos entre os usuários.

(conclusão)

|                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                            | o suporte integrado de sistemas de informação digital semânticos” (p. 19), em que dados são fáceis de interpretar por qualquer pessoa, devido aos aparelhos tecnológicos que fazem parte do cotidiano.                                                                                                                        |
| <b>BIODIGITALIDADE</b>     | “Aponta para a fusão entre o corpo e o <i>nanohardware</i> , criando a possibilidade de uma conexão virtual permanente” (p. 19), por ter acesso a informações sobre o corpo e dados da pessoa.                                                                                                                                |
| <b>HIPERCONNECTIVIDADE</b> | Trata de “trocas constantes e contínuas entre sistemas internos e externos e na organização de redes de informação, como a <i>web</i> em locais do dia a dia” (p. 20), não dependendo de um ponto fixo que contenha acesso à internet, uma vez que diversos locais e meios possuem acesso a uma rede <i>wi-fi</i> atualmente. |
| <b>HIPERSIMULAÇÃO</b>      | “A realidade biológica e as realidades virtuais, baseadas em simulações perfeitas do mundo conhecido, coincidiriam em formas orgânicas e não lineares” (p. 20), em que a sociedade para estar em um teatro a todo instante, uma vez que compartilha apenas um recorte da realidade.                                           |

Fonte: Ramírez, 2020.

Ao considerar tais conceitos propostos por Ramírez (2020), entende-se que o processo de consumo e produção de informação é ditado pelo meio digital, por sistemas operacionais, tecnológicos e pela realidade virtual, onde, o que não viraliza não vale a pena ser discutido. Com isso, diversos conteúdos são produzidos a todo instante, gerando uma noção de espaço-tempo que, por exemplo, um jornalista não consegue alcançar, pois a nova realidade da profissão exige que ele seja ágil, certo e, por que não, blogueiro? Por isso, Motta (2024) afirma que abordar o conceito de pós-convergência ajuda a compreender as relações da sociedade entre processos humanos e não-humanos.

Outro motivo pelo qual é preciso avançar nos estudos da comunicação para uma teoria da pós-convergência, relaciona-se com características das tecnologias digitais atuais, das quais destacam-se o volume estratosférico de dados gerados pelas plataformas atualmente, o desenvolvimento de *softwares*, algoritmos, técnicas da computação com estruturas de organização de dados complexas e interfaces humano-máquina acionadas por inteligências artificiais (Motta, 2024, p. 48).

Mais uma vez, argumenta-se que a inserção de técnicas e tecnologias no jornalismo consiste em um processo constante na profissão, assim como a adaptação do jornalista cada vez que uma nova ferramenta tecnológica é apresentada ao mundo sob a ameaça de extinguir a sua função. Foi assim com o rádio, com a TV, com computador, com as redes sociais digitais e está sendo assim com a IA. Sabe-se que a Inteligência Artificial não é uma tecnologia recente - questões que serão abordadas no capítulo a seguir -, mas o seu uso ganhou grandes proporções após diversas ferramentas e programas tornarem-se de uso público, principalmente a Generativa. Consequentemente, o jornalismo também passou a utilizar a IAG para trabalhos dentro da redação.

#### 2.4.1 IA dentro do escopo de ferramenta jornalística

Durante o processo de elaboração desta pesquisa, parte-se da ideia de que a profissão utiliza ferramentas para agilizar a rotina e tornar-se produtiva, mas que isso ocorre mais devido às exigências e imposições colocadas pela sociedade capitalista do que por uma escolha individual. Assim, entram tecnologias como a Inteligência Artificial (IA), que pode ser vista pelo jornalista contemporâneo como um suporte na possibilidade de automatizar tarefas e demandas da profissão.

Canavilhas (2025) apresenta, em uma de suas pesquisas, por exemplo, como as distribuições de informações foram mudando seus meios e formatos conforme os avanços tecnológicos. Inicialmente, “distribuída em átomos, a informação jornalística circula agora em *bits* nas autoestradas da informação, chegando aos consumidores em suportes digitais que permitem um consumo instantâneo, personalizado e contextualizado” (Canavilhas, 2025, p. 2). Conforme a circulação foi se modificando, as exigências de elaboração de notícias mais acessíveis e personalizadas cresceram nos mercados editoriais do jornalismo.

Não se ignora o fato de que a IA é uma tecnologia ou, até mesmo, um agente (Harari, 2024, p. 21), afinal, como descreve Kaufmann (2021), ela é um modelo estatístico de probabilidade. Por tecnologia, entende-se que a IA é, portanto, “como a linguagem ou a química: não um conjunto de entidades e práticas independentes, mas um conjunto de partes para combinar e recombinar” (Suleyman; Bhaskar, 2025, p. 77). Todavia, diversas profissões, como o jornalismo, utilizam-na para acelerar processos, demandas e criar conteúdos, por meio de ferramentas que utilizam seja do recurso preditivo ou generativo da IA. Como bem refletem Suleyman e Bhaskar (2025) sobre a promessa da tecnologia:

É melhorar vidas, com os benefícios superando em muito os custos e as desvantagens. [...] Os riscos tecnológicos nos levam a um território incerto. [...] Aqueles que ignoram a catástrofe estão ignorando os fatos objetivos à nossa frente. Afinal de contas, não estamos falando da proliferação de motocicletas ou máquinas de lavar (Suleyman; Bhaskar, 2025, p. 259).

Logo, não deve-se negar que a IA, principalmente a IAG, vive um processo de consolidação para modificar rotinas produtivas. O tópico deixou de ser a não utilização da IA desde 2024, principalmente depois que os principais veículos, sejam do Brasil ou do mundo, impuseram limites sobre o uso de IA na produção jornalística, mas não negaram a inserção da tecnologia dentro das redações. Por isso, esta pesquisa centra-se em compreender como a profissão tem se adaptado a mais uma tecnologia, por meio de Políticas Editoriais de Uso de IA publicadas por alguns jornais brasileiros.

Com isso, este estudo alerta que a profissão deve, também, encarar a IA como “ferramenta jornalística e, como tal, deve obedecer à ética e profissionalismo jornalístico. Essas regras devem ser incorporadas na ‘identidade’ das ferramentas de IA aplicáveis ao jornalismo” (Obercom, 2021, p. 23). Para que assim a sociedade entenda que elas devem ser supervisionadas por pessoas e não serem vistas unicamente como “agentes independentes e, potencialmente, até mesmo novos tipos de deuses” (Harari, 2024, p. 399). Afinal, endeusar uma tecnologia é taxá-la como uma potência positiva, visto que “a IA é tão valiosa quanto perigosa precisamente porque é uma extensão do que temos de melhor e de pior” (Suleyman; Bhaskar, 2025, p. 263). O próximo capítulo compromete-se a estruturar melhor o debate sobre a criação da IA, até chegar nos modelos atuais e, principalmente, fundamentos utilizados por esta tecnologia que estão sendo cotidianamente inseridos no jornalismo contemporâneo, por meio de processos de elaboração de conteúdos, sejam eles métricos, informativos ou midiáticos.

### 3 JORNALISMO NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Para dar conta de tanto trabalho e pressão por números de visualizações, os jornalistas acabam rendendo-se ao processo de automatização das funções, em que, na maioria dos casos, são executadas pela Inteligência Artificial Preditiva e/ou Inteligência Artificial Generativa (IAG). Além de adaptar-se ao conteúdo digital, agora o jornalismo necessita driblar questões que interferem no cotidiano do trabalho, como o crescente uso de recursos oriundos da IA por jornalistas nas redações, colocando em xeque a credibilidade jornalística. Para além da profissão que busca manter uma sociedade informada, o jornalismo contemporâneo disputa espaço com conteúdos criados exclusivamente para as redes sociais digitais, como *Instagram* e *TikTok*. Como abordado no primeiro capítulo da dissertação, nota-se que o jornalista não está na zona de conforto há tempos, entretanto, o processo de digitalização contribuiu expressivamente para uma adaptação forçada e, muitas vezes, conflituosa ao jornalismo.

Este capítulo busca tratar da relação entre IA e jornalismo, considerando os principais conceitos sobre essa tecnologia que foi inserida à rotina jornalística. Mas, antes de entrar na discussão teórica sobre a relação da prática jornalística com a IA, mostra-se necessário abordar o que é IA e as principais questões históricas que envolvem esta tecnologia. Engana-se quem acha que o debate sobre IA é algo atual. Muito pelo contrário, os primeiros registros científicos remetem à década de 1950, e partiram do homem, que é considerado o ‘pai da computação’, Alan Turing.

Ao tratar, brevemente, sobre a história da IA, Barbosa e Bezerra (2020) revelam que “embora o desejo de superar as limitações humanas a partir de artefatos externos ao corpo humano possua registros desde a Antiguidade, a Inteligência Artificial, propriamente dita, é um produto da segunda metade do século XX” (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 92). As autoras referem-se, especificamente, ao período da Segunda Guerra Mundial, mesmo período em que surgiram os primeiros desenvolvimentos do computador, realizados por Turing. Kaufman (2018) aborda em seu livro *A Inteligência Artificial irá suplantar a inteligência humana?* que, alguns historiadores da ciência da computação, consideram que Turing também esboçou a IA, devido ao seu artigo *Computing Machinery and Intelligence*, de 1950. Segundo a autora, o ‘pai da computação’ empenhou-se em provar que “seria possível construir uma máquina capaz de simular a inteligência” (Kaufman, 2018, p. 25).

Vale destacar que o termo *Inteligência Artificial* surgiu seis anos após Turing realizar o teste com uma máquina (computador), ao questionar se ela poderia gerar informações igual a um humano. Durante o processo, o cientista da computação revelou com o teste que “o que

se comporta como inteligente é inteligente, a sugestão implícita [...] é que a inteligência é comportamento inteligente e não uma matéria especial” (Miguens, 2020, p. 111). No decorrer de seus estudos, Turing (1950) detalhou o que ele considerava como máquina, que, neste caso, era geralmente chamado de ‘computador eletrônico’ ou ‘computador digital’<sup>23</sup> (Turing, 1950, p. 436). A partir dessa definição, o pesquisador resolveu denominar os humanos como ‘computador humano’, considerando que ele trabalhou com a relação entre máquinas e pessoas.

Turing vai além, quando considera que a máquina busca entregar uma resposta, não importando se ela está certa ou errada. Para o pesquisador, ao tentar jogar o jogo da imitação - o teste que ele submete à relação entre a máquina e um humano, para que no final o humano passe a acreditar que uma máquina possa responder igual a ele - a máquina passa a ser questionada se consegue imitar um humano por meio das respostas que fornece a um interrogador. Repare que a questão central não é categorizar a máquina como um humano por completo, afinal, o próprio Turing (1950) considera que um ‘computador digital’ não possui alma, porém pode sim carregar opiniões, uma vez que ele foi programado por um humano que possui ideias. Entretanto, ele não julga algo como um humano. Como Turing disserta:

No processo de tentar imitar uma mente humana adulta, somos obrigados a pensar bastante sobre o processo que a levou ao estado em que se encontra. Podemos observar três componentes: a) O estado inicial da mente, por exemplo, no nascimento; b) A educação à qual ele foi submetido; c) Outras experiências, que não podem ser descritas como educação, as quais ele foi submetido (Turing, 1950, p. 455, tradução nossa)<sup>24</sup>.

Em outras palavras, um computador possui limites no que tange a tentar retratar uma mente humana adulta. Para Turing (1950), talvez uma máquina consiga reproduzir uma mente infantil, mas dependerá da capacidade de armazenamento que ela vai possuir. Algo que antes parecia tão irreal e distante, atualmente é uma realidade, considerando que existem computadores digitais que respondem, tentam argumentar e, muitas vezes, alucinam em seus diagnósticos, mas que não, ainda não possuem alma, sentimentos e consciência própria. Neste artigo, Turing já realizava uma discussão sobre o sistema de rede neural, entretanto comparando-o com o sistema nervoso que, para ele, “certamente não é uma máquina de

<sup>23</sup> O próprio Turing aborda em seu artigo de 1950 o conceito de ‘computador digital’, uma vez que ele é antigo, sendo proposto por Charles Babbage, “professor lucasiano de matemática em Cambridge de 1828 a 1839, planejou uma máquina desse tipo, chamada Analytical Engine” (Turing, 1950, p. 439).

<sup>24</sup> Texto original: In the process of trying to imitate an adult human mind, we are obliged to think very carefully about the process that has brought it to the state it is in. We can look at three components: a) The initial state of the mind, for example at birth; b) The education to which it has been subjected; c) Other experiences, which cannot be described as education, to which it has been subjected (Turing, 1950, p. 455).

estado discreto. [...] Não se pode esperar que seja possível imitar o comportamento sistema nervoso com um sistema de estado discreto” (Turing, 1950, p. 451, tradução nossa)<sup>25</sup>.

Conforme o livro *Inteligência Artificial: uma abordagem moderna*, de Russell e Norvig (2010), a gestação da IA também teve a contribuição de Warren McCulloch e Walter Pitts. Em 1943, unindo questões fisiológicas de um cérebro humano com a teoria da computação de Turing, eles “propuseram um modelo de neurônios artificiais em que cada neurônio é caracterizado como sendo ‘ligado’ ou ‘desligado’, com uma mudança para ‘ligado’ ocorrendo em resposta à estimulação por um número suficiente de neurônios vizinhos” (Russell; Norvig, 2010, p. 16, tradução nossa)<sup>26</sup> e que essas redes poderiam aprender por meio desses estímulos. Em 1951, Marvin Minsky criou a primeira máquina de rede neural artificial, a *Stochastic Neural Analog Reinforcement Calculator (SNARC)*. De acordo com Barbosa e Bezerra (2020), a máquina “operava por meio do sistema operacional DOS<sup>27</sup>, e usando componentes analógicos e eletromecânicos, 40 neurônios foram feitos e conectados em uma rede, onde cada neurônio foi projetado usando um capacitor para memória de curto prazo e um potenciômetro para memória de longo prazo” (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 94). E assim, baseando-se no *Teste de Turing*, Minsky deu o primeiro passo para uma máquina aprender a pensar como um humano, mas começando pela fase infantil e depois aperfeiçoando-a, como a mente de uma pessoa adulta.

Como Russell e Norvig (2010) contextualizam, John McCarthy foi o idealizador do termo *Inteligência Artificial*, após convencer Minsky, Claude Shannon e Nathaniel Rochester a ajudá-lo a realizar um projeto de verão, com a duração de dois meses, convocando interessados em teoria de autômatos, redes neurais<sup>28</sup> e estudo da inteligência. Neste processo, eles se propuseram a “descobrir como fazer as máquinas usarem a linguagem, formarem abstrações e conceitos, resolverem tipos de problemas agora reservados aos humanos e se aprimorarem” (McCarthy *et al.*, 1955, n. p., tradução nossa)<sup>29</sup>. O *workshop* de Dartmouth - como Russell e Norvig (2010) mencionam - não gerou nenhuma nova descoberta, porém

<sup>25</sup> Texto original: “is certainly not a discrete-state machine. [...] It cannot be expected that it will be possible to imitate the behavior of the nervous system with a discrete-state system” (1950, p. 451).

<sup>26</sup> Texto original: “proposed a model of artificial neurons in which each neuron is characterized as being either ‘on’ or ‘off’, with a switch to ‘on’ occurring in response to stimulation by a sufficient number of neighboring neurons” (Russell; Norvig, 2010, p. 16).

<sup>27</sup> Sistema operacional que coordena o *hardware*, permitindo que a Unidade Central de Processamento (CPU) do computador comunique-se com todas as demais partes (Brasil Escola, s.d.). Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/informatica/ms-dos.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Veja mais sobre "Sistema Operacional DOS" em: <<https://brasilescola.uol.com.br/informatica/ms-dos.htm>>.

<sup>28</sup> De acordo com Kaufman e Santaella (2020), “as redes neurais são funções matemáticas biologicamente inspiradas, formadas por neurônios artificiais que interagem entre si” (p. 4).

<sup>29</sup> Texto original: “to discover how to make machines use language, form abstractions and concepts, solve types of problems now reserved for humans, and improve themselves” (McCarthy *et al.*, 1955, n.p.).

serviu para conceituar a IA e colocá-la em um campo separado na ciência da computação, considerando que ela é a única a “tentar construir máquinas que funcionarão de forma autônoma em ambientes complexos e mutáveis” (Russell; Norvig, 2010, p. 18, tradução nossa)<sup>30</sup>.

### 3.1 TRILHANDO UMA LINHA DO TEMPO PARA A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

De modo mais geral, os anos de 1950 mostraram-se os mais precursores no sentido de definir a base da IA. Por exemplo, em 1957, Frank Rosenblatt apresentou o *Perceptron*, sendo um “algoritmo que se configurava em uma rede neural de uma camada, sendo capaz de classificar resultados” (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 94), podendo ser considerado uma das primeiras IA Preditivas do mundo - conceito que será melhor definido a seguir. Um ano depois, em 1958, surgiu a linguagem de programação *Lisp*, “que na época virou padrão em sistemas de IA” (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 94). No ano seguinte, o termo *machine learning* (ML)<sup>31</sup> foi usado pela primeira vez pelo estadunidense, Arthur Lee Samuel, pioneiro no campo de jogos de computador e IA (Kaufman, 2018, p. 27).

Ainda com base na linha do tempo traçada por Barbosa e Bezerra (2020), em 1964 surgiu a *Eliza*, desenvolvida por Joseph Weizenbaum, que foi o “primeiro *chatbot* da história, que se baseando em palavras-chave e estrutura sintática conversava de forma automática imitando uma psicanalista” (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 95). Porém, segundo as autoras, a IA só veio a ganhar notoriedade e a ser mais desenvolvida na década de 1990, devido a difusão da internet comercial, sendo assim até os dias de hoje - considerando o *boom* das IA Generativas, após o uso liberado de ferramentas como *ChatGPT*, da *OpenAI*.

Os avanços notáveis da IA chamaram a atenção do mundo quando em uma partida de xadrez homem X máquina, o campeão soviético Garry Kasparov foi derrotado em uma das rodadas pelo computador *Deep Blue*, da *IBM*. Embora notável, os avaliadores da experiência não classificaram o computador vitorioso como inteligente, mas sim como um artefato capaz de armazenar e memorizar mais informações (milhares de lances), o que facilitou sua performance (Barbosa; Bezerra, 2020, p. 95).

<sup>30</sup> Texto original: “tentar construir máquinas que funcionarão de forma autônoma em ambientes complexos e mutáveis” (Russell; Norvig, 2010, p. 18).

<sup>31</sup> Segundo Barbosa e Bezerra (2020), o termo *machine learning* é um sistema que possibilita os computadores a aprender alguma função sem, necessariamente, serem programados para aprender exatamente aquilo, somente utilizando a introdução de dados em um algoritmo, para que a máquina aprenda a executar automaticamente uma tarefa (p. 94-95).

Já nos anos 2000, a IA começou a ser aplicada em carros autodirigíveis, o que gerou uma preocupação social sobre a segurança e mercado de trabalho. A partir de 2008, foram intensificados os estudos sobre as assistentes virtuais, como a *Siri*, da *Apple*, de 2011, e em 2012, o *Google* começou a treinar os algoritmos, propondo-se a reconhecer gatinhos em vídeos do *YouTube* (Barbosa; Becerra, 2020, p. 95), utilizando do padrão de repetição e reconhecimento do *deep learning* para encontrar estilos nos conteúdos que circulam na internet, por meio de redes neurais com o objetivo de processamento de dados.

Destaca-se que, o *deep learning*, subárea do *ML*, “foi concebido na década de 1980, concretizado a partir de 2010-2012 com o crescimento exponencial dos dados, e a maior capacidade computacional - *GPUs* (*Graphic Processing Unit*) e computação em nuvem -, que reduz o tempo de treinamento dos algoritmos” (Kaufman; Santaella, 2020, p. 4). Toda essa contextualização histórica serve para compreender, de modo abrangente, o que de fato é Inteligência Artificial (IA) que, para Kaufman (2018) diz respeito a um campo próprio:

De conhecimento associado à linguagem e à inteligência, ao raciocínio, à aprendizagem e à resolução de problemas. A IA propicia a simbiose entre o humano e a máquina ao acoplar sistemas inteligentes artificiais ao corpo humano (prótese cerebral, braço biônico; células artificiais, joelho inteligente e similares), e a interação entre o homem e a máquina como duas ‘espécies’ distintas conectadas (homem-aplicativos, homem-algoritmos de IA) (Kaufman, 2018, p. 23).

Com base neste conceito, pode-se refletir sobre a Teoria Ator-Rede (ANT), de Bruno Latour (2012), que, inicialmente, foi apresentada em 1980, com base em uma teoria social alternativa apresentada pelo sociólogo e criminologista francês, Gabriel Tarde<sup>32</sup>. A ANT considera que todo o tipo de inovação, sendo ela de fatores humano e não-humano, se modifica por estar relacionada uma à outra (Latour, 2012, p. 45). O autor defende os estudos da sociologia de associações - ou como ele denomina: *associologia* - que tende a reagregar o social e associá-lo a outros elementos, para compreender a ‘realidade’ ignorada. Ou seja, segundo Latour (2012), “se o social permanece estável e consegue justificar um estado de coisas, não é ANT” (Latour, 2012, p. 30).

Devido ao fato de o mundo ser um emaranhado de situações, culturas, tecnologias, entre outras situações completamente confusas, a ANT não quer transformá-lo ou estabilizá-lo, mas sim interpretá-lo. Algo que, de certa forma, ocorre entre a relação da sociedade com o uso disseminado de ferramentas de IA, uma vez que, por exemplo, essa interação causa mudanças, seja no modo de realizar uma tarefa ou produzir algum conteúdo

---

<sup>32</sup> Latour (2012) considera Tarde o verdadeiro precursor dessa discussão, devido à conexão que ele faz entre o social, a história e a sociologia da ciência (Latour, 2012, p. 35).

específico. Entretanto, deve-se entender que a ANT não trata da relação sob medida entre humanos e não-humanos. Como o próprio Latour (2012) deixa claro no trecho a seguir:

A ANT não é - repito: não é - a criação de uma absurda “simetria entre humanos e não humanos”. Obter simetria, para nós, significa não impor a priori uma assimetria espúria entre ação humana intencional e mundo material de relações causais. Existem divisões que não devemos ultrapassar, superar, reduzir dialeticamente (Latour, 2012, p. 114).

Não é por acaso que a ANT procura tratar das controvérsias entre os fatores e, mais uma vez, não para resolvê-las, mas entendê-las, como é o caso do conceito sobre IA e a relação que esta tecnologia possui com as pessoas, diante da percepção de Kaufman (2018). Por isso, entende-se ser relevante estudar a percepção sobre IA na sociedade como um todo, visto que “a Inteligência Artificial é o mais recente *hype* tecnológico, inclusive na academia. Sob a influência de narrativas ficcionais catastróficas/apocalípticas, por um lado, e discursos sensacionalistas/inflacionados [...], por outro lado, a distinção rígida entre fato e ficção se torna turva” (Vilaça *et al.*, 2024, p. 3). A partir desses estudos, os debates sobre a funcionalidade de ferramentas de IA são tensionados, com o intuito de compreender percepções, tanto positivas como negativas.

Dessa forma, a presente pesquisa envolve uma abordagem multidisciplinar, afinal, a IA parte do campo da Ciência da Computação, mas interage com as demais áreas, como a Comunicação e Jornalismo. A própria Kaufman (2018) afirma que “os algoritmos de IA estão presentes no nosso cotidiano. Parte do sucesso da *Netflix* está em seu sistema de personalização, em que algoritmos analisam as preferências dos usuários” (Kaufman, 2018, p. 51).

### 3.2 O BOOM DO CHATGPT NO CENÁRIO DA IA

De *machine learning* a *deep learning*, atualmente, o debate também está centrado nos *large language models (LLMs)*, principalmente após o lançamento público do *ChatGPT*, em 30 de novembro de 2022, do *Gemini* do *Google*, que foi lançado em julho de 2023 como *Bard* e atualizado em dezembro do mesmo ano, e, agora, por conta do chinês *DeepSeek*, divulgado em janeiro de 2025. Para Vilaça *et al.* (2024), os modelos de *LLMs* não são tão novos, entretanto, a evolução na pesquisa de Processamento de Linguagem Natural (PLN) e o acesso a *hardware* contribuem diariamente para o avanço desse modelo de linguagem de IA, permitindo que as respostas sejam mais precisas e interpretativas.

Outro aspecto que se mostra pertinente refletir é a discussão sobre a IA ser uma inteligência ‘artificial’. Ao tensionar o debate utilizando os conceitos de ‘extensão humana’<sup>33</sup> de Marshall McLuhan e, sobretudo, da ideia de ‘conectividade’<sup>34</sup> de Massimo Di Felice, Borges Júnior, Eli Borges Júnior (2024) busca responder se a IA seria realmente uma inteligência. Parte-se do pressuposto de que, se McCarthy *et al.* (1956) consideram como IA uma máquina que, assim como a mente humana, “usa a linguagem como meio de lidar com fenômenos complicados” (Borges Júnior, 2024, p. 7, tradução nossa)<sup>35</sup>, logo, pode-se considerar que “uma inteligência seria, então, descrita como ‘artificial’ porque ofereceria certos resultados cuja pretensa origem não seria ‘natural’: tratar-se-ia, assim, de algo não espontâneo, mas ‘produzido’, algo não genuíno e, em última instância, não verdadeiro” (Borges Júnior, 2024, p. 9).

Todavia, é justamente devido a tal naturalidade que a IAG, por exemplo, busca apresentar respostas originais, dinâmicas e desenvolver um diálogo aberto ao debate - dentro das limitações do aprendizado de máquina. Ao seguir a lógica do debate proposto por Borges Júnior (2024), ao considerar que a ‘inteligência’ é interpretada somente como algo espontâneo e original. Com isso, “percebemos que talvez não sejamos tão ‘humanos’ como pensávamos, já que a crítica do conceito de inteligência nos permite vislumbrar que talvez não haja um ponto de origem” (Borges Júnior, 2024, p. 10). Dessa forma, deve-se encarar que a ‘inteligência’ não é uma capacidade cumulativa, como descreve o conceito de ‘conectividade’ utilizado por Borges Júnior (2024), uma vez que a ‘extensão humana’ limita a IA como algo apenas técnico e puramente funcional, descartando a “modificação de toda a ecologia de operações do dispositivo tecnológico, de seus efeitos e do contexto ambiental em que tudo isso ocorre” (Borges Júnior, 2024, p. 20) que o conceito de ‘conectividade’ obtém.

### 3.2.1 Estaria McCarthy equivocado?

Mas afinal, é certo referir-se a essa tecnologia pelo termo de Inteligência Artificial? Mesmo que ela tenha acesso a inúmeros dados, deve-se reconhecer que existem limitações.

---

<sup>33</sup> O autor, ao utilizar o conceito de McLuhan, interpreta a ‘extensão humana’ como “aquilo que, fundamentalmente, aperfeiçoa características humanas já existentes, mantendo-lhes os princípios fundamentais” (Borges Júnior, 2024, p. 12), algo que está interligada ao corpo humano, sendo mais que uma extensão mecânica, mas chegando a que faz parte do processo criativo do conhecimento humano.

<sup>34</sup> Para Borges Júnior (2024), após ler os estudos de Di Felice, a ‘conectividade’ refere-se à potência da aptidão da máquina, “em estabelecer conexões e, a partir dessa articulação conjunta, em redefinir a si mesmo e a seu próprio ecossistema” (p. 15). Em outras palavras, a inteligência estaria distribuída entre “pessoas, dados, *softwares*, *hardwares* e outros entes - e, nesse sentido, nunca exclusivamente humano” (p. 18).

<sup>35</sup> Texto original: “uses language as a means of dealing with complicated phenomena” (p. 7).

Afinal, a IA atende a um *prompt* que lhe é dado e tenta dissertar através dele, considerando a base de dados e *tokens*<sup>36</sup>. Interessa ainda apresentar que o processo de *tokenização* contribui para que essa tecnologia classifique os textos, ao dividi-los em pequenas unidades, e, assim, gerar respostas em PNL. Percebe-se que uma IA não pensa por si só, ela trabalha com dados que lhe são cedidos, além de serem programadas para atividades específicas. Ou seja, uma IAG, por exemplo, não exatamente gera respostas, mas prevê o que vem a seguir (Díaz-Noci *et al.*, 2024). Outra questão é que o *ChatGPT* não vai te entregar uma obra de arte com autenticidade e traços únicos, mas sim uma imagem em *png*. Assim como uma IA não chega a pensar por um humano, mas talvez auxilie-o a encontrar inspirações.

Contudo, é válido refletir que os resultados e respostas geradas por programas de IA não são 100% confiáveis e podem alucinar, devido aos seus erros, gerando possíveis falhas ou perturbações, ocasionados internamente pelo modelo ou base de dados da IAG (Lemos, 2024). Com isso, uma resposta gerada por uma IA, desenvolvida pelo modelo de LMM, “geraram falhas de argumentos, de identificação de eventos históricos e outros efeitos perturbadores” (Lemos, 2024, p. 79). Desse modo, a sociedade precisa estar preparada para compreender como uma IA coopera e como ela pode vir a contribuir, ao invés de afetar o desenvolvimento cognitivo e funcional de um ser humano.

Autores como Treré e Milan (2021) consideram que as democracias contemporâneas ao redor do mundo são “cada vez mais desafiadas pela difusão de tecnologias de dados invasivas e pelo surgimento de sistemas inteligentes. [...] Os cidadãos acolhem essas tecnologias com esperanças de melhorar a sociedade” (Treré; Milan, 2021, p. 1, tradução nossa)<sup>37</sup>. Por isso, não se deve ignorar que a tecnologia seguirá cometendo “erros (assim como os humanos), mas continuará a aprender e melhorar (idem). Mas também não há razão para subestimá-la. Sendo uma ferramenta baseada em IA, ela pode ser bastante útil e, no caso de seu uso no ambiente acadêmico, seria irracional descartá-la” (Vilaça *et al.*, 2024, p. 11).

---

<sup>36</sup> Conforme Souza (2024), o processo de *tokenização* é essencial para treinar uma IA, considerando que um *token* pode ser “uma palavra, uma frase, um caractere ou até mesmo um subconjunto de caracteres, dependendo do contexto e da aplicação” (n. p.). Leia mais em:

<<https://www.dio.me/articles/entendendo-a-tokenizacao-nos-modelos-de-inteligencia-artificial>>. Acesso em: 24 mar. 2025.

<sup>37</sup> Texto original: "cada vez más desafiados por la difusión de tecnologías de datos invasivas y el surgimiento de sistemas inteligentes. [...] Los ciudadanos dan la bienvenida a estas tecnologías con la esperanza de mejorar la sociedad" (p. 1).

### 3.3 NOVAS PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS INCORPORADAS NO AVANÇO CIENTÍFICO DA IA

A partir de 1987, a IA adotou o método científico por meio de metodologias definidas e que chegaram a solicitar experimentos empíricos rigorosos. Como explicam Russell e Norvig (2010), o método científico foi incorporado na “robótica, visão computacional e representação de conhecimento” (Russell; Norvig, 2010, p. 26, tradução nossa)<sup>38</sup>. Afinal, desde o final do século passado, as teorias sobre IA foram melhoradas, seguindo conceitos que já tinham sido estabelecidos entre as décadas de 1950 e 1980. Portanto, nota-se que o avanço dos estudos científicos contribuiu para o crescente uso de IA na sociedade, visto que ajudou na disseminação e melhorias de recursos que hoje circulam e são de livre acesso. Mas, também, porque a internet garante que este uso não seja restrito apenas a pesquisadores e grandes empresas de tecnologia.

Obviamente que não se pode ignorar que as empresas, como *Google* e *OpenAI*, tornam acessível somente aquilo que as interessa. Caso contrário, elas não teriam versões pagas ofertadas aos usuários, com a justificativa de uma ferramenta mais eficiente e completa. Outro fator interessante é que as ferramentas das empresas de tecnologia não deixam abertos os códigos da cadeia de raciocínio que uma IA possui, para que, somente assim, apresente uma resposta ao usuário. Algumas empresas, como a *Meta*, possibilitam que a sua IA - denominada como *Code Llama*<sup>39</sup> - seja instalada localmente pelo usuário, permitindo que ela seja utilizada independentemente da máquina, apenas através de uma plataforma de hospedagem de código-fonte, como o *GitHub*<sup>40</sup>.

#### 3.3.1 *DeepSeek*: a IA chinesa que abalou o mercado financeiro das grandes empresas de tecnologia do mundo

Destaca-se que, geralmente, a IA possui diversos tamanhos de parâmetros, o que contribui para a agilidade e funcionamento dessa tecnologia. Ou seja, quanto mais parâmetros, mais eficiente é a IA. Conforme a *Meta*<sup>41</sup>, o *Code Llama* possui três versões, sendo a de 7, 13

<sup>38</sup> Texto original: “robotics, computer vision and knowledge representation” (p. 26).

<sup>39</sup> Modelo de *LLM*, da *Meta*, que permite a pesquisadores e demais usuários a elaborar e criar ferramentas baseadas em IA, apenas utilizando o código aberto da empresa, que é instalada no computador do usuário, podendo ser acessado de qualquer lugar.

<sup>40</sup> Conferir mais informações sobre a plataforma: <<https://github.com/apps/desktop>>.

<sup>41</sup> Dados disponíveis em:

<<https://about.fb.com/br/news/2023/08/apresentamos-o-code-llama-uma-ferramenta-de-ia-para-programacao/#:~>

e 34 bilhões de parâmetros<sup>42</sup>, respectivamente. Enquanto a versão 4.5 do *ChatGPT*, que é a mais recente, trabalha com colossal de 12,8 trilhões de parâmetros<sup>43</sup>. Mas, no início de 2025, uma nova plataforma de IAG, conhecida como *DeepSeek*, tornou-se uma ameaça às grandes corporações de tecnologia do ocidente.

Com origem chinesa, o *DeepSeek* inovou em tornar seu código aberto, explicitar o raciocínio enquanto gera respostas e depender menos da intervenção humana durante o processo de aprendizado. Mas, o que realmente chamou a atenção, foi o valor de investimento que o *DeepSeek* teve para treinar o modelo de *LLM*, sendo de US\$ 5,5 milhões<sup>44</sup>. Logo, a IAG desta empresa é, infinitamente, mais barata que a IAG do *ChatGPT*, considerando que a *OpenAI* recebeu um investimento de US\$ 40 bilhões somente pela multinacional japonesa *Softbank*<sup>45</sup>. Além do valor investido na IAG chinesa, a recente versão possui 61 bilhões de parâmetros totais (DeepSeek, 2025), o que a torna a tecnologia generativa mais potente, mesmo tendo um investimento abaixo que as demais empresas de tecnologias.

Conforme o relatório do *DeepSeek* (2025), tal desempenho, mesmo sendo inferior a modelos maiores, resulta “em melhor desempenho em comparação aos padrões de raciocínio descobertos por meio de RL [reforço em larga escala] em modelos pequenos. O *DeepSeek-R1* de código aberto, bem como sua API, beneficiarão a comunidade de pesquisa para destilar melhores modelos menores no futuro” (DeepSeek, 2025, p. 4, tradução nossa)<sup>46</sup>. O que, consequentemente, contribui para respostas mais precisas e, ao mesmo tempo, exige menos supervisão humana, uma vez que o *DeepSeek* utiliza do aprendizado por reforço, o que permite que a tecnologia aprenda com a própria resposta, sempre aperfeiçoando-se, o que os criadores denominam como ‘momento aha’:

Em vez de ensinar explicitamente o modelo sobre como resolver um problema, nós simplesmente fornecemos a ele os incentivos certos, e ele desenvolve autonomamente estratégias avançadas de resolução de problemas. O ‘momento aha’ serve como um poderoso lembrete do potencial da RL para desbloquear novos níveis de inteligência em sistemas artificiais, abrindo caminho para modelos mais autônomos e adaptativos no futuro (DeepSeek, 2025, p. 8, tradução nossa)<sup>47</sup>.

---

:text=Estamos%20lan%C3%A7ando%20tr%C3%AAs%20tamanhos%20de,e%20dados%20relacionados%20a%20c%C3%B3digo>. Acesso em: 19 mar. 2025.

<sup>42</sup> Entenda o significado dos termos no Glossário desta dissertação.

<sup>43</sup> Conforme informações de: <<https://chatgptbrasil.com.br/>>. Acesso em: 19 mar 2025.

<sup>44</sup> Saiba mais em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cde96995dryo>>. Acesso em: 19 mar 2025.

<sup>45</sup> Ler mais em:

<<https://www.moneytimes.com.br/softbank-dobra-a-aposta-investe-us-40-bilhoes-na-openai-e-supera-a-microsoft-como-maior-investidora-na-startup-rents/>>. Acesso em: 19 mar. 2025.

<sup>46</sup> Texto original: “in better performance compared to reasoning patterns discovered through RL [large-scale reinforcement learning] on small models. Open-sourcing DeepSeek-R1, as well as its API, will benefit the research community to distill better smaller models in the future” (p. 4).

<sup>47</sup> Texto original: Instead of explicitly teaching the model how to solve a problem, we simply provide it with the right incentives, and it autonomously develops advanced problem-solving strategies. The ‘aha moment’ serves as

Com isso, pode-se considerar que a Inteligência Artificial está caminhando para um futuro mais preciso, eficiente e menos errôneo. Como Kaufman e Santaella (2020) descrevem, “as máquinas e os sistemas inteligentes estão executando tarefas que até recentemente eram prerrogativas dos humanos, em alguns casos, com resultados mais rápidos e mais assertivos” (Kaufman; Santaella, 2020, p. 3). Porém, como também analisam as autoras, se antes as máquinas e os sistemas inteligentes eram restritos à supervisão de especialistas em Ciência da Computação, ao que tudo indica, agora podem aprender com elas mesmas. Contudo, em nenhuma hipótese isso significa que a IA irá substituir a inteligência humana, pois tal máquina não possui senso intuitivo e muito menos consegue compreender o mundo por meio da observação (Kaufman; Santaella, 2020, p. 3).

### 3.4 O FUTURO DA IA: MAIS PRECISÃO E MENOS ALUCINAÇÃO

Ao avançar teoricamente sobre os conceitos de aprendizado de máquina, Kaufman e Santaella (2020) afirmam que, “por várias décadas, a abordagem dominante no campo da IA foi baseada em programas lógicos de computação” (p. 4). O que retoma a discussão já apresentada nas páginas anteriores, sobre o uso de métodos científicos aplicados em experimentos empíricos para que, somente assim, as pesquisas no campo da ciência da computação tenham compreendido a importância de aprendizado de máquina à IA, seja pelo modelo preditivo, como *deep learning*, ou generativo, como o sistema de lógica *fuzzy*.

Considera-se que tais estudos tenham auxiliado no avanço tecnológico em virtude das ferramentas de IA, para que, dessa forma, os usuários tenham acesso a versões de modelos melhoradas. Dessa forma, cada vez mais uma IA mostra-se capaz de desenvolver respostas ou materiais mais precisos e coerentes. O que não descarta, em hipótese nenhuma, a supervisão humana. Todavia, as novas atualizações permitem mais agilidade e acertos, sejam em modelos de IA Preditiva ou Generativa.

#### 3.4.1 Diferença entre IA Preditiva e IAG

Vale recapitular que, a grosso modo, existem tipos de IA. Por exemplo, o *machine learning* (ML) é um desses modelos que aprende com os dados que o alimentam e quando menciona-se o *deep learning*, é necessário compreender que ele faz parte do ML, sendo

---

a powerful reminder of the potential of RL to unlock new levels of intelligence in artificial systems, paving the way for more autonomous and adaptive models in the future (DeepSeek, 2025, p. 8).

responsável por utilizar as ‘famosas’ redes neurais que processam tais dados implementados (Kaufman; Santaella, 2020). Dessa forma, é possível fazer duas principais distinções entre os modelos de IA, sendo elas a Inteligência Artificial Preditiva e Inteligência Artificial Generativa (IAG).

De modo geral, a IA Preditiva utiliza o *ML* - aprendizado de máquina - para analisar grandes volumes de dados e, assim, identificar padrões algorítmicos (Pinto, Barbosa, 2024, p. 58). Enquanto a IAG pode criar novos conteúdos, sejam eles textos, imagens, *softwares*, etc., que ocorrem devido aos mesmos modelos de *ML*, mas que treinam redes neurais, responsáveis por assimilar e interpretar dados de grande escala (Lemos, 2024, p. 76; Canavilhas, Biolchi, 2024, p. 44). Da IAG, surge o modelo de linguagem em larga escala, ou *LLM*, que já foi mencionado anteriormente, por ser o mesmo sistema utilizado pelo *ChatGPT* (*OpenAI*) e *Gemini* (*Google*).

Ainda sobre a IAG, quando se consideram *chatbots*, como o *ChatGPT*, deve-se encará-los como um modelo de linguagem que conversa com seus usuários, interagindo de modo, muitas vezes, natural por gerar textos coerentes a partir de um comando solicitado pelo usuário - conhecido também como *prompt*. Devido a esta interpretação, autores da Ciência da Computação, como Mukherjee e Das (2024), evidenciam que o *ChatGPT* utiliza o sistema de lógica *fuzzy*, considerando que esta IAG, ao mesmo tempo que responde de modo fluido, também traz respostas incertas e ambíguas. De acordo com esses autores, a lógica *fuzzy* “é o termo utilizado para o modelo que pode lidar com incerteza e imprecisão usando lógica” (Mukherjee; Das, 2024, p. 251, tradução nossa)<sup>48</sup> através de perguntas e respostas e análises de texto, diante da interação subjetiva entre usuário e máquina.

Mukherjee e Das (2024) reforçam que não é toda IAG que utiliza o sistema de lógica *fuzzy*, pois, esse modelo de linguagem conversacional é escasso e “apresenta alguns desafios e limitações, como definir conjuntos e regras *fuzzy* apropriados, equilibrar precisão e imprecisão e garantir consistência e confiabilidade” ((Mukherjee; Das, 2024, p. 253, tradução nossa)<sup>49</sup>. Mas, este sistema também permite que haja uma melhor interpretação e criatividade na resposta ofertada diante de um *prompt* solicitado, levando em consideração que uma IAG, semelhante ao *ChatGPT*, não é apenas definida por “regras ou lógica, mas sim por probabilidades e similaridades” (p. 273, tradução nossa)<sup>50</sup>.

---

<sup>48</sup> Texto original: “is the term used for the model that can deal with uncertainty and imprecision using logic” (p. 251).

<sup>49</sup> Texto original: “present some challenges and limitations, such as defining appropriate fuzzy sets and rules, balancing precision and imprecision, and ensuring consistency and reliability” (p. 253).

<sup>50</sup> Texto original: “rules or logic, but rather by probabilities and similarities” (p. 273).

Para Raikar *et al.* (2023), a IA pode ser classificada em duas categorias, tendo como base a sua capacidade e funcionalidade, gerando novos tipos, como a IA estreita, IA fraca, IA geral, IA forte e super IA. Os autores descrevem-nas da seguinte forma:

IA estreita é uma IA fraca, que é treinada para executar parâmetros pré-determinados específicos, mas limitados. A IA geral é uma IA forte, com capacidades de pensamento. A super IA pode superar a inteligência humana com sua capacidade de pensar, raciocinar, resolver quebra-cabeças, fazer julgamentos, aprender e se comunicar por conta própria (Raikar *et al.*, 2023, p. 4, tradução nossa)<sup>51</sup>.

Neste sentido, o que difere uma IA da outra é a capacidade que uma máquina possui para rodá-la. Entretanto, quanto mais limitada a memória de uma máquina, mais ela consegue aprender e aperfeiçoar seus parâmetros, utilizando redes neurais artificiais ou outro modelo de programação (Raikar *et al.*, 2023). Pois, os sistemas de parâmetros conseguem trabalhar melhor com dados mais restritos, tendo menos chances de, por exemplo, alucinar. Porém, as grandes empresas de tecnologia não almejam limitações, mas sim um desenvolvimento de IA que seja utilizada massivamente, a fim de lucrar. A Inteligência Artificial vem com a proposta de ser útil, por automatizar funções que antes eram complexas e demoradas. Mas o que as detentoras dessas empresas de tecnologia ganham com isso?

### 3.5 RISCOS QUE UMA IA PODE APRESENTAR À SOCIEDADE

Destaca-se que não é o objetivo central desta pesquisa debater sobre o envolvimento econômico e regulatório que ronda o uso dessa tecnologia em diversas áreas da sociedade. Entretanto, a reflexão sobre os riscos que uma IA pode causar aos usuários deve ser apresentada, uma vez que eles afetam, não apenas a dinâmica de um trabalho jornalístico, mas a compreensão da sociedade por dar espaço a conteúdos tendenciosos que promovem a desinformação (De Barros; Bianchi; Barbosa, 2024). Com base nos estudos de Hacker (2023), presidente de Direito e Ética da Sociedade Digital, da Universidade Europeia Viadrina, “esses modelos não estão mais restritos a uma tarefa específica, mas operam em uma ampla gama de problemas e podem produzir texto de nível humano (por exemplo, *ChatGPT*), imagens (por exemplo, *DALL-E 2*), vídeos (por exemplo, *Synthesia*) ou arte (por exemplo, *Stable*

---

<sup>51</sup> Texto original: Narrow AI is a weak AI that is trained to perform within specific but limited pre-determined parameters. General AI is a strong AI with thinking capabilities. Super AI can surpass human intelligence with its ability to think, reason, solve puzzles, make judgments, learn, and communicate on its own (Raikar *et al.*, 2023, p. 4).

*Diffusion*)” (Hacker, 2023, p. 1, tradução nossa)<sup>52</sup>. O pesquisador ainda lista cinco riscos que uma IA apresenta à sociedade, de acordo com repertório bibliográfico feito por ele mesmo ao longo de seus estudos, e que será abordado no quadro a seguir:

Quadro 2 - Riscos da IA, conforme Hacker (2023)

| Risco                                          | Trecho retirado do artigo                                                                                                                                                                                                                                               |
|------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Resultados imprevisíveis                       | A IA pode exibir autonomia técnica, definida aqui como independência da intervenção humana, juntamente com uma capacidade de aprendizagem e/ou adaptação quase cognitiva (p. 4, tradução nossa) <sup>53</sup> .                                                         |
| Conjuntos de dados de treinamento tendenciosos | Os sistemas de IA apresentam diferentes níveis de opacidade e complexidade, por exemplo, usando conjuntos de dados de treinamento tendenciosos ou variáveis de destino incorretas correlacionadas com atributos protegidos (p. 4, tradução nossa) <sup>54</sup> .       |
| Investimentos inacessíveis                     | Conjuntos de dados grandes e inclusivos são necessários, mas difíceis de estabelecer e caros para comprar no mercado (p. 5, tradução nossa) <sup>55</sup> .                                                                                                             |
| Carência de privacidade e proteção de dados    | A privacidade e a proteção de dados são desafiadas pela necessidade de grandes conjuntos de dados de treinamento, especialmente para fins de aprendizado profundo (p. 5, tradução nossa) <sup>56</sup> .                                                                |
| Afeta a segurança cibernética                  | O uso de grandes conjuntos de dados envolve desafios significativos para a TI e a segurança cibernética. Os conjuntos de dados e modelos armazenados centralmente são propensos a ataques que buscam perturbar seu funcionamento (p. 5, tradução nossa) <sup>57</sup> . |

Fonte: Hacker (2023, p. 4-5).

<sup>52</sup> Texto original: “these models are no longer restricted to a specific task, but operate on a wide range of problems and can produce human-level text (e.g., ChatGPT), images (e.g., DALL-E 2), videos (e.g., Synthesia), or art (e.g., Stable Diffusion)” (p. 1).

<sup>53</sup> Texto original: AI can exhibit technical autonomy, defined here as independence from human intervention, along with a capacity for quasi-cognitive learning and/or adaptation (p. 4).

<sup>54</sup> Texto original: AI systems present different levels of opacity and complexity, for example, using biased training datasets or incorrect target variables correlated with protected attributes (p. 4).

<sup>55</sup> Texto original: Large, inclusive datasets are necessary, but difficult to establish and expensive to purchase in the market (p. 5).

<sup>56</sup> Texto original: Privacy and data protection are challenged by the need for large training datasets, especially for deep learning purposes (p. 5).

<sup>57</sup> Texto original: The use of large data sets poses significant challenges for IT and cybersecurity. Centrally stored data sets and models are prone to attacks that seek to disrupt their functioning (p. 5).

Todos esses riscos, que podem ser apresentados pela atuação de uma IA, levam a entender que a inteligência e a ação humana estão ameaçadas, seja cognitiva ou financeiramente. Seguindo esta mesma lógica, Kaufman (2018) também faz um alerta sobre os riscos que o uso indiscriminado da IA pode conter, caso não seja regulamentada. A autora evidencia uma possível carência ética quando se trata da tecnologia, considerando a substituição de humanos por máquinas em setores, como o financeiro, e o monitoramento que as grandes empresas, não apenas as de tecnologia, mas também as do setor de alimentos e de moda, realizam ao ter acesso a dados pessoais fornecidos em *sites* e aplicativos - sem que, muitas vezes, os usuários percebam -, tudo através do aprendizado de máquina e *Big Data*. Como Kaufman (2018) explica, “os sistemas inteligentes vão nos conhecer melhor do que nós mesmos, podendo nos controlar e manipular” (Kaufman, 2018, p. 88).

### 3.6 E O JORNALISMO?: COMO A PROFISSÃO ESTÁ SE ADAPTANDO A ESTA TECNOLOGIA

Quando se pensa no uso de IA no jornalismo contemporâneo, é normal questionar e amedrontar-se em relação ao futuro da profissão. Por isso, a presente pesquisa vê potencial em tentar compreender a adaptação dos veículos jornalísticos conforme o uso de IA nas redações brasileiras. Tanto a área profissional, como a científica, constata que o jornalismo segue adaptando-se, e não é de hoje, como menciona-se no primeiro capítulo desta dissertação. Saad (2024) reforça que a adaptação da práxi jornalística ocorre no aspecto cultural da organização que um jornalista atua, pois o uso de IA dentro das redações necessita de aprovação e investimento financeiro e técnico, mas também depende da maturidade que uma empresa informativa precisa obter em relação a: “tomada de decisão e de riscos à adoção de inovações, posturas de colaboração inter-áreas da empresa e de parcerias com entes externos, mentalidade *digital-first*, agilidade, flexibilidade e centralidade na audiência” (Saad, 2024, p. 256). Além disso, a autora enfatiza que uma empresa de jornalismo tem que assumir a convivência com inteligências autônomas, ou artificiais.

O que Saad (2024) também reconhece é que o debate sobre o uso de IA no cenário jornalístico apenas tornou-se *hypado* devido ao *boom* do *ChatGPT*. A questão é que, com o uso dos mais distintos recursos de IA no jornalismo, ocorreu uma espécie de “gatilho para futuros desenvolvimentos mais sólidos que efetivamente transformarão uma indústria e a própria sociedade” (Saad, 2024, p. 265). Existem dois tipos de IA mais utilizadas no jornalismo, sendo a IA Preditiva e a IA Generativa (IAG). A IA Preditiva pode ser utilizada

para identificar tópicos de maior engajamento, contribuindo para a criação de uma pauta, por exemplo. Já a IAG pode ser utilizada para auxiliar na criação de ilustrações, como é relatado sobre o uso concretizado pela *Revista AzMina* (Barbosa; Bianchi, 2024). Ou seja, pode-se considerar que a IA contribui para que o profissional da área levante “fatos e dados (estruturados ou não) em informações, organizando e produzindo conhecimento. No jornalismo, IAs podem ser utilizadas para tarefas repetitivas e ‘chatas’” (Pinto; Barbosa, 2024, p. 60).

Os autores Biolchi e Canavilhas (2024) mencionam um levantamento cronológico que o pesquisador português realizou em 2023, considerando uma espécie de ascensão tecnológica no jornalismo, que antecede o uso de IA, dividindo-se em três fases: a primeira, intitulada como ‘um admirável mundo novo’ (2010-2013), caracteriza o início da produção automatizada da profissão, que ocorria com base em dados referente à economia, segurança e educação; a segunda fase, nomeada como ‘diversificação temática’ (2014-2017) que retrata o momento quando os jornais começaram a usar algoritmos para produzir notícias automáticas sobre outros assuntos; por fim, a terceira fase mostra a ‘consolidação’ da IA no jornalismo, por meio do envolvimento dos leitores e leitoras na produção de notícias, processo de interação, etc. (Canavilhas, 2023; Biolchi; Canavilhas, 2024).

Neste sentido, Zandomênicó (2022) descreve que a IA “possibilitou aos algoritmos escreverem notícias, atividade até então restrita aos humanos que segue técnicas específicas aprendidas nas graduações de Jornalismo e na prática cotidiana da profissão” (Zandomênicó, 2022, p. 25). Para além de redigir um texto, uma IA contribui para análises quantitativas de dados, transcrição de entrevistas, edição de imagens e vídeo e, até mesmo, criar imagens do zero, somente passando o *prompt* adequado.

Uma IA ajuda o jornalismo a ser mais ágil, entretanto, o jornalismo precisa estar mais atento, até porque “técnicas de apuração e pesquisa jornalística não acontecem quando uma IA escreve uma notícia. Nesse contexto, estão incluídas ações como entrevistas pessoais para o confronto e confirmação de informações e consulta a documentos disponibilizados em meios físicos” (Zandomênicó, 2022, p. 31). Logo, uma IA não pode fazer 100% do trabalho de um jornalista, caso contrário, o processo de informação dará espaço para a desinformação, seja por meio de imagens, vídeos e áudios manipulados. Tais conteúdos manipulados atingem eventos, como as campanhas eleitorais. Um exemplo, é o caso que envolve o prefeito de Manaus, David Almeida (Avante), que ocorreu em 2023, após ele ser acusado de xingar os professores da rede municipal de ensino de ‘vagabundos’ e inferiorizar os servidores da

cidade. O conteúdo foi entregue à Polícia Federal (PF), que concluiu que o áudio era falso por ter sido criado através de uma ferramenta de IA<sup>58</sup>.

Como explica Ferrari (2024), conhecidos como *deepfakes*, esses conteúdos de desinformação “utilizam cada vez mais de componentes transmidiáticos, por meio de produtores de conteúdo humanos e não-humanos (avatars influencers), criados pelas atuais inteligências artificiais generativas (IAG)” (Ferrari, 2024, p. 109). O que, infelizmente, contribui negativamente para enganar a sociedade ao espalhar informações falsas e que não contribuem em nada para o aprendizado social. Totalmente diferente do jornalismo, que preza pela informação credível e formadora de um conhecimento cristalizado no singular (Genro Filho, 1987).

Por isso, Furtado (2022) defende a necessidade das redações incorporarem “uma equipe multidisciplinar por trás do jornalismo automatizado composta por jornalistas, programadores, analistas de dados, físicos, matemáticos e *designers*” (Furtado, 2022, p. 427), para que recurso de IA contribuam com tarefas jornalísticas, como levantamentos de dados, criação de ilustrações e transcrição de entrevistas, desde que o cargo de jornalista seja preservado. Afinal, uma IA não é uma pessoa e muito menos um profissional de comunicação, mas sim uma ferramenta tecnológica que ajuda a desenvolver funções que são consideradas ‘maçantes’.

Dentre as discussões sobre como o jornalismo é afetado negativamente pelas ferramentas de IA, cabe ainda destacar como os direitos autorais são atingidos, no que se refere aos repositórios de notícias não autorizados, que os programas de IA, principalmente a generativa, contribuem para o enfraquecimento dos jornalistas enquanto autores. Ao tratar da IA generativa e multimodal<sup>59</sup>, os autores Díaz-Noci *et al.* (2024) destacam que a tecnologia, além de suprimir empregos com o do jornalista, também utilizam notícias para treinar as bases de dados e, assim, reproduzir uma rede neural capaz de fazer conteúdos jornalísticos sem a intervenção de um profissional.

Seria interessante que a IA fosse melhorada, a fim de deter a desinformação, mas como Díaz-Noci *et al.* (2024) explicam, esses sistemas são treinados “de uma forma bastante opaca, usando sem permissão ou mesmo conhecimento, enormes quantidades de obras, a maioria delas protegidas por direitos autorais, disponíveis na internet. Notícias são uma delas”

---

<sup>58</sup> Veja notícia completa:

<<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/01/14/fake-news-20-pre-campanha-ja-tem-suspeita-de-adulteracao-de-audios-com-uso-de-inteligencia-artificial-em-tres-estados.ghtml>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

<sup>59</sup> Ferramentas de IA que produzem “saídas de uma linguagem diferente, por exemplo, vídeo a partir de texto, usando, por exemplo, tecnologias GPT-4V” (Díaz-Noci *et al.*, 2024, p. 1).

(Díaz-Noci *et al.*, 2024, p. 42, tradução nossa)<sup>60</sup>. Diante dessa situação, menciona-se, novamente, o caso de grandes jornais do mundo, como o *The New York Times* e o *Washington Post*, que anunciaram em novembro de 2023, a restrição de acesso por parte da IAG voltada aos conteúdos publicados em seus sites<sup>61</sup>, com o objetivo de proteger o jornalismo profissional e não alimentar as grandes empresas de tecnologias sem receber nada em troca.

### 3.6.1 A inserção de IA nas organizações jornalísticas pelo mundo

Diferente dos veículos mencionados acima, outros veículos ao redor do mundo viram nesta tecnologia uma oportunidade de automatizar e evoluir o trabalho jornalístico. Desse cenário, surge a britânica *BBC* que, em 2023, anunciou uma série de projetos para explorar a aplicação de IA dentro da sua redação, seguindo três princípios: o interesse público, a criatividade e os direitos dos jornalistas; e transparência com o público (Díaz-Noci *et al.*, 2024). Pode-se dizer que a *BBC* abriu espaço para que os demais veículos jornalísticos também manifestassem o seu comprometimento com os consumidores de seus conteúdos em relação ao uso de IA no ambiente da redação. Entretanto, o papel do jornalista é seguir atuando e tornando o seu trabalho valioso para a sociedade. Como refletem Díaz-Noci *et al.* (2024):

As preocupações não são apenas a queda nos postos de trabalho, mas também as quedas nos ganhos. Se a inteligência artificial substituir algumas das tarefas que os jornalistas fazem, eles devem insistir em fazer com que todas as habilidades humanas permaneçam valiosas, se não essenciais (Díaz-Noci *et al.*, 2024, p. 49, tradução nossa)<sup>62</sup>.

Ao avaliar se há ou não uma persistência de características tradicionais de qualidade jornalística no ecossistema digital contemporâneo, os pesquisadores Calvo-Rubio e Rojas-Torrijos (2024) afirmam que, além das tarefas corriqueiras do jornalismo, como apurar uma pauta, levantar dados, realizar entrevistas e publicar matérias/reportagens, o jornalista também necessita supervisionar a IA utilizada por ele próprio, principalmente “em relação a aspectos como a origem e configuração dos dados e os modelos estatísticos usados pela IA no processo de preparação da informação” (Calvo-Rubio; Rojas-Torrijos, 2024, p. 255, tradução

<sup>60</sup> Texto original: “in a rather opaque way, using without permission or even knowledge, huge amounts of works, most of them copyrighted, available on the Internet. News is one of them” (p. 42).

<sup>61</sup> Saiba mais em:

<<https://www.infomoney.com.br/business/o-que-significam-os-bloqueios-de-jornais-aos-treinamentos-de-ia-generativa/>>. Acesso em: 31 mar 2025.

<sup>62</sup> Texto original: The concerns are not just about job losses, but also about falling earnings. If artificial intelligence is to replace some of the tasks journalists do, they must insist that all human skills remain valuable, if not essential (p. 49).

nossa)<sup>63</sup>. Por isso, deve-se considerar que, sim, o jornalismo utiliza da IA para automatizar funções, mas o uso é limitado “a textos informativos, especialmente aqueles baseados em dados estruturados, como resultados financeiros e esportivos, fechamentos de bolsas de valores, previsões do tempo e informações semelhantes” (Calvo-Rubio; Rojas-Torrijos, 2024, p. 256, tradução nossa)<sup>64</sup>.

Por isso, os pesquisadores Quian e Sixto-García (2024) afirmam que o jornalismo não pode ignorar a existência de tecnologias como a IA. Para eles, “a mídia se depara com o desafio de integrar nas redações e nos produtos de comunicação tecnologias que ainda estão em fase de testes ou desenvolvimento, mas que estão desintegrando as fronteiras entre o físico, o digital e o biológico” (Quian; Sixto-García, 2024, p. 458, tradução nossa)<sup>65</sup>. Após divulgarem um questionário a nove veículos espanhóis sobre o uso e dificuldades relacionadas às ferramentas de IA e obterem respostas de somente dois deles - sendo os veículos *O Mundo* e *ElDiario.es* -, os pesquisadores concluíram que “pelo menos alguns dos meios de comunicação contatados gostariam de proteger suas possíveis estratégias e usos atuais ou futuros da IA em diferentes processos e fases de desenvolvimento e aplicação” (Quian; Sixto-García, 2024, p. 475, tradução nossa)<sup>66</sup>. Outra possibilidade também é que os veículos que não retornaram o questionário não sabem ainda como agir em relação a esta tecnologia, algo que se mostra urgente e, até mesmo, perigoso.

Esta ausência de aplicação nas rotinas produtivas sugere que ainda não existem os conhecimentos e a formação necessários à sua integração nas redações. [...] A falta de aplicação da IA no momento do estudo é surpreendente, pois há evidências de que outros meios na Espanha já a aplicam, por exemplo, em sistemas de alerta e geração automática de texto (Quian; Sixto-García, 2024, p. 476, tradução nossa)<sup>67</sup>.

Como os próprios autores afirmam, este resultado não deve ser visto como um fato generalista, diante de uma possível resistência da mídia espanhola em integrar a IA em suas redações jornalísticas. Entretanto, não tem como ignorar a carência de jornalistas que estejam aptos a debater sobre o uso dessa tecnologia, seja de modo ético ou técnico. Por isso, quando

<sup>63</sup> Texto original: “in relation to aspects such as the origin and configuration of the data and the statistical models used by AI in the information preparation process” (p. 255).

<sup>64</sup> Texto original: “to informational texts, especially those based on structured data, such as financial and sports results, stock market closings, weather forecasts and similar information” (p. 256).

<sup>65</sup> Texto original: “los medios de comunicación se enfrentan al desafío de integrar tecnologías en las redacciones y productos de comunicación que aún están en fase de prueba o desarrollo, pero que están desintegrando las fronteras entre lo físico, lo digital y lo biológico” (p. 458).

<sup>66</sup> Texto original: “al menos algunos de los medios contactados quisieran proteger sus posibles estrategias y usos actuales o futuros de la IA en diferentes procesos y fases de desarrollo y aplicación” (p. 475).

<sup>67</sup> Texto original: Esta falta de aplicación en las rutinas de producción sugiere que aún no existe el conocimiento y la formación necesarios para su integración en las redacciones. [...] Sorprende la falta de aplicación de la IA en el momento del estudio, pues hay evidencia de que otros medios en España ya la aplican, por ejemplo, en sistemas de alertas y generación automática de textos (p. 476).

um veículo aborda esta temática, reforça o papel de transparência e diálogo com aqueles que consomem cotidianamente seus conteúdos, sejam eles feitos com o auxílio de IA ou não. Pois, de acordo com Møller e Thylstrup (2024), assim como as demais organizações de notícias, as redações dinamarquesas estão “cada vez mais experimentando soluções baseadas em IA na produção e distribuição de notícias” (Møller; Thylstrup, 2024, p. 1, tradução nossa)<sup>68</sup>.

Todavia, para além de uma certa restrição à utilização desses recursos tecnológicos, as organizações encontram na IA uma solução às dificuldades no sentido econômico, pois tal tecnologia auxilia no sentido publicitário. O que faz com que os conteúdos jornalísticos sejam entregues a cada vez mais leitores e leitoras usando, por exemplo, técnicas de *SEO* e tornando os *sites* mais dinâmicos e atrativos, por meio de *chatbots*. Algo que exige adaptação e especialização, mas que traz resultados a longo prazo às redações jornalísticas (Møller; Thylstrup, 2024).

Como um exemplo, vale a pena destacar o caso *Alice*, a âncora de notícias feita totalmente por IA que ‘atua’ no *blog* do *Centro de Inovação e Tecnologia (Cite)*, do Zimbábue, país africano. Segundo o próprio *Cite*, *Alice* é a primeira âncora de notícias de IA do continente, que atua desde maio de 2023. De acordo com Ndlovu (2024), *Alice* é um reflexo de casos de âncoras de IA que já estão presentes há algum tempo em demais países do mundo. “O primeiro país a revelar um âncora de notícias de IA foi a China, em 2018, por meio da agência de notícias estatal *Xinhua*. Outras âncoras de notícias feitas por IA são *Sana* e *Lisa* (Índia), *Snezhana Tumanova* (Rússia), *Fedha* (Kuwait) e *Nadira* (Indonésia)” (Ndlovu, 2024, p. 1696, tradução nossa)<sup>69</sup>.

O estudo de Ndlovu (2024) abre margem para uma discussão que vai além da tecnológica, mas que mira no social. Pois, é impossível ignorar que a âncora *Alice* está tirando o espaço de um jornalista humano e tornando o conteúdo da *Cite* dúbio, afinal, *Alice* não oferece humanismo, não passa credibilidade e não tem o perfil regional de um conterrâneo zimbabuano. Ao comparar com outros países, como Reino Unido, Portugal e Brasil, nota-se que é, de fato, muito crescente o uso de IA. A inserção de âncoras de IA, como *Alice*, ainda é limitado. Entretanto, conforme Canavilhas e Giacomelli (2023), “no campo da televisão, a IA também já está sendo aplicada ao esporte. A *Reuters* já usava algoritmos para fazer resumos de notícias esportivas baseados em texto, mas em 2020 lançou um âncora virtual com uma

<sup>68</sup> Texto original: “increasingly experimenting with AI-based solutions in news production and distribution” (p. 1).

<sup>69</sup> Texto original: “The first country to unveil an AI news anchor was China in 2018 through the state-run Xinhua news agency. Other AI news anchors include Sana and Lisa (India), Snezhana Tumanova (Russia), Fedha (Kuwait) and Nadira (Indonesia)” (p. 1696).

imagem humana em uma falsificação profunda” (Canavilhas; Giacomelli, 2023, p. 57, tradução nossa)<sup>70</sup>.

### 3.6.2 Estudos comparativos entre as mídias brasileiras e o uso de IA

Ao aprofundar-se bibliograficamente em estudos que compararam as mídias brasileiras com os de demais países, nota-se que o jornalismo ao redor do mundo passa por semelhanças quando trata-se do uso de IA nas redações. Canavilhas e Giacomelli (2023) questionam os responsáveis de diversos veículos de comunicação que pautam o cenário esportivo, tanto no Brasil como em Portugal. Ambos buscaram compreender como esta editoria tem aproveitado a IA, seja para noticiar placar de jogos, escolher o melhor horário para publicar uma notícia, traduzir algum texto automaticamente e produção de gráficos, por exemplo. Segundo os autores, este modelo de “mídia está recorrendo à IA para produzir mais e melhor, o que pode gerar economia; Mas ao mesmo tempo dizem [editores entrevistados] não ter os recursos necessários para implementar essas soluções que representam a economia desejada” (Canavilhas; Giacomelli, 2023, p. 65, tradução nossa)<sup>71</sup>.

Nada impede que uma redação jornalística utilize da IA, desde que sejam transparentes com o público leitor. Afinal, quando, em 2022, houve o lançamento público do *ChatGPT*, “num primeiro momento, as preocupações estavam mais ligadas às chamadas ‘fake news’ uma vez que a tecnologia veio facilitar a tarefa a quem se dedica à produção deste tipo de informação e a difunde” (Canavilhas; Biolchi, 2024, p. 46). Após esse primeiro contato, tanto a sociedade como o jornalismo começaram a entender que tal tecnologia contribui para a automatização de algumas funções, o que não exclui o medo que o profissional sente em relação à substituição do trabalho humano pela IA.

Por isso, Canavilhas e Biolchi (2024), ao analisarem as *Políticas Editoriais de Uso de IA* dos jornais *BBC* (Reino Unido) e *Estadão* (Brasil), reforçam que a transparência deve ser um dos pilares que os veículos possuem com seu público. Afinal, “a transparência de processos, que até determinado momento esteve ligada aos procedimentos do elemento humano, passou a contemplar também a componente não-humana” (Canavilhas; Biolchi, 2024, p. 50), no caso a tecnologia como o uso de IA.

<sup>70</sup> Texto original: “En el ámbito de la televisión, la IA también se está aplicando al deporte. Reuters ya utilizaba algoritmos para elaborar resúmenes de noticias deportivas basados en texto, pero en 2020 lanzó un presentador virtual con una imagen humana en un deep fake” (p. 57).

<sup>71</sup> Texto original: “Los medios están recurriendo a la IA para producir más y mejor, lo que puede generar ahorros; pero al mismo tiempo dicen [los editores entrevistados] no tienen los recursos necesarios para implementar estas soluciones que representan los ahorros deseados” (Canavilhas, Giacomelli, 2023, p. 65).

De modo reflexivo, se o jornalismo não é transparente, logo ele compromete a sua credibilidade com o público. Mesmo que não haja uma regulamentação específica na legislação, seja brasileira ou britânica, sobre o uso de IA na profissão, veículos como a *BBC* e o *Estadão* preferem se autorregulamentar, deixando claro que recorrem à IA, mas para atividades específicas. Com isso, fica evidente que o jornalismo está adaptando-se a mais uma inserção tecnológica para que sua atuação social seja mais duradoura. Neste sentido, a presente pesquisa apoia-se nos estudos de Canavilhas e Biolchi (2024) para aprofundar como os veículos jornalísticos brasileiros estão utilizando esta tecnologia atualmente.

A presente dissertação também preza pela compreensão diante da relação entre jornalismo e IA, uma vez que “há evidências de uma mudança de paradigma no que concerne à comunicação humano-máquina, principalmente com o advento da Inteligência Artificial (IA). E, por mais que o histórico indique uma separação em suas funções [homem e máquina], atualmente esses caminhos estão convergindo e se estreitando” (De Sousa; Fontes, 2024, p. 13). Mesmo que a inserção dessa tecnologia ainda seja menos veloz no Brasil, devido à carência de recursos financeiros por parte das organizações de notícias nacionais (Pinto; Barbosa, 2024), alguns subcampos da IA<sup>72</sup> já estão sendo aproveitados na rotina jornalística, como afirmam Santos e Ceron (2022).

Referente à pesquisa de Santos e Ceron (2022), após analisarem 93 meios jornalísticos do mundo todo com o objetivo de compreender quais são os tipos de aplicação de IA nas redações, os autores concluíram que, dos sete subcampos determinados pela pesquisa realizada por eles, três desses subcampos estão inseridos no jornalismo atualmente. Sendo eles: o aprendizado de máquina, a visão computacional e o planejamento, programação e otimização, por conta da facilidade que estes subcampos contribuem diretamente para a automatização de tarefas, otimização de tempo e criação de conteúdos. Mesmo que ainda esteja em processo de implementação, a IA já faz parte da rotina de um jornalista. Ou seja, não se pode mais ignorar que a IA veio para ficar e também modificar toda uma estrutura organizacional, como a do jornalismo. Por isso, necessita-se refletir sobre como os veículos brasileiros estão adaptando-se à IA - algo que esta pesquisa compromete-se a fazer nos próximos capítulos.

---

<sup>72</sup> De acordo com Santos e Ceron (2022), a IA possui sete subcampos, sendo eles: aprendizado de máquina; visão computacional (CV); reconhecimento de fala; processamento de linguagem natural (NLP); planejamento, programação e otimização; sistemas especialistas; e robótica.

#### 4 RELAÇÃO DAS POLÍTICAS EDITORIAIS COM O JORNALISMO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Este capítulo apresenta debates teóricos sobre a criação de Políticas Editoriais, considerando que elas são parte da elaboração do objeto empírico de análise da presente pesquisa. Neste sentido, tem-se como objetivo compreender a importância de uma Política Editorial (P.E.) para um veículo jornalístico e, também, para seus leitores, devido à transparência e credibilidade que tal documento pode fornecer ao público leitor. Antes de aprofundar o debate, destaca-se o uso da definição de *Política Editorial*, por Beltrão (2006), em que o autor descreve-a como um documento que guia o jornalista. Afinal, uma P.E. serve como:

Orientação ideológica do jornal para o qual trabalha e do público para o qual se dirige. A sagração de um bispo é fato de excepcional importância para um quotidiano católico. E de relativa importância para um jornal eclético e de nenhuma para um órgão comunista; assim como os namoros de um príncipe nenhum valor têm para um diário trabalhista, cujos leitores são em sua maioria operários e gente da classe média, mas são postos em relevo pelos jornais sustentados pelas classes nobres e abastadas (Beltrão, 2006, p. 88).

Em outras palavras, a P.E. instrui a equipe jornalística a pautar e trabalhar com questões ligadas, diretamente, à ideologia do veículo, uma vez que ela sustenta a versão pela qual o público busca consumir. Contudo, uma resposta à P.E. são os *manuals de redação*, que, conforme Bronosky (2010), são “como espelho das políticas editoriais e técnicas das empresas” (Bronosky, 2010, p. 15), de modo que fiscalizem o trabalho do jornalista (Conceição, 2005).

Ao mencionar os *manuals de redação*, vale também evidenciar que P.E. não é o mesmo que *linha editorial*, apesar de os termos serem semelhantes. Paixão (2018) utiliza diversos conceitos para definir que a linha editorial refere-se ao “posicionamento político, que parte da direção do veículo jornalístico, e que interfere na escolha do tipo de informação a ser publicada e no tratamento que a empresa jornalística dará a essa informação” (Paixão, 2018, p. 95). Enquanto a P.E. é mais geral, por envolver não apenas o trabalho jornalístico, mas o ideal de um veículo em si.

Interessa ainda distinguir a diferença entre P.E. e *editorial* que, conforme Jorge Pedro Sousa (2001), o editorial faz parte do gênero jornalístico, sendo argumentativo e que pode ser “elaborado em conformidade com a linha de orientação do órgão jornalístico, consubstanciada

no respectivo estatuto editorial<sup>73</sup>” (Sousa, 2001, p. 282). Para o autor, o documento de P.E. estabelece os princípios editoriais que, onde também é moldada a linha editorial do veículo. Um ponto interessante que o autor apresenta sobre a P.E. é que ela, assim como os manuais de redação, é configurada em conjunto com os critérios de noticiabilidade<sup>74</sup>, partindo da opinião e ação dos jornalistas.

Tanto Sousa (2001) como Neveu (2004) afirmam que a P.E. é estabelecida, publicada e supervisionada pelo Diretor de Redação, uma vez que esta figura exerce uma “gerência que se pode qualificar de política” (Neveu, 2004, p. 77). Ou seja, do mesmo modo que alguém fiscaliza o processo de criação jornalística, existe um documento criado, conforme os moldes do veículo, para seguirem regras editoriais e compartilhem dos mesmos ideais éticos do local em que os jornalistas atuam. Dessa forma, reflete-se: seria a P.E. uma forma de controlar o trabalho jornalístico, para que não surjam surpresas tanto para a equipe, como para os gestores da empresa?

Contudo, tal questionamento não anula o fato de que uma P.E. contribui com a “excelência das práticas jornalísticas, incluindo as diretrizes éticas e as estruturas legais definidas pelos jornais” (Macedo; Quadros, 2023, p. 10). As autoras, ao analisarem *As estratégias de política editorial de moderação do The Guardian para a comunidade on-line de leitores*, refletem ainda que o termo *editorial* ajuda a definir e conduzir as boas práticas dos jornalistas, principalmente na presente era do jornalismo como uma ferramenta de combate à desinformação. Desse modo, a P.E. também serve como uma estratégia para estreitar laços com os leitores, ao passar credibilidade e integridade com a informação apurada pelo profissional que atua neste meio em uma redação.

Ao criar esta transparência com o público, o veículo reforça sua posição sobre determinados ideais e o comprometimento em evidenciar, por exemplo, de que modo a IA está sendo utilizada pela redação jornalística. A presente dissertação utiliza as Políticas Editoriais de Uso de IA de veículos jornalísticos brasileiros para averiguar qual o posicionamento de cada uma sobre esta utilização, que vem sendo tema de distintas pesquisas acadêmicas, principalmente aquelas que focam no jornalismo enquanto forma de conhecimento, ética e deontologia da prática.

Como pontuam os autores Tutivén e Cano (2025), “os códigos éticos desenvolvidos principalmente nas décadas de 1990 e 2000 não abordam especificamente os desafios

---

<sup>73</sup> O autor utiliza da nomenclatura *estatuto editorial* no lugar de *política editorial*, entretanto, ambas possuem a mesma definição e finalidade.

<sup>74</sup> Para Sousa (2001), os critérios de noticiabilidade, ou valores-notícia, servem para que o jornalista selecione, de modo proposital ou não, acontecimentos, que são hierarquizados e transformados em notícias.

colocados pelo ambiente digital e pela IA” (Tutivén; Cano, 2025, p. 4). Portanto, nota-se um movimento dos principais veículos de notícias do Brasil em autorregulamentar-se e criar limites deontológicos para a prática jornalística no que tange ao uso de IA, através das P.Es. com o intuito de ser transparente. Lembrando que, não se questiona mais se um veículo utiliza ou não IA no processo de produção jornalística, mas sim quais recursos são adotados e replicados nestes meios. Logo, o modo mais concreto de verificar como um veículo está utilizando IA é olhando a Política Editorial de Uso, fazendo com que o leitor confie na palavra da equipe editorial de cada veículo que explicita em quais fundamentos utiliza desta tecnologia.

#### 4.1 O PROCESSO DE AUTORREGULAMENTAÇÃO COMO PARTE DO DISCURSO METAJORNALÍSTICO E A RELAÇÃO COM A ÉTICA

Por estar preocupado em se autorregulamentar, defende-se a ideia de que a elaboração de uma P.E. está enraizada no discurso metajornalístico. Para Carlson (2015), semelhante à metalinguagem - linguagem que se volta para a própria linguagem -, o jornalismo utiliza do próprio discurso para descrever a profissão, partindo de elementos práticos do campo que auxiliam a compreender o que é o jornalismo enquanto cultura geradora de significados sociais. O autor define melhor a utilização deste termo no trecho a seguir:

O termo “discurso metajornalístico” fornece um descritor desse campo discursivo, que pode ser definido como expressões públicas avaliando textos de notícias, as práticas que os produzem ou as condições de sua recepção. O caso de por que esse discurso importa leva ao argumento teórico de que o discurso metajornalístico conecta a criação e a circulação dos significados socioculturais do jornalismo às práticas sociais que cercam a produção e o consumo de notícias (Carlson, 2015, p.2).

Segundo ele, o processo metajornalístico vem de uma necessidade dos agentes do próprio campo - os jornalistas - em afirmar o que é o jornalismo, como eles devem agir e ser. Compreender que o jornalismo é “variável, contextualmente inserido e socialmente desestabiliza noções de jornalismo como uma forma cultural estática ou universalizada” (Carlson, 2013, p. 10), contribui com descrições referentes à profissão no sentido de criar definições sobre a ação jornalística, estabelecer limites e legitimá-lo. Com isso, entende-se que, quando uma equipe ou comissão editorial de um veículo estabelece um documento, no qual objetiva as ações dos profissionais, cria barreiras de ações, que é o caso de uma política editorial. Sendo assim, nota-se a tentativa de legitimação do jornalismo, para reconhecer

traços exercidos na profissão, não somente por quem possui uma rotina laboral, mas por quem também a consome.

Portanto, interpretar a criação e divulgação de Políticas Editoriais de Uso de IA por veículos jornalísticos como uma tentativa de elaborar e circular significados sobre jornalismo (Carlson, 2015) vai muito além da transparência que a profissão busca ter com o público leitor. Afinal, nem sempre o veículo coloca em prática o que estabelece neste tipo de documento, mas se esforça em moldar e criar limites operacionais, com o objetivo de não ferir a integridade ética da profissão. O que faz indagar sobre: será que, ao estabelecer limites sobre o uso de uma tecnologia que tem se mostrado tão potente na sociedade, é o suficiente para não atingir a ética jornalística?

Ao propor o debate teórico sobre ética jornalística, antes, a presente dissertação procura retratar, de modo mais claro, a falta de uma regulamentação para o jornalismo, considerando que no Brasil, a profissão não possui regras de funcionamento ou fiscalização, uma vez que a sua atividade é pouco formalizada, como afirmam Guerra e Lima (2022). Vale destacar que a escassez de regulamentação e o *déficit* de jornalistas formalizados são consequência da não obrigatoriedade do diploma, que foi derrubado em 2009 pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A ‘Lei da Imprensa’, instaurada na época da ditadura militar, em 1967, serviu de justificativa para que o Poder Judiciário Brasileiro menosprezasse a importância de um diploma universitário para o exercício do jornalismo no país. Desde então:

O Brasil não dispõe de nenhum sistema de regulação formal instituído que atue sobre a atividade jornalística, em suas várias dimensões, como responsabilidades, garantias, excessos, entre outros aspectos. Ainda que haja dispositivos legais existentes sobre funções e registro profissionais, a radiodifusão, as telecomunicações e a internet, suas normas não alcançam a amplitude dos temas que incidem sobre o exercício do jornalismo. Do ponto de vista legal, há um conjunto de leis que regulam direitos fundamentais requeridos pela atividade e condutas específicas direta ou indiretamente aplicáveis à atividade, sem que isso represente um efetivo sistema regulador. Na prática, o mercado jornalístico brasileiro não tem um marco regulatório específico (Guerra; Lima, 2022, p. 36).

Logo, o jornalismo encontrou no processo de autorregulamentação uma tentativa de buscar a qualidade da profissão, diante de documentos deontológicos, como o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, aprovado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em 2007. Esta versão, conforme Guerra e Lima (2022), foi a quarta elaborada pela federação, tendo como anteriores a de “1949 (que vigorou até 1968); a edição de 1968 (cuja validade foi até 1986); o código de 1986 (que valeu até 2007)” (Guerra; Lima, 2022, p. 43). Entretanto, este documento não é seguido à risca pelos profissionais do campo, principalmente porque a Fenaj é uma instância muito restrita e as punições para quem descumpra algum artigo se

resumem a: “a exclusão dos quadros do sindicato, para quem é associado; e o impedimento de vir a ser tornar sindicalizado, para quem ainda não o é” (Guerra; Lima, 2022, p. 45).

Os processos internos de autorregulamentação do jornalismo servem para reforçar o compromisso que a profissão possui com a sociedade e com aqueles que a exercem. Mas será que sempre são seguidos e postos em prática, principalmente no que se refere às Políticas Editoriais de Uso de IA nas redações jornalísticas brasileiras? Para Neveu (2006), a profissão é ‘francamente institucionalizada’, porém, no sentido de que “ela dispõe de uma cultura e de uma ética que lhe pode fazer valer pelos meios contratuais que o Estado lhe outorga. [...] Seus membros atribuem a ela o essencial de sua energia social, são conscientes de ter interesses comuns” (Neveu, 2006, p. 36).

Com isso, entende-se que a regulação e a ética são mais um pacto entre uma comunidade, por justamente não serem devidamente fiscalizados, praticados e, principalmente, punidos quando necessário. Como menciona Christofolletti (2008), “no Brasil, vários códigos deontológicos dividem espaço no mercado e nas redações, o que não impede que o jornalismo seja uma atividade marcada por desvios e falhas éticas” (Christofolletti, 2008, p. 81). Dentre os documentos, o autor lista o: Código de Ética e Auto-Regulamentação da Associação Nacional de Jornais (ANJ); Princípios Éticos da Associação Nacional dos Editores de Revistas (Aner); Código de Ética da Radiodifusão Brasileira da Associação de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert); e o próprio Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Ao que parece, nenhum desses documentos chegam a um consenso para regulamentar a profissão.

Neste sentido, mostra-se pertinente questionar “*por que a ética é tão importante para o jornalismo?*” - pergunta que Christofolletti utilizou para iniciar o livro sobre *Ética no Jornalismo* (2008). Pois, para ele, a mídia facilitou o acesso aos acontecimentos, seja em qualquer lugar do mundo, e, assim, o jornalismo permite que a audiência saiba dessas informações, causando grande impacto na sociedade. Por isso, o autor enfatiza que a ética deve ser um elemento utilizado pela profissão, não apenas por quem produz notícias, mas por quem as consome, uma vez que, “no jornalismo, a ética ajuda a lembrar o profissional de que há mais matrizes entre o fato e o seu relato” (Christofolletti, 2008, p. 12).

Ao retratar a influência estadunidense sobre o jornalismo brasileiro, Lins da Silva (1991) apresenta pontos que divergem diante de uma realidade para a outra, no que diz respeito às questões éticas da profissão no Brasil. Para ele, “essas discussões se resumem ao nível interno, com pouco se revelando ao público e com uma exagerada dose de autodefesa da parte de empresas e de jornalistas” (Lins da Silva, 1991, p. 126). Diferente da imprensa

estadunidense, no Brasil, a influência de veículos é mais limitada e a ação do seu campo é menos impactante. Considera-se que o jornalismo brasileiro não é tão autocrítico e depende de financiamentos empresariais, o que impede-o de ir contra os grandes empresários para não ficar ‘mal visto’ ou de redigir políticas editoriais que não busquem apenas o lucro. Outro aspecto que atinge diretamente a ética profissional do jornalismo brasileiro são as relações pessoais acima das institucionais, por prejudicarem “a qualidade do papel de ‘cão de guarda do governo’” (Lins da Silva, 1991, p. 124), defendendo que a imprensa brasileira deve seguir o modelo estadunidense.

Parecido com este modelo ou não, autores como Meyer (1989) e Christofolletti (2008) acreditam que o jornalismo necessita ser eficientemente ético. Para Christofolletti (2008), a profissão conseguiu evoluir neste sentido, desde a época da ditadura, investindo, por exemplo, no “aperfeiçoamento de técnicas de investigação, na preocupação com o jornalismo de serviços, na segmentação do seu mercado e na especialização de coberturas” (Christofolletti, 2008, p. 14). Com isso, Meyer (1989) aponta que um jornal eticamente eficiente possui um certo grau de liberdade e autonomia, respeito mútuo entre editor e *publisher*<sup>75</sup> e a equipe manifesta valores morais.

Diferente de Christofolletti (2008), Meyer (1989) defende que a responsabilidade ética deveria ser aplicada para o jornal como um todo, responsabilizando, por exemplo, tanto o setor comercial quanto o jornalístico. Enquanto Christofolletti (2008) menciona que a ética não é uma só, pois “pensar que só existe uma ética para atuar é chapar a realidade, tirar a profundidade das relações humanas e a complexidade de sua dinâmica” (Christofolletti, 2008, p. 22). O mesmo autor reforça que pensar no estigma ‘cada um tem a sua ética’ implica em considerar que a ética não é uma prerrogativa dos seres que vivem em comunidade, sendo que ela é, mesmo que se baseie na moralidade<sup>76</sup> individual.

De qualquer modo, pensar em ética para o jornalismo, principalmente no cenário contemporâneo da profissão, contribui para reafirmar o compromisso com a “verdade, confiabilidade, qualidade de informação e credibilidade” (Christofolletti, 2008, p. 97), mesmo para o cenário do jornalismo digital. A profissão sempre se reinventa e se adapta conforme a realidade que a cerca. Perante isso, não é de se estranhar que ela invista em novas ferramentas de tecnologia, modo de interação e formatos de trabalhos para continuar a atuar na sociedade.

---

<sup>75</sup> Para o autor, o *publisher* é basicamente quem faz o veículo funcionar de modo rentável.

<sup>76</sup> Christofolletti (2008) explica que moral é “um conjunto de valores que orientam a conduta, as ações e os julgamentos humanos. Valores como bondade, justiça, liberdade, igualdade, respeito à vida, entre tantos outros. (p. 16).

Entretanto, os valores éticos do fazer jornalismo não devem ser ignorados, ou, talvez, reformulados, desde que não atinjam diretamente seus valores de atuação.

Portanto, refletir sobre o cenário atual do jornalismo ajuda a compreender o dinamismo da profissão e a frear algumas atitudes, enquanto ainda há tempo. O próprio Christofolletti (2008) afirma que o processo de velocidade, do qual os jornalistas do *online* são reféns, pode alterar a qualidade da informação verídica e confiável. Como o próprio autor aborda: “a velocidade não deve afetar a correção ou a precisão das informações” (Christofolletti, 2008, p. 99). Além da velocidade imposta pelo jornalismo digital, necessita-se ainda pontuar o tratamento de imagens, vídeos e áudios que, para Tófoli (2008) não são questões éticas tão novas para pensar perante a adaptação da profissão.

Ao utilizar o artigo 4º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007), a autora reforça o comprometimento que o jornalismo deve ter com a verdade, principalmente no que se refere à manipulação errônea destes conteúdos multimidiáticos. Afinal, a urgência pelo furo de reportagem não pode afetar a credibilidade jornalística. Todavia, como Christofolletti (2008) aponta, se a tecnologia permite ajustar as coisas - como editar o brilho ou contraste de uma imagem, melhorar a qualidade de um áudio ou ajustar o enquadramento de um vídeo - logo, a profissão deve ser conscientizada a utilizar esses recursos. Desde que não altere o teor verídico do acontecimento e, muito menos, manipule a opinião pública (Christofolletti, 2008).

#### 4.1.1 Alertas para questões éticas sobre o uso de IA na sociedade

Autores como Alonso (2024) trazem alertas éticos referente ao uso de IA na sociedade, como: mais responsabilidade ao utilizar tal tecnologia; ter cautela diante da privacidade e confidencialidade dos dados que são compartilhados com programas de IA; exigir transparência e solicitar explicações sobre termos de uso; prestar atenção em algoritmos repletos de preconceitos, considerando que eles são criados por grandes empresas de tecnologia que visam somente o lucro e não o bem-estar e autonomia da sociedade; refletir e tentar contornar o desaparecimento de postos de trabalho; não dar brecha para a falta de controle que a implementação da IA pode causar na vida profissional e social; e não negligenciar o poder que esta tecnologia possui, seja por ter acesso a dados pessoais ou por alterar toda uma rede de trabalho com a sua utilização na rotina.

Tais alertas possibilitam evidenciar que a sociedade necessita estar preparada e conhecer a potência desta tecnologia, principalmente no que se refere à expansão de dados

algorítmicos na *web*. De certo modo, as relações interpessoais são alteradas com a expansão do uso de IA, seja ao consultar uma informação na internet ou ao produzir um texto informativo. Conhecer a proposta de uma IA, generativa ou não, é saber como utilizá-la e entender seus riscos e possíveis soluções para tarefas práticas, por exemplo. Neste ponto entra a ética, pois, “a ética do cuidado tem muito a dizer sobre esse ponto, e é razão mais do que suficiente para que esse movimento filosófico aborde, decisivamente, os problemas decorrentes das novas tecnologias algorítmicas” (Alonso, 2024, p. 47, tradução nossa)<sup>77</sup>.

Semelhante aos estudos de Alonso (2024), Araujo e Melchiorretto (2025) argumentam que, ao contribuir na elaboração de tarefas cognitivas, a IA desafia as “noções estabelecidas e oferece novas formas de interação e experiência” (p. 13). Portanto, os autores apontam algumas recomendações sobre o uso ético da IA no cotidiano, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 3 - Recomendações éticas para o uso de IA

(continua)

| RECOMENDAÇÃO                                                            | DETALHAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                           | RESULTADO ESPERADO                                              |
|-------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| <b>Mobilização para uso ético das ferramentas de IA</b>                 | Busca “direcionar o desenvolvimento e a aplicação da IA de maneira que respeite os princípios éticos fundamentais. [...] Prevenir a utilização indevida da tecnologia que possa resultar em danos sociais, culturais ou humanos, categorizados metaforicamente como barbárie” (p. 12). | Priorizar a implementação de diretrizes ou marcos regulatórios. |
| <b>Estabelecimento de um compromisso educativo para um uso adequado</b> | “Aponta para a importância de educar os indivíduos sobre as capacidades e limitações da IA” (p. 12).                                                                                                                                                                                   | Interpretá-la como uma ferramenta que ajuda em algumas tarefas. |
| <b>Normatização do uso através de mecanismos de controle</b>            | “Criação de regulamentações e padrões legais que governem o uso da IA. [...], visando estabelecer um quadro legal                                                                                                                                                                      | Regular o território virtual.                                   |

<sup>77</sup> Texto original: “La ética del cuidado tiene mucho que decir sobre este punto, y es un motivo más que suficiente para que esta corriente filosófica se ocupe decididamente de los problemas derivados de las nuevas tecnologías algorítmicas” (Alonso, 2024, p. 47).

(conclusão)

| RECOMENDAÇÃO                                                              | DETALHAMENTO                                                                                                                                                                         | RESULTADO ESPERADO                                  |
|---------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
|                                                                           | que proteja os direitos dos cidadãos e promova a transparência e a responsabilidade dos sistemas de IA. E o uso dos dados” (p. 12).                                                  |                                                     |
| <b>Promoção de diálogos interdisciplinares para evitar microfascismos</b> | “Fomentar conversas entre diferentes disciplinas acadêmicas e setores da sociedade para garantir que a IA seja desenvolvida e utilizada de forma inclusiva e diversificada” (p. 12). | Confrontar estes territórios antes que se expandam. |

Fonte: Araujo; Melchiorretto (2025).

Os próprios autores reforçam que o uso de IA não pode ser negligenciado ou impedido, mas sim compreendido, analisado e regulamentado. Sendo assim, a profissão deve-se, ao menos, tentar utilizar tal tecnologia de modo ético e fundamentado, seja qual for a finalidade. Logo, entende-se que o uso de IA deve ser implementado com base no diálogo e respeitando questões como: justiça, responsabilidade, transparência, privacidade e autonomia - questões que Aparicio-Gómez e Aparicio-Gómez (2023) também apontam no artigo intitulado como *Ética e Inteligência Artificial*, de 2023. Para eles, “A rápida proliferação da Inteligência Artificial (IA) em todos os aspectos da vida moderna trouxe consigo uma série de desafios éticos que exigem atenção imediata e cuidadosa” (Aparicio-Gómez; Aparicio-Gómez, 2023, p. 82, tradução nossa)<sup>78</sup>. Portanto, tais princípios éticos são fundamentais para que o uso de IA na sociedade seja implementado de modo que siga valorizando os direitos fundamentais da dignidade humana.

#### 4.1.2 Para se pensar em parâmetros éticos voltados a inserção da IA no jornalismo

Não somente voltada para o uso social, a IA deve ser pensada de modo ético, especialmente para o jornalismo que, segundo Lassi (2022), carece de documentos que

<sup>78</sup> Texto original: “La rápida proliferación de la Inteligencia Artificial (IA) en todos los aspectos de la vida moderna ha traído consigo una serie de desafíos éticos que demandan una atención inmediata y meticulosa” (Aparicio-Gómez; Aparicio-Gómez, 2023, p. 82).

considerem as potencialidades e consequências dessa tecnologia. Portanto, a autora enfatiza que:

É dever do jornalista garantir uma ética intersubjetiva que busque empoderar outros para melhorar a vida pública e contribuir para a consolidação de uma democracia que tenda a estruturas deliberativas mais responsáveis. Para tanto, produzir conteúdo que busque construir narrativas adequadamente sob a operação desses sistemas (existentes e 100% humanos) será de vital importância (Lassi, 2022, p. 166, tradução nossa)<sup>79</sup>.

Afinal, a tentativa de compreender os parâmetros de uso da IA em uma redação jornalística é o primeiro passo, para que a equipe de jornalistas e coordenadores esteja disposta a colocar em prática. Como a própria Lassi (2022) aponta, não significa que a profissão seja de fato ameaçada pelo crescente uso de IA, mas o modo como os consumidores de notícias encaram o desenvolvimento de algumas funções jornalísticas por meio desta tecnologia, tende a afetar a credibilidade do jornalismo e deixar em xeque os valores éticos que os jornalistas tanto prezam. Pois, “os efeitos da automação são - e serão - cada vez mais profundos, abrangendo implicações sociais, práticas, sociopolíticas, psicológicas, jurídicas e ocupacionais” (Lassi, 2022, p. 165, tradução nossa)<sup>80</sup>.

Forja-Pena *et al.* (2024) defendem que o jornalismo necessita atualizar seus códigos de ética, considerando que estes documentos “estabelecem as bases para o trabalho jornalístico, permitindo conhecer o trabalho de diferentes países e associações jornalísticas na área de IA e ética” (Forja-Pena *et al.*, 2024, p. 241). Ao realizar um mapeamento, por meio de quatro bases de dados<sup>81</sup>, referente aos códigos de ética e deontologia jornalística atuais, os autores identificaram que somente quatro federações, de 99 encontradas ao redor do mundo, atualizaram tais documentos conforme o crescente uso de IA na profissão, sendo: Bélgica, Costa Rica, Alemanha e Lituânia.

Em resumo, a inserção do uso ético da IA no jornalismo contribui para a transparência, que influencia dois valores centrais da profissão: “de um lado, a veracidade das informações e o combate à desinformação; de outro, os direitos autorais dos jornalistas”

<sup>79</sup> Texto original: “Es un deber del periodista velar por una ética intersubjetiva, que busque empoderar al otro en favor de mejorar la vida pública y que contribuya a la consolidación de una democracia tendiente a marcos deliberativos más responsables. Para ello, la producción de contenido buscando una correcta construcción de narrativas bajo la operación de estos sistemas (entre los ya existentes y humanos al cien por ciento) será de vital importancia” (Lassi, 2022, p. 166).

<sup>80</sup> Texto original: “que los efectos de la automatización son - y serán - cada vez más profundos, abarcando implicancias de orden social, práctico, sociopolítico, psicológico, legal y ocupacional” (Lassi, 2022, p. 165).

<sup>81</sup> Essas bases, segundo os autores são: dados: Accountable Journalism do Instituto de Jornalismo Donald W. Reynolds da Universidade do Missouri; EthicNet da Universidade de Tampere, na Finlândia; MediaWise Trust (PressWise); e a Base de Dados de Códigos Éticos do PressCouncils.eu.

(Forja-Pena *et al.*, 2024, p. 244, tradução nossa)<sup>82</sup>. Neste sentido, tal estudo aponta uma lista de dez desafios que a profissão tende a enfrentar ao incluir a IA nas redações jornalísticas, sendo a principal delas voltada à ética, seguida pela transparência, tanto dentro das redações como com o público leitor através do compartilhamento de *prompts*, por exemplo.

Forja-Pena *et al.* (2024) também reforçam a necessidade de checagem de dados utilizados pela IA, questões pensadas quanto à privacidade e vigilância de tais informações, a implementação de um processo de regulamentação - conforme a responsabilidade editorial do veículo -, a defesa dos direitos autorais, o combate à desinformação, o acesso imparcial à informação e, por fim, tornar cada vez mais evidente o processo de supervisão humana referente a utilização desta tecnologia nos processos jornalísticos. O que traz um alerta, mais uma vez, a necessidade da profissão em atualizar os códigos éticos, para ser possível implementar a IA de modo consciente, sem precarizar o trabalho dos jornalistas e fragilizar a credibilidade do jornalismo contemporâneo.

As considerações abordadas por Forja-Pena *et al.* (2024) estão atreladas ao estudo de Gutiérrez-Caneda *et al.* (2024) que, ao entrevistarem profissionais de mídia e pesquisadores da área do jornalismo, concluíram que a IA necessita ser regulamentada pela profissão e não ignorada. A partir de entrevistas realizadas, os pesquisadores apontaram que “o envolvimento dos jornalistas no desenvolvimento de ferramentas de IA é visto pelos entrevistados como algo positivo, mas nem sempre possível devido à falta de recursos” (Gutiérrez-Caneda *et al.*, 2024, p. 5, tradução nossa)<sup>83</sup>. Os autores também reconhecem a dificuldade da profissão em regulamentar tal uso, pois, “a regulamentação editorial externa não é vista como a melhor solução devido às características inerentes ao jornalismo: uma regulamentação rígida e específica pode dificultar o trabalho dos jornalistas, e uma regulamentação branda não será útil” (Gutiérrez-Caneda *et al.*, 2024, p. 6, tradução nossa)<sup>84</sup>.

Neste caso, o envolvimento dos Poderes, sejam eles o Legislativo, Executivo ou Judiciário, não deve ser ignorado. Afinal, “o processo de regulamentação serve para impor limites e criar legislações que prezam pela segurança da população, ajudando a ampliar o debate sobre os direitos da sociedade” (Santos *et al.*, 2025, p. 3, no prelo). Com isso, nota-se uma tentativa dos Poderes Legislativos dos países da América do Sul em pautar o uso de IA

<sup>82</sup> Texto original: “Por un lado, la veracidad de la información y la lucha contra la desinformación; por otro, los derechos de autor de los periodistas” (Forja-Pena *et al.*, 2024, p. 244).

<sup>83</sup> Texto original: “La participación de los periodistas en el desarrollo de herramientas de IA es vista por los entrevistados como algo positivo, pero no siempre posible debido a la falta de recursos” (Gutiérrez-Caneda *et al.*, 2024, p. 5).

<sup>84</sup> Texto original: “La regulación editorial externa no se considera la mejor solución debido a las características inherentes del periodismo: una regulación rígida y específica puede obstaculizar el trabajo de los periodistas, y una regulación laxa no resultará útil” (Gutiérrez-Caneda *et al.*, 2024, p. 3).

nas mais diversas áreas, entretanto, o jornalismo em si acaba ficando de lado (Barbosa *et al.*, 2025, no prelo). O que, talvez seja uma solução interessante para a profissão é buscar “adaptar essas ferramentas ou criar novas do zero, equipes multidisciplinares são necessárias” (Gutiérrez-Caneda *et al.*, 2024, p. 3, tradução nossa)<sup>85</sup>.

Escobar e Jiménez (2024) pontuam que, com a inserção da IA nas redações jornalísticas, a profissão enfrenta tempos de incertezas e volatilidades. Portanto, os autores destacam que os veículos necessitam criar comitês éticos que pautem a utilização desta tecnologia, principalmente em relação aos assuntos voltados aos conteúdos que circulam na internet e redes sociais. Entretanto, os autores questionam qual será o destino de algumas funções jornalísticas, como a de revisor, com o crescente uso de IA:

Se a ferramenta facilita a tarefa dos jornalistas de verificar ou corrigir informações, como já acontece nas redações, onde historicamente se utilizam revisores de texto em jornais, revistas e grandes editoras, surge a pergunta: o que acontecerá com os profissionais responsáveis por revisar esse material para garantir que o conteúdo esteja livre de erros gramaticais, ortográficos ou sintáticos? (Escobar; Jiménez, 2024, p. 13, tradução nossa)<sup>86</sup>.

O que abre margem para refletir sobre, não somente ao desaparecimento desta função, mas também como determinadas tarefas, por exemplo, análise de dados e verificação de notícias, serão desenvolvidas daqui para frente, considerando que tais atividades já utilizam da IA para criar conteúdos jornalísticos de modo automatizado e ágil. Contudo, os autores também apontam como a IA Generativa tende a contribuir à luta contra a desinformação, pois, por meio de *prompts* desenvolvidos e treinados, “seria possível distinguir entre informações verdadeiras e falsas e, dessa forma, verificar as informações com fontes confiáveis, estabelecendo padrões discriminatórios” (Escobar; Jiménez, 2024, p. 11, tradução nossa)<sup>87</sup>.

Portanto, autores como Fernandes (2025) reforçam que “cabe ao jornalista definir os critérios que darão forma à notícia: definir o que é relevante, como determinado fato vai ser apurado, de que forma o texto será redigido etc.” (Fernandes, 2025, p. 7). Com isso, tal tecnologia pode contribuir com a elaboração de funções na profissão, porém, somente o humano/profissional/jornalista tem a palavra final sobre o que será ou não realizado dentro do ambiente laboral por meio de IA. Este conceito fica melhor definido no trecho a seguir:

<sup>85</sup> Texto original: “Para adaptar estas herramientas o crear nuevas desde cero, se necesitan equipos multidisciplinares” (Gutiérrez-Caneda *et al.*, 2024, p. 3).

<sup>86</sup> Texto original: “Si la herramienta facilita el trabajo de los periodistas para verificar información o corregirla, como ya ocurre en las salas de redacción, donde históricamente se han utilizado correctores de estilo en periódicos, revistas y grandes editoriales, surge la pregunta de qué sucederá con los profesionales encargados de revisar este material para asegurar que los contenidos estén libres de errores gramaticales, ortográficos o sintáticos (Escobar; Jiménez, 2024, p. 13).

<sup>87</sup> Texto original: “le sería posible distinguir entre la información verdadera y falsa, y, de esta manera, efectuar la verificación de la información con fuentes fiables, estableciendo patrones discriminatorios” (Escobar; Jiménez, 2024, p. 11).

Mesmo que as operações cognitivas da IA produzam efeitos (causa eficiente) cada vez mais semelhantes aos produzidos por seres humanos, uma IA é incapaz de determinar seu próprio propósito (causa final). Isso realmente é papel do jornalista. Produzir notícia, a atividade essencialmente jornalística, é demasiado complexa para ser realizada exclusivamente por uma IA (Fernandes, 2025, p. 18).

Por isso, a autora ainda enfatiza que a tendência é surgir novas funções ligadas ao uso de IA no jornalismo, como o editor e o treinador de IA, todas dependentes dos jornalistas e seus conhecimentos enquanto produtores de notícias, mesmo utilizando de recursos e ferramentas vinculados a essa tecnologia. Seguindo esta mesma lógica, em que defendem a clareza sobre a utilização deste recurso à profissão, Esteban e Sanahuja (2023) afirmam que a inserção pode ser útil desde que “o progresso técnico que ela oferece não comprometa o progresso ético que a atividade jornalística pode nos oferecer através do seu bem interno” (Esteban; Sanahuja, 2023, p. 141, tradução nossa)<sup>88</sup>.

Logo, o uso ético da Inteligência Artificial no jornalismo deve estar comprometido com a transparência, autonomia, credibilidade e supervisão da profissão. O que contribui para que a tecnologia seja integrada às redações de modo que não comprometa o trabalho do jornalista e não afete os valores fundamentais do jornalismo que, geralmente, são descritos nos manuais de redação e políticas editoriais - as mesmas que são o objeto de estudo da presente dissertação. Afinal, o processo de se autorregular faz com que o campo limite-se ao não errar em utilizar IA em produções que devem ser realizadas por uma mente humana. Como foi discutido ao longo deste capítulo, a Política Editorial contribui, justamente, para instruir a equipe jornalística em como agir sobre determinadas situações, seja no momento de elaborar um editorial ou em escolher ou não em utilizar um recurso de IA, sendo de modo ético, sem comprometer a elaboração do jornal e o compromisso com os leitores e leitoras.

---

<sup>88</sup> Texto original: “el progreso ético que es capaz de ofrecernos la actividad periodística a través de su bien interno” (Esteban; Sanahuja, 2023, p. 141).

## 5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de pesquisa exige um interesse prévio sobre a temática que se está estudando. Para saber de algo, antes surge a curiosidade e, após, vem a pesquisa exploratória. Afinal, é por meio deste movimento que vão surgindo conceitos e objetos empíricos relevantes o bastante para serem analisados, aproximando o pesquisador do empírico (Bonin, 2009). Por isso, considera-se que a elaboração desta dissertação iniciou-se ainda na escrita do anteprojeto elaborado para a seleção do mestrado, que já trazia como temática de investigação as adaptações da profissão com o uso crescente de Inteligência Artificial (IA) nas produções jornalísticas. Neste capítulo, será abordada a construção dos procedimentos metodológicos que ajudarão a desenvolver a análise sobre as Políticas Editoriais de Uso de IA no jornalismo brasileiro, além do modo como foi realizado o levantamento bibliográfico com foco em pesquisas atuais sobre essa tecnologia, seja no jornalismo, comunicação ou outros campos - como o computacional e educacional.

Inicialmente, a proposta de pesquisa tinha a ideia geral de identificar quais técnicas foram adaptadas sobre o uso da IA para a profissão, com base na atuação de veículos locais de Ponta Grossa, Paraná, durante as eleições municipais de 2024<sup>89</sup>. De acordo com uma breve pesquisa exploratória, realizada em janeiro de 2024, constatou-se que o *Estadão* estava manifestando-se sobre o uso de IA nas redações, algo que ainda não havia sido divulgado pelos portais de notícias do interior do Brasil - ao menos, não encontrado até a elaboração do documento final da dissertação, que ocorreu em abril de 2026.

Com isso, a temática e o objetivo geral foram modificados com a finalidade de analisar as Políticas Editoriais de veículos jornalísticos brasileiros, referente à utilização de Inteligência Artificial na criação de conteúdos jornalísticos. Para as análises serem realizadas, em um primeiro momento, aplicou-se uma busca exploratória das Políticas Editoriais de Uso de IA. Destaca-se que elas foram encontradas após ler o editorial do grupo *O Globo*, divulgado em novembro de 2023, falando sobre a atualização de regras que impediam o acesso de ferramentas de IAG a seus sites<sup>90</sup>, restringindo principalmente o uso em conteúdos produzidos e divulgados pela editora. A leitura deste documento foi feita em janeiro de 2024, no decorrer do processo de elaboração do anteprojeto apresentado ao Programa de

---

<sup>89</sup> Devido ao tempo de realização do mestrado, o foco foi alterado, além de que considerou-se ser mais relevante analisar os veículos com abrangência nacional, ao invés dos municipais.

<sup>90</sup> Conferir conteúdo:

<<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/11/24/editora-globo-atualiza-regras-e-impede-acesso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-generativa-a-seus-sites.ghml>>.

Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Todavia, este documento não é considerado uma Política Editorial de Uso de IA, por estar na aba *Termos de Uso*, voltado aos usuários do *site*.

O segundo movimento, aplicado em junho de 2024, baseou-se em realizar buscas nos principais veículos jornalísticos brasileiros, a partir do *Google*, para encontrar outras Políticas de Uso de IA. Com isso, observou-se a necessidade de criar uma tabela, onde constasse a data de divulgação e *links* que direcionassem diretamente aos conteúdos disponibilizados pelos *sites* de tais veículos. Dessa forma, um arquivo foi hospedado no *Planilhas do Google*<sup>91</sup>, de modo *online*. Na primeira aba deste arquivo estão listadas as Políticas Editoriais dos veículos que elaboraram critérios sobre o uso de IA nas redações e na segunda aba estão listados os veículos que ainda não possuem Políticas Editoriais de Uso de IA. Na segunda aba, também estão listados os veículos<sup>92</sup> pesquisados, de modo exploratório, mas que não possuem Política Editorial de Uso de IA divulgada em seus *sites*.

Uma busca mais sistemática e direcionada foi realizada em 1º de outubro de 2024, onde encontraram-se os documentos *online* sobre uso de IA dos veículos *Estadão*, *AzMin*, *A Pública*, *GI*, *CBN*, *Folha S.Paulo*. Na primeira aba constam as colunas que trazem informações como: *Data de publicação* da Política de Uso; *Veículo/Grupo*; *Link* das Políticas; e possíveis *Observações*, como fica melhor explicitado na tabela a seguir (ver tabela 1). Destaca-se também que, em 27 de novembro de 2024, um segundo levantamento foi realizado, mas dessa vez não de modo exploratório, onde constatou-se mais um veículo que possui Política Editorial de Uso de IA, sendo o *Núcleo Jornalismo*.

Para este movimento, utilizou-se como base o levantamento de Pinto e Barbosa (2024), em que os autores mapearam, nos anos de 2021 e 2023, “45 iniciativas [...] que aplicaram ou utilizam Inteligências Artificiais (IAs) em alguma etapa do processo de produção jornalística” (Pinto; Barbosa, 2024, p. 65). Por meio desse estudo, a presente pesquisa concentrou-se em encontrar as Políticas Editoriais em *sites* de notícias jornalísticas comprometidas com reportagens, notícias de *hard news* e matérias, abordados por Pinto e Barbosa (2024), desconsiderando as agências de checagem de fatos - as *fact-checking*<sup>93</sup>.

<sup>91</sup> Ver planilha do levantamento de Políticas Editoriais de Uso de IA:

<[https://docs.google.com/spreadsheets/d/1b457h4J\\_xN8MCae\\_n5C6BCcoN8OHtu\\_TSQ\\_vijxe9wA/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1b457h4J_xN8MCae_n5C6BCcoN8OHtu_TSQ_vijxe9wA/edit?usp=sharing)>.

<sup>92</sup> Os veículos que não possuem Política Editorial de Uso de IA, até a finalização desta dissertação são: *Band News FM/Band Uol*; *Jovem Pan*; *Gazeta do Povo*; *Terra (UOL)*; *Intercept*; *Grupo Abril*; *Correio 24 horas*.

<sup>93</sup> Os veículos de *fact-checking* têm como compromisso verificar se as informações compartilhadas são verdadeiras ou não, confrontando-as com dados verídicos, sendo, atualmente, um dos principais métodos para deter a desinformação.

Por fim, foi realizado um terceiro movimento de observação no dia 5 de fevereiro de 2025, com o intuito de verificar se as Políticas Editoriais de Uso de IA, encontradas em outubro e novembro de 2024, haviam sido atualizadas. Entretanto, desde as últimas observações, nenhum veículo divulgou uma nova versão das P.Es. Por fim, no dia 7 de outubro de 2025, foi colocada em prática uma última observação, com o mesmo objetivo: identificar se as Políticas Editoriais de Uso de IA haviam sido atualizadas. Neste movimento, identificou-se que somente o *Núcleo Jornalismo* anexou uma data de atualização no final do documento, que contava ter sido realizada no dia 02 de setembro de 2025. Dessa forma, as informações finais, que compõem a tabela 1, podem ser observadas a seguir:

Tabela 1 - Veículos brasileiros que possuem Políticas Editoriais de Uso de IA

| Data publicação | Veículo/Grupo     | Link                                                                                                                                                                                                                                                                                    | OBS                                   |
|-----------------|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|
| 22/11/2023      | Estadão           | <a href="https://www.estadao.com.br/link/estadao-de-fine-politica-de-uso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-por-seus-jornalistas-veja/">https://www.estadao.com.br/link/estadao-de-fine-politica-de-uso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-por-seus-jornalistas-veja/</a> | Atualização em 23/11/2023             |
| 14/12/2023      | AzMina            | <a href="https://azmina.com.br/revista-azmina/?swcfpc=1#uso-de-inteligencia-artificial">https://azmina.com.br/revista-azmina/?swcfpc=1#uso-de-inteligencia-artificial</a>                                                                                                               |                                       |
| 2023            | A Pública         | <a href="https://apublica.org/politica-de-uso-de-inteligencia-artificial-ia/">https://apublica.org/politica-de-uso-de-inteligencia-artificial-ia/</a>                                                                                                                                   |                                       |
| 27/06/2024      | O Globo           | <a href="https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/#secao-3">https://oglobo.globo.com/principios-editoriais/#secao-3</a>                                                                                                                                                           | Seção III                             |
| 27/06/2024      | G1                | <a href="https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#secao-3">https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html#secao-3</a>                                                                                                                             | Seção III - Pertence ao grupo O Globo |
| 27/06/2024      | CBN               | <a href="https://cbn.globo.com/principios-editoriais/#secao-3">https://cbn.globo.com/principios-editoriais/#secao-3</a>                                                                                                                                                                 | Seção III - Pertence ao grupo O Globo |
| 26/03/2024      | Folha S.Paulo     | <a href="https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/manual-de-redacao-conduta/inteligencia-artificial.shtml">https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/manual-de-redacao-conduta/inteligencia-artificial.shtml</a>                                             |                                       |
| 18/05/2023      | Núcleo Jornalismo | <a href="https://nucleo.jor.br/politica-ia/">https://nucleo.jor.br/politica-ia/</a>                                                                                                                                                                                                     | 2/09/2025 - 7/10/2024 (atualizado)    |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Sobre as atualizações que estão na coluna *OBS*, mostra-se pertinente explicar que, no momento em que as políticas do *Estadão* e do *Núcleo Jornalismo* foram encontradas, elas já

tenham sido atualizadas, contudo, a pesquisa conseguiu recuperar a primeira versão das Políticas Editoriais de Uso de IA de ambos os veículos. Destaca-se que, mesmo que o *Núcleo* tenha afirmado atualizar o documento entre 2024 e 2025, a análise - que será desenvolvida no capítulo a seguir - identificou que nenhum tópico ou linha foi modificado.

Considera-se válido também mencionar que as atualizações servem para avançar no movimento comparativo entre uma política e outra e, até mesmo, com base em questões que os próprios veículos constataram ser pertinentes modificar. Um exemplo baseia-se no primeiro levantamento, visto que o grupo *O Globo* mudou de opinião referente ao uso de IA, contudo referenciando o trabalho da editora<sup>94</sup>. Se em novembro de 2023, a opinião d'*O Globo* era contrária à inserção de tais ferramentas na produção de conteúdos de textos, áudios, vídeos, desenvolvimento de *software*, aprendizado de máquina e reprodução ou geração de conteúdo<sup>95</sup>, em junho de 2024 a opinião tornou-se favorável. Por isso, na versão da planilha de outubro de 2024, aparecem os veículos que fazem parte do *O Globo*, como o *GI* (nativo digital) e *CBN* (rádio).

Após os levantamentos, chegou-se ao número de Políticas Editoriais de Uso de IA dos veículos que serão analisadas nesta dissertação, sendo eles: *Estadão*, *AzMina*, *A Pública*, *O Globo*, *Folha S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*. Como já mencionado, o *GI* e a *CBN* possuem a mesma Política Editorial de Uso de IA que *O Globo*, por pertencerem ao mesmo grupo. Outra questão interessante a ser ressaltada, é que, a primeira política do *O Globo* sobre o uso de IA em veículos faz parte da sua editora e está na aba *Termos de Uso*, voltados aos usuários do *site*. Logo, não se enquadra exatamente como uma Política Editorial exclusiva do jornalismo. Contudo, o grupo já emitia restrições sobre o uso dessa tecnologia para a própria editora, antes mesmo de divulgar a Política de Uso de IA, que é a mesma adotada pelos veículos *GI* e *CBN*. Portanto, a presente pesquisa opta por analisar as políticas de três veículos considerados tradicionais - *Estadão*, *O Globo* e *Folha S.Paulo* - e três nativos digitais<sup>96</sup> - *AzMina*, *A Pública* e *Núcleo Jornalismo*.

Antes de iniciar o procedimento de análise das Políticas Editoriais, a pesquisa realizou o movimento de estado da arte para encontrar bibliografias que dizem respeito aos conceitos sobre Inteligência Artificial, seja no Jornalismo, na Comunicação, mas, principalmente, na Ciência da Computação.

<sup>94</sup> Conferir editora *O Globo*: <<https://www.assineglobo.com.br/>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

<sup>95</sup> Conferir Termos de Uso d'*O Globo* que aborda uso de IA pela editora: <<https://oglobo.globo.com/termos-de-uso/>>. Acesso em: 8 abr. 2025.

<sup>96</sup> Que surgiram e foram criados para operarem na *web*.

## 5.1 A IMPORTÂNCIA DO LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO PARA COMPOR OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um procedimento indispensável para uma pesquisa acadêmica é a escolha da bibliografia base, com o objetivo de aprofundar o debate teórico sobre a temática e o objeto de estudo. Segundo Stumpf (2011), além de fundamental, esta é a primeira etapa por contribuir no avanço de estudos que usam dados empíricos. Por isso, enfatiza-se que esta dissertação pôs em prática a revisão de literatura ainda no segundo semestre de 2024, justamente para identificar, localizar e obter uma bibliografia que consiga retratar tanto a relação do jornalismo com a tecnologia como, especificamente, com a inserção da Inteligência Artificial neste ramo.

Stumpf (2011) revela que, para uma pesquisa ser eficiente, ela deve seguir uma estrutura semelhante a “(1) definição do problema; (2) revisão de literatura ou quadro referencial teórico; (3) hipóteses; (4) metodologias; (5) análise de dados; (6) conclusões” (Stumpf, 2011, p. 53). Sendo esta a estrutura e sequência que a presente dissertação traça, não apenas para que as Políticas Editoriais de Uso de IA de veículos jornalísticos brasileiros sejam analisadas, mas também para compreender a relação entre o jornalismo e a IA com base em como as redações estão adaptando-se com a crescente inserção desta tecnologia em suas rotinas produtivas.

Dessa forma, destaca-se que a elaboração desta revisão de literatura ocorreu de diferentes modos, sendo eles o exploratório, o direcionado - com o uso de palavras-chave - e por indicações dadas em aulas e debates em grupos de estudos<sup>97</sup>. Além do trabalho no âmbito das disciplinas e pesquisas exploratórias, a presente pesquisa realizou, em setembro de 2024, um levantamento bibliográfico nos principais periódicos de revistas científicas do país e do mundo, como *Web of Science*, *Scopus* e *Scielo*. Muitos dos artigos encontrados serviram para conceituar o debate teórico sobre jornalismo, tecnologia e IA, ou ajudaram a chegar a outras referências. Como, por exemplo, o livro de Dora Kaufman, intitulado *A inteligência artificial irá suplantará a inteligência humana?*, publicado em 2018, que foi citado no artigo *Conhecimento Poderoso e Inteligência Artificial (IA): Aliando Didaticamente Tecnologias para Educabilidades*, de Oliveira (2024), encontrado a partir da *Revista Scielo*. O artigo em si não contribui diretamente para esta pesquisa, por focar na educação escolar e a relação de

---

<sup>97</sup> Este processo faz parte das disciplinas frequentadas no decorrer de ambos os semestres no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor), também da disciplina da Rede JorTec, ofertada em parceria pelo PPGJor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e demais instituições do país, e por meio do Grupo de Estudos e Pesquisa em Mídias Digitais (GEMIDI).

professores e estudantes com o crescente uso de IA na sociedade atual. Já o livro de Kaufman (2018) mostrou-se pertinente para este estudo por contextualizar as transformações desta tecnologia no mundo, criando especulações e reflexões sobre uma provável superação da inteligência humana.

Para encontrar pesquisas que pudessem contribuir para a dissertação, optou-se pela realização de um mapeamento a partir do uso de três palavras-chave consideradas essenciais para relação com a temática estudada, sendo: *Jornalismo*, *Inteligência Artificial* e *Sala de Redação*. A fim de expandir esta busca, tais palavras-chave foram escritas em inglês<sup>98</sup> e a palavra-chave *Jornalismo*<sup>99</sup> foi escrita abreviadamente e com asterisco no final. Destaca-se que nem todos os artigos mencionados foram utilizados nas composições dos capítulos que integram esta dissertação, uma vez que o primeiro levantamento serviu para encontrar materiais teóricos. Para um segundo momento, a pesquisadora leu cada um dos estudos selecionados e filtrou aqueles que mais se assemelhavam à temática central da pesquisa.

No levantamento feito com base no *Web of Science*, foram encontrados 40 artigos publicados em revistas de Comunicação, Ciência da Informação e Tecnologia e Jornalismo. Desses, considerou-se somente os artigos de 2024, devido à atualidade dos objetos estudados sobre o tema e também porque para uma leitura prévia, o número de artigos publicados até setembro de 2024 caiu para 10<sup>100</sup> - ver informações na tabela 2 localizada no *Apêndice A*. Ressalta-se que, somente cinco desses artigos foram utilizados nas elaborações dos capítulos que fazem parte desta dissertação.

O processo de levantamento bibliográfico realizado pelo *Scopus* permitiu encontrar 74 artigos, sendo em revistas também de Comunicação, Jornalismo - especificamente digital - e Ciência da Computação. Seguindo o mesmo critério já mencionado no levantamento da *Web of Science*, a pesquisa também focou em artigos somente de 2024, encontrando 15 artigos<sup>101</sup> com as palavras-chave *Jornalismo*, *Inteligência Artificial* e *Sala de Redação* - como mostra o *Apêndice B*. No final, somente um artigo colaborou para a escrita dos capítulos.

Por último, foi realizado um levantamento no *Scielo*, porém é válido mencionar que as palavras-chave utilizadas foram somente *Jornalismo* e *Inteligência Artificial*, com o objetivo

<sup>98</sup> Os termos ficaram assim: *artificial intelligence*; *newsroom*.

<sup>99</sup> A palavra-chave Jornalismo foi utilizada desta forma: *Journali\**.

<sup>100</sup> Desses artigos, era a pesquisa de Pinto e Barbosa (2024), que faz parte do livro *Inteligência Artificial e Jornalismo Móvel: Contextos, tendências, práticas e perspectivas*, o qual foi compartilhado por meio de uma das disciplinas do PPGJor da UEPG. No mais, três desses estudos fazem parte da Revista de Comunicação, organizada pela Universidade de Piura (Peru), e os demais são de revistas que focam em estudos dos campos de Comunicação, Jornalismo e Tecnologia.

<sup>101</sup> Destes, somente seis artigos não foram repetidos no levantamento realizado na *Web of Science*, porém um desses seis não foi possível localizar na *web*, pois o *link* estava quebrado e outro correspondia a um artigo de 2023, logo, ambos foram descartados.

de encontrar estudos que apresentassem conceitos sobre IA e questões técnicas que envolvem esta tecnologia. Neste levantamento, foram encontradas cerca de 184 pesquisas. Desse total, a pesquisadora considerou interessante analisar artigos publicados nos anos de 2024 e 2023, independentemente da área de concentração<sup>102</sup>, para destacar referências bibliográficas atualizadas sobre Inteligência Artificial. Por fim, foram analisados resumos, introduções e referências de 82 artigos. Durante a observação destes trabalhos, foram consideradas somente 16 pesquisas<sup>103</sup> com base no levantamento realizado em setembro de 2024 no *Scielo* - como é possível verificar no *Apêndice C*. Contudo, somente dois artigos ajudaram de fato na escrita do capítulo.

Ainda na elaboração deste mapeamento de artigos, encontrou-se, o que talvez seja considerado uma preciosidade, um ensaio de Alan Turing, de 1950, publicado pela *Mind Association*, da Universidade de Oxford, com o título de *Computing Machinery and Intelligence*. Nesta pesquisa teórica, o autor reflete sobre como funcionaria uma máquina de computação inteligente, sendo uma das primeiras pesquisas a falar sobre a possibilidade de um computador possuir inteligência semelhante à humana, mas não igual. Esta pesquisa foi encontrada a partir do artigo *Artificial intelligence (AI) or augmented intelligence? How big data and AI are transforming healthcare: Challenges and opportunities*, de Moodley, publicado em 2024. Mesmo que o artigo de Moodley não tenha contribuído para a elaboração conceitual desta dissertação, este movimento reforça a importância do levantamento bibliográfico estruturado com base nos principais bancos de artigos, dissertações e teses do país e do mundo, para constituir uma base de referências sólidas.

Não somente o levantamento bibliográfico é necessário para a elaboração de uma pesquisa, mas encontrar um método e técnicas condizentes com os objetivos estabelecidos ajuda a chegar a considerações plausíveis para o problema do estudo. Como a análise documental, comparativa e pesquisa exploratória, visto que estes procedimentos conseguem estruturar o objeto empírico e exemplificar como os veículos jornalísticos brasileiros, que possuem Políticas Editoriais de Uso de IA, estão explicitando as indicações de funcionalidades desta tecnologia nas redações, ao elaborar conteúdos jornalísticos.

---

<sup>102</sup> A maioria dos artigos foram publicados, principalmente, em revistas científicas da área da Saúde, mais especificamente voltadas à Medicina e Odontologia. A outra área que também apareceu neste levantamento foi a da Educação.

<sup>103</sup> Quatro desses artigos são da área da Educação; um da Medicina; um da Ciência da Computação; dois de Administração; quatro de Ciências Sociais; e quatro da Comunicação.

## 5.2 ANÁLISES DOCUMENTAL E COMPARATIVA COMO MÉTODO E TÉCNICA

Para a realização da análise, foram incorporados como método o documental e como técnica o comparativo. Com o levantamento já realizado, este percurso metodológico ajuda no momento da análise das Políticas Editoriais de Uso de IA publicadas pelos seis veículos jornalísticos mencionados. Por mais que o Jornalismo não possua uma metodologia própria (Machado, 2024), compreende-se a utilidade de métodos e técnicas que partem de demais campos científicos, como a História e a Educação, desde que estejam alinhados com o objeto de pesquisa e, principalmente, com o campo do Jornalismo.

Como um método que compõe estes procedimentos metodológicos, utiliza-se a análise documental para investigar as Políticas Editoriais, seguindo um caráter totalmente qualitativo de pesquisa, semelhante ao estudo de Canavilhas e Biolchi (2024). A análise parte de um viés generalista, a partir do levantamento exploratório que auxiliou no encontro das Políticas Editoriais sobre Uso de IA dos seis veículos, para que, somente assim, chegue a resultados particulares sobre cada um desses documentos, o que se considera um modelo dedutivo de pesquisa analítica. Dessa forma, a análise documental serve como um método que contribui para verificar o posicionamento dos jornais brasileiros sobre o uso de ferramentas de IA atualmente.

Ao tratar especificamente sobre a análise documental, utilizada como um método de pesquisa, Moreira (2011) descreve que ela “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (Moreira, 2011, p. 271) que, no caso desta dissertação, busca mapear as adaptações dos principais veículos brasileiros em relação ao crescente utilização de IA na redação jornalística. Ou seja, a análise documental tem como fonte primária as Políticas Editoriais de Uso de IA, que Moreira (2011) denomina como “documentos internos de empresas e instituições” (Moreira, 2011, p. 272).

Dessa forma, tais documentos servem para descrever os primeiros passos que o jornalismo brasileiro tem traçado em relação ao uso da IA. Como já descrito no segundo capítulo desta pesquisa, desde que a tecnologia de IAG tornou-se acessível, surgiu uma onda de ceticismo, pois, elas ameaçam empregos e reforçam o plágio e a desinformação devido a uma certa substituição no modo como as coisas são pesquisadas e criadas por meio da IA. Não que este assunto seja uma discussão que surgiu somente agora, mas o crescente uso tornou esta tecnologia um objeto de interesse para o mundo contemporâneo e, também, para o universo acadêmico, nos mais distintos campos de pesquisa. Portanto, ainda de acordo com

Moreira (2011), reflete-se que a análise documental contribui para contextualizar o atual cenário jornalístico em relação ao uso de IA e identificar para quais finalidades essa tecnologia está sendo indicada ou autorizada a ser utilizada nas redações brasileiras.

Com o objetivo de estabelecer semelhanças e distinções a respeito dos usos mencionados sobre IA nos seis veículos listados, a presente pesquisa faz aplicação da análise comparativa como uma técnica, ainda tendo como base as P.Es. Neste sentido, tem como finalidade encontrar pontos semelhantes e divergentes entre um veículo e outro, para entender como a IA foi adotada pelas redações dos principais jornais do país, além de comparar possíveis restrições de uso adotadas pelas empresas jornalísticas.

Segundo Sardá *et al.* (2022), por ser legítima do pensamento humano, a análise comparativa, na maioria das vezes, é posta em prática sem ser percebida pelo pesquisador. “Por meio da chave do pensamento relacional é que se pode, posteriormente, pensar a comparação enquanto um princípio metodológico viável em diferentes áreas de produção do conhecimento” (Sardá *et al.*, 2022, p. 8), sendo esta a técnica adotada pela presente pesquisa. Para os autores, esta análise parte do senso comum, entretanto necessita-se de um “questionamento a ser respondido de maneira específica pelos vínculos estabelecidos entre os objetos, os sujeitos do conhecimento e os contextos externos a eles” (Sardá *et al.*, 2022, p. 8), a fim de elaborar uma epistemologia própria utilizando o objeto de pesquisa pensado e criado para o jornalismo.

Ao fazer uma discussão sobre a análise comparativa aplicada na Ciência Política, Gonzalez (2008) reflete que os dados estudados não podem ser controlados experimentalmente e os resultados funcionam melhor em número de casos mais restritos - sendo esta a situação da presente pesquisa, uma vez que somente seis Políticas Editoriais serão analisadas. De acordo com o autor, “identificam-se duas formas do método comparativo: a comparação de casos similares e o método de replicação em diferentes níveis para o estabelecimento de descobertas comparativas” (Gonzalez, 2008, p. 4). Enfatiza-se que esta dissertação segue o modelo de comparação de casos similares, com o propósito de entender o que se assemelha ou não entre uma e outra Política Editorial sobre o Uso de IA.

Com o enfoque direcionado às pesquisas que focam em entrevistas, os autores Le Cam e Pereira (2022) também utilizam a metodologia comparativa, principalmente para mesclar os resultados que ambos encontraram sobre o perfil do jornalista *online* mundializado, com base na atuação desses profissionais em países como Brasil e França. Como o estudo dos autores cita, a análise comparativa ajuda a criar técnicas de organização e a interpretar dados

comparando semelhanças e diferenças. Entretanto, diferente da pesquisa de Le Cam e Pereira (2022), esta dissertação utiliza este modelo de análise voltado aos documentos das Políticas Editoriais de Uso de IA.

Com base em Vidal (2013), os estudos comparativos servem às Ciências Sociais e Humanas para analisar processos, uma vez que este método contribui para entender como é aplicada a IA às práticas jornalísticas atuais. A escolha da análise comparativa como técnica para estudar esses documentos compartilhados pelos veículos listados foi pensada justamente para compreender o que difere e se assemelha entre os editoriais em questão, não tendo como objetivo tornar exatamente um exemplo a ser seguido pelo jornalismo brasileiro. Afinal, ele ainda está em processo de adaptação no que diz respeito ao uso de IA nas redações. Além disso, a profissão passa por um processo, como já mencionado no quarto capítulo, de autorregulamentação para entender e regular tecnologias desenvolvidas por grandes empresas multimilionárias, no qual nem o governo brasileiro está pondo efetivamente em prática<sup>104</sup>.

Para descrever e comparar as P.Es. dos seis veículos, consideram-se questões como: quais funções, dentro de cada redação, recorrem a IA; para quais finalidades jornalísticas essa tecnologia é utilizada; e, para quais fins os veículos não permitem aplicá-la. Identifica-se, com base em cada uma das Políticas Editoriais de Uso de IA, se os veículos defendem o papel da supervisão humana ao utilizar tal tecnologia dentro das redações. E, por fim, evidenciar, por meio da análise comparativa, se os documentos dos seis veículos jornalísticos estão devidamente detalhados em relação ao que é utilizado e ao que é proibido por cada um, ao adotar um determinado nível de transparência com o público leitor. Mas este movimento é possível a partir de uma análise exploratória de conteúdos jornalísticos publicados pelos seis veículos, a fim de conferir, principalmente, se a proibição de uso de IA para alguns casos é, de fato, posta em prática.

---

<sup>104</sup> Em 2024, realizou-se um levantamento no *site* do Congresso Nacional, com o objetivo de verificar Projetos Leis (PL) que estavam em tramitação sobre o uso de IA em diversas áreas, com o foco nos anos de 2023 e 2024. Com isso, foram encontrados 14 Pls, os quais, apenas dois, sendo o 2338 e 759, ambos de 2023, mencionaram o jornalismo. “O PL 2338, de maio de 2023, foi idealizado pelo Senador Rodrigo Pacheco (PSD/MG) e dispõe sobre o uso da IA. O PL 759 impacta a profissão pois visa (Buarque; Fiaschetti, 2025, p. 9): ‘Garantir segurança jurídica para investimentos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico’; ‘Promover inovação em plataformas digitais, robôs e máquinas que utilizem IA, dentro dos limites éticos e dos direitos humanos’” (Santos *et al.*, 2025, p. 7, no prelo). No mais, o debate sobre IA no Congresso ainda é escasso e não avança.

### 5.3 VERIFICAÇÃO DO COMPROMETIMENTO DE CADA VEÍCULO POR MEIO DA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DE CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS

Para esta etapa, tem-se como procedimento metodológico uma análise exploratória de conteúdos jornalísticos, com base nos seis veículos listados que possuem Política Editorial de Uso de IA. O principal objetivo desta parte é verificar se as publicações, de cada um dos veículos, de fato explicitam o uso de IA, seguindo o que enfatizam os documentos. Este movimento mostrou-se necessário para aprofundar a análise das Políticas Editoriais, uma vez que acreditar apenas nestes documentos não basta para, de fato, compreender se os veículos cumprem o que estabelecem. Apesar desta etapa não ser tão aprofundada, visto que foi delimitado como objetivo inicial estudar cada conteúdo dos seis veículos que fazem ou não uso de IA, ela ajuda a ter uma noção do que está sendo colocado em prática - ou não - por cada um dos seis jornais. Com isso, o movimento contribui para identificar, na prática, as finalidades nas quais a IA é utilizada nas seis redações.

Destaca-se que nem todos os usos serão possíveis de analisar, uma vez que demandaria uma análise aprofundada, que consultasse a redação de cada veículo, mas este movimento foge da proposta indicada pelo estudo. Por isso, este movimento foca em conteúdos como imagem, vídeo e áudio, por serem mais fáceis de identificar a aplicação de IA em cada conteúdo jornalístico, além daqueles que cada veículo enfatiza utilizar ou não esta tecnologia. Para selecionar estes formatos, foi elaborado um quadro, que se encontra no capítulo de análise, sobre a *Aplicação de IA em conteúdos jornalísticos identificáveis em cada material*. Este quadro (sendo o 7 do capítulo a seguir) tem como base o quadro elaborado a partir da análise documental de cada Política Editorial. Dessa forma, listou-se as funcionalidades que são verificadas em cada um dos seis veículos sobre o uso de IA, para confirmar se cada um destes meios jornalísticos evidencia tal aplicação em alguns destes formatos mencionados acima.

A relevância da análise exploratória para uma pesquisa é descrita por Bonin (2006) para encontrar pistas e gerar dados, o que ajuda na concretização da solução ao problema listado. Afinal, esse procedimento contribui “na construção das amostras e, ou *corpus* a serem focalizados na investigação sistemática de exercícios multi-angulados de aproximação empírica são importantes porque aguçam a percepção de dimensões dos objetos naturalizadas ao olhar” (Bonin, 2009, p. 125). O processo de exploração é, justamente, para auxiliar o pesquisador a não se lançar ao desconhecido, seja ao realizar a pesquisa da pesquisa

ou para encontrar objetos empíricos que ajudem a avançar na discussão do objeto trabalhado, notando contornos, especificidades e singularidades do fenômeno pesquisado (Bonin, 2006).

Dessa forma, sistematizou-se uma seleção de conteúdos jornalísticos publicados pelos seis veículos, de modo exploratório, com o objetivo de verificar se as Políticas Editoriais de Uso de IA são aplicadas, com base no levantamento sobre as *funcionalidades* que os veículos permitem e não permitem uso de IA nas redações. Entretanto, a análise busca verificar, especificamente, os tópicos sobre a aplicação de Inteligência Artificial na elaboração do conteúdo jornalístico e constatar se os veículos mencionam seu uso de modo fácil de identificar. Assim, o movimento ajuda a aproximar os processos que envolvem a análise do objeto empírico com as demais - documental e comparativa -, a fim de refletir sobre as especificidades das Políticas Editoriais de Uso de IA e suas aplicações em conteúdos jornalísticos dos seis veículos brasileiros.

Destaca-se que as utilizações de IA para levantamento de dados, transcrições de áudios, correções ou traduções de textos, aplicação de técnicas de *SEO* e para redes sociais digitais não serão consideradas, uma vez que, caso o veículo não especifique uma metodologia em cada postagem, por exemplo, não é possível constatar tal utilização somente nesta análise. Como o objetivo desta dissertação é o uso identificado de programas de IA em conteúdos jornalísticos que, em tese, qualquer leitor ou leitora poderia notar, a pesquisa não direciona esse aspecto como ponto principal para aprofundar a análise em outros elementos, ao menos nesta investigação, pois exigiria de outros procedimentos metodológicos, fugindo do que se foi proposto como problema e objetivos de análises.

Dessa forma, para estipular quais tópicos sobre o uso de IA nos seis veículos seriam discutidos, tendo como prioridade a aplicação desta tecnologia em elementos jornalísticos, como notícias, informações verificadas e grandes reportagens, utiliza-se o quadro geral de funcionalidades de IA explicitadas nas P.Es. Pois, considera-se que a análise exploratória dos conteúdos é mais acessível de ser realizada, devido à facilidade em encontrar tais aplicações de possíveis usos de IA. Diante destas funcionalidades, a pesquisa procurou identificar, ao menos, um conteúdo jornalístico que possui algum alerta sobre o uso desta tecnologia.

Sendo assim, entre os dias 12 e 18 de dezembro de 2025, foi desenvolvido um levantamento exploratório nos conteúdos do *Estadão*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Núcleo Jornalismo*. A pesquisa utiliza como base as publicações jornalísticas postadas ou na primeira aba do *site* ou que tivessem a palavra-chave *Inteligência Artificial (IA)* como gancho. O critério sobre escolher o termo *IA* para a busca de conteúdos deu-se devido à hipótese de existirem conteúdos que utilizam recursos desta tecnologia para

produção de materiais. No *Anexo A*, podem ser conferidos *prints* de manchetes e chamadas que estampam a primeira aba de cada um dos seis veículos analisados, dentro do período definido. O tempo utilizado para a seleção dos conteúdos tem como justificativa o momento em que foi realizado o levantamento exploratório para a realização final da análise. Como já argumentado anteriormente, a pesquisa não quis estender o prazo, pois esta etapa metodológica serve para verificar, de modo geral, se e de que formas os veículos seguem os critérios de uso de IA estabelecidos nas Políticas Editoriais.

#### 5.4 HISTÓRICO DE CADA VEÍCULO QUE POSSUI UMA POLÍTICA EDITORIAL DE USO DE IA

Para compreender melhor os objetos empíricos de referência desta pesquisa, que são as Políticas Editoriais de Uso de IA, entende-se ser importante apresentar um breve resumo sobre cada um dos veículos que optaram por transparecer suas diretrizes referentes à utilização de tal tecnologia. Com isso, dados históricos e conceituais serão apresentados a seguir, para evidenciar o que cada um deles representa, tanto para o campo específico do jornalismo como para a sociedade.

A começar pelo jornal *O Globo*, idealizado e fundado pelo jornalista brasileiro Irineu Marinho, pai de Roberto Marinho, a primeira edição do impresso circulou em 29 de julho de 1925. No dia 21 de agosto de 1925, quase um mês após a primeira circulação do impresso, Irineu Marinho faleceu e assim, Roberto Marinho tornou-se o responsável legal pelo comando d'*O Globo*. Entretanto, resolveu passar a tarefa para Eurycles de Matos, amigo de Irineu. Somente em 1931, após a morte de Eurycles, que Roberto decidiu liderar o jornal. Segundo o próprio site do jornal<sup>105</sup>, em 1996, 71 anos após seu lançamento, o veículo migraria para a web, porém, jamais deixando o impresso de lado.

Considerado o segundo jornal mais antigo a circular no Brasil, o *Estadão* teve o seu primeiro exemplar publicado em 1875, quando o país ainda era uma monarquia regida por D. Pedro II. O jornal, que antes era denominado como *A Província de S. Paulo*, teve o seu nome alterado, em 1890, para *O Estado de São Paulo* e depois, em 1892, para *O Estado de S. Paulo*, conforme informações retiradas diretamente do site do *Estadão*<sup>106</sup>. Com base em

<sup>105</sup> As informações sobre o veículo foram resgatadas através do site *Memória*, que teve como objetivo, em 2013, resgatar as principais histórias do jornal brasileiro. Confira em: <<https://memoria.oglobo.globo.com/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>106</sup> O acervo sobre o jornal pode ser conferido pelo link: <<https://www.estadao.com.br/acervo/conheca-a-historia-da-fundacao-do-estadao/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

informações do acervo do jornal<sup>107</sup>, o veículo migrou para o formato on-line no dia 20 de fevereiro de 1995, há exatos 30 anos.

O jornal *Folha de S.Paulo* teve a sua origem em 19 de fevereiro de 1921, por Olival Costa e Pedro Cunha, com a *Folha da Noite*. De acordo com informações da própria *Folha*<sup>108</sup>, o modelo atual surgiu em 1960, ao unir os três títulos da empresa: *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. Em 1995, as notícias começaram a ser compartilhadas na íntegra pela *FolhaWeb*, primeiro site de notícias em tempo real do país.

Por serem veículos de relevância jornalística no país, tanto no impresso como no *online*, a análise considerou importante trazer o modo como eles se ‘relacionam’ com as ferramentas de IA, considerando os editoriais de cada um. Afinal, *O Globo*, *Estadão* e *Folha de S.Paulo* são os jornais tradicionais mais relevantes do país. O que, de certo modo, também contribui para mostrar a relevância e urgência em tratar a temática abordada pelo presente trabalho, utilizando como base os três jornais mais influentes do Brasil. Para além destes veículos, o levantamento permitiu encontrar mais três veículos, porém criados e desenvolvidos para a *web*, que possuem Políticas Editoriais de Uso de IA, sendo: *AzMina*, *A Pública* e o *Núcleo Jornalismo*.

Sobre o veículo *AzMina*<sup>109</sup>, destaca-se que a revista online surgiu em 2015, por meio de um financiamento coletivo, o qual possibilitou a criação do *site*. Desde 2017, o veículo faz parte do *Instituto AzMina*, organização sem fins lucrativos, que também gerencia o *Elas No Congresso*, *MonitorA*, *Mapa das Delegacias da Mulher*, o aplicativo de enfrentamento à violência doméstica, o *PenhaS*, e campanhas para combater a desigualdade e violências. Outro ponto a destacar é o envolvimento da publicação com *The Trust Project*, consórcio global em que mais de 200 veículos noticiosos possuem o compromisso com a transparência jornalística.

Conhecida também como *Agência de Jornalismo Investigativo*, *A Pública* foi fundada em 2011 por repórteres mulheres, sendo a primeira a operar sem fins lucrativos no Brasil. O veículo tem como objetivo pautar assuntos de interesse público e fazer com que as reportagens circulem nos principais veículos do país, como *UOL* e *Folha de S. Paulo*<sup>110</sup>. *A*

<sup>107</sup> Saiba mais em: <<https://www.estadao.com.br/acervo/ha-20-anos--grupo-estado-entrava-na-internet/>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

<sup>108</sup> A *História da Folha* pode ser conferida pelo link: <[https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia\\_da\\_folha.shtml?fill=4](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4)>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>109</sup> Conferir informações sobre a *Revista AzMina*: <<https://azmina.com.br/revista-azmina/#quem-somos>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>110</sup> Com base em informações retiradas do próprio site da *A Pública*, as reportagens investigativas são distribuídas efetivamente para portais de notícias do país e do mundo, de modo gratuito, devido à licença que o

*Pública* diz ser a agência de notícias mais premiada do Brasil, além de ser o primeiro veículo brasileiro indicado ao *Prêmio Liberdade de Imprensa*, da organização *Repórteres Sem Fronteiras (RSF)*. No total, *A Pública* possui cerca de 80 prêmios conquistados.

O *Núcleo Jornalismo* foi criado em 2020, sendo incubado pela agência *Volt Data Lab*, sob a supervisão dos jornalistas Sérgio Spagnuolo e Alexandre Orrico. Mas antes de ser um *site* de caráter jornalístico informativo, o veículo investiu em um projeto de dados para produzir investigações sobre debate político e políticas públicas do Brasil. Além de trabalhar com reportagens, dados, artigos, *newsletters* e vídeos, o *Núcleo*<sup>111</sup> desenvolve aplicações de *chatbots*, ferramentas de monitoramento e algoritmos de curadoria. Destaca-se que a Política Editorial de Uso de IA do *Núcleo* foi, de fato, a primeira a ser divulgada no país, sendo publicada no dia 18 de maio de 2023 - como mostrou a tabela anterior.

De modo geral, os seis jornais, por meio da publicação de suas Políticas Editoriais de Uso de IA, ajudaram a compreender como os veículos jornalísticos brasileiros estão adaptando a IA em seus processos produtivos e explicitando esses usos em suas Políticas Editoriais. Por meio das análises documental, comparativa e exploratória, a presente dissertação buscou encontrar esta resposta e, futuramente, servir de influência para demais pesquisas do campo jornalístico ao tratar das discussões sobre IA.

Sendo assim, por meio destes procedimentos, foi possível encontrar os seis veículos que possuem P.E. de Uso de IA, para que estes documentos fossem analisados e comparados entre si sobre utilização e veto desta tecnologia em cada uma das redações. Por fim, buscou-se conferir se, realmente, estes jornais cumprem o que citam em seus documentos e, principalmente, se o uso de IA está ou não facilmente evidenciado em produções jornalísticas. Com isso, gerando considerações que podem expandir o horizonte do jornalismo contemporâneo sobre a inserção de Inteligência Artificial no cotidiano da profissão, ao invés de limitá-la.

## 5.5 USO DE IA NA ELABORAÇÃO DA PESQUISA CIENTÍFICA

Como forma de tornar a presente pesquisa transparente, ressalta-se que em nenhum momento foram utilizados recursos de Inteligência Artificial Generativa (IAG), seja para a elaboração da escrita ou levantamento quantitativo de dados. Não que o uso deva ser ignorado, afinal, como se discute ao longo desta pesquisa, ela pode auxiliar na elaboração de

---

veículo possui com o *Creative Commons*. Ler mais em: <<https://apublica.org/quem-somos/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

<sup>111</sup> Ler mais em: <<https://nucleo.jor.br/sobre/>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

diversos materiais, otimizando tempo. Mas, a escolha partiu de um posicionamento e, até mesmo, comprometimento pessoal da pesquisadora de que é possível fazer pesquisa sem o uso de IAG.

Segundo o artigo da BBC de 2025, com a temática sobre *O ChatGPT está nos deixando burros?*, escrito pelo professor da Universidade Estadual Kennesaw, Aaron French, “quando as pessoas se apoiam na IA para realizar tarefas e pensar por elas, podem acabar enfraquecendo sua capacidade de pensar criticamente, resolver problemas complexos e se envolver profundamente com a informação” (French, 2025, n.p.). Logo, a autora desta dissertação fez questão de produzir esta pesquisa sem interferência direta da IAG, para criticar, analisar e chegar à resposta sobre a adaptação do uso desta tecnologia nas redações jornalísticas brasileiras.

## 6 ANÁLISE DAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE USO DE IA NO JORNALISMO BRASILEIRO

Com o objetivo de compreender como os veículos brasileiros estão adaptando-se a aplicação de IA nas redações, apresenta-se a seguir a análise das Políticas Editoriais (P.E.) de Uso de IA de seis veículos brasileiros, a qual teve início em janeiro de 2024, contando com mais dois levantamentos, sendo um em outubro e o outro em novembro de 2024. Além disso, para a presente pesquisa foram realizadas duas verificações com o intuito de conferir se as P.Es. tinham sido atualizadas, uma em fevereiro e a outra em outubro, ambas de 2025. Em um primeiro momento, este capítulo traz a análise documental deste material coletado para, em seguida, realizar uma análise comparativa das P.Es. do *Estadão*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública* e *Núcleo Jornalismo*. Para a elaboração deste capítulo, busca-se responder às questões que foram levantadas na descrição dos procedimentos metodológicos, como: diante de cada Política Editorial que corresponde a cada uma das redações analisadas, para quais finalidades jornalísticas a IA é indicada para ser utilizada ou proibida?

No mais, almeja-se identificar, com base em cada uma das Políticas Editoriais de Uso de IA, se os veículos defendem o papel da supervisão humana ao utilizar tal tecnologia dentro das redações. Além de buscar compreender se esses meios são transparentes, devido ao modo como elaboraram e descreveram as questões que eles consideram importantes para uma Política Editorial de Uso de IA. Diante destes questionamentos, a presente dissertação desenvolve, no fim deste capítulo, uma análise exploratória de conteúdos jornalísticos publicados pelos seis veículos listados, com o objetivo de verificar as publicações elaboradas com o auxílio da IA, seja para produzir um texto, imagem, vídeo, áudio, entre outros formatos, com base na utilização expressa em cada documento editorial. Contudo, destaca-se que nem todos os usos serão possíveis de analisar, considerando que demandaria uma análise aprofundada, que consultasse a redação de cada veículo, por exemplo, o que foge da proposta inicial deste estudo.

A primeira etapa da análise, que foca em estudar cada documento da Política Editorial, serve como um norte para a elaboração do restante dos resultados que esta dissertação apresenta. Ademais, destacar quais pontos dentre as seis políticas se assemelham e diferenciam perante a inserção de uso de IA nas redações jornalísticas. Portanto, mostra-se pertinente revelar quando cada um dos veículos divulgou estes documentos sobre a utilização de IA dentro de suas respectivas redações. De acordo com a ordem cronológica das divulgações e últimas atualizações das Políticas Editoriais de Uso de IA, a contextualização

sobre a relação dos veículos que utilizam essa tecnologia começará pelo *Estadão*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Núcleo Jornalismo* - seguindo o critério da mais antiga para a mais atual. Como mencionado na metodologia, a análise baseia-se na verificação dos documentos realizada em outubro de 2025.

Com isso, a primeira Política de Uso publicada por um veículo brasileiro tradicional foi a do *Estadão*, que divulgou o seu editorial no dia 22 de novembro de 2023, para estabelecer regras e permissões voltadas à produção de conteúdo, tendo como justificativa o crescimento de serviços de IAG. Além da política, o veículo criou um *Comitê de Inteligência Artificial* próprio, “que analisará os projetos editoriais da área e será composto por representantes dos departamentos de Tecnologia, Redação, Produto, Jurídico e Auditoria” (Estadão, 2023, n.p.).

A segunda Política Editorial de Uso de IA publicada foi o da *Revista AzMina*, no dia 14 de dezembro de 2023. Diante desta Política Editorial, a revista afirmou estar utilizando IAG na criação de conteúdos jornalísticos. Segundo informações retiradas deste documento, o uso de IA já era corriqueiro para monitorar a tramitação de projetos de lei no legislativo brasileiro, sendo utilizado pelo projeto *Elas no Congresso* - idealizado e realizado pela *AzMina*. A publicação também informa ter implementado recursos de IA na redação para transcrever entrevistas e em apurações de textos e vídeos. Porém, conforme o editorial, a IAG passou a ser utilizada após a equipe de criação de artes da revista ter dificuldades em encontrar imagens de casais inter-raciais para ilustrar uma reportagem<sup>112</sup>.

A terceira Política de Uso que será analisada é da *A Pública*, que foi divulgada em 2023. Entretanto, não se tem informação exata sobre o dia e mês da divulgação deste documento, porém afirma em um dos tópicos que utiliza recursos de IA desde outubro de 2023, através da parceria gratuita com o *My Good Tape*, empresa que transcreve áudios com IA. Logo nos primeiros trechos da P.E., o veículo afirma que vê “a IA como uma ferramenta de apoio ao trabalho jornalístico que jamais irá substituir jornalistas, programadores, ilustradores, narradores ou designers” (A Pública, 2023, n.p.). Ao prezar pela transparência com os leitores e leitoras, o veículo estabeleceu regras que devem ser seguidas pela equipe de redação ao utilizar tal tecnologia.

O quarto documento analisado é da *Folha de S.Paulo*, publicado em 26 de março de 2024 - considerada uma das mais recentes. O tópico sobre Inteligência Artificial compõe o

---

<sup>112</sup> A reportagem foi publicada no Dia dos Namorados de 2023, com o objetivo de falar sobre as dificuldades e afetos dos casais interraciais. Ler conteúdo completo: <<https://azmina.com.br/reportagens/relacionamentos-inter-raciais-amor-afeto-e-desafios/>>. Acesso em: 14 abr. 2025.

famoso *Manual de Redação da Folha* e trata, especificamente, sobre a conduta que os jornalistas da casa devem ter em relação a esta tecnologia. De modo geral, o veículo permite o uso de IA, desde que não descarte o julgamento humano do jornalista. Para a *Folha*, se bem empregadas, a tecnologia pode oferecer “diversas oportunidades para aumentar a eficiência da Redação, desde a concepção de uma pauta até a apresentação final da apuração, passando pela escrita de mensagens para fontes e pela coleta e/ou análise de grandes volumes de dados” (Folha, 2024, n.p.).

A fim de compreender os parâmetros adotados para o uso de IA, a quinta Política Editorial de Uso analisada é d’*O Globo*. Destaca-se que este documento também é utilizado nas redações jornalísticas dos veículos pertencentes ao grupo, como *GI*, *CBN*, *Valor Econômico*, etc. A primeira discussão referente à utilização de IA feita pelo grupo foi apresentada no dia 24 de novembro de 2023, entretanto, os tópicos<sup>113</sup> faziam menção à Editora *O Globo*. Em 27 de junho de 2024, o grupo divulgou a primeira e única versão da Política Editorial de Uso de IA. No material, o grupo evidencia usar esta tecnologia para “aprimorar a qualidade do jornalismo, mantendo o compromisso com a isenção, correção e agilidade” (O Globo, 2024, n. p.). Ou seja, *O Globo* encoraja os jornalistas a utilizarem IA durante a produção jornalística, desde que respeitem alguns limites determinados.

Por fim, a sexta e última política que faz parte desta análise é do *Núcleo Jornalismo*, sendo o primeiro veículo do país a estabelecer regras e ações sobre o uso de IA nas produções jornalísticas, como já mencionado anteriormente. A primeira versão foi publicada em 18 de maio de 2023, com atualizações em 07 de outubro de 2024 e 02 de setembro de 2025, sendo o único veículo a atualizar a Política Editorial de Uso de IA desde a divulgação. A equipe cita que “novos recursos de inteligência artificial trazem novidades e oportunidades para o jornalismo, mas também carregam consigo muitos desafios e armadilhas” (Núcleo Jornalismo, 2025, n.p.), por isso, preza pela atualização destes parâmetros, ao menos, uma vez por ano. Diante da breve apresentação sobre cada documento de uso de IA estabelecidos pelos veículos mencionados, o próximo passo será analisar as finalidades e vetos que tais P.E. mencionam ao implementar esta tecnologia nas atividades jornalísticas.

---

<sup>113</sup> Conferir posicionamento da Editora d’*O Globo*, divulgada no final de 2023: <<https://oglobo.globo.com/termos-de-uso/>>. Acesso em: 07 out. 2025.

## 6.1 USO DE IA PELOS VEÍCULOS BRASILEIROS QUE POSSUEM POLÍTICA EDITORIAL SOBRE A TECNOLOGIA

Antes de dar início à análise das Políticas Editoriais de Uso de IA dos seis veículos apresentados, vale mencionar a atualização deste documento que o *Núcleo Jornalismo* realizou em cada ano, desde que estabeleceu parâmetros sobre esta tecnologia, em meados de 2023. Conforme o levantamento, identificou-se que, entre as três atualizações do veículo sobre o uso de IA pelo jornalismo, não houve nenhuma mudança no documento de 2024 e 2025. A versão de 2023 é mais genérica, menos detalhada e mais idealista, devido à postura de “somos a primeira organização jornalística do Brasil a ter uma política sobre uso de IA” (Núcleo, 2023, n.p.). Mas, mesmo constando ao final de cada P.E. o ano da última atualização, a verdade é que o documento dos últimos dois anos não mudou e segue reforçando o uso de IA como uma ferramenta para a profissão.

Como sequência desta análise, apresenta-se a seguir para quais finalidades os seis veículos utilizam as ferramentas de IA nas redações. O quadro 2 mostra o que cada um dos jornais permite e veta, no que diz respeito às funções que fazem parte do cotidiano jornalístico de cada um.

Quadro 4 - Funcionalidades que os veículos permitem e não permitem uso de IA nas redações

(continua)

| VEÍCULOS       | PERMITE USO DE IA                                                                                                                                                                                     | VETA USO DE IA                                                                                                                                                                   |
|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ESTADÃO</b> | Transcrição de áudio; tradução aprimoramentos de textos escritos em inglês; análise de dados abertos; edição de textos; ajuste na qualidade de imagens; sugestão de títulos e chamadas.               | Ferramenta de busca e pesquisa; criação de perguntas para entrevistas; criar fotos, ilustrações, vídeos ou áudios; compartilhar dados sigilosos do grupo e furos de reportagens. |
| <b>AZMINA</b>  | Sugestão de títulos, de sínteses de textos para redes sociais; consulta de otimização de textos para SEO; resumos de conteúdos antigos já publicados; auxílio para tradução e correções ortográficas; | Compartilhar material de reportagens que envolvam informações e dados sensíveis, principalmente que mencionem fontes; escrever 100% pela repórter.                               |

(continuação)

| <b>VEÍCULOS</b>          | <b>PERMITE USO DE IA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <b>VETA USO DE IA</b>                                                                                                                |
|--------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          | monitoramento da tramitação de projetos de lei (PL); transcrição de entrevistas e apuração de textos e vídeos; criar ilustrações para bancos de imagens.                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                      |
| <b>A PÚBLICA</b>         | Análise de dados complexos e de redes sociais; transcrição de entrevistas; criação de ilustração abstrata; vídeos-resumo sobre reportagens já publicadas; alimentar algoritmos de redes sociais; criação de áudios sintéticos para leitura de reportagens; clonar vozes dos jornalistas por meio de contratos.                      | Como fonte primária; escrita de reportagens; imagens que façam referências a pessoas reais e que se confundam com fotografias.       |
| <b>FOLHA DE S.PAULO</b>  | Criação de ilustrações; escrita de mensagens para fontes; coleta e análise de dados.                                                                                                                                                                                                                                                | Imitar fotografias.                                                                                                                  |
| <b>O GLOBO</b>           | Apuração de dados; otimizar a produção de reportagens em diversos formatos; pequenas correções técnicas em áudios e imagens; revisões gramaticais, factuais e de estilo; gerar áudios sintéticos baseados em vozes humanas; otimizar o alcance do jornalismo por meio da análise de dados; criar diferentes versões de reportagens. | Redigir textos opinativos ou editoriais; gerar imagens que se confundam com a realidade; alterar a opinião ou análise do jornalista. |
| <b>NÚCLEO JORNALISMO</b> | Construir sumários e corrigir textos; criação de ilustrações em casos excepcionais; sugerir posts para redes sociais; pesquisar assuntos e temas; tradutor; transcrever                                                                                                                                                             | Gerar 100% uma reportagem; atuar como editor ou produtor final; publicar conteúdos sem indicação do uso de IA ou sem checagem.       |

(conclusão)

| VEÍCULOS | PERMITE USO DE IA                                                                                                         | VETA USO DE IA |
|----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
|          | áudios e vídeos; desenvolver software e códigos; auxiliar em raspagens de dados; utilizar de conteúdos para alimentar IA. |                |

Fonte: Elaboração própria (2025).

De modo mais detalhado, o *Estadão* evidenciou que toda e qualquer publicação que utilize de IA precisa ser aprovada previamente pelo seu Comitê<sup>114</sup>. No geral, a política do veículo permite o uso de recursos de IA para tarefas como: transcrição de áudio, tradução, análise de dados abertos - como os disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - e edição de texto. Entretanto, veta “o uso de IA para gerar fotos, ilustrações, vídeos ou áudios. [...] As regras também determinam que dados empresariais do *Grupo Estadão*, como segredos de negócios, bases de dados proprietárias e furos jornalísticos, não sejam inseridos em ferramentas de IA” (Estadão, 2023, n. p.).

O jornal faz questão de reforçar a necessidade da supervisão humana e de destacar em quais materiais uma IA foi utilizada, com o objetivo de deixar o leitor e a leitora cientes. No mais, o veículo reforça o trabalho contra a desinformação, ao dizer que usa essa tecnologia previamente aprovadas pelo comitê e descartando a utilização de programas de IA, como *DALL-E*<sup>115</sup> e *Midjourney*<sup>116</sup>, por não serem claros quanto à discussão sobre os direitos autorais.

“Sim, estamos testando o uso de inteligência artificial em tarefas cotidianas [...]. E diante da limitação de imagens e dos estereótipos retratados em bancos de imagens, nossa equipe de arte segue testando o uso de IA para atividades de criação” (AzMina, 2023, n. p.). Estas são as exatas palavras d’*AzMina* sobre o uso de IAG ao criar imagens para ilustrar seus conteúdos jornalísticos. A revista afirma não publicar nenhum conteúdo feito com auxílio de

<sup>114</sup> O Comitê de IA do *Estadão* foi constituído na mesma época que sua Política Editorial, sendo controlado pela Diretoria Executiva do jornal, composto por: Representantes da Redação; Representantes das áreas de Produto; Especialistas em Tecnologia; Representante do Jurídico. O Comitê possui como atribuições avaliar ferramentas, atualizar diretrizes, homologar processos, treinar colaboradores, gestar riscos e avaliar casos, com o compromisso de reunir-se uma vez por mês, ou mais em casos excepcionais. Mais informações em: <[https://www.estadao.com.br/link/estadao-define-politica-de-uso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-por-seus-jornalistas-veja/?srsltid=AfmBOooAkYB2YO1QFD2g2SAHtBXLVNm\\_ABm4U9\\_gTeOhNaHSz-ldS-10](https://www.estadao.com.br/link/estadao-define-politica-de-uso-de-ferramentas-de-inteligencia-artificial-por-seus-jornalistas-veja/?srsltid=AfmBOooAkYB2YO1QFD2g2SAHtBXLVNm_ABm4U9_gTeOhNaHSz-ldS-10)>. Acesso em: 09 jan. 2026.

<sup>115</sup> Esta ferramenta, que compõe o grupo da *OpenAI* - a mesma do *ChatGPT* -, é responsável por gerar imagens com o auxílio de IA. Conheça em: <<https://openai.com/index/dall-e-3/>>. Acesso em: 15 abr. 2025.

<sup>116</sup> Também ajuda a gerar imagens com a ajuda de IA, por meio de *prompts* específicos. Saiba mais: <<https://www.midjourney.com/>>. Acesso em: 15 abr. 2025.

IA sem a supervisão de um humano, além de que pretende ser transparente com o público-alvo da revista, atualizando e orientando sobre o uso de IA na redação.

A revista, que segue um viés alternativo como veículo jornalístico, utiliza elementos de IAG de modo que possa contribuir para a produção e disseminação de conteúdos representativos. Porém, o veículo ainda falha ao não enfatizar quais imagens foram criadas por meio de IA generativa, indo contra o que cita em seu editorial. Esta identificação serve de alerta à revista, uma vez que, segundo o seu próprio editorial, “todas as maneiras de usá-la [IA] ainda são testes, e justamente porque nada é definitivo, nossa política de uso será constantemente atualizada” (AzMina, 2023, n. p.). Portanto, entende-se a necessidade de transparência, por parte da equipe, ao informar o público sobre quais conteúdos imagéticos foram feitos com auxílio de IAG.

Como forma de justificar o uso de IA, principalmente generativa, a *Revista AzMina* afirma que a limitação de opções, e também os estereótipos retratados em bancos de imagens disponíveis, fez com que a equipe começasse a testar tal recurso tecnológico para criar imagens que, ironicamente, pudessem melhor condizer com a realidade. Para a equipe, os bancos de imagens não representam imageticamente as pautas com as quais a equipe está acostumada a trabalhar. *AzMina* reforça ainda que, “em casos de reportagens que recorram à IA para análise de dados, seu uso é detalhadamente descrito no campo Metodologia ao final do texto” (AzMina, 2023, p. 11).

Mesmo sendo um veículo nativo digital, *A Pública* segue os mesmos princípios estabelecidos pelos veículos tradicionais ao ver a IA como uma ferramenta de trabalho ao jornalismo, principalmente no que se refere à não substituição dos “jornalistas, programadores, ilustradores, narradores ou *designers*” (A Pública, 2023, n.p.) pela tecnologia. A P.E. de Uso de IA da *A Pública* também reforça que “nenhum robô pode ser responsabilizado por erros no conteúdo postado, a responsabilidade sempre será da equipe” (A Pública, 2023, n.p.). Tal princípio descrito pelo veículo neste documento segue as definições que os autores Fernandes (2025), Esteban e Sanahuja (2023) apontam sobre somente a pessoa - neste caso, o jornalista - ter a palavra final sobre o uso ético da IA nos processos jornalísticos contemporâneos.

A *Folha de S.Paulo* também defende a supervisão humana para “evitar as chamadas alucinações (erros factuais), plágios e vieses” (Folha, 2024, n.p.). e estimula o uso de IA para automatizar funções. Contudo, não define limites, a não ser para o uso de IAG numa tentativa de criar imagens que *imitam fotografias*. Autores como Ferrari (2024), falam sobre a circulação de *deepfakes*, sendo os conteúdos de desinformação criados por IAG.

Neste sentido, a Política Editorial de Uso de IA da *Folha* mostra-se preocupada em não contribuir para a circulação deste tipo de conteúdos imagéticos que se confundem com a realidade. De acordo com Barbosa e Bianchi (2025), a Política Editorial de Uso de IA d’*OGlobo* está centrada em utilizar esta tecnologia como um meio para produzir informação de qualidade, seja ela “isenta, correta e prestada com rapidez” (O Globo, 2024, n. p.), sem deixar de lado a responsabilidade do jornalista. Todavia, o documento é flexível ao indicar questões sobre o monitoramento da supervisão humana perante a correção do material jornalístico veiculado, pois, para o jornal, “essa supervisão pode variar conforme as necessidades de cada veículo e conteúdo” (O Globo, 2024, n. p.).

Apesar d’*O Globo* dar destaque à validação do papel do jornalista em sua P.E., principalmente em conteúdos analíticos e opinativos, considera-se que “o grupo possui mais permissões do que restrições ao uso de IA nas redações jornalísticas, uma vez que somente três vetos foram identificados, dois deles sendo sobre o papel de opinião e análise e o outro sobre *imagens que sejam confundidas com a realidade*” (Barbosa; Bianchi, 2025, p. 5). No geral, a análise documental da P.E. de Uso de IA do jornal identificou um tom otimista sobre a inserção desta tecnologia em funções jornalísticas, com o objetivo de automatizar e agilizar o processo dos jornalistas dentro da redação, desde que as tarefas sejam supervisionadas. Afinal, “os humanos ainda apresentam vantagem nas diversas etapas do processo jornalístico” (Canavilhas, 2025, p. 13), seja por conta do viés crítico, analítico, observador e, principalmente, humanizado, que uma tecnologia não possui.

Por fim, também reforçando o processo de transparência para com o público, a Política Editorial de Uso de IA do *Núcleo Jornalismo* dita que a inserção desta tecnologia na redação foi pensada para ser aplicada de modo responsável, justamente para “facilitar o trabalho do jornalismo, não produzi-lo” (Núcleo, 2025, n.p.). Dessa forma, o documento é o mais completo e ainda se dá ao trabalho de diferenciar o uso de IA Preditiva e Generativa na área editorial e de produção que, como já visto no capítulo sobre jornalismo e IA desta dissertação, ambas as formas de IA contribuem para distintas atividades. A Preditiva é mais voltada para levantamentos de dados, criação e desenvolvimento de categorias para funções repetitivas, e a Generativa para criação de ilustrações, tradução e transcrição de áudios.

Por mais que as Políticas Editoriais de Uso de IA dos seis veículos em questão criem parâmetros próprios, vale utilizar o método comparativo para compreender quais destes limites e vetos são semelhantes e quais são ignorados. Afinal, assim como o *Núcleo Jornalismo* afirma, todo documento aqui apresentado pode - e deve - estar em constante

evolução e ser atualizado conforme a necessidade de cada um desses veículos. Com isso, o tópico a seguir trata do processo de comparação entre estes documentos.

## 6.2 COMPARANDO AS POLÍTICAS EDITORIAIS: FINALIDADES ADOTADAS PELOS VEÍCULOS SOBRE USO DE IA

Com base na análise documental feita referente às Políticas Editoriais do *Estadão*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, *AzMin*, *A Pública* e *Núcleo Jornalismo*, identificaram-se padrões semelhantes sobre o uso de IA, evidenciando o que cada veículo permite e não permite dentro das respectivas redações. A seguir, apresentam-se quadros (ver quadros 5 e 6), de modo que se possa visualizar organizadamente quais são as semelhanças e diferenças entre os veículos analisados previamente sobre o uso de IA nas redações.

Quadro 5 - Semelhanças entre os veículos sobre o uso de IA nas redações

(continua)

| VEÍCULOS                                                                         | PERMITE USO DE IA                                                                                                                                   | VETA USO DE IA |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| <b>ESTADÃO, O GLOBO, AZMINA, A PÚBLICA, FOLHA DE S.PAULO E NÚCLEO JORNALISMO</b> | Monitoramento, coleta e análise de dados.                                                                                                           |                |
| <b>ESTADÃO, O GLOBO, A PÚBLICA, AZMINA E NÚCLEO JORNALISMO</b>                   | Transcrição de entrevistas (áudio ou vídeo); tradução e correções ortográficas de textos.                                                           |                |
| <b>ESTADÃO, A PÚBLICA E NÚCLEO JORNALISMO</b>                                    | Sugestão de títulos e chamadas, alimentar e sugerir posts para redes sociais.                                                                       |                |
| <b>O GLOBO, AZMINA E A PÚBLICA</b>                                               | Otimizar a produção de reportagens nos seus mais diversos formatos, definir melhores estratégias de comunicação, seja por meio das técnicas de SEO. |                |
| <b>AZMINA, FOLHA DE S.PAULO, A PÚBLICA E NÚCLEO JORNALISMO</b>                   | Criar ilustrações.                                                                                                                                  |                |

(conclusão)

| VEÍCULOS                                              | PERMITE USO DE IA                                  | VETA USO DE IA                                                                 |
|-------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <b>A PÚBLICA E O GLOBO</b>                            | Gerar áudios sintéticos baseados em vozes humanas. |                                                                                |
| <b>ESTADÃO, O GLOBO, A PÚBLICA E FOLHA DE S.PAULO</b> |                                                    | Criar imagens que sejam confundidas com a realidade.                           |
| <b>ESTADÃO E AZMINA</b>                               |                                                    | Compartilhar dados sigilosos do grupo e das fontes.                            |
| <b>AZ MINA, A PÚBLICA E NÚCLEO JORNALISMO</b>         |                                                    | Escrita de reportagem.                                                         |
| <b>O GLOBO E NÚCLEO JORNALISMO</b>                    |                                                    | Redigir textos opinativos ou editoriais e atuar como editor ou produtor final. |

Fonte: Elaboração própria (2025).

O quadro 5 traz um diagnóstico das semelhanças entre os veículos listados que, diante da análise comparativa das Políticas Editoriais, percebe-se somente a permissão do uso de IA para *monitoramento, coleta e análise de dados* adotados pelos seis veículos. Para Møller e Thylstrup (2024), o jornalismo digital está enraizado em um sistema de mídia que possui boas ideias de serviço público, ao querer analisar dados, sejam de entidades governamentais ou privadas, para informar a sociedade. Porém, o jornalista precisa adequar-se à nova função de coleta e análise de dados, visto que tal tarefa geralmente é desenvolvida por cientistas de dados, com o objetivo de facilitar “a margem de manobra econômica e epistemológica além do trabalho diário de ‘fazer as coisas funcionarem’” (Møller; Thylstrup, 2024, p. 16, tradução nossa)<sup>117</sup>, com o pouco conhecimento que se tem. Neste caso, entra o uso de ferramentas de IA, sendo até mesmo a Generativa - como o *ChatGPT* -, que ajudam a levantar, organizar e criar programas capazes de ler tais dados e transformá-los em informações para as notícias jornalísticas.

Outro caso que vale mencionar sobre as Políticas Editoriais dos veículos aqui citados é o uso de IA para *traduzir e corrigir textos* jornalísticos, sendo permitidas pelo *Estadão, O Globo, A Pública e AzMina e Núcleo Jornalismo*. Conforme Canavilhas e Giacomelli (2023), cerca de 27,3% dos veículos jornalísticos esportivos do Brasil utilizam ferramentas de IA para

<sup>117</sup> Texto original: “the economic and epistemological room for maneuver beyond the day-to-day work of ‘making things work’” (p. 16).

traduzir automaticamente um texto. O que ajuda a compreender que essa tecnologia serve como uma “‘assistente que nunca substituirá seres humanos’, mas ajudará ‘jornalistas a fazerem melhor seu trabalho’. [...] Para que eles possam fazer ‘muitas outras atividades que exigem sua inteligência e habilidades humanas’” (Calvo-Rubio; Rojas-Torrijos, 2024, p. 255, tradução nossa)<sup>118</sup>.

Veículos como *O Globo*, *AzMina* e *A Pública* utilizam IA para *otimizar a produção de reportagens nos seus mais diversos formatos*, principalmente ao definir melhores estratégias de comunicação através de técnicas de *SEO*. Tal funcionalidade diz respeito à primeira fase da ascensão tecnológica no jornalismo, descrita por Canavilhas (2023) como ‘um admirável mundo novo’ (2010-2013), justamente por caracterizar o início da produção automatizada da profissão. Neste sentido, não é de se estranhar que tais veículos adotem a IA para tal fundamento, com o objetivo de acelerar processos, como o *ranqueamento* de notícias no *Google*, uma vez que essa função não é exclusiva do jornalismo.

Segundo Kalsing (2021), o jornalista contemporâneo é refém das métricas impostas pelas plataformas *on-line*, pois, além de apurar, escrever, entrevistar, o profissional precisa publicar e fazer o conteúdo circular pelas redes. E para que o material jornalístico obtenha acessos, utiliza-se de métricas de *SEO*, principalmente veículos que são nativos digitais - como é o caso d’*AzMina*. Díaz-Noci *et al.* (2024) fazem um alerta sobre o uso de IA para tornar textos jornalísticos mais atraentes às métricas, uma vez que alimenta o *LLM* destas ferramentas com materiais autorais e, de certa forma, tornam as instituições jornalísticas submissas aos mecanismos de busca de grandes empresas, como o *Google*. Afinal, somente “o *Google* fornece até 70% do acesso às notícias, [...] decidindo sobre estratégias de *SEO* de acordo com a *Search Engine Experience*<sup>119</sup> usando algoritmos de inteligência artificial” (Díaz-Noci *et al.*, 2024, p. 42, tradução nossa)<sup>120</sup>. Logo, o *Google* sabe exatamente o que deve ou não estar em alta, além de apropriar-se do trabalho do jornalista de modo não remunerado.

*A Pública* e *O Globo* foram os únicos veículos que afirmaram utilizar *áudios sintéticos baseados em vozes humanas*, o que implica diretamente em um debate ético e de regulamentação sobre o uso de informações pessoais ao clonar vozes, fazendo com que a IA tenha acesso a tais descrições. Em um estudo realizado sobre a edição comemorativa, de 33 anos, da Rádio *CBN* - veículo que faz parte do grupo *O Globo* e que, por isso, adota a Política

<sup>118</sup> Texto original: “‘an assistant who will never replace human beings’, but will help ‘journalists do their job better’. [...] So that they can do ‘many other activities that require their intelligence and human skills’” (Calvo-Rubio, Rojas-Torrijos, 2024, p. 255).

<sup>119</sup> Conferir significado no Glossário.

<sup>120</sup> Texto original: “Google provides up to 70% of news traffic, [...] determining SEO strategies based on the search engine experience using artificial intelligence algorithms” (Díaz-Noci *et al.*, 2024, p. 42).

Editorial de Uso de IA - constatou-se que “a emissora não se mostrou totalmente transparente com o público ouvinte, por não ter especificado o passo a passo da utilização desta tecnologia” (Barbosa; Bianchi, 2025, p. 111). Logo, não basta o veículo afirmar que usa uma IA para clonar vozes, ele precisa ser transparente no que diz respeito aos Termos de Uso de tais recursos.

Outra semelhança identificada nesta análise sobre o uso de IA pelos veículos *Estadão*, *O Globo*, *A Pública* e *Folha de S.Paulo* diz respeito ao veto diante da criação de *imagens que sejam confundidas com a realidade*. Uma análise, realizada por Barbosa *et al.* (2025, no prelo), observou que o jornal italiano *Il Foglio*<sup>121</sup> adotou o uso de IA para criar conteúdos jornalísticos feitos do zero, utilizando o trabalho de um jornalista humano apenas para supervisionar *prompts* de perguntas à IA, como afirma uma entrevista dada pelo editor-chefe do jornal, Cláudio Cerasa, à *Folha de S.Paulo*<sup>122</sup>. As imagens de contexto de guerra - objetos estudados - foram todas feitas por programas como *Grok*<sup>123</sup> e *ChatGPT*, sendo classificadas como *Ilustração Hiperrealista Sintética*. Ou seja, os conteúdos imagéticos aproximavam-se da realidade, mas não foram feitos por nenhum humano e em nenhum ambiente realista.

Por fim, outro destaque identificado durante a análise sobre as semelhanças entre *Az Mina*, *A Pública* e *Núcleo Jornalismo* refere-se ao veto durante o processo de *escrita de reportagem*. Interessa chamar a atenção sobre o fato de que apenas veículos nativos digitais adotaram essa postura, o que se supõe que os três estejam prezando pelos direitos autorais dos jornalistas (Forja-Pena *et al.*, 2024), por isso, são contra produções de reportagens feitas totalmente por uma IA. A seguir, apresenta-se o quadro 6 sobre as diferenças entre esses veículos diante do uso de IA:

Quadro 6 - Diferenças entre os veículos sobre o uso de IA nas redações

(continua)

| VEÍCULOS | PERMITE USO DE IA                | VETA USO DE IA                                         |
|----------|----------------------------------|--------------------------------------------------------|
| ESTADÃO  | Melhorar a qualidade de imagens. | Criação de perguntas para entrevistas; produzir vídeos |

<sup>121</sup> O jornal italiano foi criado em 07 de dezembro de 1995, pelo jornalista, apresentador e ex-político, Giuliano Ferrara. Desde 2015, tem como editor-chefe Cláudio Cerasa e, a partir de 2025, ficou conhecido como o primeiro jornal impresso do mundo a ser feito 100% por IA (Barbosa *et al.*, 2026, no prelo).

<sup>122</sup> Leia matéria: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2025/03/jornal-italiano-afirma-ter-publicado-edicao-totalmente-feita-por-ia.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2026.

<sup>123</sup> O Grok é um modelo de Inteligência Artificial desenvolvido pela *xAI*, empresa de Elon Musk, dono da *Tesla* e do *X* (antigo *Twitter*). Disponível em: <<https://distrito.me/blog/grok-3-conheca-e-saiba-como-usar-nova-ia-de-elon-musk/>>. Acesso em: 24 out. 2025.

(conclusão)

| VEÍCULOS          | PERMITE USO DE IA                                                                            | VETA USO DE IA                                                 |
|-------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|
|                   |                                                                                              | ou áudios; criar ilustrações.                                  |
| AZMINA            | Resumos de conteúdos antigos já publicados.                                                  |                                                                |
| A PÚBLICA         |                                                                                              | Como fonte primária.                                           |
| O GLOBO           | Pequenas correções técnicas em áudios e imagens.                                             | Alterar a opinião e a análise.                                 |
| FOLHA DE S.PAULO  | Escrita de mensagens para fontes.                                                            |                                                                |
| NÚCLEO JORNALISMO | Fonte primária; desenvolver <i>software</i> e códigos; utilizar conteúdos para alimentar IA. | Publicar conteúdos sem indicação do uso de IA ou sem checagem. |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Referente às diferenças, destacadas acima, entre as Políticas Editoriais analisadas, menciona-se que, enquanto, *AzMina*, *Folha de S.Paulo*, *A Pública* e *Núcleo Jornalismo* utilizam da IA para *criar ilustrações*, o *Estadão* veta tal uso tanto para *ilustrações como para fotografias*<sup>124</sup>, usando somente para *melhorar a qualidade de imagens*. Vale também mencionar o uso de recursos de IAG pela *Revista AzMina* que, devido às “limitações de bancos de imagens gratuitos [sobre casais inter-raciais] fizeram com que a equipe de criação de artes criasse ilustrações, seja por meio de composição imagética ou recortes de fundo” (Barbosa; Bianchi, 2024, p. 3). Todavia, a equipe preza pelo trabalho humano, ao revisar conteúdos imagéticos desenvolvidos através desta tecnologia.

O *Estadão* também veta o uso de IA para produzir vídeos ou áudios, diferente d’*A Pública* e *O Globo*, considerando que *O Globo* ainda utiliza recursos de IA para *pequenas correções técnicas em áudios e vídeos* como forma de automatizar funções sem precisar de profissionais aptos para desempenhá-las. Manovich e Arielli (2023) descrevem os conteúdos imagéticos feitos através de IA como:

Processo de criação de novos objetos de mídia com redes neurais profundas, como imagens, animações, vídeo, texto, música, modelos e cenas 3D e outros tipos de mídias. Além desses objetos, as redes neurais também são usadas para gerar elementos e tipos de conteúdo específicos, como rostos humanos fotorrealistas e poses e movimentos humanos. Elas também podem ser usadas na edição de mídias,

<sup>124</sup> Segundo a análise documental, a *Folha de S.Paulo* também não permite a utilização de ferramentas para criar fotografias, porém, utiliza para criar ilustrações.

como para substituir uma parte de uma imagem ou vídeo por outro conteúdo que se ajuste espacialmente (Manovich; Arielli, 2023, p. 19-20).

Com isso, entende-se que tal tecnologia pode ajudar a agilizar o trabalho do jornalista, porém também corre-se o risco de atrapalhar o processo da criação de uma informação verídica e factual, se o conteúdo gerado por IA não for evidenciado como tal. Outro exemplo a ser destacado é o fato de a *Folha* afirmar utilizar essa tecnologia para a *escrita de mensagens para fontes*, visto que o *Estadão* também veta o uso à *criação de perguntas para entrevistas* que, segundo a P.E. não é recomendável, “dada a possibilidade de direcionamento das perguntas decorrentes de vieses algorítmicos indesejados” (Estadão, 2023, n.p.).

Para finalizar a análise comparativa, evidencia outro caso uso de IA, por parte d’*AzMina*. O veículo diz fazer tal uso para *resumos de conteúdos antigos já publicados*, o que, de certo modo, contribui para alimentar o programa de IA utilizado, sendo esta também uma das permissões do *Núcleo* ao *utilizar conteúdos para alimentar a IA*. A postura destes veículos nativos digitais foi contrária à ação do *The New York Times* e o *Washington Post*, de novembro de 2023, sobre a restrição de acesso da IAG voltada aos conteúdos publicados em seus *sites*. Por último, vale mencionar que, ao passo que o *Núcleo* utiliza a IA como *fonte primária*, *A Pública* é firme na posição de veto sobre esse uso, por não considerar a IAG como base de informação.

A análise comparativa abre margem para diversos debates sobre o jornalismo e IA, seja por conta do trabalho autoral do jornalista que está cada vez mais em xeque, ou devido a precarização de funções dentro das redações jornalísticas, tendo como desculpa o uso desta tecnologia para fazer trabalhos que antes eram desempenhados por pessoas. Contudo, destaca-se, mais uma vez, a escolha dos seis veículos em adotar esta tecnologia para *mapear, coletar e analisar dados*, o que transmite a ideia de a IA pode ser útil e essencial, no que diz respeito a um levantamento preciso e ágil de informações que, geralmente, devem ser de conhecimento público. Assim, da mesma forma que quatro dos seis veículos restringem o uso de IA para, por exemplo, *criar imagens que se confundam com a realidade*, eles também permitem que elas entreguem um texto em menos tempo, devido à correção ortográfica com o auxílio de IA.

### 6.3 VERIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS REFERENTE A APLICAÇÃO DE IA

A fim de complementar esta análise, a presente pesquisa sistematiza uma seleção de conteúdos jornalísticos publicados pelos seis veículos, com o objetivo de verificar se as Políticas Editoriais de Uso de IA são aplicadas. Antes de partir para as constatações, importa salientar que a análise a seguir foi organizada com base no levantamento sobre as *funcionalidades* que os veículos permitem e não permitem o uso de IA nas redações. Considerou-se analisar elementos fáceis de identificar nesta etapa, como na criação de imagens, áudios, vídeos ou resumos, desde que identificados pelos jornais.

Dessa forma, utilizou-se do quadro (conferir quadro 7) para estipular quais tópicos sobre o uso de IA nos seis veículos seriam discutidos, tendo como prioridade a aplicação desta tecnologia em elementos jornalísticos, como notícias, informações verificadas e grandes reportagens.

Quadro 7 - Aplicação de IA em conteúdos jornalísticos identificáveis em cada material

| VEÍCULOS          | FUNCIONALIDADES VERIFICADAS                                                                                                                |
|-------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ESTADÃO           | Ajuste na qualidade de imagens.                                                                                                            |
| AZMINA            | Resumos de conteúdos antigos já publicados; monitoramento da tramitação de projetos de lei (PL); criar ilustrações para bancos de imagens. |
| A PÚBLICA         | Criação de ilustração abstrata; vídeos-resumo sobre reportagens já publicadas; criação de áudios sintéticos para leitura de reportagens.   |
| FOLHA DE S.PAULO  | Criação de ilustrações.                                                                                                                    |
| O GLOBO           | Gerar áudios sintéticos baseados em vozes humanas; criar diferentes versões de reportagens.                                                |
| NÚCLEO JORNALISMO | Construir sumários; criação de ilustrações em casos excepcionais; desenvolver <i>software</i> e códigos; auxiliar em raspagens de dados.   |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Diante destas funcionalidades, nas quais os veículos afirmaram em suas respectivas P.Es. utilizar a IA, a pesquisa buscou encontrar, ao menos, um conteúdo jornalístico que tivesse algum alerta sobre o uso desta tecnologia, de modo que não apresentasse contradições ou dúvidas aos leitores e leitoras. Com isso, serão desenvolvidas reflexões sobre possíveis aspectos de melhorias sobre o alerta de uso de IA descrito nas Políticas Editoriais dos veículos mencionados, não com o objetivo de restringir a utilização desta tecnologia, mas de propor critérios informativos e metodológicos sobre tal inserção. Uma vez que, como a pesquisa vem discutindo até aqui, o uso crescente de IA no jornalismo pode abrir margem para a desinformação, podendo atrapalhar o processo formador de conhecimento que o jornalismo, enquanto profissão, carrega e apresenta à sociedade.

#### 6.3.1 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos do *Estadão*

Entre os dias 12 e 18 de dezembro de 2025, foi desenvolvido um levantamento exploratório nos conteúdos do *Estadão*, com base em publicações jornalísticas postadas, ou na primeira aba do *site* ou que tivesse a palavra-chave *Inteligência Artificial* como gancho. Buscou-se encontrar, ao menos, um conteúdo que representasse o uso de IA referente à funcionalidade *ajuste na qualidade de imagens*. Afinal, como a própria Política Editorial do veículo ressalta, eles garantem que os leitores e leitoras estejam cientes sobre o processo de criação de nossos conteúdos, reforçando nosso compromisso com a transparência e a integridade da produção jornalística” (Estadão, 2023, n.p.).

Contudo, ao buscar compreender se, de fato, o veículo informa ao público quais imagens tiveram ajustes na qualidade com o auxílio de uma ferramenta de IA, constatou que não. Infelizmente, o que o *Estadão* diz sobre garantir informação aos consumidores de notícias quando utilizam IA não é aplicado, ao menos, na melhoria de imagens. Afinal, não fica fácil compreender como eles fazem essas melhorias e nem em quais conteúdos seriam realizados tal procedimento, conforme o *print* a seguir:

Figura 1 - Print matéria sobre *Papa Leão XIV nomear bispo pró-imigrantes para comandar arquidiocese de Nova York*<sup>125</sup>



Fonte: ESTADÃO. **Papa Leão XIV nomeia bispo pró-imigrantes para comandar arquidiocese de Nova York.** 2025. Disponível em:

<

O único conteúdo que foi encontrado sobre a utilização de IA na imagem foi a matéria intitulada como *Silvio Santos feito por IA 'discursa' em inauguração do SBT News*, publicada no dia 12 de dezembro de 2025<sup>126</sup>. Porém, o conteúdo imagético em si não foi feito e, muito menos, alterado pelo *Estadão*, uma vez que trata-se de um recurso utilizado e apresentado pela emissora televisiva. Mas o veículo reforçou na legenda no conteúdo jornalístico que o holograma do apresentador Silvio Santos, que morreu em 2024, foi feito com Inteligência Artificial, como mostra a imagem a seguir:

<sup>125</sup> Ler matéria completa:

<

<sup>126</sup> Matéria completa:

<

Figura 2 - Print matéria *Estadão* sobre imagem de Silvio Santos feita por IA



Fonte: ESTADÃO. **Silvio Santos feito por IA ‘discursa’ em inauguração do SBT News**. 2025. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/televisao/silvio-santos-feito-por-ia-discursa-em-inauguracao-do-sbt-news/?srsltid=AfmBOor4pR8tKWl9yTLJZxeZSj-m2t2RiVrU7MkR7mQSPyfB8cpxJLpW>. Acesso em: 12 dez. 2025.

Com isso, considera-se que o uso de IA para ajustar a qualidade de imagens, que o *Estadão* diz realizar, é incerto. Não fica claro ao leitor ou leitora se o veículo utiliza ou não alguma ferramenta para tal finalidade ou, se por exemplo, utiliza não é mencionado. Dessa forma, abre-se margem para interpretações controversas sobre um uso não coerente de IA em produções jornalísticas por parte do veículo.

### 6.3.2 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos d’*AzMina*

Também no mesmo período definido para análise no *Estadão*, realizou-se um levantamento exploratório nos conteúdos jornalísticos d’*AzMina*, seguindo o mesmo critério de seleção - matérias que apareciam na primeira aba do *site* ou que tivessem a palavra-chave IA. Neste caso, procurou-se conteúdos que tivessem *resumos de conteúdos antigos já publicados, monitoramento da tramitação de projetos de lei (PL)* ou *ilustrações* feitas com o uso de IA. Conforme a P.E. da revista digital, reportagens que fazem análise de dados

realizada com o auxílio de IA possuem um campo de metodologia no final do texto e as ilustrações feitas por essa tecnologia serão indicadas na legenda (AzMina, 2023).

Diante desses aspectos, constata-se que *AzMina* colabora parcialmente com os leitores e leitoras, uma vez que nem todos os conteúdos jornalísticos identificam utilizar IA, tanto para resumos como para monitoramento e análise de dados, ou ilustrações. Conforme a reportagem *Brasil é 5º em feminicídios enquanto antifeminismo cresce no Congresso*, de 04 de dezembro de 2025<sup>127</sup>, de Lu Belin, a fiscalização da atividade parlamentar relacionada a mulheres, meninas e pessoas LGBTQIAPN+ foi realizado pelo *Elas no Congresso*<sup>128</sup>, que é “uma inteligência artificial para monitorar o legislativo brasileiro” (AzMina, s.d., n.p.) desenvolvido pela *AzMina*. E a automatização desse acompanhamento foi realizada pelo *QuiterIA*, também desenvolvido pela revista digital “para analisar, classificar e avaliar proposições legislativas (PLs) com foco nas questões de gênero e direitos das meninas, mulheres e pessoas LGBTQIAPN+” (AzMina, s.d., n.p.).

Destaca-se que, no caso desta reportagem sobre o antifeminismo no Congresso, não há nenhuma descrição metodológica especificada no final, como a P.E. afirmou fazer. Foi possível identificar que a equipe jornalística utilizou tais ferramentas de IA, de acordo com um trecho do segundo parágrafo da reportagem, em que foi *linkado* o *Elas no Congresso*, em que diz:

Nos últimos anos, o *Elas no Congresso* vem monitorando a atividade parlamentar relacionada a mulheres, meninas e pessoas LGBTQIAPN+. Vimos crescer o número de projetos antigênero impulsionados pelas bancadas conservadora e evangélica, mas também por mulheres eleitas com o rótulo antifeminista (AzMina, 2025, n.p.).

Quem for ler o conteúdo, sabe que foi utilizada IA para os levantamentos e análises, entretanto, não consegue identificar como essas aplicações foram adotadas na prática da reportagem em si. Neste sentido, acredita-se que vai do interesse do leitor ou leitora, entrar em cada uma dessas ferramentas d’*AzMina*, em abas distintas, para entender o procedimento geral, como mostra o infográfico a seguir. Mas, a atitude pode não ser colocada em prática por todos que consomem os conteúdos da revista.

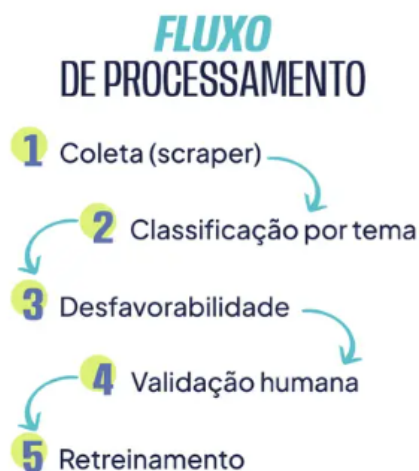
---

<sup>127</sup> Ler reportagem completa:

<<https://azmina.com.br/reportagens/feminismo-antifeminismo-no-congresso-nacional/>>. Acesso em: 13 dez. 2025.

<sup>128</sup> Conferir site: <<https://www.elasnocongresso.com.br/>>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Figura 3 - Explicação d’*AzMina* sobre como funciona o *QuiterIA*



Fonte: AZMINA. **QuitêrIA**: uma Inteligência Artificial feminista de monitoramento legislativo. 2025. Disponível em: <<https://www.elasnocongresso.com.br/quiteria>>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Todavia, a aplicação dessas ferramentas de monitoramento, que utilizam IA, é a que mais aparece nos conteúdos d’*AzMina*, alertando os consumidores de que tal uso está sendo feito. O que não é o mesmo caso para a criação de ilustração, uma vez que a revista não informa nas legendas das imagens se há ou não aplicação de IA (ver figura 4), e em resumos que são elaborados no início de algumas reportagens (ver figura 5). Para exemplificar, utiliza-se como base a reportagem *As vítimas da violência doméstica que não entram nas estatísticas*, publicada em 09 de dezembro de 2025, feita por Mariana Rosetti<sup>129</sup>.

<sup>129</sup> Ler material completo:

<<https://azmina.com.br/reportagens/as-vitimas-da-violencia-domestica-que-nao-entram-nas-estatisticas/>>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Figura 4 - Infográfico de Lays Cantanhêde que contém ilustrações características da revista



Fonte: ROSSETI, Mariana. **As vítimas da violência doméstica que não entram nas estatísticas**. 2025. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/as-vitimas-da-violencia-domestica-que-nao-entram-nas-estatisticas/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Figura 5 - Resumo feito em tópicos da reportagem *As vítimas da violência doméstica que não entram nas estatísticas*

- 
- *A violência doméstica contra mulheres atinge filhos, familiares e pessoas próximas, as chamadas “vítimas indiretas”, muitas vezes feridas ou mortas e fora das estatísticas;*
  - *Casos mostram filhos, mães e terceiros atacados por agressores; leis como Maria da Penha e Henry Borel nem sempre protegem ou registram plenamente essas vítimas;*
  - *A violência vicária, quando filhos são usados para ferir mulheres, segue invisível nas estatísticas; faltam dados, enquadramento legal e ação dos sistemas de justiça.*

Fonte: ROSSETI, Mariana. **As vítimas da violência doméstica que não entram nas estatísticas**. 2025. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/as-vitimas-da-violencia-domestica-que-nao-entram-nas-estatisticas/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Neste último caso, a P.E. não explica se o resumo estará sempre no topo de matérias ou reportagens, ou se será aplicado sempre para redes sociais, uma vez que, de acordo com o documento, pode ser para ambos os casos. Logo, assim como no caso do *Estadão*, *AzMina* também deixa dúvida se existe ou não o uso dessa tecnologia na criação de ilustrações e resumos de conteúdos já feitos.

### 6.3.3 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos d' *A Pública*

Seguindo o mesmo formato de pesquisa exploratória mas, dessa vez, voltada aos conteúdos jornalísticos da agência de notícias *A Pública*, buscou-se identificar postagens que evidenciam o uso de IA para *criação de ilustração abstrata*, *vídeos-resumo sobre reportagens já publicadas* e *criação de áudios sintéticos para leitura de reportagens*. Afinal, o veículo afirma em sua P.E. assinar os conteúdos gerados com auxílio de IA e, além disso, propõe-se apresentar uma metodologia para os casos de reportagens de dados complexas que analisam grandes bases de dados com IA. Neste último tópico, não foi possível identificar de forma acessível, uma vez que, ao que tudo indica, a agência de notícias não aplicou IA em nenhuma das reportagens de análise recentes.

O que não se mostra diferente para os casos visualizados, sobre imagens e vídeos-resumo por IA. Pelo que foi possível compreender, *A Pública* não adota recursos de IA para tais casos ou, ao menos, não identifica utilizá-los. Como mostra a imagem abstrata a seguir, da reportagem *Gigantes das criptomoedas movimentaram bilhões ligados a fraudes, traficantes e hackers*<sup>130</sup>, de 17 de novembro de 2025, feita por Spencer Woodman, Agustín Armendáriz, Miguel Fiandor Gutiérrez e Sam Ellefson.

---

<sup>130</sup> Ler reportagem:

<<https://apublica.org/2025/11/criptomoedas-movimentam-milhoes-em-lavagem-de-dinheiro-e-traffic/#>>.  
Acesso em: 22 dez. 2025.

Figura 6 - Ilustração de capa da reportagem sobre criptomoedas



Fonte: WOODMAN, Spencer *et al.* **Gigantes das criptomoedas movimentaram bilhões ligados a fraudes, traficantes e hackers.** 2025. Disponível em: <https://apublica.org/2025/11/criptomoedas-movimentam-milhoes-em-lavagem-de-dinheiro-e-trafico/#>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Conforme mostra o crédito da imagem, ela foi feita pelo jornalista Ben King do *International Consortium of Investigative Journalists - Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos*<sup>131</sup>, em português. A forma como foi encontrada esta reportagem deu-se pela pesquisa na aba *tecnologia* d'*A Pública*, de acordo com a atualidade e a característica do conteúdo imagético que representa uma ilustração abstrata. O mesmo acontece com a imagem de capa da reportagem *Exploração de lítio no Jequitinhonha tem mais casas rachadas do que promessas cumpridas*<sup>132</sup>, publicada em 16 de dezembro de 2025, elaborada pelos jornalistas Rafael Oliveira e José Cícero.

<sup>131</sup> Conferir consórcio de investigação: <https://www.icij.org/>. Acesso em: 22 dez. 2025.

<sup>132</sup> Reportagem completa: <https://apublica.org/2025/12/exploracao-de-litio-no-jequitinhonha-tem-mais-casas-rachadas-do-que-promessas-cumpridas/#>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Figura 7 - Ilustração de Matheus Pigozzi e José Cícero para a reportagem sobre exploração de lítio



Fonte: OLIVEIRA, Rafael; CÍCERO, José. **Exploração de lítio no Jequitinhonha tem mais casas rachadas do que promessas cumpridas.** 2025. Disponível em: <[https://apublica.org/2025/12/exploracao-de-litio-no-jequitinhonha-tem-mais-casas-rachadas-do-que-promessas-cumpridas/#\\_](https://apublica.org/2025/12/exploracao-de-litio-no-jequitinhonha-tem-mais-casas-rachadas-do-que-promessas-cumpridas/#_)>. Acesso em: 22 dez. 2025.

A ilustração foi feita 100% por pessoas e, conforme identificação, sem uso de IA para a elaboração final. O que reforça o ponto apresentado acima sobre a agência de notícias optar por deixar de lado os recursos de IA ao elaborar ilustrações abstratas. O mesmo parece ser aplicado para os casos de vídeos-resumo de reportagens já publicadas. Para representar este tópico, apresenta-se como exemplo o *reel*<sup>133</sup> publicado no *Instagram* d'*A Pública* sobre o episódio do *podcast* *Caça às Bruxas - Uma História de Terror Real*<sup>134</sup>. O conteúdo faz parte de uma série de cinco episódios, elaborada por Natalia Viana, Sofia Amaral, Stela Diogo, Rafaela de Oliveira, Ricardo Terto, que trata de mulheres que foram perseguidas em Salém, entre os séculos 16 e 17.

<sup>133</sup> Visualizar *reel*: <<https://www.instagram.com/reel/DRm0YVnEk6o/>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

<sup>134</sup> Ouvir *podcast*: <<https://apublica.org/podcast/2025/10/caca-as-bruxas-uma-historia-de-terror-real/>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Figura 8 - Print do reel que promove o podcast d'A Pública



Fonte: AGÊNCIA PÚBLICA. **Caça às bruxas.** 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DRm0YVnEk6o/>. Acesso em: 22 dez. 2025.

O vídeo-resumo é apresentado como forma de instigar o público do *Instagram* para acompanhar o *podcast* no *site* d'A Pública, entretanto, não menciona quem fez o conteúdo e nem se foi utilizada IA no processo de criação do vídeo curto. Logo, abre margem para questionamentos sobre talvez a agência de notícias não identificar, da forma que informou que iria em sua P.E., sobre a inserção de uso de IA nestes processos. Ou todos os vídeos-resumo são feitos com a utilização de IA e, assim, o consumidor deve subentender que, nestes casos, tal tecnologia está presente, mesmo sem A Pública evidenciar, seja na legenda ou no próprio vídeo?

Por fim, o último exemplo sobre A Pública que até identifica o uso de IA em uma das produções, é sobre a *criação de áudios sintéticos para leitura de reportagens*. Para este caso, encontrou-se o artigo *Violências e golpes: pessoas LGBTQIA+ relatam insegurança na noite de São Paulo*<sup>135</sup>, de 28 de maio de 2024, produzido pelos jornalistas Rafael Custódio e Matheus Santino. Neste caso, o conteúdo traz no topo um áudio da reportagem feito com IA, porém o conteúdo não está mais disponível, conforme ilustração a seguir:

<sup>135</sup> Verificar conteúdo:

<<https://apublica.org/2024/05/violencias-e-golpes-pessoas-lgbtqia-relatam-inseguranca-na-noite-de-sao-paulo/#>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Figura 9 - Conteúdo de áudio feito por IA para narrar artigo



Fonte: CUSTÓDIO, Rafael; SANTINO, Matheus Santino. **Violências e golpes: pessoas LGBTQIA+ relatam insegurança na noite de São Paulo.** 2024. Disponível em: <<<https://apublica.org/2024/05/violencias-e-golpes-pessoas-lgbtqia-relatam-inseguranca-na-noite-de-sao-paulo/#>>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Pelo fato de o conteúdo não ser mais produzido, não se sabe qual a qualidade do áudio que, *A Pública*, afirmou ser feita com IA. Outro ponto interessante a ser destacado é que os conteúdos atuais não possuem mais este resumo feito por IA, exemplo o *print* da reportagem *Júlio Lancellotti é calado nas redes enquanto padres conservadores discursam para milhões*, de 16 de dezembro de 2025<sup>136</sup>, feita por Bruno Fonseca.

Figura 10 - *Print* reportagem recente da *A Pública* que não utiliza mais áudios de IA para narrar conteúdos



Fonte: FONSECA, Bruno. **Júlio Lancellotti é calado nas redes enquanto padres conservadores discursam para milhões.** 2025. Disponível em: <<<https://apublica.org/2025/12/lancellotti-silencia-e-padres-conservadores-discursam-nas-redes/>>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

<sup>136</sup> Leia em: <<<https://apublica.org/2025/12/lancellotti-silencia-e-padres-conservadores-discursam-nas-redes/>>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Como *A Pública* não atualiza sua P.E. de uso de IA desde 2023, não se sabe o motivo de ter parado de produzir tais transcrições com IA às ‘Reportagens para Ouvir’<sup>137</sup>, que, até 2024, era atualizada, ao menos, três vezes por mês. E, mais uma vez, o veículo abre margens para questionamentos sobre a utilização correta e transparente de IA em conteúdos jornalísticos, pois, mesmo que tenha-se uma P.E. a aplicação diária ainda é incerta e deixa o leitor ou leitora confusos se há ou não uso de ferramentas para produção.

#### 6.3.4 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos da *Folha de S.Paulo*

Os conteúdos jornalísticos da *Folha de S.Paulo* também foram analisados de modo exploratório com o mesmo objetivo, conferir se a aplicação de IA segue o que a P.E. destaca em seu texto. Neste caso, foram verificadas publicações que possuem *ilustrações*, visto que o documento afirma utilizar tal tecnologia apenas para conteúdos imagéticos, considerando que “conteúdos produzidos por IA e que imitam fotografias não podem ser publicados pela *Folha*, a menos que o fotorrealismo em si seja objeto da notícia. Nesse caso, a autoria da imagem deve ser informada com destaque” (Folha, 2024, n.p.).

O conteúdo que serviu como base foi a matéria sobre *Como SBT tenta sobreviver sem Silvio Santos entre um vaivém na grade e polêmicas*<sup>138</sup>, de Guilherme Luis, publicada no dia 18 de dezembro de 2025, na qual a imagem de capa é uma fotocolagem. Entretanto, a ilustração, segundo créditos, foi criada por *Silvis* - a presente pesquisa não conseguiu identificar a origem desta figura que criou tal arte que pode ser vista a seguir:

<sup>137</sup> Verificar aba: <<https://apublica.org/tag/audio-em-ia/>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

<sup>138</sup> Conferir matéria completa:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/12/como-sbt-tenta-sobreviver-sem-silvio-santos-entre-um-vaive-m-na-grade-e-polemicas.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

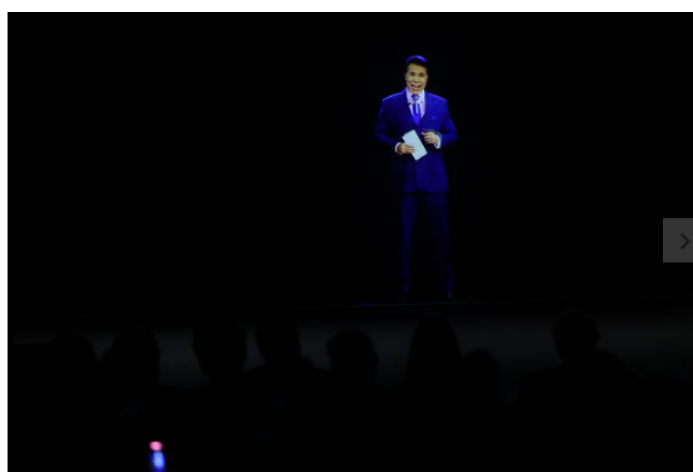
Figura 11 - Ilustração com os principais rostos de apresentadores do *SBT* publicado pela *Folha*



Fonte: LUIS, Guilherme. **Como SBT tenta sobreviver sem Silvio Santos entre um vaivém na grade e polêmicas.** 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/12/como-sbt-tenta-sobreviver-sem-silvio-santos-entre-um-vaivem-na-grade-e-polemicas.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Ainda nesta matéria, encontrou-se o holograma do Silvio Santos, que faleceu em 2024, semelhante à imagem utilizada pelo *Estadão*. E, neste caso, a *Folha* também identificou na legenda que a projeção do idealizador do *SBT* foi feito com IA, de acordo com *print* abaixo:

Figura 12 - Holograma de Silvio Santos feito com IA e publicado pela *Folha*



Projeção de Silvio Santos, que recriou o apresentador com recursos de inteligência artificial, durante evento de lançamento do SBT News Danilo Verpa/Folhapress

Fonte: LUIS, Guilherme. **Como SBT tenta sobreviver sem Silvio Santos entre um vaivém na grade e polêmicas.** 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/12/como-sbt-tenta-sobreviver-sem-silvio-santos-entre-um-vaivem-na-grade-e-polemicas.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Todavia, vale mencionar a matéria sobre Marisa Maiô<sup>139</sup>, personagem feita de IA por Raony Phillips e que viralizou em 2025 nas redes sociais digitais por representar, de modo inusitado, os programas de auditórios transmitidos em TV aberta. Como mostra a imagem na sequência, a *Folha* colocou diversas *marcas d'água* para identificar que a imagem de capa foi feita por IA. Algo que, além de ajudar a identificar com facilidade o uso de tal recurso, contribui para que os leitores e leitoras estejam conscientes sobre possíveis intervenções da IA em imagens como essas.

Figura 13 - Imagem de Marisa Maiô, personagem de IA feita por Raony Phillips



Cena do programa fictício Marisa Maiô, criado por Raony Phillips com auxílio de programa de IA - Reprodução/X

Fonte: MACHADO, Daniela. **O que Marisa Maiô nos ensina sobre realidades fabricadas**. 2025. Disponível em:

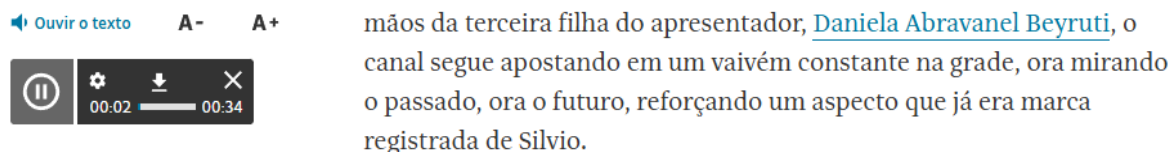
<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2025/06/o-que-marisa-maio-nos-ensina-sobre-realidades-fabricadas.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Outro recurso adotado pela *Folha*, que não afirma utilizar IA em sua P.E., mas que aparenta ser elaborada por uma, é a transcrição dos textos dos conteúdos jornalísticos - função disponível em cada reportagem, matéria ou nota do veículo.

<sup>139</sup> Saiba mais em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2025/06/o-que-marisa-maio-nos-ensina-sobre-realidades-fabricadas.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

Figura 14 - Função *Ouvir texto* da *Folha*



Fonte: LUIS, Guilherme. **Como SBT tenta sobreviver sem Silvio Santos entre um vaivém na grade e polêmicas.** 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/12/como-sbt-tenta-sobreviver-sem-silvio-santos-entre-um-vaive-na-grade-e-polemicas.shtml>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

O áudio parece ser gerado automaticamente por um recurso de IA, mas, como já mencionado, o jornal não afirmou em nenhum espaço ter incorporado tal tecnologia para esta função. E, mais uma vez, outro veículo não se mostra transparente ao consumidor quanto ao uso de IA. Afinal, a *Folha* erra, até mesmo, na elaboração da *Política Editorial de Uso de IA*, por ela conter apenas quatro parágrafos e não estabelecer limites éticos e burocráticos para a utilização dentro da redação jornalística. Ou seja, era de se esperar que a identificação de IA nos conteúdos publicados diariamente era suscetível à indagação ao invés da afirmação.

#### 6.3.5 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos d’*O Globo*

Utilizando o mesmo critério de análise exploratória, com um recorte de conteúdos que apareceram na primeira aba d’*O Globo*, entre os dias 12 e 18 de dezembro de 2025, ou diante da pesquisa sobre *tecnologia* e/ou *Inteligência Artificial* no site do veículo, buscou-se por produções jornalísticas que exemplificassem o uso de IA sobre os tópicos *Gerar áudios sintéticos baseados em vozes humanas* e *criar diferentes versões de reportagens*. Com isso, verifica-se se, de fato, *O Globo* contribui para que o público compreenda em quais circunstâncias uma reportagem foi produzida, ao utilizar recursos de IA, como afirma a própria P.E.

Referente ao uso de IA para gerar áudios sintéticos semelhantes a vozes humanas, a presente pesquisa não conseguiu encontrar nenhuma produção que servisse como exemplo. Olhou-se o *podcast* mais recente do jornal, intitulado como *Caso Zero*<sup>140</sup>, publicado em 2025, que trata da acusação de máfia de transplantes de órgãos no país, com base na história do acidente de um menino de 10 anos, ocorrido em 2000. Contudo, a equipe de reportagem e

<sup>140</sup> Conferir mais informações sobre o *podcast*:

<<https://oglobo.globo.com/podcast/caso-zero/noticia/2025/10/12/caso-zero-podcast-sobre-acusacao-de-mafia-de-transplantes-de-orgaos-em-minas-estreia-nesta-segunda.ghml>>. Acesso em: 23 dez. 2025.

edição do conteúdo não menciona utilizar recursos de IA, logo, conclui-se que o *podcast* é feito 100% de cooperação humana.

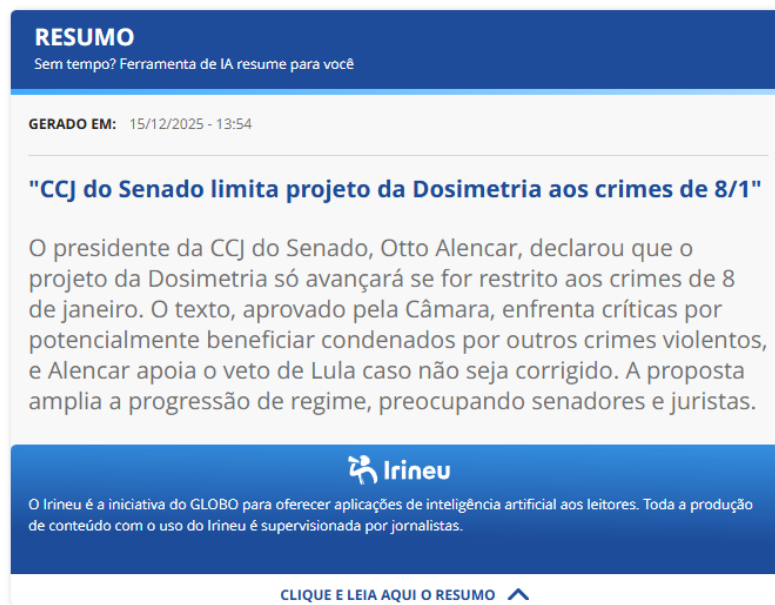
O que não é o mesmo caso do *podcast A Ditadura Recontada: as vozes do golpe*<sup>141</sup>, de 2024, produzido pela CBN, rádio que faz parte do grupo *O Globo* e que utiliza da mesma P.E. de Uso de IA referente à geração de áudios sintéticos para reproduzir vozes humanas. Durante a produção deste conteúdo, que possui um viés mais histórico do que jornalístico, a equipe de produção utilizou recursos de IA para melhorar a qualidade sonora dos áudios do ex-presidente e general Ernesto Geisel, gravados na década de 1970 pelo jornalista Elio Gaspari. O uso de IA foi informado ao público, mesmo que não tenha sido explicado qual ferramenta e metodologia específica a equipe de jornalistas utilizou para produzir este material (Barbosa *et al.*, 2025). Entretanto, até então, o jornal *O Globo* não utilizou tal tecnologia para reproduzir vozes humanas em seus conteúdos sonoros, como o *podcast* mencionado.

Diante do tópico *criar diferentes versões de reportagens*, menciona-se o *Irineu*, que é uma “iniciativa d’*O Globo* para oferecer aplicações de inteligência artificial aos leitores” (*O Globo*, 2024, n.p.). O projeto foi lançado em 2024 e possui este nome em homenagem ao jornalista Irineu Marinho, fundador do jornal. Desde então, todos os conteúdos do *site* colocam no topo de cada matéria ou reportagem um resumo, como imagem a seguir:

---

<sup>141</sup> Ouvir o *podcast* da CBN: <<https://open.spotify.com/show/51MRdlKkZoGtpmc88lgEBs>>. Acesso em: 23 dez. 2025.

Figura 15 - Resumo feito pelo *Irineu*, recurso de IA d'O Globo sobre a matéria *Presidente da CCJ do Senado diz que projeto da Dosimetria só avança se ficar restrito ao 8 de Janeiro*



Fonte: TURTELLI, Camila. **Presidente da CCJ do Senado diz que projeto da Dosimetria só avança se ficar restrito ao 8 de Janeiro.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/12/15/presidente-da-ccj-do-senado-diz-que-projeto-da-dosimetria-a-so-avanca-se-ficar-restrito-ao-8-de-janeiro.ghtml>>. Acesso em: 23 dez. 2025.

O resumo feito por esta ferramenta é, segundo o veículo, supervisionado por jornalistas antes de ser publicado. O *Irineu* busca ser pontual na entrega, uma vez que segue o objetivo de entregar informações importantes sobre as pautas, para que o leitor ou leitora economize tempo. Conforme editorial do veículo<sup>142</sup>, o recurso também traduz textos para o espanhol e inglês para *O Globo Internacional*, porém, a presente pesquisa não encontrou nenhum exemplo para compor esta análise.

Vale ainda destacar que o resumo feito pelo *Irineu* utiliza como principal fonte o título de linha fina de cada reportagem, tornando o texto sem grandes informações, redundante e carecendo de dados contextuais. Como é o caso da aplicação do *Irineu* na matéria *Presidente da CCJ do Senado diz que projeto da Dosimetria só avança se ficar restrito ao 8 de Janeiro*<sup>143</sup>, de Camila Turtelli, publicada em 15 de dezembro de 2025, considerando que o conteúdo jornalístico traz quantos deputados federais votaram a favor e contra o projeto. Ou

<sup>142</sup> Saiba mais em:

<<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2024/06/18/o-globo-lanca-projeto-irineu-de-uso-de-inteligencia-artificial-primeira-ferramenta-resume-reportagens-do-site-do-jornal.ghtml>>. Acesso em: 23 dez. 2025.

<sup>143</sup> Ler conteúdo:

<<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/12/15/presidente-da-ccj-do-senado-diz-que-projeto-da-dosimetria-a-so-avanca-se-ficar-restrito-ao-8-de-janeiro.ghtml>>. Acesso em: 23 dez. 2025.

seja, se quem tiver acesso ao resumo desse conteúdo não souber detalhes da pauta diante de outros desdobramentos, não saberá informações cruciais do assunto. Para o jornalista e editor do *Manual do Usuário*, Rodrigo Ghedin (2024), deixar de fora uma informação importante serve como um *curiosity gap* (lacuna de curiosidade), com o objetivo de estimular a leitura ou mais tempo de permanência na matéria.

Por fim, por mais que o veículo busque utilizar a tecnologia a seu favor e, de certa forma, dar espaço ao trabalho da equipe de jornalistas, cabe ao *O Globo* melhorar tais investimentos para que os recursos não sejam limitados. Ademais, evidencia-se que o veículo é um dos que cumpre, em partes, o que propõe em sua *Política Editorial de Uso de IA*, diante dos conteúdos que foram analisados de modo exploratório, reforçando a presença da IA, sem negligenciar, em partes, a interferência humana.

#### 6.3.6 Aplicação de IA nos conteúdos jornalísticos do *Núcleo Jornalismo*

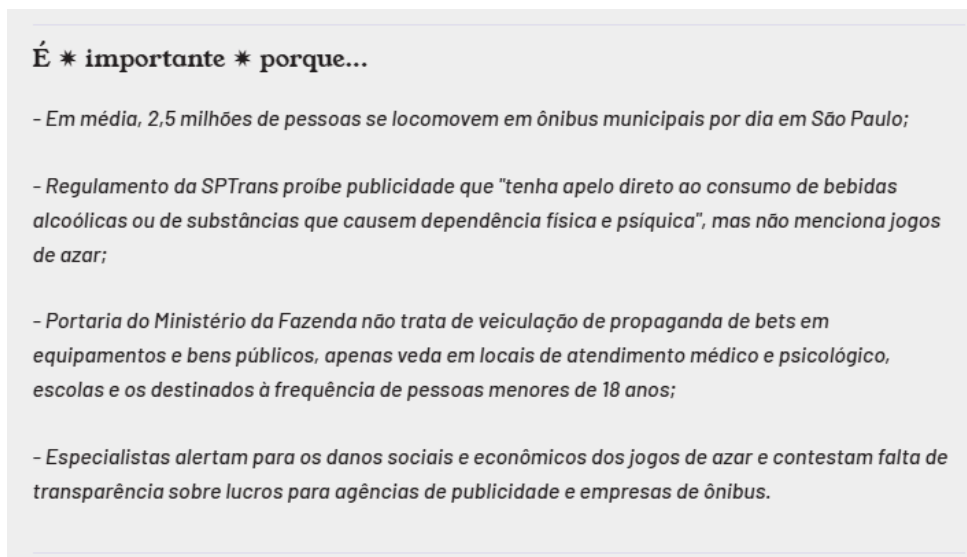
Por último, a análise exploratória dos conteúdos jornalísticos foca-se no veículo *Núcleo Jornalismo*, com o objetivo de encontrar *sumários*, *criação de ilustrações em casos excepcionais*, *software e códigos* e *raspagens de dados* com o uso de IA. Nestes casos, ressalta-se que o veículo afirma jamais publicar “conteúdo de IAs sem revisão humana em reportagens e notas no *site*” (Núcleo, 2025, n.p.). Considera-se que o *Núcleo* é um dos principais veículos do país que mais atenta-se ao uso de IA, não negando a utilidade da tecnologia, mas sempre afirmando compromisso com a ética jornalística e com a supervisão humana.

Diante do tópico *sumários*, a análise não encontrou nenhuma produção no *site* que afirmasse utilizar IA, apesar de deparar-se com resumos sobre a relevância da pauta trabalhada, como é o caso da reportagem *Em 4 anos, Prefeitura de São Paulo recebeu R\$ 718 mil por publicidade de bets em ônibus*<sup>144</sup>, de 18 de dezembro de 2025, apurada e escrita por Jeniffer Mendonça. O conteúdo não diz, em nenhum momento, recorrer a IA, seja para o sumário (ver imagem a seguir), ou na elaboração da imagem, uma vez que ela é creditada em nome de Aleksandra Ramos, e durante o processo de levantamento de dados.

<sup>144</sup> Conferir reportagem completa:

<<https://nucleo.jor.br/reportagem/2025-12-18-esc-em-4-anos-prefeitura-de-sao-p-recebeu-r-718-mil-por-publicidade-de-bets-em-onibus/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

Figura 16 - Sumário sem a menção de ter sido elaborado com o uso de IA



Fonte: MENDONÇA, Jeniffer. **Em 4 anos, Prefeitura de São Paulo recebeu R\$ 718 mil por publicidade de bets em ônibus.** 2025. Disponível: <https://nucleo.jor.br/reportagem/2025-12-18-esc-em-4-anos-prefeitura-de-sao-p-recebeu-r-718-mil-por-publicidade-de-bets-em-onibus/>. Acesso em: 25 dez. 2025.

No entanto, como o *Núcleo* enfatiza em sua P.E. que jamais publicaria “elementos aceitáveis (como sumários) sem indicação de que foram gerados por IAs” (Núcleo, 2025, n.p.), acredita-se que os tópicos foram, de fato, elaborados pela jornalista. Sobre o tópico *criação de ilustrações em casos excepcionais*, mencionam-se outros dois exemplos, as matérias, ambas de Sofia Costa, nas quais as imagens não possuem nem o crédito referente ao ilustrador ou à aplicação de IA. Evidencia-se também que, as imagens não aparecem no corpo do texto, somente no ícone para clicar nelas, como mostra a imagem a seguir:

Figura 17 - *Print* das matérias que não possuem imagens creditadas



Fonte: NÚCLEO. **Jogo Rápido**. 2025. Disponível em: <<https://nucleo.jor.br/curtas/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

Tanto a matéria *Tribunal de Justiça da Bahia usa IA própria para elaborar documentos*<sup>145</sup>, publicada em 27 de novembro de 2025, como a que trata sobre *Projeto de lei sugere que, mesmo com uso de IA, autoria é sempre dos seres humanos*<sup>146</sup>, de 24 de novembro de 2025, fazem uso do *Legislatech*<sup>147</sup>. Essa é uma ferramenta de *clipping* de órgãos públicos e da imprensa, com monitoramento em tempo real, desenvolvida pelo *Núcleo* em 2023 e que, também, utiliza a IA<sup>148</sup> como um mecanismo de busca para encontrar e tirar dúvidas sobre legislações e regulações brasileiras. Dessa forma, encontraram-se conteúdos jornalísticos que fazem uso dessa tecnologia para raspagens de dados, além de que é possível identificar que o *Núcleo* desenvolve *softwares* para uso público com o auxílio de IA.

No caso do *LegislaTech IA*, que funciona desde junho de 2025, o *Núcleo* deixa aberto o código de Retrieval-augmented generation (RAG)<sup>149</sup> utilizado no buscador do *GitHub*<sup>150</sup>. No mais, o aviso sobre a utilização deste *software* nas matérias é visível e compreensível, de acordo com a imagem na sequência:

<sup>145</sup> Leia mais em: <<https://nucleo.jor.br/curtas/2025-11-27-tjba-usa-ia-propria-para-elaborar-documentos/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

<sup>146</sup> Confira em: <<https://nucleo.jor.br/curtas/2025-11-24-pl-mesmo-com-uso-de-ia-autoria-e-sempre-da-pessoa/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

<sup>147</sup> Tenha acesso ao LegislaTech: <<https://legisla.tech/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

<sup>148</sup> Conheça a LegislaTech IA: <<https://ai.legisla.tech/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

<sup>149</sup> Explicação em Glossário.

<sup>150</sup> Conferir código aberto: <<https://github.com/voltdatalab/legislatech-ai?ref=ai.legisla.tech>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

Figura 18 - Uso do *LegislaTech* em matéria do *Núcleo*



Fonte: NÚCLEO. **LegislaTech**. 2025. Disponível: <<https://legisla.tech/>>. Acesso em: 25 dez. 2025.

Portanto, referente à utilização de mecanismos de IA em aplicações jornalísticas por parte do *Núcleo*, considera-se que o veículo é um dos mais preparados e equipados sobre a inserção desta tecnologia no cotidiano da profissão. Talvez por ser o primeiro veículo brasileiro a criar uma *Política Editorial de Uso de IA*, o *Núcleo* pontua e limita de forma sistemática e informativa a aplicação desse recurso na equipe. Na elaboração dos materiais não é diferente, pois, no que a pesquisa propõe-se a analisar, percebeu-se o cuidado e o compromisso que o *Núcleo* possui com o leitor e leitora, além de encontrar o uso de IA, desde que seja de forma transparente.

#### 6.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O USO DE IA EM CADA VEÍCULO

Para finalizar este capítulo, conclui-se que todas as Políticas Editoriais de Uso de IA, dos seis veículos analisados, são frágeis e necessitam de constante atualização. Entretanto, dentre estas, as P.Es. d'*O Globo* e *Núcleo Jornalismo* são as mais completas, considerando que o documento do *Núcleo* foi o único que constou ser atualizado todos os anos, desde de 2023. Contudo, de 2024 para 2025, a presente pesquisa não encontrou nenhuma alteração visível, o que não significa que as aplicações e restrições de uso de IA, por parte deste veículo, não deva ser um exemplo a ser seguido pelos demais jornais brasileiro.

Diante da análise exploratória dos conteúdos publicados nos seis veículos sobre a aplicação efetiva de IA nos conteúdos jornalísticos, considera-se que *O Globo* é o veículo que

melhor fundamenta o uso desta tecnologia, diante dos conteúdos aqui analisados. Pois considera-se que o jornal brasileiro é o único que cumpriu o que propõe no documento de Política Editorial de Uso de IA, principalmente no tópico *criar diferentes versões de reportagens*, diante da execução do *Irineu* em matérias e reportagens do *site*. Entretanto, não significa que o veículo não tenha que melhorar a descrição do documento sobre as aplicações de IA no cotidiano da redação.

Os veículos *Estadão* e *AzMina* possuem Políticas Editoriais de Uso de IA interessantes, referente à aplicação e restrição da tecnologia dentro de suas respectivas redações, porém, ambos abrem margens para interpretações controversas sobre uso não coerente de IA em produções jornalísticas. Diante da análise exploratória, foi possível verificar que, muitas das vezes, a presença de IA nos conteúdos visualizados não é mencionada, o que permite questionar se eles usam ou não tais recursos em determinados conteúdos, como é mencionado em uma das P.Es analisadas.

Enquanto isso, a *Folha de S.Paulo* é o veículo que possui o documento mais enxuto e nível de aplicação mais dubio, visto que a sua P.E. é a menos rigorosa e não tão detalhada, restringindo-se, em sua maioria, a afirmar que o veículo está comprometido com o leitor e leitora, todavia, não explicando, exatamente, como as ferramentas de IA são inseridas no dia a dia da produção jornalística. Outro ponto interessante a ser evidenciado sobre o documento da *Folha* refere-se às exceções à obrigatoriedade da supervisão humana em conteúdos produzidos com o auxílio de ferramentas de IA, que, segundo a P.E., “só podem ser autorizadas pela Secretaria de Redação, que levará em conta o tipo de conteúdo a ser publicado e o grau de precisão da ferramenta utilizada, bem como suas limitações, eventuais preconceitos e questões relativas a direitos autorais, entre outros fatores” (Folha, 2024, n. p.).

Isto abre margens para questionar o que exatamente pode ou não pode ser feito por IA na redação jornalística da *Folha*, considerando que a equipe pode interpretar cada caso de modo diferente, imparcial e, até mesmo, prejudicial ao jornalismo? Sendo assim, a dinâmica de aplicação de IA no cotidiano jornalístico do jornal mostra-se completamente frágil e desconexa da realidade, uma vez que o crescente uso desta tecnologia está impactando diretamente o dia a dia da sociedade e, conseqüentemente, da atuação do jornalista contemporâneo.

Como consideração final, todos os documentos, mesmo os menos elaborados - como é o caso da *Folha* -, reforçam a importância da revisão humana do que detalhar como a redação jornalística recorre a tecnologia de IA cotidianamente. Mas, de nada adianta elaborar um documento que mencione sobre o uso correto desta tecnologia na rotina jornalística se: 1. a

Política Editorial não é atualizada com frequência - igual ao documento d'*A Pública* que não explicita a última vez que tais critérios foram revisados pela equipe; 2. não tornam explícito a metodologia de uso de IA nos conteúdos jornalísticos publicados diariamente nos veículos. Ou seja, os veículos afirmam utilizar essa tecnologia em alguns casos, mas os leitores e leitoras ainda não sabem quais são esses casos, uma vez que falta transparência nos conteúdos jornalísticos por parte desses seis jornais brasileiros analisados.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a Inteligência Artificial (IA) vai ou não superar a inteligência humana, como questiona Kaufman (2018), ainda não é possível confirmar com total exatidão. Se ela vai ou não substituir o trabalho de quais e quantas pessoas, também não se pode afirmar. A questão é, a IA faz parte do mundo contemporâneo e vai continuar presente, afinal, ela é produzida e compartilhada por grandes empresas de tecnologia que veem potencial, seja financeiro e, até mesmo, informacional nela. Aliás, “a relativa autonomia conquistada pelos sistemas inteligentes, quando não seguem mais processos de decisão pré-programados pelos humanos e começam a aprender por si mesmos, coloca para a sociedade novas questões éticas e a urgência de estabelecer arcabouços legais e regulatórios” (Kaufman, 2018, p. 130).

Como foi evidenciado nesta dissertação, governos, como o da UE, já estão regulamentando o uso de IA na sociedade, pois, sim, elas aprendem por si só - como bem enfatizou o terceiro capítulo ao tratar do modelo de aprendizado do *DeepSeek*, IA chinesa que utiliza como método o reforço para melhorar as respostas geradas para cada *prompt*. A própria Kaufman (2018) reconhece que tratar deste assunto é de suma importância para a sociedade, uma vez que os cientistas da computação reconhecem que, por exemplo, as respostas geradas por uma IAG são satisfatórias por gerar mais dados, capacidade computacional e algoritmos evoluídos. Mas e a sociedade, como ela está se adaptando a esta tecnologia? Pensando nisso, a dissertação utilizou um determinado tempo, observando um recorte também dentro do jornalismo brasileiro, para avançar neste questionamento.

Não se pode mais negar que a IA participa de ações relacionadas às profissões, como o jornalismo, por exemplo, visto que este já é um debate ao qual já é confirmado, principalmente no meio do processo de pesquisa desta dissertação. Afinal, tinha-se como hipótese de que, ao menos alguns dos principais veículos de notícias do país, afirmaram utilizar dessa tecnologia nas redações. Deste movimento, encontram-se os seis veículos que elaboraram Políticas Editoriais de Uso de IA.

Logo, acredita-se que a análise a partir de seis veículos não chega a ser um número surpreendente, contudo a alteração do posicionamento d’*O Globo*, em menos de um ano - como mencionado no capítulo 6 desta dissertação, que passou a inserir o uso de IA nas redações jornalísticas, ao invés de continuar proibindo por completo -, contribuiu para que a interpretação sobre essa tecnologia na profissão fosse além e procurasse respostas de como o jornalismo brasileiro está explicitando as indicações para usos de IA. Com isso, surgiram questionamentos sobre: como tal uso foi inserido, para quais finalidades e se existem

metodologias que explicam a aplicação de um programa de IA voltado à criação de um conteúdo jornalístico.

Algumas destas questões foram respondidas ao longo da pesquisa, outras nem tanto. Afinal, um veículo possuir uma Política Editorial de Uso de IA já é considerado um bom avanço no jornalismo, todavia, ainda carece de transparência sobre o modo como tais recursos e ferramentas são incorporados no processo de algum material jornalístico. Por exemplo, a escolha em verificar na prática se os veículos estão adotando o que eles próprios estabeleceram em seus documentos sobre a inserção de IA no cotidiano jornalístico serviu para pontuar que o uso desta tecnologia ainda é incerto. Seja porque o jornalismo brasileiro ainda não conhece a potencialidade da IA ou porque menosprezam a importância de deixar transparente a finalidade para que ela serve na elaboração dos conteúdos que circulam em cada um dos seis veículos.

Como já mencionado no final do capítulo de análise, é um passo significativo jornais como *Estadão*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*, tornarem público um documento que estabeleça parâmetros sobre o uso de IA na profissão, mas não encontra-se excelência nas aplicações, pois: 1. as P.Es. não foram atualizadas desde que foram divulgadas - ao menos, no período em que a dissertação foi elaborada -; 2. o público que consome notícias não sabe como a IA é, de fato, utilizada para cada finalidade, afinal, os mesmos veículos não divulgam uma metodologia de aplicação. O principal problema desses seis veículos jornalísticos ainda é a carência de autorregulamentação que, atrelada à limitação de transparência, torna-se um problema para a credibilidade que estes jornais buscam estabelecer com a sociedade.

A presente pesquisa fez questão de reforçar que a tecnologia sempre fez parte da profissão, assim como da vida no geral, devido à relação dos seres humanos com os objetos e máquinas, ou seja, recursos não-humanos (Suleyman; Bhaskar, 2025; Latour, 2012). Os autores Suleyman e Bhaskar (2025) vão mais além, quando afirmam que a IA faz parte de uma onda tecnológica, considerando que:

Ondas estabelecem a fundação para mais experimentação científica e tecnológica, entreabrindo as portas da possibilidade. Isso, por sua vez, gera novas ferramentas e técnicas, novas áreas de pesquisa, novos domínios para a própria tecnologia. [...] As ondas são tão grandes e históricas precisamente por causa dessa complexidade multifacetada, dessa tendência de crescer rapidamente e se derramar (Suleyman; Bhaskar, 2025, p. 121).

Por isso, a presente pesquisa tratou a tecnologia de IA como o centro do debate da dissertação, por atingir diretamente como as pessoas estão adaptando-se ao novo cenário em

que existem diversos conteúdos artificiais e, muitas vezes, falsos, errôneos e sensacionalistas. Contudo, cabe ao jornalismo estabelecer como utilizar essa tecnologia atualmente, sem afetar os valores jornalísticos, como credibilidade, autoridade, legitimidade e produção de conhecimento. Por isso, buscou-se analisar como os veículos jornalísticos estão se adaptando ao uso de IA em seus processos produtivos e explicitando esses usos em suas Políticas Editoriais.

A escolha da Política Editorial como parte constituinte do objeto empírico deste estudo surgiu após compreender a relevância desses documentos como um posicionamento de cada redação, principalmente ao mencionar limites e funcionalidades da IA adotadas no processo de elaboração dos conteúdos jornalísticos. Uma P.E. ajuda a estreitar laços entre a equipe de jornalistas e os consumidores de notícias daquele veículo, com base no posicionamento ideológico do jornal (Beltrão, 2006), ajudando, também, a estabelecer parâmetros para o público fiscalizar o trabalho do profissional da comunicação (Conceição, 2005). Com isso, focou-se em estudar os documentos dos jornais *Estadão*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*, considerando que tais veículos tinham divulgado as Políticas Editoriais de Uso de IA durante o processo de levantamento exploratório, realizado em diferentes momentos de 2024.

Para analisar esses documentos, em um primeiro momento, a pesquisa mapeou os veículos que recorrem à IA durante a rotina jornalística. Depois, identificou para quais finalidades essa tecnologia foi adotada nas redações e comparou os documentos entre um veículo e outro, buscando estabelecer semelhanças e distinções a respeito dos usos mencionados sobre IA. Principalmente, quando realizou uma análise exploratória de conteúdos jornalísticos, com o objetivo de verificar se os limites estabelecidos por cada redação, a partir de suas respectivas P.Es., não possuem contradições e incertezas aos leitores e leitoras sobre a utilização de IA nestas produções.

Portanto, a forma como esta dissertação foi construída ajudou a entender o processo de inserção tecnológica no jornalismo, que vem desde a prensa de Gutenberg (Briggs, Burke, 2006) até chegar ao estágio atual, com a crescente utilização de IA na profissão para produzir conteúdos jornalísticos. Além disso, o processo de *softwareização*, descrito por Manovich (2012), que ocorreu no fim do século XX, deu início à convergência digital que, também, está presente na profissão, até chegar no período de pós-convergência e como o jornalismo pensa e desenvolve em conteúdos voltados ao formato digital (Ramírez, 2020).

Como explicitado nas discussões trazidas pelo trabalho, através da evolução tecnológica houve um novo paradigma comunicativo, em que surgiram novas técnicas para

divulgar conteúdos jornalísticos em espaços, como: portais de notícias, *blogs*, vídeos, podcasts e mídias sociais” (Motta, 2024, p. 31). Ou seja, a construção conceitual do primeiro capítulo ajudou a criar contextos e compreensões sobre a tecnologia que constitui o uso de ferramentas para a elaboração de processos jornalísticos contemporâneos. Visto que a profissão segue se reinventando para que os conteúdos cheguem, cada vez mais, para diversos públicos e siga tornando-se presente, mesmo em meio a uma sociedade repleta de criadores de conteúdos de diversas naturezas, em que muitos falam, mas poucos escutam.

Logo, entra o uso crescente de IA, no qual o segundo capítulo, que trata da relação com o jornalismo, teve como proposta contextualizar historicamente momentos desde a criação desta tecnologia, com base em estudos de Turing (1950), Minsky (1951), McCarthy (1955). Partindo destes estudos, a presente pesquisa também descreveu o desenvolvimento do primeiro *chatboot*, de Weizenbaum (1964), passando pela inserção do *ML* para que, a pesquisa chegasse no processo de *deep learning* - subárea do *machine learning* - que foi melhor desenvolvido durante os anos de 2010 a 2012, servindo como base fundamental para a criação do modelo de IAG que o mundo conhece atualmente. Sendo assim, todo o processo de debate teórico apresentado neste capítulo contribui para o entendimento referente às alterações que a IA está causando na sociedade, mas, principalmente, no jornalismo enquanto uma profissão formadora de conhecimento.

Para situar a relevância da temática pesquisada, optou-se por desenvolver um capítulo teórico voltado ao uso das Políticas Editoriais pelo jornalismo, com o objetivo de tratar dos limites e potencialidades que um veículo tende a enfatizar ao criar tais documentos, principalmente diante do uso crescente de IA nas redações jornalísticas brasileiras. Com isso, conceituar a importância desses documentos, não somente a P.E., mas também o manual de redação, para o jornalismo, auxiliou no processo de discutir o metajornalismo (Carlson, 2015) diante da autorregulamentação da profissão. O terceiro capítulo também contribuiu para apontar a relevância ética entre o jornalista e o público consumidor de notícias (Christofoletti, 2008), relacionando-a com a constante utilização de IA no jornalismo contemporâneo.

Toda a parte teórica e conceitual que moldou os primeiros capítulos serviu para contextualizar a temática, o objeto de pesquisa e relacionar com a problemática do presente estudo. Assim, os procedimentos metodológicos selecionados para a análise construíram um *corpus* de pesquisa que representa o objetivo central da dissertação e ajuda a compreender como os veículos brasileiros estão se adaptando com a inserção de IA nas redações jornalísticas, após o *boom* da IAG. A escolha do método documental (Moreira, 2011) foi utilizada para organizar parte do objeto empírico, que sendo as P.Es., para que fosse

trabalhada a técnica comparativa (Sardá *et al.*, 2022; Gonzalez, 2008; Vidal, 2013) entre os documentos e averiguar quais eram as semelhanças e diferenças entre um veículo e outro sobre o uso de IA.

Destaca-se aqui que os dados de análise foram encontrados e revisados entre os anos de 2024 e 2025. Com isso, vale lembrar que os processos sobre IA seguem avançando e de modo muito rápido. Ou seja, algumas discussões que foram abordadas ao longo dos capítulos da dissertação muito provavelmente já obtiveram desdobramentos distintos - algo que seguirá pelas próximas décadas. Por isso, tem-se a necessidade de pesquisas constantes sobre a temática IA no escopo do jornalismo e comunicação social.

Entretanto, observou-se que outro procedimento metodológico precisaria ser desenvolvido para a análise ficar completa. Por isso, optou-se pela escolha da análise exploratória, com o objetivo de identificar conteúdos jornalísticos que afirmam utilizar IA na elaboração, seja de uma imagem, áudios, levantamento de dados ou monitoramento de Leis ou Projetos de Leis (PLs). Sendo assim, a pesquisa realizou o movimento de encontrar produções dos jornais em que seria fácil identificar se o veículo *x* ou *y* tinha posto em prática a identificação sobre o uso de IA, considerando que tal informação também estaria acessível para os leitores e leitoras - uma vez que interessa a eles saber que o veículo é de fato comprometido com a P.E. que utiliza para ditar o uso de IA dentro da redação.

Por fim, com a análise, foi possível identificar que os seis veículos buscam se posicionar sobre o uso de IA nas redações, ao menos, de modo geral, deixando sempre evidente o comprometimento com a supervisão humana, mas falham em expor como colocam o processo de autorregulamentação em prática. Não fica claro quais programas e metodologias são utilizados para criar uma imagem, produzir um conteúdo sonoro e nem se a equipe está ciente dos *Termos de Uso* de uma ferramenta de IA, como *Midjourney*, *DALL-E* ou *Github Copilot*<sup>151</sup>. Logo, considera-se, de modo geral, que os veículos *Estadão*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*, estão em estágio de avanço por possuírem P.Es. que falam sobre o uso de IA no jornalismo, mas tais documentos ainda apresentam brechas e deixam os leitores e leitoras confusos sobre em quais aspectos a IA foi utilizada.

Por exemplo, muitas imagens ainda não trazem informações se foram ou não feitas com o auxílio desta tecnologia. Da mesma forma que ferramentas - como o *Irineu d'O Globo* - ainda precisam de ajustes para deixar de apresentar resumos textuais frágeis, sem

---

<sup>151</sup> Assistente de IA para codificar códigos e analisar dados, sendo interessante para o uso do jornalismo *Big Data*.

explicações mais robustas sobre as matérias e reportagens, e podem em alguns casos induzir o consumidor de notícias ao erro.

Portanto, considera-se que foi possível avançar nas proposições indicadas no problema de pesquisa da investigação, apontando que, ao menos, os principais veículos de jornalismo do Brasil, sendo três deles tradicionais, inserem o uso de IA na rotina produtiva das redações. Todavia, por meio da análise das Políticas Editoriais e aplicações das funcionalidades, às quais a IA ou é vetada ou permitida pelo *Estadão*, *O Globo*, *AzMina*, *A Pública*, *Folha de S.Paulo* e *Núcleo Jornalismo*, entende-se que os documentos ainda são frágeis, limitados e não condizem tanto com o que se é seguido no dia a dia de cada jornal. Pois, o entendimento de que há ou não aplicação de IA em determinado conteúdo jornalístico fica dúbio, abrindo margens para questionamentos, por parte do consumidor, se o veículo segue as próprias regras descritas nestes documentos.

Com isso, enfatiza-se que o jornalismo precisa levar mais a sério a transparência, uma vez que este comprometimento é um dos pilares que os veículos possuem com seu público (Canavilhas; Biolchi, 2024). Logo, esta pesquisa segue um viés que considera a importância da autorregulamentação da profissão, pois, por estudar elementos do jornalismo - como a P.E. - afirma-se que os veículos do país precisam ser mais detalhistas, metódicos e claros ao utilizar IA, sempre *linkando* ferramentas e programas utilizados. Além de estarem cientes de como tal tecnologia de IA, principalmente a Generativa, lida com dados sensíveis, seja a voz, imagem ou números utilizados para a elaboração de uma reportagem.

Afinal, deixar de debater o uso de IA é um risco eminente para o jornalismo, para o jornalista, para a sociedade e para a própria tecnologia. Com base nos estudos de Harari (2024), o poder da IA, se não analisado e compreendido, pode superalimentar conflitos humanos, criando uma divisão entre todos os seres humanos e as grandes empresas de tecnologia que lidam com IA. Para além disso, o autor menciona que:

Em vista da magnitude do perigo, a IA deveria ser de interesse para todos os seres humanos. Embora nem todos possamos nos tornar especialistas em IA, devemos ter em mente que ela é a primeira tecnologia na história capaz de tomar decisões e criar novas ideias por si mesma (Harari, 2024, p. 20-21).

Entretanto, a IA só desenvolve seu raciocínio por meio de um processo de aprendizado que parte de agentes humanos, trabalhando com base de dados que lhe foi concedida no caso de uma IAG. Não gerando respostas, mas prevendo o que será questionado com base em *prompts* já compartilhados pelos usuários (Díaz-Noci *et al.*, 2024), sendo neste processo que a IA geralmente alucina (Lemos, 2024). É válido ter um certo receio em relação a essa

tecnologia, mas o ceticismo não deve deixar de lado a curiosidade em aprofundar o conhecimento e entender em quais lacunas a IA pode auxiliar em distintos desenvolvimentos, mas sem deixar de lado o crivo humano.

Desse modo, a presente pesquisa entende que os veículos brasileiros, sejam eles nacionais ou regionais, devem adotar documentos de Política Editorial de Uso de IA e torná-los acessíveis para os consumidores. Para os seis veículos analisados, ressalta-se que as P.Es. precisam ser revistas, atualizadas e melhor elaboradas, além de enfatizar quais programas de IA são utilizados para cada finalidade. Não basta o veículo dizer que utiliza esta tecnologia e defender a supervisão humana desta implementação, ressaltando o trabalho do jornalista. Ele precisa ir além e detalhar sistematicamente os motivos pelos quais os conteúdos usaram da IA para sua elaboração, defender os princípios éticos e deontológicos da profissão através da veracidade, do combate à desinformação e, sempre, defender os direitos autorais dos jornalistas (Forja-Pena *et al.*, 2024). Somente assim, haverá um estreitamento de confiabilidade sobre o jornalismo e os leitores.

Acredita-se que a profissão deve ver a tecnologia de IA como uma ferramenta de extensão do trabalho (OberCom, 2021), para que a supervisão jamais seja deixada de lado nas redações. Contudo, não se pode ignorar que essa tecnologia está cada vez mais avançada e que representa vieses do capitalismo que busca o lucro acima de tudo, seguindo os valores das grandes empresas de tecnologia e não sendo neutra (Feenberg, 2015). Em um mundo ideal, a tecnologia deveria dar mais espaço à criatividade, ao trabalho mais adaptável, sem pressões e cobranças, como refletem Suleyman e Bhaskar (2025).

A pesquisa também serviu para encontrar lacunas, não apenas nas próprias limitações dos seis veículos em não conseguirem explicitar de modo tão detalhado o uso de IA nessas redações, mas também em deixar questionamentos sobre: 1. como essa tecnologia é utilizada de fato no cotidiano do profissional?; 2. a IA mais ajuda ou atrapalha na elaboração de conteúdos, como por exemplo, textuais?; 3. quem mais supervisiona, o jornalista ou a IA, considerando que ela é utilizada para corrigir ortografias, métricas e realizar adaptações de conteúdos para demais formatos?; 4. qual noção de transparência é considerada na atuação jornalística, especialmente com o uso de IA?; 5. os jornalistas conhecem o processo de autorregulamentação? Enfim, problemas que podem ser trabalhados em pesquisas futuras, seja pela própria autora ou por demais pesquisadores do campo.

A questão é, que esta temática não se esgota aqui. Muito pelo contrário, uma vez que esta dissertação serve para conceituar e pontuar relações sobre tecnologia e jornalismo, principalmente descrevendo historicamente o que é Inteligência Artificial, distinguindo tipos e

finalidades, tanto para a sociedade, mas, principalmente, para o jornalismo. Ou seja, a presente pesquisa buscou estabelecer o debate histórico-conceitual para os profissionais da comunicação, deixando de lado o ceticismo sobre o uso de IA, mas forçando cada jornalista e pesquisador da área a repensar seus usos, principalmente por explicar como essa tecnologia funciona.

Afinal, se ao auxiliar a IA a ser treinada, com base em informações que são encaminhadas em cada plataforma ou recurso, logo, cada usuário deve estar ciente de que, além de consumir cerca de meio litro de água ao fazer de 20 a 30 perguntas à IA<sup>152</sup>, essa tecnologia também utilizará os dados que são compartilhados com ela. Justamente, porque a maioria dos recursos de IA, como *ChatGPT* e *DeepSeek*, aprende por meio do reforço. Não é por acaso que veículos como a *Folha* estão fechando parcerias com essas grandes empresas de tecnologia, neste caso o *Gemini*, do *Google*, para aperfeiçoar as respostas ofertadas pelos aplicativos, oferecendo acesso a parte do seu acervo jornalístico<sup>153</sup>.

Chega a ser irônico exigir que o jornalismo seja transparente com o público, sendo que as próprias *Big Techs* travam uma luta por poder econômico e lucrativo, em que dados são compartilhados o tempo todo. Como é o caso da batalha judicial entre Elon Musk, dono da xIA, responsável pelo *Grok*, chatbot do X - antigo *Twitter*, e *OpenAI* que, segundo acusação de Musk, a empresa dona do *ChatGPT* não segue atuando como uma empresa sem fins lucrativos. A ação segue em julgamento pela corte dos Estados Unidos, até a publicação desta dissertação, mas serve para reforçar o quanto o discurso ético entre os bilionários da tecnologia é incerto e afeta a propriedade intelectual da IA. Conforme a matéria de Pedro Spadoni, publicada no início de maio de 2026<sup>154</sup>, mesmo acusando a *OpenAI*, Musk declarou ter praticado o processo de destilação para treinar o *Grok* - técnica que consiste em treinar uma IA inferior com base na *API* de uma IA superior - que grandes empresas de tecnologia classificam como ‘roubo de propriedade intelectual’ (Spadoni, 2026, n.p.).

Vale ainda destacar que, atualmente, existem modelos de IA que chegam a ser autônomos, como a agência que toma decisões, prometendo transformar a gestão e a operação

---

<sup>152</sup> Informações retiradas do portal G1, com base em um estudo realizado pela Universidade da Califórnia, em 2025. Leia mais:

<<https://g1.globo.com/meio-ambiente/cop-30/noticia/2025/09/13/fazer-perguntas-para-ia-pode-consumir-agua-suficiente-para-abastecer-cidades-brasileiras-veja-lista.ghtml>>. Acesso em: 03 maio 2026.

<sup>153</sup> Conferir mais informações em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2026/04/folha-fecha-parceria-com-google-para-aperfeicoar-gemini.shtml>>. Acesso em: 03 maio 2026.

<sup>154</sup> Saiba mais em:

<<https://olhardigital.com.br/2026/05/03/pro/musk-vs-openai-o-que-aconteceu-na-primeira-semana-do-julgamento/>>. Acesso em: 03 maio 2026.

de sistemas complexos. Segundo uma matéria da *Brasil Energia* (2025)<sup>155</sup>, feita por Nelson Valencio, este modelo está em alta na América Latina, principalmente no setor elétrico, com o intuito de contribuir nas “atividades de manutenção preditiva e gestão de ativos até o ciclo comercial (leitura, faturamento e cobrança), além do atendimento ao cliente” (Valencio, 2025, n.p.). Não significa que IA seja consciente, mas por meio do padrão de *prompts* solicitados e respostas repetitivas, a tecnologia é treinada para saber o que deve oferecer ao usuário, já sem interferência humana.

“Mas antes de chegarmos lá, antes de podermos realizar o potencial infinito das próximas tecnologias, a onda e seu dilema central precisam de contenção, precisam de controle intensificado, inédito, muito humano sobre toda a tecnosfera” (Suleyman; Bhaskar, 2025, p. 352). Caso, um dia, a IA alcance o patamar de ser autoconsciente, que a sua base de aprendizado seja sólida, verídica e comprometida com a qualidade do conhecimento. Obviamente que estas são projeções um tanto quanto romantizadas por parte da pesquisadora, mas acredita-se que, enquanto houverem pesquisas e debates sobre esta temática, seja no jornalismo ou em outras áreas, a IA estará no caminho ideal para tornar-se realmente útil à sociedade.

---

<sup>155</sup> Leia a matéria completa:

<<https://brasilenergia.com.br/brasilenergia/novos-modelos-e-tecnologias-em-energia/ia-autonoma-ganha-espaco-nas-concessionarias-da-america-latina>>. Acesso em: 03 maio 2026.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO, Marcos. Da Ética da Inteligência Artificial a uma Ética do Cuidado em Contextos Algorítmicos: Um Chamado de Despertar. **Revista de Filosofia**, 26, 2024. Disponível em: <[https://doi.org/10.46583/scio\\_2024.26.1148](https://doi.org/10.46583/scio_2024.26.1148)>. Acesso em: 27 set. 2025.
- APARICIO-GÓMEZ, Oscar-Yecid; APARICIO-GÓMEZ, William-Oswaldo. **Ética e Inteligencia Artificial**. Revista Internacional de Desarrollo Humano y Sostenibilidad, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 73–87, 2024. DOI: 10.51660/ridhs11202. Disponível em: <<https://editic.net/journals/index.php/ridhs/article/view/202>>. Acesso em: 17 set. 2025.
- BARBOSA, Leriany; BIANCHI, Graziela. Uso de ilustrações geradas por Inteligência Artificial: decisões editoriais da Revista AzMina. In: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom Nacional), Balneário Camboriú: Univali, **Anais...** 2024. Disponível em: <[https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/17/1007202413460167041049d8955.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/17/1007202413460167041049d8955.pdf)>. Acesso em: 7 dez. 2024.
- BARBOSA, Leriany; BIANCHI, Graziela. A participação de ouvintes e a utilização de recursos de Inteligência Artificial: usos realizados pelo Repórter CBN. In: BIANCO, Nélia Del; BUFARAH JR., Álvaro (Org.). **Jornalismo sonoro e inteligência artificial: inovação, impacto, riscos e dilemas éticos**. Cachoeirinha: Fi, 2026. p. 93-116. Disponível em: <[https://drive.google.com/file/d/1ZZjciJlx1WB4\\_iBqJtRqPcSpwKRT366U/view](https://drive.google.com/file/d/1ZZjciJlx1WB4_iBqJtRqPcSpwKRT366U/view)>. Acesso em: 12 fev. 2026.
- BARBOSA, Leriany; PESSÔA NETO, Paulo; VILLAGRA, Sofia; BIANCHI, Graziela. Regulando a inteligência artificial no Jornalismo e na Comunicação: um panorama Sul-Americano. **Revista Eriç**. 2025, no prelo.
- BARBOSA, Xênia de Castro; BEZERRA, Ruth Ferreira. Breve introdução à história da Inteligência Artificial. In: **Jamaxi**, vol. 4, nº 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/4730>>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- BECKETT, Charlie; YASEEN, Mira. Generando el cambio: Un informe global sobre qué están haciendo los medios con IA. In: **Polis Journalism at LSE**: Londres, 2023. Disponível em: <<https://www.journalismai.info/research/2023-generating-change>>. Acesso em: 08 jul. 2024.
- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do Jornalismo**. Adamantina: Edições Omnia, 2006.
- BORGES JÚNIOR, Eli. A inteligência artificial seria mesmo artificial? Uma releitura do conceito de inteligência a partir das noções de extensão e de conectividade. In: **Palavra Clave**, 27(1), 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.5294/pacla.2024.27.1.11>>. Acesso em: 5 mar. 2025.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à era digital. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BRONOSKY, Marcelo Engel. **Manuais de redação e jornalistas: estratégias de apropriação**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. *In: MALDONADO et al. Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 21-39.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 15, n. 37, p. 121-127, 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/4809>>. Acesso em: 2 fev. 2026.

CALVO-RUBIO, L.M.; ROJAS-TORRIJOS, J.L. Criteria for journalistic quality in the use of artificial intelligence. *In: Communication & Society*, vol. 37(2), 2024, p. 247-259. Disponível em: <[doi.org/10.15581/003.37.2.247-259](https://doi.org/10.15581/003.37.2.247-259)>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CANAVILHAS, J. Produção automática de texto jornalístico com IA: contributo para uma história. *In: Textual & Visual Media*. v. 17, n. 1, 2023, p. 22-40. DOI: <<https://doi.org/10.56418/txt.17.1.2023.2>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CANAVILHAS, J.; GIACOMELLI, F. Inteligencia artificial en el periodismo deportivo: estudio en Brasil y Portugal. **Revista de Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 53-69, 2023. DOI: [10.26441/RC22.1-2023-3005](https://doi.org/10.26441/RC22.1-2023-3005). Acesso em: 10 mar. 2025.

CANAVILHAS, J.; BIOLCHI, Bárbara. Inteligência Artificial e Transparência no Jornalismo. *In: Mídia E Cotidiano*, vol. 18, 2024, p. 43-64. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/rmc.v18i2.62654>>. Acesso em: 30 out. 2024.

CARLSON, Matt. Metajournalistic Discourse and the Meanings of Journalism: Definitional Control, Boundary Work, and Legitimation. *In: Communication Theory*, 2015. DOI: 10.1111/comt.12088. Acesso em: 6 nov. 2024.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, v. 1.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

CONCEIÇÃO, Francisco Gonçalves da. **Da política dos jornais: o dissídio das vozes segundo os manuais de redação dos jornais Folha, Estado e Globo**. Tese Doutorado em Comunicação e Cultura - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DE BARROS, Gabriela; BIANCHI, Graziela; BARBOSA, Leryany. O impacto das imagens geradas por IA nas enchentes do Rio Grande do Sul em 2024. *In: XVII Simpósio Nacional da ABCiber: Florianópolis*. 2024. **Anais...** UDESC, 2024. Disponível em: <<https://abciber.org.br/eventos/ojs3/index.php/simposio/article/view/42>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DÍAZ-NOCI, J.; PEÑA-FERNÁNDEZ, S.; MESO-AYERDI, K.; LARRONDO-URETA, A. The Influence of AI in the Media Work Force: How Companies Use an Array of Legal Remedies. *In: Tripodos*, vol. 55, 2024, p. 33–54. Disponível em: <<https://doi.org/10.51698/tripodos.2024.55.03>>. Acesso em: 11 mar. 2025.

ESCOBAR, Fredy Alexander Pinilla; JIMÉNEZ, Duna Valle. Inteligência artificial e jornalismo em tempos de incerteza e volatilidade. **Anuário Eletrônico de Estudos em Comunicação Social "Dissertações"**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2025. DOI: [10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.14288](https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.14288). Acesso em: 02 out. 2025.

ESSENFELDER, Renato; SANT'ANNA, Emílio. Inteligência Artificial Aplicada ao Jornalismo no Brasil: Experiências e Obstáculos à Adoção de Tecnologias Inteligentes. *In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; MORAIS, Ricardo; GIACOMELLI, Fábio (Org.). Mobilidade e Inteligência Artificial: Os Novos Caminhos do Jornalismo*. Editora LabCom: Covilhã, 2022, p. 475-497.

FAGERJORD, Anders. After convergence: YouTube and remix culture. *In: International handbook of Internet research*, (s/l), p. 187-200, 2010. Disponível em: <[https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4020-9789-8\\_11](https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4020-9789-8_11)>. Acesso em: 11 jan. 2026.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: <[https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo\\_de\\_etica\\_dos\\_jornalistas\\_brasileiros.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2025.

FEENBERG, Andrew. O que é Filosofia da Tecnologia?. *In: Simon Fraser University*, 2015. Disponível em: <[https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg\\_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf](https://www.sfu.ca/~andrewf/Feenberg_OQueEFilosofiaDaTecnologia.pdf)>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FERNANDES, D. Inteligência artificial no jornalismo: Aspectos cognitivos da ética jornalística. **Esferas**, v. 1, n. 32, 2025. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/15579>>. Acesso em: 01 out. 2025.

FERRARI, Pollyana. **A era do prompt: inteligência artificial, colonialismo, devires e desinformação**. Cachoeirinha: Editora Fi, 2024.

FORJA-PENA, T., GARCÍA-OROSA, B. & LÓPEZ-GARCÍA, X. A Revolução Ética: Desafios e Reflexões Diante da Integração da Inteligência Artificial no Jornalismo Digital, *In: Comunicação e Sociedade*, p. 237-254, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.15581/003.37.3.237-254>>. Acesso em: 01 out. 2025.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Inovações tecnológicas e transformações no jornalismo com as redes digitais. **Revista GEINTEC: São Cristóvão**, vol. 4, nº 4, 2014, p.1329-1339. DOI: [10.7198/S2237-0722201400040005](https://doi.org/10.7198/S2237-0722201400040005). Acesso em: 7 dez. 2024.

FRANÇA, Vera V. Alcance e variações do conceito de mediatização. *In: FERREIRA, Jairo et al. (Org.). Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na mediatização*. Facos-UFSM: Santa Maria, 2020, p. 23-44. Disponível em:

<<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39829/1/veraAlcanceVariacoes.pdf>>. Acesso em 30 dez. 2024.

FRENCH, Aaron. **O ChatGPT está nos deixando burros?**. 2025. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cwygyg3x62vo>>. Acesso em: 04 jun. 2026.

FURTADO, Silvia DalBen. O uso de Inteligência Artificial nas redações jornalísticas na guerra contra a corrupção na América Latina. *In*: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; MORAIS, Ricardo; GIACOMELLI, Fábio (Org.). **Mobilidade e Inteligência Artificial: Os Novos Caminhos do Jornalismo**. Editora LabCom: Covilhã, 2022, p. 421-444.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987. p. 153-201.

GHEDIN, Rodrigo. **Breve análise do Irineu, a IA que resume textos do jornal “O Globo”**. 2024. Disponível em: <<https://manualdousuario.net/irineu-ia-o-globo-analise/>>. Acesso em: 29 dez. 2025.

GHEDINI, Fred. **Rumo à taxonomia das funções e atividades no Jornalismo brasileiro**: uma análise preliminar. Relatório de pesquisa de pós-doutorado - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

GONZALEZ, Rodrigo Stumpf. O Método Comparativo e a Ciência Política. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Vol. 2, Nº 1, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/16160/14448>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

GUERRA, Josenildo; LIMA, Samuel. Jornalismo, qualidade e accountability no Brasil. *In*: CAMPONEZ, Carlos; CHRISTOFOLETTI, Rogério; SIMÕES, José Manuel (Org.). **Jornalismo e Qualidade no Mundo de Expressão Portuguesa**. Macau: University Library and Academic Press, p. 35-56, 2022.

GUIMARÃES, Leila Jane Brum Lage Sena; ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. Práticas informacionais e design thinking: abordando usuários 3.0 na Ciência da Informação. **RDBCÍ: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 19, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8666871>>. Acesso em: 15 jan. 2026.

GUO, Daya. *et al.* DeepSeek-R1: Incentivizing Reasoning Capability in LLMs via Reinforcement Learning. *In*: **Cornell University**. 2025. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/2501.12948>>. Acesso em: 7 mar. 2025.

GUTIÉRREZ-CANEDA, B.; LINDEN, C.G.; VAZQUEZ-HERRERO, J. Ética e desafios jornalísticos na era da inteligência artificial: conversando com profissionais e especialistas. *In*: **Fronteiras em Comunicação**, 2024. DOI: [10.3389/fcomm.2024.1465178](https://doi.org/10.3389/fcomm.2024.1465178). Acesso em: 01 out. 2025.

HACKER, Philip. **The European AI Liability Directives: Critique of a Half-Hearted Approach and Lessons for the Future**. New York: SSRN. 2022. Disponível em: <[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=4279796](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4279796)>. Acesso em: 6 mar. 2025.

HARARI, Yuval Noah. **Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

IOSCOTE, Fabia Cristiane. Produção de notícia ou de texto? Um estudo exploratório sobre potenciais e limitações do ChatGPT, Bard AI e MariTalk para o Jornalismo. In: 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2023, Brasília. **Anais...** Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/producao-de-noticia-ou-de-texto-um-estudo-exploratorio-sobre-potenciais-e-limita?lang=pt-br>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

JOSGRILBERG, Fábio. Tecnologia e sociedade: entre os paradoxos e os sentidos possíveis. **Comunicação & Educação**, Vol. 10, Ed. 3, 2005, p. 278-287. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37541/40255>>. Acesso em: 30 dez 2024.

KALSING, Janaína. **Jornalistas metrificados e a plataformização do Jornalismo**. Programa de Pós-graduação em Comunicação (Dissertação), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021.

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantará a inteligência humana**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

KAUFMAN, Dora. **Inteligência artificial não é inteligente nem artificial**. 2021. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/IAgora/noticia/2021/05/inteligencia-artificial-nao-e-inteligente-nem-artificial.html>>. Acesso em: 13 ago. 2025.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 27, n. 1, 2020. DOI: [10.15448/1980-3729.2020.1.34074](https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074). Acesso em: 5 mar. 2025.

LASSI, Augustina. **Implicancias éticas de la inteligencia artificial. Tecnologías y producción de noticias**. In: Mediaciones de la Comunicación, 17(2), 153-169. DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2022.17.2.3334>. Acesso em: 25 jul. 2025.

LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Bauru, 2012.

LE CAM, Florence; PEREIRA, Fábio H. **Um Jornalista On-line mundializado: sócio-história comparativa**. Florianópolis: Insular, p. 11-44, 2022.

LEMOES, André. Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das IA generativas: Tipologia, premissas e epistemologia da comunicação. **Revista Matrizes**, vol. 18, 2024, p. 75-91. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/210892/204176>>. Acesso em: 08 nov. 2024.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O adiantado da hora**: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser jornalista no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 83-153.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MACEDO, Keyse Caldeira de Aquino; QUADROS, Claudia Irene de. As estratégias de política editorial de moderação do The Guardian para a comunidade on-line de leitores. *In: Intexto*, Porto Alegre, n. 55, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.130210>>. Acesso em: 25 set. 2025.

MACHADO, Elias. Dos Estudos Sobre Jornalismo às Teorias do Jornalismo (Três pressupostos para a consolidação do jornalismo como campo de conhecimento). *In: E-Compós*, vol. 1, nº. 1, 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/2/4>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MANOVICH, Lev. **El software toma el mando**. Madrid: Editorial Cátedra, 2012.

MCCARTHY, John; MINSKY, Marvin; ROCHESTER, Nathaniel; SHANNON, Claude. **A proposal for the Dartmouth summer research project on artificial intelligence**. Califórnia: Stanford University. 1955. Disponível: <<https://www-formal.stanford.edu/jmc/history/dartmouth/dartmouth.html>>. Acesso em: 6 mar. 2025.

MELCHIORETTO, Albio Fabian; ARAUJO, Jessica. Inteligência artificial e experiência: uma possível encruzilhada. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 1–14, 2025. DOI: [10.12957/redoc.2025.83034](https://doi.org/10.12957/redoc.2025.83034). Acesso em: 2 out. 2025.

MEYER, Philip. **A ética no jornalismo**: um guia para estudantes, profissionais e leitores. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

MIGUENS, Sofia. Alan Turing e a Filosofia da Mente. *In: Alan Turing: cientista universal*. Porto: UMinho Editora, 2020, p. 103-117. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/10216/129120>>. Acesso em: 5 mar. 2025.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. *In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 269-279.

MØLLER, H. J.; THYLSTRUP, N. B. The Algorithmic Gut Feeling: Articulating Journalistic Doxa and Emerging Epistemic Frictions in AI-Driven Data Work. *In: Digital Journalism*, vol. 13(3), 2024, p. 438–456. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/21670811.2024.2319641>>. Acesso em: 11 mar. 2025.

MOTTA, Suelen Homrich. **O ecossistema midiático em convergência: hashtags e memes no discurso televisivo**. 2024. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação.

MUKHERJEE, Anshrit; DAS, Sudeshna. ChatGPT: A fuzzy system that talks like a human. *In: Journal of Mathematical Sciences & Computational Mathematics*, vol. 5, nº3, 2024, p. 251-274. DOI: [10.15864/jm\\_scm.5303](https://doi.org/10.15864/jm_scm.5303). Acesso em: 30 out. 2024.

NDLOVU, Mphathisi. Audience perceptions of AI-driven news presenters: A case of ‘Alice’ in Zimbabwe. *In: Media, Culture & Society*, vol. 46(8), 2024, p. 1692-1706. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/01634437241270982>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OBERCOM. **Algoritmos e notícias: A oportunidade da inteligência artificial no jornalismo**. Observatório da Comunicação: Lisboa, 2021. Disponível em: [https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/10/Intelige%CC%82ncia\\_artificial\\_jornalismo\\_27Out\\_FINAL.pdf](https://obercom.pt/wp-content/uploads/2021/10/Intelige%CC%82ncia_artificial_jornalismo_27Out_FINAL.pdf). Acesso em: 2 de jan. de 2024.

PAIXÃO, Patrícia Sheila Monteiro. Linha editorial no jornalismo brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática. **Revista Alterjor**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 1, p. 90–108, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/alterjor/article/view/137224>. Acesso em: 2 out. 2025.

PESSÔA NETO, Paulo; SANTOS, David; BIANCHI, Graziela. Inteligência Artificial: o percurso de trabalhos em revistas brasileiras nas áreas da Comunicação, Jornalismo e Ciências da Informação. *In: XVI Simpósio Nacional da ABCIBER, 2023, Santa Maria. Anais...* Santa Maria, UFSM, 2023. Disponível em: <https://abciber.org.br/simpósios/index.php/abciber/abciber16/paper/view/2343/1129>. Acesso em: 21 maio 2024.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. *In: Estudos de Jornalismo e Mídia*. vol. 1, n.º 2, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso em: 3 jan. 2025.

PINTO, Moisés Costa; BARBOSA, Suzana. Inteligências artificiais (ias) no jornalismo digital brasileiro: contexto histórico e processos inovadores. *In: CANAVILHA, João et al. (org.). Inteligência Artificial e Jornalismo Móvel: Contextos, tendências, práticas e perspectivas*. Covilhã: Editora LabCom, 2024, p. 57-89. Disponível em: [https://www.academia.edu/120262241/INTELIG%C3%82NCIAS\\_ARTIFICIAIS\\_IAS\\_NO\\_JORNALISMO\\_DIGITAL\\_BRASILEIRO\\_CONTEXTO\\_HIST%C3%93RICO\\_E\\_PROCESSES\\_INOVADORES](https://www.academia.edu/120262241/INTELIG%C3%82NCIAS_ARTIFICIAIS_IAS_NO_JORNALISMO_DIGITAL_BRASILEIRO_CONTEXTO_HIST%C3%93RICO_E_PROCESSES_INOVADORES). Acesso em 31 dez. 2024.

QUIAN, A.; SIXTO-GARCÍA, J. Inteligencia artificial en la prensa: estudio comparativo y exploración de noticias con ChatGPT en un medio tradicional y otro nativo digital. **Revista de Comunicación**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 457–483, 2024. DOI: [10.26441/RC23.1-2024-3374](https://doi.org/10.26441/RC23.1-2024-3374). Acesso em: 10 mar. 2025.

RAIKAR, Gokuldas (Vedante) Sarvesh; RAIKAR, Amisha Sarvesh Raikar; SOMNACHE, Sandesh Narayan. Advancements in artificial intelligence and machine learning in revolutionising biomarker discovery. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**. Vol. 59, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s2175-97902023e23146>. Acesso em: 6 mar. 2025.

RAMÍREZ, Ramíres. Post-Convergent Mediatization: Toward a Media Typology Beyond Web 2.0. *In: Mediatizations Studies*. p.10-23. 2020. Disponível em: <<https://journals.umcs.pl/ms/article/view/11449>>. Acesso em: 11 jan. 2026.

REPÓRTERES Sem Fronteiras. **Carta de Paris sobre IA e Jornalismo**. 2023. Disponível em: <[https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/11/Carte%20de%20Paris%20sobre%20IA%20e%20jornalismo\\_0.pdf](https://rsf.org/sites/default/files/medias/file/2023/11/Carte%20de%20Paris%20sobre%20IA%20e%20jornalismo_0.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2024.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Artificial Intelligence: A Modern Approach**. New Jersey: Pearson Education, 2010.

SAAD, Elizabeth. O eterno retorno sobre o futuro do jornalismo para além do hype dos sistemas generativos inteligentes. *In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; GIACOMELLI, Fábio. Inteligência Artificial e Jornalismo Móvel: Contextos, tendências, práticas e perspectivas*. Editora LabCom: Covilhã, 2024, p. 183-204. Disponível em: <<https://labcomca.ubi.pt/inteligencia-artificial-e-jornalismo-movel-contextos-tendencias-praticas-e-perspectivas/>>. Acesso em: 29 out. 2024.

SALAVERRÍA, Ramón; AVILÉS, José Alberto García; MASIP, Pere. Conceito de convergência periódica. *In: Convergência Digital*. Reconfiguração dos meios de comunicação na Espanha: Santiago de Compostela, 2010, p. 41-64. Disponível em: <[https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3\\_concepto\\_de\\_convergencia\\_periodist\\_as\\_pp41-64.pdf](https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23730/1/cap3_concepto_de_convergencia_periodist_as_pp41-64.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2024.

SANTAELLA, Lucia. As Linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 1, p. 75-97, 2007. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38178>>. Acesso em: 15 jan. 2026.

SANTOS, David Candido dos; BARBOSA, Leriany; BIANCHI, Graziela. Marco regulatório da Inteligência Artificial no jornalismo: análise documental dos Projetos de Lei do Poder Legislativo do Brasil. *In: 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação*, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Vitória, **Anais...** 2025 (no prelo).

SANTOS, Matias Felipe de Lima; CERON, Wilson. Inteligência Artificial na Mídia de Notícias: Percepções Atuais e Perspectivas Futuras. *In: Journalism and Media*, 3, 2022, 3, 13-26. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/journalmedia301002>>. Acesso em: 8 nov. 2024.

SARDÁ, Daniela Nienkötter; CAVALCANTE FILHO, Urbano; SANTOS, Yuri Andrei Batista; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A análise de discursos comparativa e outras abordagens comparativistas em ciências da linguagem. *In: Linha D'Água*, São Paulo, v. 35, n. 2, 2022. DOI: [10.11606/issn.2236-4242.v35i2p1-15](https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v35i2p1-15). Acesso em: 10 abr. 2025.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto: 2001.

SOUSA, M. E. de; FONTES, A. J. Tendência conceitual para o jornalismo automatizado: uma análise entre 2018 e 2022. *In: E-Compós*, [S. l.], v. 27, 2024. DOI: [10.30962/ecomps.3035](https://doi.org/10.30962/ecomps.3035). Acesso em: 10 mar. 2025.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 51-61.

SPADONI, Pedro. Musk vs OpenAI: **O que aconteceu na primeira semana do julgamento**. 2026. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2026/05/03/pro/musk-vs-openai-o-que-aconteceu-na-primeira-semana-do-julgamento/>. Acesso em: 03 maio 2026.

SULEYMAN, Mustafa; BHASKAR, Michael. **A próxima onda**: inteligência artificial, poder e o maior dilema do século XXI. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record: 2025.

TRERÉ, E. & MILAN, S. Perspectivas latino-americanas sobre dataficação e inteligência artificial: tradições, intervenções e possibilidades. In: **Palavra Clave**, 24(3), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5294/pacla.2021.24.3.1>. Acesso em: 7 mar. 2025.

TÓFOLI, Luciene. **Ética no jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TURING, Alan. Computing Machinery and Intelligence. In: **Mind, New Series**. Reino Unido: Oxford University Press. Vol. 59, nº 236, 1950, p. 433-460. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2251299>. Acesso em: 5 mar. 2025.

TUTIVÉN, I. V. E.; CANO, C. G. Ética Jornalística na Era da Inteligência Artificial: Rumo a uma Atualização dos Códigos Deontológicos no Contexto Ibero-Americano. In: **Comunicação e Sociedade**, [S. l.], v. 47, 2025. DOI: [10.17231/comsoc.47\(2025\).6206](https://doi.org/10.17231/comsoc.47(2025).6206). Acesso em: 2 out. 2025.

VALENCIO, Nelson. IA autônoma ganha espaço nas concessionárias da América Latina. 2025. Disponível em: <https://brasilenergia.com.br/brasilenergia/novos-modelos-e-tecnologias-em-energia/ia-autonoma-ganha-espaco-nas-concessionarias-da-america-latina>. Acesso em: 03 maio de 2026.

VASCONCELOS, Vitória Batista Nunes de. **O jornalista empreendedor e o imaginário da profissão**. Dissertação de Mestrado em Jornalismo - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2022.

VIDAL, Josep Pont. Metodologia comparativa e estudo de caso. In: **Paper do Naea**, Pará: nº 308, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v22i1.11320>. Acesso em: 10 abr. 2025.

VILAÇA, M. M.; PEDERNEIRA, I. L.; FERRO, M. IA para além de uma nova moda acadêmica: um experimento teórico-analítico interdisciplinar (computacional, linguístico e ética) de uma ferramenta de IA. In: **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, 2024. DOI: [10.4013/fsu.2024.251.12](https://doi.org/10.4013/fsu.2024.251.12). Acesso em: 4 mar. 2025.

ZANDOMÊNICO, R. Inteligência Artificial e Jornalismo: implicações na redação de notícias e na aquisição do conhecimento. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2023. DOI: [10.5212/RevistaPautaGeral.v.9.21397](https://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.9.21397). Acesso em: 08 jul. 2024.

## GLOSSÁRIO

(continua)

| TERMO                                   | DEFINIÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>SEO (Search Engine Optimization)</i> | O <i>Search Engine Optimization</i> ou Otimização para Motores de Buscas em português, possui técnicas para aumentar os acessos do site, melhorando o posicionamento de seu conteúdo nos resultados orgânicos dos mecanismos de busca como o do Google.                                                                                                               |
| <i>Software</i>                         | Responsável por executar tarefas específicas em computadores e demais dispositivos eletrônicos, o <i>software</i> “substitui vários conjuntos de tecnologias físicas, mecânicas e eletrônicas que foram utilizadas no século passado para criar, armazenar, distribuir e interagir com artefatos culturais” (Manovich, 2012, p. 4-5, tradução nossa) <sup>156</sup> . |
| <i>Trend</i>                            | Tendência em português, este termo diz respeito aos conteúdos que “atingem um pico de popularidade nas redes sociais por certo tempo” (Carvalho, 2022, n. p.) <sup>157</sup> .                                                                                                                                                                                        |
| <i>Perceptron</i>                       | Rede neural artificial que compõem um “modelo matemático que recebe várias entradas, $x_1, x_2, \dots$ e produz uma única saída binária” (Data Science Academy, 2022, n. p.) <sup>158</sup> .                                                                                                                                                                         |
| Programação <i>Lisp</i>                 | Conhecido também como ‘coleção de lixo’, “neste sistema, o programador não precisa se preocupar em alocar ou desalocar memória explicitamente. Ao invés disso, o próprio interpretador da linguagem se encarrega de alocar e desalocar memória quando necessário” (Meidanis, 2014, p. 15).                                                                            |
| <i>Machine Learning</i> (ML)            | O Aprendizado de Máquina “é a utilização de algoritmos para extrair informações de dados brutos e representá-los através de algum tipo de modelo matemático” (Data Science Academy, 2022, n. p.).                                                                                                                                                                     |

<sup>156</sup> Texto original: “ha reemplazado diversos conjuntos de tecnologías físicas, mecánicas y electrónicas que se usaban el siglo pasado para crear, almacenar, distribuir e interactuar con artefactos culturales” (Manovich, 2012, p. 4-5).

<sup>157</sup> Saber mais sobre *Trends* em:

<<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/10/o-que-e-trend-no-instagram-veja-significado-e-exemplos.ghtml>>  
. Acesso em: 23 abr. 2025.

<sup>158</sup> Conheça mais em: <<https://www.deeplearningbook.com.br/o-perceptron-parte-1/>>. Acesso em: 3 abr. 2025.

(continuação)

| TERMO                                    | DEFINIÇÃO                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Chatbot</i>                           | São algoritmos que utilizam “aprendizado de máquina e Processamento de Linguagem Natural, com os <i>bots</i> aprendendo com registros de conversas anteriores para obter respostas apropriadas” (Data Science Academy, 2022, n. p.). |
| <i>Deep Learning</i>                     | Conhecido também como Aprendizagem Profunda, ele “usa camadas de neurônios matemáticos para processar dados, compreender a fala humana e reconhecer objetos visualmente” (Data Science Academy, 2022, n. p.).                        |
| GPU ( <i>Graphic Processing Unit</i> )   | A unidade de processamento gráfico é utilizada tanto para aplicações, incluindo gráficos e renderização de vídeo, como, atualmente, para produção criativa e IA (Intel, s. d., n. p.) <sup>159</sup> .                               |
| Processamento de Linguagem Natural (PNL) | “O Processamento de Linguagem Natural (PLN) é um ramo da Inteligência Artificial projetado para ajudar as máquinas a entender o processo natural de comunicação dos seres humanos” (Data Science Academy, 2022, n. p.).              |
| <i>Large Language Model</i> (LLM)        | “São arquiteturas de <i>Deep Learning</i> baseadas em Transformadores e módulo de auto-atenção” (Data Science Academy, 2022, n. p.).                                                                                                 |
| <i>Token/Tokenização</i>                 | No contexto da IA, este processo remete a cada palavra, número ou símbolo descrito em um comando (Souza, 2024, n. p.).                                                                                                               |
| <i>Prompt</i>                            | Comando.                                                                                                                                                                                                                             |
| Parâmetros                               | Os parâmetros dizem respeito ao tamanho do modelo da ferramenta de IA conquistados durante os treinamentos. Eles ajudam a desenvolver tarefas específicas, principalmente nos modelos de <i>LLM</i>                                  |

<sup>159</sup> Entenda mais sobre GPU em:

<<https://www.intel.com/content/www/us/en/products/docs/processors/what-is-a-gpu.html>>. Acesso em: 23 abr. 2025.

(conclusão)

| TERMO                                          | DEFINIÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                | (Lopes, 2023, n. p.) <sup>160</sup> .                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Reforço em larga escala (RL)                   | “Aprendizado por Reforço (Reinforcement Learning) refere-se a um tipo de método de Aprendizado de Máquina (Machine Learning) no qual o agente recebe uma recompensa atrasada na próxima etapa para avaliar sua ação anterior” (Data Science Academy, 2022, n. p.)..                             |
| <i>Application Programming Interface</i> (API) | A Interface de Programação de Aplicação é um mecanismo “que permite que dois componentes de software se comuniquem usando um conjunto de definições e protocolos” (Amazon, s. d., n. p.) <sup>161</sup> .                                                                                       |
| Lógica <i>fuzzy</i>                            | A também Lógica Difusa, “se baseia no pensamento humano para modelar um problema de forma aproximada, onde os valores de uma variável podem ser qualquer número real entre 0 (que corresponde ao valor falso) e 1 (que corresponde ao valor verdadeiro)” (Kaltec, 2024, n. p.) <sup>162</sup> . |
| <i>Search Engine Experience</i>                | Conhecida como <i>Google AI Overviews</i> , esta ferramenta permite que o usuário do <i>Google</i> tenha uma experiência de busca por meio do <i>Gemini</i> , organizando pesquisas e métricas para seus usuários (Reid, 2024) <sup>163</sup> .                                                 |
| <i>Retrieval-augmented generation</i> (RAG)    | Processo que otimiza a saída de um grande modelo de linguagem, tendo outra base de conhecimento confiável fora das fontes de dados de treinamento já apresentadas (Amazon, s. d., n. p.) <sup>164</sup> .                                                                                       |

<sup>160</sup> Leia mais em:<

Acesso em: 31 mar. 2025.

<sup>161</sup> Confira em:< [Acesso em: 23 abr. 2025.](https://aws.amazon.com/pt/what-is/api/#:~:text=API%20significa%20Application%20Programming%20Interface.de%20servi%C3%A7o%20entre%20duas%20aplica%C3%A7%C3%B5es.>)<sup>162</sup> Conheça mais sobre a Lógica *Fuzzy* em: <<https://blog.kalatec.com.br/logica-fuzzy/>>. Acesso em: 23 abr. 2025.<sup>163</sup> Leia mais em: <<https://blog.google/products/search/generative-ai-google-search-may-2024/>>. Acesso em: 25 abr. 2025.<sup>164</sup> Saiba mais em: <<https://aws.amazon.com/pt/what-is/retrieval-augmented-generation/>>. Acesso em: 2 dez. 2025.

**APÊNDICE A - TABELA 2 - ARTIGOS DE 2024 ENCONTRADOS NA *WEB OF SCIENCE*<sup>165</sup>**

(continua)

| <b>TÍTULO</b>                                                                                                                                               | <b>AUTORIA</b>                                            | <b>REVISTA/LIVRO</b>               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|------------------------------------|
| <b>Inteligência artificial na imprensa: estudo comparativo e exploração de notícias com ChatGPT em meio tradicional e outro nativo digital</b>              | <b>Quian, A. e Sixto-García, J.</b>                       | <b>Revista de Comunicación</b>     |
| <b>Inteligência artificial no jornalismo esportivo: estudo no Brasil e em Portugal</b>                                                                      | <b>Canavilhas, J., &amp; Giacomelli, F.</b>               | <b>Revista de Comunicación</b>     |
| O uso da inteligência artificial nas redações: propostas e limitações                                                                                       | Lopezosa, C., Pérez-Montoro, M., & Rey Martín, C.         | Revista de Comunicación            |
| <b>O pressentimento algorítmico – articulando a doxa jornalística e as fricções epistêmicas emergentes no trabalho de dados orientado por IA</b>            | <b>Moller, Hartley Jannie; Thylstrup, Nanna Bonde.</b>    | <b>Digital Journalism</b>          |
| IA na redação: um estudo de caso coletivo sobre a colaboração entre jornalistas e IA na indústria jornalística alemã                                        | Grimme, Meike; Zabel, Christian.                          | Journal of Media Business Studies  |
| Inteligência artificial na mídia e no jornalismo. Revisão sistemática sobre Espanha e América Latina nas bases de dados Scopus e Web of Science (2018-2022) | Andres Trejos-Gil, Carlos; Daniel Gomez-Monsalve, Wilmar. | Palabra Clave                      |
| <b>Percepções do público sobre apresentadores de notícias baseados em IA: um caso de 'Alice' no Zimbábue</b>                                                | <b>Ndlovu, Mphathisi.</b>                                 | <b>Media Culture &amp; Society</b> |
| <b>CrITÉRIOS de qualidade</b>                                                                                                                               | <b>Rubio, Luis Mauricio</b>                               | <b>Communication &amp; Society</b> |

<sup>165</sup> Títulos traduzidos para Português pela autora.

(conclusão)

| <b>TÍTULO</b>                                                                                                      | <b>AUTORIA</b>                           | <b>REVISTA/LIVRO</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|----------------------|
| <b>jornalística no uso de inteligência artificial</b>                                                              | <b>Calvo; Torrijos, Jose Luis Rojas.</b> |                      |
| Uma nova era de jornalismo assistido por IA na Bloomberg: Uma nova era de jornalismo assistido por IA na Bloomberg | Quinonez, Claudia; Meij, Edgar           | AI Magazine          |

Fonte: Elaboração própria (2024).

Nota: Pesquisas destacadas em negrito foram utilizadas na elaboração do referencial bibliográfico da dissertação.

**APÊNDICE B - TABELA 3 - ARTIGOS DE 2024 ENCONTRADOS NO *SCOPUS*<sup>166</sup>**

| <b>TÍTULO</b>                                                                                                                        | <b>AUTORIA</b>                                                                        | <b>REVISTA/LIVRO</b>                                   |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| Equilibrando eficiência e ética: os desafios da implementação da inteligência artificial no jornalismo                               | Aljalabneh A.; Aljawawdeh H.; Mahmoud A.; Sharadqa T.; Al-Zoubi A.                    | Intelligent Systems, Business, and Innovation Research |
| <b>A influência da IA na força de trabalho da mídia: como as empresas usam uma série de recursos legais</b>                          | <b>Díaz-Noci J.;<br/>Peña-Fernández S.;<br/>Meso-Ayerdi K.;<br/>Larrondo-Ureta A.</b> | <b>Tripodos Communication</b>                          |
| A interseção entre visibilidade na web, IA e monitoramento de notícias no jornalismo digital: O caso da mídia brasileira e espanhola | Bastos S.; Tous Rovirosa A.; Lopezosa C.                                              | Jornalismo de dados e a disrupção da COVID-19          |
| Automatizando a história da COVID-19 na redação                                                                                      | García C.A.                                                                           | Jornalismo de dados e a disrupção da COVID-19          |

Fonte: Elaboração própria (2024).

Nota: Pesquisas destacadas em negrito foram utilizadas na elaboração do referencial bibliográfico da dissertação.

<sup>166</sup> Títulos também traduzidos para Português pela autora.

**APÊNDICE C - TABELA 4 - ARTIGOS DE 2024 E 2023 ENCONTRADOS NO  
SCIELO**

(continua)

| ANO  | TÍTULO                                                                                                                                                                                                      | AUTORIA                                                                                                 | REVISTA/LIVRO                                |
|------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| 2024 | Conhecimento Poderoso e Inteligência Artificial (IA): Aliando Didaticamente Tecnologias para Educabilidades                                                                                                 | Oliveira, Edna<br>Araujo dos Santos de                                                                  | ISisyphus - Journal of Education             |
| 2024 | Creativity in the management field in brazil: trajectory and future directions brazil                                                                                                                       | Muzzio, Henrique,<br>Turetta, Cesar,<br>Cunha, Caroline<br>Marques Cavalcante,<br>Silva, Jean Soares da | REAd. - Revista Eletrônica de Administração  |
| 2024 | Inteligencia artificial en la transcripción de entrevistas                                                                                                                                                  | Yépez-Reyes,<br>Verónica, Cruz-Silva,<br>Jorge                                                          | Contratexto                                  |
| 2024 | <b>AI beyond a new academic hype: an interdisciplinary theoretical analytical experiment (computational, linguistic and ethical) of an AI tool hype computational, computational (computational ethical</b> | <b>Vilaça, Murilo<br/>Mariano,<br/>Pederneira, Isabella<br/>Lopes, Ferro,<br/>Mariza</b>                | <b>Filosofia Unisinos</b>                    |
| 2024 | The ChatGPT: Revolutionizing Research with AI ChatGPT                                                                                                                                                       | Mirta, Brítez,<br>Enrique, Montiel<br>Carlos, Liliam,<br>Alderete                                       | Anais da Academia Brasileira de Ciências     |
| 2024 | Applying the Triarchic Theory of Cognitive Disposition in AI stewardship                                                                                                                                    | Oosthuizen, Jacobus H.                                                                                  | South African Journal of Business Management |
| 2023 | A capacidade dos trending topics em pautar o debate: agenda setting do algoritmo debate                                                                                                                     | Araújo, Rafael de<br>Paula Aguiar, Silva,<br>Igor Fediczko                                              | Cadernos Metrôpole                           |
| 2023 | Alteritmo y periodismo-otro en la cultura del algoritmo: Crítica a la hegemonía de los lenguajes sintéticos                                                                                                 | Vidal Castell, David,<br>Garde Cano,<br>Cristina, Ventura<br>Pocino, Patrícia                           | Inmediaciones de la Comunicación             |
| 2023 | Políticas de comunicación e                                                                                                                                                                                 | Seijas-Costa, Raquel                                                                                    | URVIO - Revista                              |

(conclusão)

| ANO         | TÍTULO                                                                                                                            | AUTORIA                                                                                     | REVISTA/LIVRO                                            |
|-------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| 2023        | Políticas de comunicación e inteligencia artificial: nuevos desafíos                                                              | Seijas-Costa, Raquel                                                                        | URVIO - Revista Latinoamericana de Estudios de Seguridad |
| 2023        | Ontology-Driven Computer Systems: Elementary Senses in Domain Knowledge Processing                                                | Petrenko, Mykola, Cohn, Ellen, Shchurov, Oleksandr, Malakhov, Kyrylo                        | South African Computer Journal                           |
| 2023        | Responsible application of artificial intelligence in health care                                                                 | Obasa, Adetayo E., Palk, Andrea C.                                                          | South African Journal of Science                         |
| 2023        | Global health and big data: The WHO's artificial intelligence guidance                                                            | Goodman, Kenneth W., Litewka, Sergio G., Malpani, Rohit, Pujari, Sameer, Reis, Andreas A.   | South African Journal of Science                         |
| <b>2023</b> | <b>Advancements in artificial intelligence and machine learning in revolutionising biomarker discovery</b>                        | <b>Raikar, Gokuldas (Vedant) Sarvesh, Raikar, Amisha Sarvesh, Somnache, Sandesh Narayan</b> | <b>Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences</b>      |
| 2023        | Investigación sobre la calidad de las noticias automatizadas en la producción científica internacional: Metodologías y resultados | Sandoval-Martín, Teresa, La-Rosa Barrolleta, Leonardo                                       | Cuadernos.info                                           |

Fonte: Elaboração própria (2025).

Nota: Pesquisas destacadas em negrito foram utilizadas na elaboração do referencial bibliográfico da dissertação.





Quem somos | Salto da Povo | Instituto Salto da Povo | Portal | Site do Congresso | Mapas do Salto da Povo | Atendimento | Salto da Povo

Salto da Povo

política | violência | saúde | acesso | mais | indicadores | breves | resumo executivo



**A violência como fetiche coletivo**

Sem negar a fatalidade da violência no Brasil, precisamos reconhecer a violência como um fenômeno coletivo e coletivo

Elisa Lodi

[Leia mais](#)

**Religião, desinformação e poder: a guerra ao aborto legal**

POL 2022: enquanto ministros do STF decidem o futuro do aborto legal, a guerra ao aborto legal continua

Julia Lora Mendes

**As vítimas da violência doméstica que não entram nas estatísticas**

Como as vítimas, familiares que também sofrem, mulheres em situação de violência doméstica

Marlene Rangel

**Kandóia, Penha, Alemão: quando a violência policial cai sobre as mulheres**

Mulheres de mulheres indígenas Kandóia e mães de vítimas de violência policial em situação de violência

Juliana Lourenço

**DESTAQUES**



**Brasil é 5º em feminicídios enquanto antifeminismo cresce no Congresso**

Lu Bello



**Câmaras e assembleias multiplicam projetos para obstruir acesso ao aborto legal no Brasil**

Rafaela Lodi



**A força das trabalhadoras rurais na Marcha das Mulheres Negras**

Bianca Oliveira

**OPINIÃO**



**Uma mãe, um filho e as marcas da epidemia de Zika**

Thelma Costa Silva



**A marcha de Lenny Blue: quando a velhice negra exige ser vista**

Zenaida Stalder Silva, Mariana de Paula



**'Estamos construindo o mundo que sonhamos': AzMina marcha em Brasília**

Rafaela Lodi

**A violência como fetiche coletivo**

Elisa Lodi

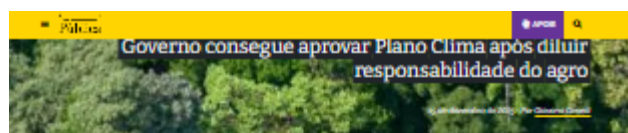
**Religião, desinformação e poder: a guerra ao aborto legal**

Julia Lora Mendes

**Kandóia, Penha, Alemão: quando a violência policial cai sobre as mulheres**

Juliana Lourenço

**Uma mãe, um filho e as**



## Governo consegue aprovar Plano Clima após diluir responsabilidade do agro

Por Mariana Lima de Sá / Por Gabriela Costa

### RECENTES



#### REPORTAGEM AGRICULTURA

### Código de conduta para juízes que inspira Fachin aborda cachês, mas não define punições

11 de dezembro de 2023 / Por Lucas Guedes  
Magistrados podem ter que declarar salários, emendas, emendas, mas falta de punições pode prejudicar efetividade



#### REPORTAGEM AGRICULTURA

### As duas faces do agro: o sustentável da COP e o que desmonta leis ambientais no Congresso

11 de dezembro de 2023 / Por Rafael Siqueira / Coluna (Brasil)  
Setor verde-escuro do qual faz parte a produção de soja para exportação, sem considerar responsabilidade por produção

PL da Godinheira, fim da escola G-1 e julgamento do golpe marcam semana quente no Brasil  
11 de dezembro de 2023 / Por Rafael Siqueira

Péculi: Brinquedo, proteção e resistência  
11 de dezembro de 2023 / Por Gabriela Costa / Coluna (Brasil)

Em São Paulo, moradores estão sem luz, sem água e sem teto  
11 de dezembro de 2023 / Por Rafael Siqueira

Controle parental: 3 meses após sanção da Lei Felcio pais não sabem proteger filhos na web  
11 de dezembro de 2023 / Por Gabriela Costa

Empresas de festas viciam adolescentes e marketing predatório aponta até em porta de escola  
11 de dezembro de 2023 / Por Gabriela Costa

### MARCO TEMPORAL



#### REPORTAGEM SOCIEDADE

### Direito indígena é moeda de troca em disputa entre Congresso e STF, diz advogado indígena

11 de dezembro de 2023 / Por Lucas Guedes  
Representante da Associação dos Povos Indígenas do Brasil critica uso político do Marco Temporal em conflitos entre povos



#### COLUNA CIBIA SOCIEDADE

### Marco temporal e PL da devastação: derrotas para a humanidade

11 de dezembro de 2023 / Por Gabriela Costa  
Ações do Congresso e do STF depois da COP 28 mostram mais, dentro no futuro do setor climático



#### REPORTAGEM SOCIEDADE

### No primeiro ano sob o Marco Temporal, 211 indígenas foram assassinados, aponta Cimi

11 de dezembro de 2023 / Por Rafael Siqueira  
Resistência da comunidade indígena no Brasil marca aniversário da Lei 13.127 e fortalece denúncias de crimes

### COLUNAS

Quem é Joana de Assis?  
Mariana Lima de Sá



Glauber está atirando e Motta golpeou a democracia brasileira  
Mariana Lima de Sá



Marco temporal e PL da devastação: derrotas para a humanidade  
Gabriela Costa



O plano de Trump para justificar a intervenção na América Latina  
Joana de Assis







## ANEXO B - VERSÕES ATUALIZADAS DAS POLÍTICAS EDITORIAIS DE USO DE IA DOS SEIS VEÍCULOS

13/11/2024, 21:19

Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja - Estadão

Buscar...

ASSINE ESTADÃO

Notícia ⓘ Estadão / [Link](#)

# Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja

Documento determina regras para o uso de IA na criação integral ou parcial de notícias, conteúdos, produtos e serviços



Por Redação

22/11/2023 | 16h14

Atualização: 23/11/2023 | 14h09



O **Grupo Estado** anuncia nesta quarta, 22, sua política de uso de ferramentas de **inteligência artificial (IA)** pelas suas redações. O lançamento é um dos primeiros do tipo entre veículos brasileiros e segue uma tendência global. Ao longo do ano, jornais, revistas, agências de notícias e associações, como Associated Press, Reuters, The Telegraph e Wired, publicaram documentos com diretrizes de como usar esses recursos.

A política de IA do Grupo Estado estabelece regras e permissões para a produção de conteúdo editorial, em resposta ao crescimento na popularidade de serviços de IA generativa, como o **ChatGPT**, da **OpenAI**, e o **Bard**, do **Google**. Se utilizados com cautela e responsabilidade, tais serviços são uma ferramenta útil para auxiliar jornalistas profissionais em tarefas como transcrição de áudio, tradução, análise de dados e edição de texto. O

13/11/2024, 21:19

Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja - Estadão

ASSINE ESTADÃO 

“Nossa política de uso das inteligências artificiais tem a qualidade de trazer, na dose certa, o incentivo total à experimentação com essas novas tecnologias e a garantia de que a responsabilidade final pelas produções jornalísticas será sempre de uma pessoa, um profissional de carne e osso”, diz Eurípedes Alcântara, diretor de Jornalismo do Grupo Estado.

Ao definir seu conjunto de regras para IA, a empresa também formaliza a criação do Comitê de Inteligência Artificial do Grupo Estado, que analisará os projetos editoriais da área e será composto por representantes dos departamentos de Tecnologia, Redação, Produto, Jurídico e Auditoria.

#### Para você



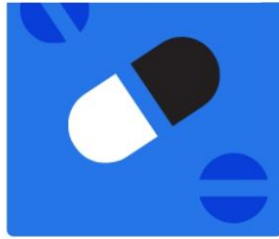
“Um dos grandes valores do Estadão é a proteção contra desinformação, cuja percepção de perigo cresceu com a disseminação de instrumentos de IA. É essencial demonstrar de maneira muito nítida para a audiência como esses novos recursos serão usados no jornal, para elevar a qualidade tanto do conteúdo quanto da experiência de consumo”, diz André Furlanetto, diretor de Estratégias Digitais do Estadão.

Com essa preocupação, a política veta o uso de IA para gerar fotos, ilustrações, vídeos ou áudios. Nos últimos meses, IAs como [DALL-E](#) e [Midjourney](#) geraram dúvidas sobre direitos autorais e desinformação. O uso de programas de melhoria gráfica em imagens é restrito aos recursos de ferramentas já disponibilizadas para a Redação.

13/11/2024, 21:19

Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja - Estadão

ASSINE ESTADÃO

**Estadão Pilula**

Um resumo leve e descontraído dos fatos do dia, além dicas de conteúdos, de segunda a sexta.

 EXCLUSIVA PARA ASSINANTES



Ao se cadastrar nas newsletters, você concorda com os [Termos de Uso](#) e [Política de Privacidade](#).

As regras também determinam que dados empresariais do Grupo Estado, segredos de negócios, bases de dados proprietárias e furos jornalísticos não sejam inseridos em ferramentas de IA. A governança de dados é também uma das maiores preocupações de empresas em todo o mundo desde o avanço de IAs generativas - e casos de vazamento de informações já foram registrados.

“É importante garantir que nossos jornalistas façam uso responsável de ferramentas que estão transformando veículos de comunicação no mundo inteiro. A adoção dessas tecnologias é inevitável, mas é preciso que esse processo respeite leitores, parceiros e clientes do Grupo Estado. Acredito que conseguimos responder com velocidade, equilibrando inovação e governança de dados”, diz David Friedlander, diretor de Governança e Qualidade Editorial do Estadão.

Leia a seguir uma versão resumida do documento que apresenta as orientações do Grupo Estado para o uso de recursos de inteligência artificial por seus colaboradores.

-----  
-----

**POLÍTICA DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL  
PELOS COLABORADORES DO GRUPO ESTADO**

Novembro/2023

ASSINE ESTADÃO 

*Apesar das tecnologias baseadas em Inteligência Artificial (IA) não serem exatamente uma novidade, é indiscutível que o contexto relativo a elas se alterou nos anos recentes, principalmente em decorrência da evolução das chamadas IAs generativas. O Estadão, enquanto veículo de imprensa comprometido com a qualidade, a ética e a precisão jornalística há quase 150 anos, reconhece o potencial inegável dessas tecnologias.*

*Nessa toada, compreendemos que parte dos nossos colaboradores pode já estar explorando o uso de IAs como ferramentas auxiliares em suas tarefas diárias, uma vez que as capacidades de automação e de análise das IAs podem proporcionar maior eficiência e aprimoramento em diversas etapas do processo editorial. Apesar disso, temos também plena consciência de que existem riscos inerentes ao uso indiscriminado de tais ferramentas, sobretudo em uma atividade tão essencial para a manutenção do Estado Democrático de Direito quanto a Imprensa.*

*Por essa razão, esta Política Institucional de Uso de Inteligência Artificial foi elaborada visando estabelecer diretrizes claras para o uso de IA pelo Grupo Estado.*

*Nosso compromisso firmado neste documento é revisar esta Política de forma recorrente e atualizá-la sempre que se faça necessário, objetivando mantê-la alinhada aos nossos valores e primando por nossa qualidade jornalística.*

## **2. Diretrizes Gerais**

*O uso de IA para fins de criação integral ou parcial de notícias, conteúdos, produtos e serviços (doravante conjuntamente designados "Conteúdos") é permitido, desde que cumpridas as condições a seguir. Tais condições objetivam manter a integridade factual de nossos Conteúdos, respeitar direitos autorais próprios e de terceiros e garantir a manutenção do nosso padrão jornalístico.*

ASSINE ESTADÃO

Conteúdos que sejam criados, gerenciados ou editados por ferramentas de IA antes de sua publicação, veiculação ou divulgação, para garantir precisão e integridade das informações. As exceções à regra geral podem ser observadas nas Diretrizes Específicas (vide tópico 3.1.).

- **Proteção de Conteúdo Proprietário:** Não é permitido inserir quaisquer Conteúdos de propriedade intelectual do Grupo Estado em larga escala em ferramentas de IA, exceto se previamente aprovado pelo Comitê de Inteligência Artificial. Visamos evitar a utilização de nossos conteúdos para alimentar algoritmos de forma irrestrita. Para tanto, por regra, se deve inserir apenas o conteúdo mínimo necessário para se realizar a tarefa pretendida.
- **Proteção de Dados Pessoais:** Não é permitido inserir, total ou parcialmente, dados ou base de dados proprietárias do Grupo Estado que contenham quaisquer dados pessoais em ferramentas de IA, sejam dados de clientes, colaboradores, fornecedores ou terceiros.
- **Proteção de Dados Empresariais, Segredos de Negócios e Furos Jornalísticos do Grupo Estado:** considerando que inserção de dados pode vir a integrar a base de dados da ferramenta, é vedada a inserção deste tipo de informação em quaisquer ferramentas de IA.
- **Contratação de Ferramentas:** A contratação ou o uso de ferramentas, pagas ou gratuitas, para a produção de Conteúdos está restrito às ferramentas que tiverem sido previamente avaliadas e validadas pelo Comitê de IA (Vide tópico 4.2. para mais detalhes).
- **Transparência com os Leitores:** Ao utilizar ferramentas de IA na criação ou edição de Conteúdos, tal fato deverá ser obrigatoriamente indicado ao leitor (verificar item 3.1. - Criação de Conteúdos). Dessa forma, garantimos que os leitores estejam cientes sobre o processo de criação de nossos Conteúdos, reforçando nosso compromisso com a transparência e a integridade da produção jornalística.

### 3.1. Criação de Conteúdos

*Em regra, ferramentas de IA podem ser utilizadas no processo de criação de Conteúdos, desde que com supervisão e revisão humana.*

*Em alguns casos específicos, no entanto, Conteúdos gerados por intermédio de ferramentas de IA poderão ser publicados de forma automática, portanto, sem revisão humana prévia, desde que tenha passado por um processo de homologação pelo Comitê de IA, e que deverá garantir a inexistência de (i) risco de erros factuais e de (ii) infringência a direitos autorais de terceiros, entre outros. Consulte o Comitê de IA para verificar as ferramentas e categorias de conteúdos disponíveis para esta finalidade.*

*É fundamental esclarecer que, mesmo quando optamos por publicar conteúdos sem revisão humana prévia, isso não implicará de forma alguma na ausência de controle ou de rigor no processo editorial. Manteremos um compromisso inabalável com a precisão e confiabilidade das informações que transmitimos. Para isso, serão implementados protocolos de verificação contínua da confiabilidade dos conteúdos gerados por IA, que envolverão revisões periódicas para identificar e corrigir possíveis erros, de aprimoramento das ferramentas de IA e de garantia de que as soluções de inteligência artificial estejam alinhadas aos nossos valores e padrões de produção jornalística.*

*Em todos os casos em que ferramentas de IA forem utilizadas para a produção de Conteúdo, ainda que parcialmente, deverá ser incluído aviso ao leitor, conforme o caso:*

**Conteúdos com Revisão Humana:** Quando um Conteúdo for produzido com a ajuda de IA e revisado por nossa equipe editorial, deverá ser incluído o seguinte aviso no início ou ao final do texto, conforme adequado: “Este conteúdo foi produzido com o auxílio de

ASSINE ESTADÃO

**Conteúdos sem Revisão Humana:** Para materiais publicados sem revisão humana (apenas válido para processos homologados pelo Comitê de IA), o aviso deverá conter o seguinte aviso: “Este conteúdo foi gerado e publicado automaticamente com o uso de Inteligência Artificial. Saiba mais em nossa Política de IA (link para página).”

**Em alta** [Link](#)



iOS 18.2: Próxima grande atualização do sistema do iPhone chega em dezembro; veja recursos



Quais os 10 celulares mais vendidos no mundo em 2024?



Meta AI lê minhas conversas no WhatsApp? Entenda o que a IA pode ou não fazer com seus dados

### 3.2. Criação de Conteúdo Audiovisual

- O uso de IA para a criação de fotos, ilustrações, vídeos ou áudios, integral ou parcialmente, é proibido, exceto se previamente aprovado pelo Comitê de IA.
- O uso de IA para melhorar a qualidade gráfica de imagens com pouca definição é permitido, porém restrito aos mecanismos de ajuste já disponíveis nos programas de edição de imagem disponibilizados aos colaboradores do Grupo Estado.

### 3.3. Edição de Textos

13/11/2024, 21:19

Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja - Estadão

ASSINE ESTADÃO

...os textos sem erros, revisões e correções, e para garantir a explicação de conceitos técnicos ou complexos de maneira clara e/ou concisa;

- Versões mais curtas ou sumarizadas de Conteúdos também podem ser feitas com auxílio de IA;
- Todas as sugestões de versões feitas pela ferramenta de IA devem ser submetidas à revisão pelo editor, antes de sua publicação ou divulgação, garantindo a qualidade do conteúdo.

### 3.4. Transcrição de Áudio

- O uso de ferramentas de IA para transcrição de entrevistas, discursos e conversas é permitido somente quando o responsável pelo Conteúdo possui domínio sobre o idioma do áudio transcrito;
- É responsabilidade do criador do Conteúdo validar e comparar a transcrição da ferramenta de IA com a gravação original, para garantir a sua precisão.

### 3.5. Tradução de Textos

- Não se tratando do processo de tradução automatizada previamente aprovada pelo Comitê de IA para determinados produtos, o uso de ferramentas de IA para traduzir textos de forma pontual também é permitido, desde que o responsável pelo Conteúdo possua domínio sobre os idiomas de origem e para o qual o texto está sendo traduzido;
- A tradução deve ser sempre comparada com o texto original para identificar possíveis erros, distorções ou para garantir o estilo do texto original, caso aplicável;

### 3.6. Elaboração de Títulos e Chamadas

13/11/2024, 21:19

Estadão define política de uso de ferramentas de inteligência artificial por seus jornalistas; veja - Estadão

ASSINE ESTADÃO

...amentos, especialmente através de mídias para a divulgação em diferentes plataformas;

- Todas as sugestões devem passar por revisão cuidadosa do responsável pelo Conteúdo.

### 3.7. Como ferramenta de busca e pesquisa

- Apesar de não ser proibido, não é recomendável usar IA como ferramenta de busca e pesquisa. Caso seja utilizada para essa finalidade, todos os resultados devem ser verificados e confirmados pelo responsável;
- O uso de IA na elaboração de perguntas para entrevistas também não é recomendável, dada a possibilidade de direcionamento das perguntas decorrentes de vieses algorítmicos indesejados.

### 3.8. Aprimoramento de materiais escritos em língua inglesa

- Está autorizado o uso de ferramentas de IA para aprimorar textos escritos em língua inglesa, como pedidos formais de entrevistas, e-mails para instituições estrangeiras e perguntas para entrevistas nessa língua.

### 3.9. Extração e compilação de dados de origem pública

- Está autorizado o uso de IA para extração, compilação, organização e processamento de dados oriundos de fontes públicas primárias como IBGE, FGV, Banco Central e Tesouro Nacional.

## 4. Do Comitê de IA

### 4.1. Da composição do Comitê

ASSINE ESTADÃO

departamentos do Grupo Estado: Tecnologia, Redação, Produto, Jurídico e Auditoria. Os membros do Comitê se reunirão mensalmente e suas deliberações serão tomadas por consenso.

4.2. Das atribuições

Compartilhe:



Caberá ao Comitê avaliar ferramentas de IA, atualizar estas Diretrizes, homologar processos de criação de conteúdos e gerir seus riscos e assegurar treinamentos sobre o tema para os colaboradores.

Tudo Sobre

inteligência artificial tecnologia da informação Estadão [O Estado de S. Paulo]

Esta Política deverá ser revisada anualmente.

## SEÇÃO III O USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO JORNALISMO

A busca por inovação e a adoção das mais avançadas ferramentas da tecnologia para o jornalismo são uma prioridade no Grupo (ver seção I, parte 3-a) \*. É com esse mesmo espírito que abordamos o uso de Inteligência Artificial no exercício do jornalismo. O desenvolvimento das diversas vertentes de IA amplia a capacidade de processamento e de geração de informação (como textos, vídeos, áudios, infográficos, sites e outros formatos de conteúdo) e tem grande potencial disruptivo, mas não altera os valores que norteiam o exercício do jornalismo profissional. O Grupo Globo adota a inteligência artificial como meio para aprimorar a qualidade do jornalismo, mantendo o compromisso com a isenção, correção e agilidade manifestado neste documento. Os jornalistas são encorajados a testar e adotar ferramentas de IA que auxiliem nos processos de apuração, produção e distribuição, respeitando as orientações aqui expostas:

### 1. Transparência e supervisão humana

- a) Os jornalistas do Grupo Globo sempre adotarão ferramentas de inteligência artificial como um meio para produzir informação de qualidade: isenta, correta e prestada com rapidez.
- b) O uso de inteligência artificial deve sempre ser supervisionado por um humano, e nenhum conteúdo produzido com a tecnologia deve ser veiculado sem essa supervisão. Isso não significa que cada conteúdo gerado de forma automatizada passará por uma revisão humana antes de ser veiculado. Essa obrigação tornaria inócua boa parte da eficiência e abrangência permitidas pelo uso da ferramenta. A correção e a qualidade desses conteúdos serão garantidas por supervisão de processos, leituras por amostragem e outras formas de checagem. Isso não diminui em nada a responsabilidade do jornalista: todos os envolvidos na produção desses conteúdos – assim como acontece com toda reportagem – são responsáveis pelo resultado. A supervisão humana, então, deve ser entendida como o monitoramento do uso da inteligência artificial para garantir a correção e a isenção daquilo que é veiculado. E essa supervisão pode variar conforme as necessidades de cada veículo e conteúdo.
- c) O Grupo Globo se compromete a informar ao público sobre o uso de inteligência artificial em seus conteúdos jornalísticos. A divulgação desta política é parte deste processo. Aqui se informa que os jornalistas do Grupo Globo vão considerar o uso da inteligência artificial nas diversas etapas do processo jornalístico, seja por meio de ferramentas próprias ou de terceiros. Isso indica que, da mais sucinta nota à mais extensa reportagem, a tecnologia poderá ser empregada, em maior ou menor escala, sempre que contribua para que a informação jornalística seja isenta, correta e prestada com rapidez. Em alguns casos, entretanto, será necessário destacar como a inteligência artificial foi empregada em um determinado conteúdo jornalístico. Isso será feito sempre que contribuir para que o público compreenda as circunstâncias em que a reportagem foi produzida.

### 2. Apuração, produção e distribuição de jornalismo com auxílio de IA

- a) Os jornalistas do Grupo Globo devem considerar o uso de inteligência artificial para otimizar o processo de apuração das notícias – por exemplo, na realização de busca e levantamento de informações, no processamento de grandes volumes de dados e no acesso a bases de dados confiáveis (ver seção I, parte 2-f). A responsabilidade final pelo conteúdo veiculado, entretanto, será sempre dos profissionais envolvidos, e os jornalistas vão adotar estratégias para que eventuais erros e enviesamentos produzidos pela inteligência artificial – e, de resto, por qualquer tecnologia usada – não resultem em erros ou enviesamentos na cobertura jornalística. Além disso, os jornalistas têm a responsabilidade de analisar quais tipos de informação são inseridas em ferramentas de IA, para não haver vazamento de informações sigilosas ou de dados protegidos pela legislação vigente, nem o uso de informações que firam a propriedade intelectual.
- b) Os jornalistas do Grupo Globo irão considerar o uso de inteligência artificial para otimizar a produção de reportagens nos seus mais diversos formatos, como vídeos, textos, áudios, imagens, infográficos, sites. A publicação de conteúdos gerados total ou parcialmente por inteligência artificial, entretanto, só pode ser feita sob supervisão humana, como já foi dito aqui. A inteligência artificial não deve ser usada, contudo, para redigir textos opinativos ou editoriais. A opinião e a análise

<https://cbn.globo.com/principios-editoriais/#secao-3>

9/10

13/11/2024, 21:22

Princípios Editoriais Grupo Globo

Menu



CBN

Entrar

ou de seus representantes legais. Este uso deve ser informado ao público. As imagens geradas por inteligência artificial não podem ser produzidas de forma que sejam confundidas com a realidade. Se a imagem tiver características de uma imagem real, o público deve ser informado claramente de que aquela é uma reconstituição, ou uma simulação, produzida por inteligência artificial. Ferramentas de IA podem ser usadas para fazer pequenas correções técnicas em áudios e imagens com o intuito de facilitar ao público a apreensão das informações que aquela imagem ou áudio contém, sem jamais alterar a realidade retratada.

d) As redações do Grupo Globo devem utilizar inteligência artificial para otimizar o alcance do jornalismo. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio da análise de dados sobre o consumo de informação, para definir as melhores estratégias de circulação, na criação de diferentes versões de uma reportagem para atender às diferentes formas de consumo de informação e no uso de ferramentas que permitam maior personalização do conteúdo. Todas as versões de reportagens devem ser fiéis à essência do conteúdo original, respeitando os padrões editoriais de qualidade e veracidade.

### 3. Direitos autorais e governança

- a) A utilização de ferramentas de Inteligência Artificial pelo Grupo Globo deve sempre observar e respeitar rigorosamente os direitos autorais e a propriedade intelectual, tanto em relação ao conteúdo de terceiros quanto aos materiais próprios.
- b) O Grupo Globo investe na capacitação de seus profissionais para o uso eficaz e ético das ferramentas de IA. Essa política será revisada periodicamente pelo Conselho Editorial do Grupo Globo para adaptar-se às evoluções tecnológicas e garantir que as práticas permaneçam alinhadas com estes princípios.

>> [volte ao topo da página](#)

## Uso de Inteligência Artificial

Como uma organização que utiliza tecnologia e informação para combater a desigualdade de gênero desde 2015, a equipe AzMina explora o potencial de ferramentas baseadas em Inteligência Artificial (IA) para otimizar processos internos e aprimorar a produção de conteúdo.

AzMina está ciente das responsabilidades e limitações estruturais associadas ao uso da IA, especialmente na modalidade generativa. Acompanhamos de perto como as tecnologias têm impactos, tanto positivos quanto negativos, na vida de mulheres, pessoas negras e LGBTQIAPN+. Por isso, pretendemos compartilhar de forma transparente o uso da Inteligência artificial n'AzMina com as nossas leitoras e audiência em geral, sempre atualizando nossa comunidade sobre estes usos.

Abaixo, estabelecemos diretrizes que devem orientar o uso da IA pela equipe AzMina, sempre lembrando que esse conjunto de ferramentas não torna nenhuma pessoa dispensável no nosso time, e que todo o conteúdo publicado em nossos canais de comunicação é de nossa inteira responsabilidade:

### USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM CONTEÚDOS TEXTUAIS E DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÃO

Nenhum conteúdo gerado, parcial ou integralmente, por meio de inteligência artificial é publicado nos canais AzMina sem revisão humana. Todo conteúdo cuja produção envolva IA será analisado criticamente e terá sua autenticidade verificada.

As ferramentas de IA são aplicadas em processos específicos, como:

- correção ortográfica
- sugestão de títulos
- sugestão de sínteses de textos para redes sociais
- auxílio com tradução

13/11/2024, 21:20

Revista AzMina - AzMina

- sugestões de otimização de textos para SEO
- síntese de conteúdos antigos já publicados

Não compartilhamos material de reportagens que envolvam informações e dados sensíveis com ferramentas de IA de qualquer tipo, visando garantir o sigilo e a privacidade de informações de fontes, e de mulheres em situação de vulnerabilidade e violência.

Em casos de reportagens que recorram à IA para análise de dados, seu uso é detalhadamente descrito no campo Metodologia ao final do texto.

AzMina reconhece que a IA pode ser usada de maneira complementar aos trabalhos de edição e reportagem, mas não substitui a habilidade e o compromisso humanos nessas funções. Sistemas de aprendizado de máquina terão, se houver, o papel auxiliar no trabalho de nossa equipe. Cabe aos seres humanos d'AzMina decidir sobre o que é relevante, original, tem valor para a nossa audiência e está dentro das nossas diretrizes editoriais. A IA também não pode, em hipótese alguma, escrever pelo repórter.

O uso de IA generativa em AzMina está sempre ligado a um benefício justificado e específico, e tem sua publicação condicionada à autorização da gerência ou diretoria.

### USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO MULTIMÍDIA

Nenhuma imagem – fotografia, imagens 2D e 3D, ou vídeo – criada por inteligência artificial é publicada integralmente e/ou sem intervenção da equipe de arte.

Ferramentas de IA são aplicadas em processos específicos para a criação de imagens, como em casos de limitações de bancos de imagens gratuitos, geração de partes para composição e recortes de fundo. Desde 2015 AzMina é reconhecida por sua identidade visual, e imagens geradas por IA têm o único fim de complementar essa limitação de raças, corpos e temáticas desenvolvidas em diversos produtos. Elas serão utilizadas apenas para fins ilustrativos e, nesses casos, a informação de que houve uso de IA constará na legenda das imagens.

Elas também podem ser utilizadas na transcrição de entrevistas em áudio e vídeo (exceto em casos de conteúdo sensível ou quando há necessidade de proteção da fonte) e na legendagem.

Reconhecemos que inteligências artificiais generativas estão sujeitas a abordagens e representações enviesadas e preconceituosas, sendo trabalho da nossa equipe corrigir essas distorções para entrega do produto final à audiência.

### USO DE IA EM AUTOMAÇÕES

Podemos utilizar a inteligência artificial para eventual correção e otimização de códigos de programação.

Qualquer automação desenvolvida e utilizada por AzMina terá código aberto, sempre divulgado na página do projeto ou reportagem em que está inserida.

13/11/2024, 21:20

Política de Uso de Inteligência Artificial (IA) - Agência Pública



APOIE



VIOLÊNCIA CLIMA EMPRESAS PODER INTERNACIONAL SOCIOAMBIENTAL GÊNERO E DIVERS



## POLÍTICA DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

A **Agência Pública** é uma organização que se dedica a fazer jornalismo investigativo e de interesse público. Todas as nossas reportagens são feitas com base na rigorosa apuração dos fatos e têm como princípio a defesa intransigente dos direitos humanos.

Como em outras organizações jornalísticas, temos experimentado o uso de Inteligência Artificial (IA) para facilitar processos necessários e desenvolver novos produtos. Prezando pela transparência, definimos alguns critérios para o uso de IA que deixam claros os limites do que consideramos usos éticos da ferramenta.

Como princípio, vemos a IA como uma ferramenta de apoio ao trabalho jornalístico que jamais irá substituir jornalistas, programadores, ilustradores, narradores ou designers.

Nossa política de uso vem da consolidação de

Utilizamos cookies para garantir que lhe proporcionamos a melhor experiência no nosso site e coletamos alguns dados para garantir que você tenha acesso a nosso conteúdo e programas da melhor forma possível. Para utilizar nosso site, você deve aceitar nossa política de privacidade.

[Eu aceito](#)[Política de privacidade](#)

13/11/2024, 21:20

Política de Uso de Inteligência Artificial (IA) - Agência Pública



VIOLÊNCIA CLIMA EMPRESAS PODER INTERNACIONAL SOCIOAMBIENTAL GÊNERO E DIVERS

- As ferramentas de IA usadas para auxílio em reportagens serão apenas para uso interno e não para serem um produto final publicado em nosso site;
- A equipe da **Pública** utiliza ferramentas que usam IA para reportagens de dados complexas, incluindo análise de redes e grandes bases de dados;
- Nestes casos, o processo sempre é descrito ao final das reportagens, na aba "metodologia";
- Outros usos que ajudem na apuração de reportagens podem ser feitos por IA em tarefas como análise de dados, resumos, identificação de padrões;
- Nunca será feito uso de IA preditivo como fonte de informação a ser publicada sem checagem;
- Não consideramos IA generativo (ex. ChatGPT) uma fonte primária de informação e seu uso como tal é proibido;
- A equipe da **Pública** utiliza ferramentas de transcrição de entrevistas baseadas em IA. Desde outubro de 2023, temos uma parceria com o My Good Tape, empresa de transcrição de áudios via IA que oferece seus serviços gratuitamente para nossa equipe;
- Se em algum momento alguma ferramenta que usa IA for disponibilizada aos nossos leitores, ela será claramente marcada como tal e terá sido

Utilizamos cookies para garantir que lhe proporcionamos a melhor experiência no nosso site e coletamos alguns dados para garantir que você tenha acesso a nosso conteúdo e programas da melhor forma possível. Para utilizar nosso site, você deve aceitar nossa política de privacidade.

[Eu aceito](#)[Política de privacidade](#)

13/11/2024, 21:20

Política de Uso de Inteligência Artificial (IA) - Agência Pública



VIOLÊNCIA CLIMA EMPRESAS PODER INTERNACIONAL SOCIOAMBIENTAL GÊNERO E DIVERS

- Os textos das reportagens da **Pública** primam pela originalidade e humanidade, e valorizam o repórter. Assim, não é permitido o uso de IA para a escrita do texto de reportagens publicadas no nosso site.

## Uso de ferramentas de IA para elaboração de fotos e vídeos

- Imagens geradas por IA podem ser usadas para ilustrar reportagens apenas se forem abstratas;
- Jamais usaremos imagens que mantenham semelhança ou possam ser confundidas com fotografias;
- Não usaremos imagens que façam referência a pessoas reais;
- Vídeos-resumo podem ser realizados por IA desde que usem imagens e textos já elaborados pela nossa equipe;
- Todos os produtos, sejam de foto ou vídeo, realizados por IA serão claramente assinalados ao leitor;
- Todos os produtos, sejam de foto ou vídeo, realizados por IA passarão necessariamente por revisão e finalização dos nossos jornalistas.

Utilizamos cookies para garantir que lhe proporcionamos a melhor experiência no nosso site e coletamos alguns dados para garantir que você tenha acesso a nosso conteúdo e programas da melhor forma possível. Para utilizar nosso site, você deve aceitar nossa política de privacidade.

[Eu aceito](#)[Política de privacidade](#)



[VIOLÊNCIA](#) [CLIMA](#) [EMPRESAS](#) [PODER](#) [INTERNACIONAL](#) [SOCIOAMBIENTAL](#) [GÊNERO E DIVERS](#)

- Neste caso, não é necessário que os textos estejam claramente marcados como IA;
- Seu uso sempre será aplicado quando ajudar nossa equipe de comunicação a ficar mais livre para desempenhar tarefas mais criativas;
- Os algoritmos das redes sociais exigem um certo tipo de formato e frequência que podem ser supridas pelo trabalho de ferramentas de IA preditivo;
- A **Pública** é favorável que robôs trabalhem para alimentar os algoritmos;
- Todos os textos escritos por AI para redes sociais passarão necessariamente por revisão e finalização dos nossos jornalistas;
- Nenhum robô pode ser responsabilizado por erros no conteúdo postado, a responsabilidade sempre será da equipe da **Agência Pública**.

## Uso de Ferramentas de elaboração de áudio

- A **Pública** usa o programa Eleven Labs para criação de áudios de leitura de algumas reportagens selecionadas como "Reportagens para Ouvir";
- Todas as "Reportagens para Ouvir" serão claramente marcadas como realizadas por IA;
- A **Pública** mantém um contrato de cessão da voz da(o) jornalista(o) que ceder sua voz para a

Utilizamos cookies para garantir que lhe proporcionamos a melhor experiência no nosso site e coletamos alguns dados para garantir que você tenha acesso a nosso conteúdo e programas da melhor forma possível. Para utilizar nosso site, você deve aceitar nossa política de privacidade.

[Eu aceito](#)

[Política de privacidade](#)



## Jornalismo profissional é antídoto para notícia falsa e intolerância

Documento atualiza compromissos da Folha em uma era de mudança de hábitos dos leitores

Manual de Redação - Conduta

### Inteligência Artificial

26.mar.2024 às 15h33

A- A+



[app-na.readspeaker.com/cgi-bin/rsent?customerid=6877&lang=pt\\_br&readid=content-130216&url=](https://app-na.readspeaker.com/cgi-bin/rsent?customerid=6877&lang=pt_br&readid=content-130216&url=)

Profissionais da **Folha** podem utilizar aplicações de inteligência artificial (IA) em seu trabalho. A ferramenta não substitui o julgamento humano nem exime

o jornalista de responsabilidade pelo resultado final, mas, se bem empregada, oferece diversas oportunidades para aumentar a eficiência da Redação, desde a concepção de uma pauta até a apresentação final da apuração, passando pela escrita de mensagens para fontes e pela coleta e/ou análise de grandes volumes de dados, entre outras possibilidades.

A revisão humana é recomendável em qualquer uma dessas situações e é obrigatória nos conteúdos voltados à publicação, sejam eles parciais ou integrais. Espera-se, com isso, evitar as chamadas alucinações (erros factuais), plágios e vieses. Exceções a essa regra só podem ser autorizadas pela Secretaria de Redação, que levará em conta o tipo de conteúdo a ser publicado e o grau de precisão da ferramenta utilizada, bem como suas limitações, eventuais preconceitos e questões relativas a direitos autorais, entre outros fatores.

No caso de imagens, a inteligência artificial pode ser utilizada apenas para ilustrações. Conteúdos produzidos por IA e que imitem fotografias não podem ser publicados pela **Folha**, a menos que o fotorrealismo em si seja objeto da notícia. Nesse caso, a autoria da imagem deve ser informada com destaque.

A Direção de Redação estimula os profissionais da **Folha** a utilizarem a IA para automatizar tarefas repetitivas, sejam elas voltadas ao público ou não, de forma que os jornalistas tenham mais tempo para dedicar a apurações de fôlego. É recomendável realizar análises frequentes sobre o desempenho das automações.

[👉 Conheça o projeto de investigação A Mão Invisível das Big Techs](#)**NÚCLEO**

Entrar

Apoie

Buscar

# Política de uso de inteligência artificial

O uso de inteligência artificial deve ser aplicado para facilitar o trabalho do jornalismo, não produzi-lo

[Read this page in English](#)

Novos recursos de inteligência artificial trazem novidades e oportunidades para o jornalismo, mas também carregam consigo muitos desafios e armadilhas.

Por esse motivo, o **Núcleo** criou uma série de parâmetros (que podem ser frequentemente atualizados) para guiar o uso de IA tanto em nosso conteúdo quanto em nossas aplicações.

Essa política está em constante evolução e pode ser atualizada recorrentemente.



**RESUMO.** O uso de inteligência artificial deve ser aplicado para facilitar o trabalho do jornalismo, não produzi-lo. Para o **Núcleo**, produtos de inteligência artificial são ferramentas – tais como nossos laptops ou canetas – e devem ser utilizadas como tal, não como substitutos a nossos profissionais.

## Na área editorial do Núcleo

**PODEREMOS:**

- usar IAs para construir sumários de textos;
- usar IAs para criar ilustrações em casos urgentes e muitos excepcionais, sempre preferindo utilizar imagens feitas por artistas, ilustradores e designers da equipe ou freelancers;
- usar IAs como consultora para melhorar ou enxugar a redação de alguns parágrafos;
- usar IAs para sugerir posts alternativos para redes sociais;
- usar IAs como ferramenta de pesquisar assuntos e temas;
- usar IAs pra traduzir conteúdos para outras línguas;
- usar IAs para transcrever áudios e vídeos em formato de textos.

**NUNCA:**

- usaremos IAs para gerar conteúdo completo de uma publicação;
- usaremos IAs como editor ou produtor final de uma publicação;
- publicaremos conteúdo de IAs sem revisão humana em reportagens e notas no site;
- publicaremos elementos aceitáveis (como sumários) sem indicação de que foram gerados por IAs;
- substituiremos a produção humanizada de conteúdo pela de inteligência artificial;

**Na área de produtos e bots do Núcleo****PODEREMOS:**

- usar IAs para auxiliar no desenvolvimento de software e debug de códigos;

07/10/2025, 17:54

Política de uso de inteligência artificial

- usar IAs para automações pontuais;
- usar IAs para sumarizar textos na publicação de postagens automatizadas, a partir de descrições feitas por humanos;
- usar IAs para criar conteúdos dinâmicos em cima de raspagens de grandes quantidades de dados;
- utilizar dados categorizados por humanos para ajudar a alimentar modelos de IA para classificação de novos dados, com futura revisão humana por amostragem;
- utilizar conteúdo do Núcleo e de parceiros (com autorização) para criar ferramentas baseadas em IA.

### **NUNCA:**

- vamos basear a integridade do desenvolvimento de nossas aplicações em modelos de IA;
- iremos utilizar IA para produção de códigos sem checar seus efeitos.

---

[Última atualização em 2.set.2025]

---